

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Guilherme Pontes Silveira

FUTEBOL E RESISTÊNCIA:

O papel dos coletivos de torcedores na ressignificação dos modos de torcer (2013-2018)

Mestrado em História Social

SÃO PAULO

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Guilherme Pontes Silveira

FUTEBOL E RESISTÊNCIA:

O papel dos coletivos de torcedores na ressignificação dos modos de torcer (2013-2018)

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência para a obtenção do título de mestre em História, sob a orientação do Prof.º Dr.º Luiz Antonio Dias.

Mestrado em História Social

SÃO PAULO
2021

Banca Examinadora

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de
Financiamento 001.

Agradecimentos

Antes de tudo é preciso pontuar que uma pesquisa nunca é realizada sozinha. Portanto, este foi um trabalho que contou com a participação de todas as pessoas que estiveram comigo ao longo dessa jornada de dois anos e três meses. Cada momento que passei neste período tem um pouco da mão de cada uma das pessoas que agradecerei a seguir.

Primeiramente gostaria de agradecer à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por financiar desde o início esta pesquisa. Infelizmente, desde que iniciei no programa de pós-graduação em História, pude acompanhar o desmonte da pesquisa em âmbito nacional que vem atingindo não apenas a área de ciências humanas, mas outras áreas do saber. Isso impacta diretamente a vida das universidades, sobretudo as federais. O país vinha em uma crescente produção de ciência nacional e agora encontra-se estagnado e, cada vez mais, retrocedendo em diversos âmbitos, focando a educação apenas para viés econômico.

Dando continuidade aos agradecimentos, gostaria de agradecer à minha família. Pai e mãe, vocês foram fundamentais para ser o que sou hoje como pessoa e profissional. Agradeço o que investiram em mim, todo o tempo, amor e carinho que depositaram quando precisei; agradeço à minha companheira de vida e de luta, Nathalia. Obrigado por abrir tantos horizontes no meu caminho e me aconselhar com sua enorme sabedoria. Você é muito especial e sem você eu não estaria aqui hoje buscando esse título de mestre. Obrigado por estar sempre presente, por todo amor, carinho, aconchego, piadas e por me acalmar em momentos difíceis que enfrentamos nesses dois anos de pesquisa; agradeço ao meu melhor amigo, Marcos. Mesmo com a distância de estar morando em outra cidade, nossa amizade superou tudo isso. Agradeço por todos esses anos de amizade e por todas as risadas, piadas, jogos de videogame, passeio de moto e carro, lanches e pizzas. Obrigado por todos esses momentos que pudemos ter a oportunidade de estar um com o outro; agradeço aos meus amigos Rafael e Beatriz, os “elmos”, por toda amizade, risadas, carinho, amor e partidas de “Stop” online que jogamos. Vocês são muito especiais e cada momento que passamos me trouxeram paz interior; agradeço, de forma geral, à minha família por cada momento juntos, não apenas nesse período de pesquisa; agradeço aos colegas de mestrado e aos professores que tive contato ao longo dessa jornada; agradeço imensamente ao coletivos e participantes que toparam encarar essa pesquisa e ceder as entrevistas. Sem vocês essa pesquisa não teria ocorrido da maneira que ocorreu. Foi uma

troca muito boa onde pude aprender não apenas como pesquisador, mas como amante do futebol; por fim, agradeço ao meu orientador Luiz Antonio por estar sempre presente e apontar quais caminhos seguir.

RESUMO

Esta pesquisa tem por tema um estudo sobre a atuação de coletivos de torcedores de futebol pertencentes a dois times do Estado de São Paulo. Justifica-se a escolha deste tema, considerando um cenário em que o futebol é, cada vez mais, visto como palco privilegiado para manifestações de discursos socialmente construídos e historicamente mantidos responsáveis pela construção de subjetividades dos sujeitos sociais. Ademais, o futebol vem sendo transformando em um espetáculo midiático alinhado a políticas neoliberais que buscam criar um espaço apolítico nesse esporte.

A pesquisa tem por finalidade analisar como movimentos de torcedores fazem uso dos espaços urbanos e digitais para expressarem-se politicamente diante de casos envolvendo racismo, LGBTfobia e o avanço de um discurso neoliberal no futebol brasileiro. Diante do período de 2013 a 2018, foram analisadas as ações de movimentos de torcedores provenientes do Estado de São Paulo. Totalizando três objetos de análise, sendo dois da capital paulista: Palmeiras Livre e Ocupa Palestra. E um da Baixada Santista: Punk Santista. Todos esses objetos possuem *fanpage* – página – na rede social digital *Facebook*. Fazendo uso do *Facebook*, esses movimentos constroem uma “autocomunicação” e buscam produzir discursos contrários aos estabelecidos socialmente.

A partir disso, a parte metodológica contou, para a realização da análise dos discursos on-line produzidos pelos coletivos em suas *fanpage* no *Facebook*, com as contribuições de Michel Foucault acerca da noção de discurso. Em auxílio à Foucault, utilizou-se um modelo de análise da linguagem virtual proposto por Freitas e Leão (2012). Ademais, utilizaram-se as contribuições de E. P. Thompson, onde buscou-se compreender, a partir da experiência, como se deram as formas de resistência e ação no dia a dia desses movimentos, como também, sob luz da mesma perspectiva, e a partir de entrevistas com membros dos movimentos, como se deu a consciência social e união desses sujeitos.

Além de procurar compreender as experiências dos integrantes, as entrevistas permitiram conhecer a estrutura organizacional e como se deram as estratégias de ação desses movimentos. As entrevistas mostraram-se de enorme importância, pois permitiram coletar informações que os documentos escritos não disponibilizaram.

Palavras-chave: coletivos; torcedores; racismo; LGBTfobia; Facebook.

ABSTRACT

This research has as its theme a study on the performance of collectives of soccer fans belonging to two times from the State of São Paulo. The choice of this theme is justified, considering a scenario in which soccer is, more and more, seen as a privileged stage for manifestations of socially constructed discourses and historically linked by the construction of subjectivities of social subjects. In addition, football has been transformed into a mediatized spectacle aligned with neoliberal policies that seek to create an apolitized space in this sport.

The research has as analyzers how fan movements make use of urban and digital spaces to politically express cases involving racism, LGBT phobia and the advancement of a neoliberal discourse in Brazilian football. In view of the period from 2013 to 2018, they were analyzed as actions of fan movements coming from the State of São Paulo. Totalling three objects of analysis, two from São Paulo: Palmeiras Livre and Ocupa Palestra. And one from Baixada Santista: Punk Santista. All of these objects have a fanpage - page - on the digital social network Facebook. Using Facebook, these movements build “self-communication” and seek to produce discourses contrary to those created socially.

From this, the methodological part counted, for the analysis of the online speeches produced by the collectives on their fanpage on Facebook, with the contributions of Michel Foucault on the notion of discourse. In support of Foucault, a virtual language analysis model proposed by Freitas and Leão (2012) was used. In addition, EP Thompson's contributions were used, where we sought to understand, from experience, how the forms of resistance and action took place in the day-to-day of these movements, as well as, in light of the same perspective, and from interviews with members of the movements, how the social awareness and union of these subjects took place.

In addition to looking at understanding the members' experiences, the calls made it possible to learn about the organizational structure and how the strategies of action of these movements took place. The inherent changes are of enormous importance, as they allowed to collect information that the written documents did not make available.

Keywords: collectives; fans; racism; LGBTphobia; The Facebook.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. PRIMEIRO CAPÍTULO: A EVOLUÇÃO DAS PRÁTICAS DE LIBERDADE NO FUTEBOL BRASILEIRO.....	17
1.1 Diálogo entre futebol e manifestação política: ações torcedoras	17
1.2 Teorias dos movimentos sociais	29
1.3 As novas mídias de comunicação digital.....	36
1.4 Novas organizações torcedoras	38
1.5 Conversando com os Coletivos	41
1.5.1 Palmeiras Livre e a questão LGBTQIA+ nas arquibancadas	47
1.5.2 Punk Santista: união entre música e futebol	53
1.5.3 Ocupa Palestra, os privilégios e o neoliberalismo no futebol brasileiro	59
1.5.4 Coletivo Democracia Corinthiana (CDC): passado e presente de lutas	66
2. SEGUNDO CAPÍTULO: CASOS DE RACISMO E LGBTFOBIA NO FUTEBOL BRASILEIRO.....	73
2.1 Um início de racismo e a resignificação do esporte de bacheleiros.....	75
2.2 O racismo contemporâneo no futebol.....	83
2.3 Os casos de discriminação racial	92
2.4 A LGBTfobia no Futebol	99
3. TERCEIRO CAPÍTULO: A ELITIZAÇÃO DO FUTEBOL - AÇÕES E RESISTÊNCIAS CONTRA O FUTEBOL MODERNO.....	116
3.1 O Relatório Taylor e o caso Atlético Paranaense	116
3.2 As Arenas e a perda da sociabilidade torcedora	125
3.3 O cerco, a política interna do Palmeiras e as ações do Ocupa Palestra.....	140
3.4 A questão do uso das redes sociais	149
CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
REFERÊNCIAS	157

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

IMAGENS

Imagem 1 – Sócrates e campanha do dia 15.....	277
Imagem 2 – Faixa da Democracia	288
Imagem 3 – Democracia no palanque	288
Imagem 4 – Publicação Punk Santista.....	588
Imagem 5 – Manifesto vascaíno	811
Imagem 6 – O Diamante Negro.....	833
Imagem 7 – Mapa população por cor	888
Imagem 8 – Caso Bárbara	933
Imagem 9 – Palmeiras Livre e caso Bárbara	944
Imagem 10 – Punk Santista e o racismo.....	955
Imagem 11 – Caso Gabriel Jesus.....	966
Imagem 12 – CDC e Fernandinho	988
Imagem 13 – CDC e Fernandinho	988
Imagem 14 – Logo Palmeiras Livre	1022
Imagem 15 – O Choque-Rei.....	1088
Imagem 16 – Caso William de Lucca	1122
Imagem 17 – Nota Palmeiras Livre	1133
Imagem 18 – Preços clássico paulista entre Corinthians e São Paulo.....	13030
Imagem 19 – Preços de Corinthians e Goiás.....	13030
Imagem 20 – Dados da Arena Itaquera	1311
Imagem 21 – Cerco Não!.....	1444
Imagem 22 – Libera a rua.....	1455

GRÁFICOS

Gráfico 1 - Pesquisa racismo	90
Gráfico 2 - Pesquisa racismo	911
Gráfico 3 - Preconceitos nos esportes	1033
Gráfico 4 - Preconceitos nos esportes	1044
Gráfico 5 - Preconceitos nos esportes	1044
Gráfico 6 - Preconceitos nos esportes	1055

INTRODUÇÃO

Por um lado, reconhecemos que a vasta quantidade de estudos sobre futebol encontra-se alinhada a outras áreas do conhecimento, sendo maioria, sem dúvida, os estudos do âmbito da comunicação social. Por outro lado, a História anda avançando para maiores resultados, sendo que o futebol, como objeto de estudo da História, vem se consolidando em virtude das renovações que houveram nas perspectivas teórico-metodológicas do pensamento historiográfico.

Os principais responsáveis por essas mudanças fazem parte da Escola dos *Annales*. Tido como um dos maiores movimentos historiográficos do século XX, a escola francesa trouxe à pesquisa histórica novos métodos a partir da *História Problema*, ou seja, via interrogatório das fontes. Dentre os principais nomes encontravam-se Lucien Febvre, Marc Bloch, Jacques Le Goff e Fernand Braudel.

Por tudo isso, com o surgimento de novas questões sobre o passado, novas fontes, métodos e objetos, apontaram

Os maiores problemas para os novos historiadores, no entanto, são certamente aqueles das fontes e dos métodos. Já foi sugerido que quando os historiadores começaram a fazer novos tipos de perguntas sobre o passado, para escolher novos objetos de pesquisa, tiveram de buscar novos tipos de fontes para suplementar os documentos oficiais. Alguns se voltaram para a história oral; outros, à evidência das imagens; outros, à estatística. Também se provou possível reler alguns tipos de registros oficiais de novas maneiras. Os historiadores da cultura popular, por exemplo, têm feito grande uso de registros judiciais, especialmente os interrogatórios de suspeitos. (BURKE, 1992, p. 25)

O pensamento historiográfico se tornou mais complexo e diversificado, surgindo novos contextos de análise por meio de novos objetos. O cotidiano de grupos até então considerados subalternos pelos estudos acadêmicos emergiram. Desse modo, a *Nova História* contesta uma *História Vinda de Cima*, ou seja, uma *História Oficial* e dá lugar a uma *História Vinda de Baixo*. Assim como, estabeleceu-se uma interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento. Conforme a pesquisa do historiador, aspectos teórico-metodológicos das Ciências Humanas, Exatas e até Biológicas podem ser empregados. É por isso que, nessa abertura com a *Nova História*, sobretudo com a *História Social e Cultural*, os estudos sobre futebol e dos esportes em geral foram ganhando espaço ligados à História.

A História Social potencializou o uso das fontes orais uma vez que estas representam, quase literalmente, a oportunidade de fazer falar os mais diversos grupos sociais, as pessoas comuns que não dispõem habitualmente de grandes espaços de reverberação de seus anseios. Além do que, a interação com a antropologia transformou em

importantes fontes históricas os mitos, os rituais, as imagens, os emblemas, as ferramentas de trabalho e lazer. (NORMANDO, 2003, s/p)

Além disso,

[...] é preciso estar atento para a grande variedade de fontes disponíveis: das mais convencionais (jornais, revistas, fotos, atas de reuniões, livros de contabilidade dos clubes, cadastro de sócios, etc.) às menos formais (emblemas, uniformes, hinos, gritos de guerra de torcidas, etc.). Além, é claro, das possibilidades das fontes orais, envolvendo relatos de antigos e novos ídolos. (GENOVEZ, p. 8 *apud* NORMANDO, 2003, s/p)

Do mesmo modo que a História passou por renovações em seus métodos de pesquisa, o mesmo ocorreu com outras áreas do conhecimento científico. Em função disso, houveram mudanças consideráveis em programas de pós-graduação de modo que os estudos sobre esportes e, sobretudo, o futebol avançassem gradativamente no meio acadêmico. O surgimento de grupos de estudos em diversas universidades brasileiras simboliza essa ascensão.

Ao navegar pelo site Lupédio,¹ podemos visualizar a relação desses grupos de estudo. Como principais exemplos de pesquisa e atuação temos o Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (Ludens), da Universidade de São Paulo (USP). Criado em 2010, o Ludens conta com a colaboração de professores, pós-graduandos, graduandos da USP, além de ser integrado por pesquisadores da Unicamp, UFSCar, Unesp, Unifesp, Universidade de Bristol e Museu do Futebol de São Paulo. Outro grupo bastante ativo atualmente é o Laboratório de Estudos em Mídia e Esportes (Leme), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Coordenado por Ronaldo Helal, o grupo está ativo há mais de quinze anos difundido o conhecimento acadêmico para o grande público. Além disso, o grupo conta com financiamento da agência de fomento a pesquisas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Além deles, o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) está na ativa desde 2006. Por fim, outro destaque vai para o Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FULIA), da Faculdade de Letras da UFMG, em atividade desde 2010. Com diversos volumes de sua revista publicados, o grupo é coordenado por Elcio Loureiro Cornelsen e financiado pela CNPq.

É preciso destacar também o incentivo à pesquisa realizado pelas agências de fomento, investimento esse em trabalhos de diversas áreas e que, embora venha caindo nos últimos tempos, é de enorme importância para a diversificação e crescimento das ciências no Brasil.

¹ Atualmente, o Ludopédio é considerado o maior portal acadêmico de futebol da América Latina. O acesso é possível a partir do site: www.ludopedio.com.br.

Esse financiamento possibilita a troca e a difusão científica, inclusive com eventos de caráter internacional como o Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol, por exemplo. Organizado desde 2010, o evento teve sua terceira edição realizada em 2019, contando com a participação de diversos atletas e pesquisadores de referência na área dos esportes, sobretudo no futebol. Dentre os convidados estava Richard Giulianotti, sociólogo inglês que lançou *Sociologia do Futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões* (2002), sua principal obra e referência para outros estudos.

Além disso, nessa mesma edição do Simpósio foram contemplados diversos eixos temáticos como, por exemplo: “Gênero e Diversidades”; “Futebol e Mídia”; “Formas de Torcer”; “Futebol e Memória”; e “Futebol e Cidade”, sendo esses apenas alguns exemplos das ramificações que podemos encontrar nas pesquisas sobre futebol atualmente.

No entanto, a produção acadêmica brasileira sobre futebol ainda possui resquícios de produções que não vislumbram as ramificações que ocorreram nos campos do conhecimento científico. Linhas de pesquisa que são bastante corriqueiras em diversas pesquisas atuais, por exemplo: “O Futebol e a Identidade Nacional” e “Futebol e Ditadura Militar”. Apenas recentemente, como vimos anteriormente com o surgimento de grupos e novas pesquisas, que outras temáticas vêm sendo abordadas.

Ribeiro (2010), comenta sobre o paradigma da formação da identidade nacional e como isso influenciou na produção acadêmica no início do século XX.

É um fenômeno que se encontra presente em nossa produção intelectual desde a segunda metade do século XIX e se estende ainda hoje. Produziu-se nesse longo percurso um núcleo teórico homogeneizador da cultura nacional. A força de permanência dessa ideia fez com que ela se tornasse paradigma explicador de nossa cultura. Submeteu ou silenciou nossas alteridades culturais à funcionalidade de fundar o nacional brasileiro. (RIBEIRO, 2010, s/p)

O autor faz alusão ao movimento historiográfico que buscava escrever uma história geral. Exemplos que faziam parte desse movimento são, principalmente, Sérgio Buarque de Hollanda, Caio Prado Júnior e Gilberto Freyre. Buscando respostas para nossos problemas, esses autores tentavam explicar o Brasil e a partir disso, elementos da culturais presentes na sociedade brasileira, tais como a literatura, a música popular e o futebol, foram incorporados nas produções.

Nessa fase de construção da identidade do povo brasileiro, o futebol foi utilizado por diversos autores e políticos na tentativa de criar um caráter nacional. Um dos estudos mais famosos sobre futebol no Brasil é a obra do jornalista carioca Mario Filho. Intitulada *Negro no Futebol Brasileiro* (1947), encontrava-se

[...] no mesmo campo comum de atribuir a si a tarefa de construir o “caráter nacional” brasileiro. Assim, a ascensão do negro na sociedade brasileira, através do futebol, reforça a tese freyreana da harmonia entre a casa grande e a senzala. Constrói para estudo do futebol uma categoria de análise que dissolve as contradições sociais, fazendo a apologia da harmonia social e racial no país. (RIBEIRO, 2010, s/p)

Além disso, Ribeiro (2010) explica que o futebol se tornou um sistema de afirmação identitária, onde o debate sobre o jeito mulato e malandro de ser e jogar futebol “aparece referido ao povo, ora como sua identidade positiva (o jeito mulato de jogar e de ser brasileiro) ora como negativa (a ingenuidade desse povo e/ou sua incapacidade de consciência crítica)” (RIBEIRO, 2010, s/p).

O debate persiste nos anos 1980, tendo por referência Roberto DaMatta.

Enquanto antropólogo, DaMatta inaugura a percepção de valores comuns da cultura nacional, como o futebol, mas permanece na tradição freyreana de explicar o Brasil. A plasticidade do nosso futebol explicava o Brasil, escrevia o antropólogo, assim como já o fizera Freyre. (RIBEIRO, 2010, s/p)

Além de DaMatta, outros autores seguem essa narrativa mística do futebol brasileiro em seus textos. Podemos citar Hilário Franco Jr. e sua obra *A Dança dos Deuses* (2007) e José Miguel Wisnik com *Veneno Remédio* (2008). Esse paradigma tem, sobretudo, a função de despolitizar o futebol e a sociedade.

Como se harmonia, no campo de futebol ou na sociedade, fosse uma condição atávica do homem brasileiro. Essa postura na obra de Mario Filho pode ser tomada como vontade efetiva de intervir. Em DaMatta uma herança intelectual, mas já sem a força de uma política. Em Wisnik é um efeito midiático. Assim, os trabalhos recentes de Franco Júnior e Wisnik são evidências da força de permanência da ideia de *formação*. A impressão que fica é que, com o esgotamento do binômio formação/revolução, pautados no mote do povo como fator de mudança, o que permaneceu na leitura sobre o futebol foi a mitificação da índole pacífica e harmônica do homem brasileiro. (RIBEIRO, 2010, s/p)

A outra linha de pesquisa bastante comum é a que engloba o “Futebol e Ditadura Militar”, linha que alimenta a ideia do futebol como *ópio do povo*, ou seja, como instrumento utilizado na dominação e manipulação das massas populares. No entanto, essa tese oculta a complexidade desse fenômeno esportivo não linear.

O futebol em devir não se deixa aprisionar numa identidade, não permite que se lhe atribua uma essência e não se encontra destinado a desempenhar sempre a mesma função social suposta pela tese da alienação. (FLORENZANO, 2009, p. 28-29)

Dessa forma, em contraposição a essas visões, esta pesquisa busca contribuir para a ampliação de estudos sobre futebol no campo da História, sobretudo no ramo da História Social. Fazendo uso de metodologias que abarcam a nova visão do pensamento historiográfico, o trabalho irá analisar as entrelinhas dos coletivos torcedores, procurando contribuir para o fomento de um debate maior sobre a questão do espaço futebolístico como palco para

manifestações políticas, quebrando, deste modo, o mito do *ópio do povo* presente até os dias de hoje no imaginário social.

No entanto, antes de prosseguir com os objetivos e a estrutura deste trabalho, serão expostas as dificuldades encontradas na trajetória deste pesquisador. A principal dificuldade gira em torno do contato com os objetos de análise, havendo pelo menos duas hipóteses para isso. A primeira diz respeito ao contexto sócio-político da sociedade brasileira, e a segunda, em torno da própria organização dos coletivos.

Por um lado, o período de análise, 2013-2018, revela-se em um estágio marcado por inúmeros conflitos políticos, alimentados sobretudo pelos meios de comunicação, que ocasionaram uma dualidade sócio-política. Com essa divisão social, teve-se o aumento de ataques às minorias sociais por parte de grupos/políticas ligadas ao espectro da direita/extrema-direita. A partir disso, sempre há uma desconfiança dos coletivos a um contato primário e, consequentemente, à continuidade e abertura para diálogos. Por outro lado, como são grupos que representam uma novidade diante dos modos de organização e ação da sociedade civil, os mesmos podem ter experimentado uma alta demanda de pedidos de pesquisadores e jornalistas para conversar sobre o movimento. Também, como são grupos menores e que muitas vezes não possuem uma divisão interna de tarefas, um primeiro contato pode, às vezes, não ser correspondido.

Uma outra dificuldade que pôde ser encontrada está relacionada às entrevistas. Se o pesquisador tiver uma preferência por entrevistas pessoais, pode ser que o mesmo tenha que reconsiderar sua metodologia, uma vez que nem todos estão abertos a encontros pessoais. Além disso, há fatores como distância e horários conflituosos entre entrevistador e entrevistado, o que pode interferir nos planos iniciais de pesquisa. Nesse sentido, as adaptações às ferramentas online de comunicação tornam-se alternativas eficazes para os dois lados.

Expostas as dificuldades encontradas ao se trabalhar com esse tipo de objeto, a pesquisa tem por finalidade analisar como movimentos de torcedores fazem uso dos espaços urbanos e digitais para expressarem-se politicamente diante de casos envolvendo racismo, LGBTfobia e o avanço de um discurso neoliberal no futebol brasileiro. Diante do período de 2013 a 2018, foram analisadas as ações de movimentos de torcedores provenientes do Estado de São Paulo, totalizando quatro objetos de análise, três deles da capital paulista e um da Baixada Santista, respectivamente: Coletivo Democracia Corinthiana, Palmeiras Livre, Ocupa Palestra e Punk Santista. As análises centraram-se no *Facebook*, já que todos possuem *fanpage* – página – nessa rede social.

A escolha do período se deu devido às mudanças que ocorreram na sociedade brasileira a partir do ano de 2013 com as Jornadas de Junho e uma série de protestos partindo da sociedade civil. Dessa maneira, a partir desse período, foi possível notar uma mudança nas formas de ação e organização que surgiram com novos atores sociais. Além de gerar uma série de conflitos políticos ideológicos, esse período marcou ainda mais a expansão dos espaços de protesto, mostrando-se fundamental a colaboração da internet para o surgimento de diversos novos grupos de inúmeras ideologias e espectros políticos. Ademais, foi um período decisivo para o futebol nacional, pois mudanças estruturais nas formas e nos espaços de jogos estavam em vigor devido ao evento da Copa do Mundo de 2014 que estava se aproximando.

A partir disso, a parte metodológica contou, para a realização da análise dos discursos on-line produzidos pelos coletivos em suas *fanpage* no *Facebook*, com as contribuições de Michel Foucault acerca da noção de discurso. Em auxílio à Foucault, utilizou-se um modelo de análise da linguagem virtual proposto por Freitas e Leão (2012). Ademais, utilizaram-se as contribuições de E. P. Thompson, onde buscou-se compreender, a partir da experiência, como se deram as formas de resistência e ação no dia a dia desses movimentos, como também, sob luz da mesma perspectiva, e a partir de entrevistas com membros dos movimentos, como se deu a consciência social e união desses sujeitos.

O primeiro capítulo, intitulado “*A evolução das práticas de liberdade no futebol brasileiro*” consiste em pensar o espaço do futebol como palco usado para manifestações diante de preconceitos sociais e questões políticas internas e externas ao futebol. Buscando argumentar o inseparável vínculo que o esporte possui diante das relações sociais, se explorará exemplos de manifestações por parte de torcedores e atletas em diversos períodos históricos do país e mundo.

Ademais, se realizará um debate em torno das novas organizações sociais contemporâneas e se apresentará, a título de contextualização, as principais teorias que estudam os movimentos sociais. Esse debate é importante pois nos mostra as principais mudanças sociais e como essas mudanças alteraram e produzem novas formas de ação e correntes dentro dos movimentos sociais. Após esse debate, será analisada, a partir das experiências dos indivíduos, as formas de sociabilidade e os motivos para sua participação no movimento. Por fim, serão expostos os objetos, assim como suas formas de ação e organização. Essas informações foram coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas com participantes dos coletivos torcedores.

O segundo capítulo, intitulado “*Casos de racismo e LGBTfobia no futebol brasileiro*”, consistirá em analisar como os coletivos se manifestaram politicamente diante de casos envolvendo preconceitos sociais que ocorreram dentro do período de análise da pesquisa. Para isso, será realizada uma análise de discurso dos conteúdos produzidos nas *fanpage* dos objetos na rede social *Facebook*. Os preconceitos selecionados para análise abrangem casos de racismo e LGBTfobia no esporte.

Para os casos de racismo, foram coletadas publicações que possuíam um maior volume de palavras e que contassem com uso de imagens, ou seja, aquelas que de fato expressavam a construção de uma opinião por parte dos coletivos. Diante dos casos envolvendo LGBTfobia, encontra-se um caso relacionado ao grito de “bicha!”, envolvendo o ex-goleiro do São Paulo Futebol Clube, Rogério Ceni, durante um clássico em 2015. Um outro caso, ocorrido em 2018, envolveu um torcedor da Sociedade Esportiva Palmeiras, William de Lucca, que questionou a postura da torcida palmeirense que então entoava cânticos homofóbicos contra o adversário em um outro clássico contra o time do São Paulo. Por fim, ainda em 2018, houve um episódio envolvendo parte da torcida da Sociedade Esportiva Palmeiras no metrô da cidade de São Paulo, que cantavam em voz alta: “ô bicharada, toma cuidado! O Bolsonaro vai matar viado!”. Esse verso faz alusão, no contexto da época, ao então candidato à presidência, Jair Bolsonaro, conhecido por seus posicionamentos e declarações machistas, racistas, xenófobas e, sobretudo, homofóbicas.

Por fim, o terceiro capítulo, intitulado “*Elitização do futebol: ações e resistências contra o futebol moderno*”, bastante semelhante metodologicamente ao anterior, consistirá na análise de como os objetos se posicionaram diante do avanço de um discurso neoliberal perante o futebol. Esse capítulo focará mais nas ações do movimento Ocupa Palestra, pois esta questão envolve a sua principal luta pelo direito à cidade frente o avanço dos cercos ao redor das Arenas e tudo que essa mentalidade economicista representa ao futebol contemporâneo.

1. PRIMEIRO CAPÍTULO: A EVOLUÇÃO DAS PRÁTICAS DE LIBERDADE NO FUTEBOL BRASILEIRO

“Futebol é o reino da liberdade exercido ao ar livre”.
(Antonio Gramsci)

1.1 Diálogo entre futebol e manifestação política: ações torcedoras

Assim como em outras áreas da sociedade, o futebol apresenta inúmeros discursos construídos socialmente que são mantidos e repassados, ao longo dos anos, entre as diversas camadas sociais que acompanham o jogo. Dessa forma, há no futebol um discurso predominante que busca inibir conflitos de classes, de gêneros e, principalmente, políticos. Trata-se de um discurso que almeja um controle social no esporte das multidões. Com isso, é comum ouvirmos, principalmente de grupos influentes, que futebol e política não andam lado a lado, uma vez que o espaço do futebol se mostra como um espaço neutro, focado somente no entretenimento.

No entanto, sabemos que houveram, ao longo da história do esporte, inúmeras manifestações políticas de atletas, torcedores e dirigentes, além do que, podemos acompanhar, sobretudo em meados do século passado, o uso do futebol como ferramenta política por governantes extremistas ao redor do mundo. Dessa maneira, como se deu essa noção de que futebol e política não se misturam? Para responder a essa questão precisamos compreender o significado do termo “política” e como este foi usado, por agentes ligados ao esporte, para construir esse discurso de neutralidade esportiva.

O termo possui origem na palavra grega *politikós*, derivado de *polis*, e se refere a governança do bem comum dos indivíduos. Segundo Aristóteles, política é a “Arte ou Ciência do Governo”, tendo por função garantir a ordem e a governabilidade entre os cidadãos. Nesse sentido, a política está intrinsecamente ligada ao poder do homem sobre o homem ou do homem sobre uma sociedade.

Os pensadores modernos adotaram essa definição, sempre alimentando a noção de política intimamente ligada ao poder público, construindo, dessa forma, a imagem de que a política é centralizada no Estado e que apenas esse âmbito tem o poder de exercê-la. (RIBEIRO, 2020).

Ao se estruturar essa noção de política estreitamente conectada com o Estado, criou-se um imaginário social, um *status*, de que algo fora desse núcleo deve ser encarado como uma ação inteiramente apolítica, estando todas as experiências descentralizadas ao Estado consideradas como periféricas. O combate a essa visão vem apenas em meados do século XX,

quando, passando por uma reformulação tanto política quanto científica, houve a fragmentação dos conceitos de política, Estado e poder. Estes deixaram de ser encarados como algo cristalizado e autoexplicativo, o que se deu por diversos motivos, dentre eles: “a crise do marxismo e da ideia de luta de classes e de revolução; [...] emergência de novos movimentos sociais e culturais, como o Maio de 68, o feminismo, a luta contra o *apartheid*” (RIBEIRO, 2020, p. 27).

A partir dessa reformulação, o saber político passou a ser polissêmico. Incorporaram-se as noções consideradas periféricas, inserindo-as no campo do saber político além do Estado. Com essa descentralização, a noção de política deixa de ser encarada como algo natural e passa a ser vista como uma prática social construída historicamente, sobretudo por grupos sociais marginalizados. Constatou-se que a política se exerce por meio de uma complexa rede de micropoderes que podem, ou não, estar integrados ao Estado, não de forma estática, superior ou centralizada.

Mas onde entra o futebol nisso tudo? E como, até os dias atuais, o futebol é considerado como um espaço neutro onde a política não deve se intrometer? Segundo Ribeiro (2020), o futebol foi utilizado, de forma consciente ou não, pela emergente classe média burguesa, diante das novas diretrizes do capitalismo do século XIX, como uma política de distinção e afirmação de classe. Em seus clubes sociais, os agentes dessa classe defendiam um futebol amador e sem comprometimentos com o contexto que o circundava.

O futebol era atividade física praticada aos sábados à tarde e aos domingos e se realizava entre amigos de trabalho, de bairro ou de escola, dentro ou fora de seus clubes sociais. (RIBEIRO, 2020, p. 29)

A prática do jogo apenas entre os seus pares era uma forma de, pela exclusão social de outros indivíduos não pertencentes a esse círculo social, alienar o esporte das tensões presentes na sociedade. Daí a defesa do esporte apenas como entretenimento, amador e ditado pelas regras morais do *fair play*, ou seja, sendo o respeito às regras do jogo a única preocupação que o atleta deveria levar em consideração. Dessa forma, ocorre um desprendimento do contexto social que ronda esses agentes, logo, havendo a negação de uma conotação ideológica.

É um discurso esportivo que pretende existir em um campo despolitizado, alienado de qualquer interesse que não exclusivamente o cumprimento das regras específicas de jogo. É esse desprendimento que legitimou a especificidade do seu fazer e alimentou, entre os ingleses vitorianos, o “mito da autonomia”. (RIBEIRO, 2020, p. 29)

Contudo, o futebol se popularizou rapidamente e acabou quebrando barreiras sociais, indo além do que a classe média burguesa esperava de um esporte amador e exclusivo. Assim, ao final do século XIX, o esporte amador se viu ameaçado por uma crescente cultura popular,

sobretudo por os operários das fábricas, que viam em sua prática uma maneira de, além da diversão do jogo, ganhar a vida.

Com a profissionalização, a maior parte das figuras filantrópicas e moralizadoras da elite nacional afastou-se, deixando a administração dos clubes nas mãos de negociantes e outros dignitários locais, que sustentaram uma curiosa caricatura das relações entre classes do capitalismo industrial, como empregadores de uma força de trabalho predominantemente operária, atraída para a indústria pelos altos salários, pela oportunidade de ganhos extras antes da aposentadoria (partidas beneficentes), mas, acima de tudo, pela oportunidade de adquirir prestígio. (HOBSBAWM, 1997, p. 297)

Com essa crescente profissionalização do esporte, a noção de “autonomia” mudou de lado, inserindo-se no discurso que passou a acompanhar o futebol sob um prisma da lógica liberal de mercado, isso é, um esporte desprendido do Estado. Essa noção liberal se deu em um período contraditório onde a emergência do Estado-nação com discursos nacionalistas estava em voga no mundo. Contudo, o discurso de nacionalismo não tinha, no futebol, um efeito tão grande como possuía com outras modalidades esportivas utilizadas para o desenvolvimento do discurso a partir dos esportes. Nesse período de final do século XIX e início do novo século, o futebol era marcado pela lógica liberal e por sentimentos de pertencimentos clubísticos.

A proletarianização, a profissionalização e a administração privada nos clubes e entidades governativas, de certa forma, afastaram o futebol do espírito moral e civilizador do amadorismo que fundamentava o nacionalismo. (RIBEIRO, 2020, p. 32)

Diante dessa forma de desenvolvimento, afastando-se do discurso nacionalista, o futebol acabou alimentando sua noção de “autonomia” organizativa. Se o Estado era, nessa época, como vimos, o lugar onde se fazia política, esse afastamento do futebol em relação a ele alimentou ainda mais o imaginário desse esporte como um lugar despolitizado, mas dessa vez com transações econômicas envolvidas no mundo privado. Dessa forma, a partir de clubes privados e iniciativas de sujeitos, buscou-se o mínimo de relações com o Estado, focando-se nas relações da sociedade civil.

O que temos, a partir desse modo de desenvolvimento do futebol, é uma disputa de poder visto de outra perspectiva. Mesmo partida do privado, há política nessas relações, uma vez que são estabelecidas por sujeitos dotados de interesses entre si. O afastamento do Estado com a ascensão dos clubes sociais foi apenas uma máscara para impor os interesses dessa classe média emergente.

Foi esse distanciamento, legitimado, pela política liberal de distinção do Estado da sociedade civil, sobretudo na Inglaterra, que caracterizou a formação de clubes estruturados de futebol. Não por acaso, foi na Grã-Bretanha que surgiram os primeiros clubes formais de futebol e a primeira federação nacional de futebol, a Association Football, em 1863. (RIBEIRO, 2020, p. 32)

Com isso, é importante tomar os estudos sobre futebol e política para além da centralidade no Estado, visto que há uma complexidade de relações que orbitam nesse esporte. Seja por iniciativa do Estado ou por iniciativa privada, o que esses agentes buscam dentro do comando do futebol é, a partir de seus discursos e medidas, controlar as polissemias de micropoderes e subculturas, sobretudo torcedoras, presentes no esporte, que possam colocar em xeque a ordem e o bem comum. Portanto, é preciso atentar-se para os inúmeros discursos presente no futebol, dado que eles distorcem diversas manifestações expressas nesse espaço cultural. Sem dúvida, a visão construída em cima dos jogadores e, sobretudo, dos torcedores, nos revela isso. Efetivamente, a deturpação do torcedor é superior à de qualquer outro sujeito desse contexto. Como nos mostra Hollanda (2009):

Aquele que frequenta estádios é, em geral, um indivíduo vulgar, com atitudes irracionais e de mentalidade provinciana. [...] Trata-se, também, de alguém que se vale do esporte como uma forma de evasão da realidade e o utiliza como válvula de escape para compensar as frustrações pessoais do cotidiano. Logo, o aficionado pelo jogo é um indivíduo altamente suscetível à alienação, presa fácil de políticos que se aproveitam da euforia coletiva para desviar a atenção popular. (HOLLANDA, 2009, p. 124)

Certamente, já ouvimos ou reproduzimos tal narrativa que de forma simplista generaliza de maneira caricatural as diversas relações que o futebol possui com a sociedade. Boa parte dessa narrativa é construída pelos meios de comunicação de massa na busca da manutenção de um *status quo* e de seus interesses via acordos financeiros com clubes e empresas. No entanto, é preciso ter em mente que quando falamos de torcedores, a questão identitária, individual e coletiva, prevalece.

Ideia de que os torcedores acreditam ter um senso de propriedade [*sense of ownership*] ou reivindicam serem donos simbólicos [*symbolic owners*] dos seus clubes. Esse aspecto nos permite vislumbrar os clubes de futebol enquanto um “comum”. (SANTOS; HELAL, 2016, p. 24)

Além do mais,

[...] pertencer a uma torcida organizada significa para alguns indivíduos, além da paixão - sentimento de fidelidade e dedicação -, ter disposição para a luta, defendendo seu clube e sua agremiação frente aos adversários. (HOLLANDA; TEIXEIRA, 2016, p. 12)

Em contraponto à essa construção que tem por finalidade nutrir uma ideia de passividade e irracionalidade dos torcedores, tal como do jogo, Hollanda (2009) demonstra, a partir de uma reflexão de Bertolt Friedrich Brecht sobre uma luta de boxe, que os espectadores não explicitam comportamentos passivos ao acompanhá-la. Com isso, Brecht,

[...] procurou enfatizar de que maneira a plateia dessa modalidade esportiva absorvia não apenas a dimensão passional, por meio de envolvimento com o que se passava na arena de luta - o ringue -, mas também a dimensão racional, através de um distanciamento crítico obtido com o pleno domínio e conhecimento das regras do

jogo. Isto foi favorecido pelo fato de os espetáculos modernos terem operado uma ruptura com o antigo espaço cênico, no qual a fronteira entre o palco e a plateia apresentava-se até então tênue. [...] a separação demarcou uma nova relação entre atores e espectadores, na qual estes últimos passaram a ter um papel de participação distanciada, colocando-se em uma posição por assim dizer reflexiva. Inspirado nesse modelo, o dramaturgo alemão formulou a proposta de um “teatro épico”, que visaria desenvolver um espírito crítico por parte dos espectadores. [...] Em contraposição ao “teatro dramático”, que reforçava a empatia entre personagem e espectador por meio da criação de processos de identificação, a dramaturgia épica brechtiana propunha, assim, o estranhamento como forma de provocar a reflexão e o questionamento do público. (HOLLANDA, 2009, p. 124-125)

Transpondo esse exemplo para o contexto do futebol, é possível afirmar que encontramos inúmeras manifestações vindas das arquibancadas durante uma partida. Seja via cânticos, gritos, xingamentos ou até por meio de faixas. Isso demonstra que de uma maneira ou de outra, as manifestações fazem parte do cotidiano do torcedor e, muitas vezes, extrapolam o contexto interno futebolístico e alcançam o exterior, revelando manifestações que envolvem elementos da realidade social.

A visão de que futebol e manifestação política² não se misturam é, na verdade, equivocada. O futebol não pode ser visto como uma ilha isolada de seu contexto sócio-histórico e cultural. Elias e Dunning (1995) apontam que o esporte, dentro de uma acepção ampla de cultura, é um feixe de relações interdependentes com o universo político, econômico e jurídico no qual se inscreve. Os esportes, tal como outras atividades culturais, estão em interação dinâmica com as diversas dimensões da realidade, influenciando e sendo influenciadas pelas mesmas.

Dessa maneira, olhando o futebol como um produto construído socialmente em um determinado contexto, podemos investigar as entrelinhas desse esporte que vão muito além de estatísticas e resultados. Evidentemente que o futebol como conhecemos hoje é formado por pequenos exemplos vistos na vida produtiva capitalista e que o maior resultado da linha produtiva formada pelos onze homens de um time é o gol. No entanto, justamente por estar inserido nesse contexto, é gerador e reproduzidor de inúmeras contradições sociais advindas de discursos que são socialmente construídos e historicamente mantidos. E, assim como em outras esferas sociais, seu espaço serve de palco para manifestações contrárias ou a favor de determinada narrativa. Esta pesquisa se concentrará nas manifestações contrárias, praticadas

² Aqui enxergo política como uma prática resultante do movimento social ao longo do tempo, sendo produtora e reprodutora de várias ordens sociais e, nesse sentido, produtora e reprodutora de seus próprios espaços (TAPIA, 2008). Por outro lado, por manifestação entendo um ato coletivo que engloba diversos atores sociais, em espaços públicos ou privados, com o objetivo de expor reivindicações, expressar solidariedade, e que contenha diretamente ou indiretamente a expressão de opiniões políticas (FILLIEULE; PECHU, 1993 *apud* MAGALHÃES, 2013).

por torcedores diante da construção de um futebol alinhado a um pensamento segregacionista e intolerante.

A Europa, berço do futebol moderno, também presenciou o poder de contestação de seus torcedores. Muitas das ações torcedoras possuíam a mercantilização e o aceleração do processo de elitização do futebol como pauta principal. A luta contra o “futebol moderno” é desempenhada desde o período pós-Segunda Guerra Mundial (NUMERATO, 2014).

O processo de elitização em curso, seguindo o modelo das arenas europeias, com capacidade reduzida e preços elevados dos ingressos, resultou o cerceamento de práticas torcedoras, em nome do controle e da segurança, através das câmeras que vigiam e monitoram o torcedor, disciplinando sua participação. Tais transformações arquitetônicas celebram a emergência do torcedor-consumidor e atingem diretamente a festa produzida pelos torcedores organizados, tradicionalmente habituados a assistir ao jogo em pé, limitando suas performances com a eliminação dos antigos assentos sem encosto, que permitiam uma maior mobilidade. (HOLLANDA; TEIXEIRA, 2016, p. 13)

O crescimento do “futebol moderno” pode ser visto no mundo inteiro. Aqui no Brasil, esse discurso de “modernização” do esporte ganhou força com a construção das novas Arenas para a realização da Copa do Mundo (2014) e das Olimpíadas (2016). Além do aumento no preço dos ingressos, a cultura torcedora das arquibancadas começou a sofrer bastante com novas imposições incluídas nesse novo modo de gerir o futebol. Diversas performances de arquibancadas estão aos poucos sendo extintas de tal forma que a mudança no perfil do torcedor acaba tornando-se inevitável, processo esse alinhado a uma midiatização crescente do futebol.

O processo de midiatização do futebol está cada vez mais aprimorado e buscando atender às novas tecnologias. Segundo Santos (2016), essa midiatização vem de uma necessidade de sanar a demanda crescente na indústria do entretenimento. Nunca foi tão necessário quebrar as barreiras do clube com a comunidade ao entorno. O futebol já é um fenômeno popular há anos, porém, uma nova geração de torcedores está emergindo juntamente com o avanço das tecnologias digitais.

Atualmente, o futebol vem se transformando, gradativamente, em entretenimento pela indústria da comunicação. Jogos de videogame, aplicativos de streaming, assinaturas exclusivas de pacotes em operadoras de televisão por assinatura, canais no *Youtube*³ e páginas nas principais redes sociais fazem dos clubes verdadeiros espaços para essa nova geração de torcedores que Giulianotti (2002) classifica como “*hypercommodification*”. Essa geração, segundo o autor, seria o torcedor ideal para as elites que atualmente financiam o esporte. Com perfil consumista e frio, esse torcedor, em sua maioria, só se interessa por desempenhos,

³ Plataforma on-line que serve de hospedagem para diversos vídeos produzidos por pessoas de todo o mundo.

principalmente individuais de alguns atletas, e sobre a marca que está sendo construída para o seu consumo.

Em resposta a esse movimento “modernizador”, cada vez mais surgem grupos de torcedores que lutam contra os malefícios desse fenômeno que visa, sobretudo, a transformação do futebol em um produto comercial. Embora esses grupos tenham surgido já no período pós-Segunda Guerra, como citei anteriormente, foi somente em meados da década de 1980 que essa cultura contestatória torcedora teve um aumento considerável. Isso se deu, acima de tudo, devido aos meios de comunicação elaborado por esses torcedores.

Giulianotti (2002) nos revela que os *fanzines* de futebol foram uma ferramenta de comunicação importantíssima para essa cultura contestatória que estava emergindo por parte dos torcedores. A palavra “*fanzine*” é a combinação das palavras em inglês “fan” (fã) e “zine” (publicação), ou seja, uma publicação feita pelos fãs⁴ e, no contexto do futebol, publicações feitas pelos torcedores. Isso gerou uma enorme representatividade entre os torcedores, já que eram publicações “deles para eles”. Segundo Castells:

Os seres humanos criam significado interagindo com seu ambiente natural e social, conectando suas redes neurais com as redes da natureza e com as redes sociais. A constituição de redes é operada pelo ato da comunicação. Comunicação é o processo de compartilhar significado pela troca de informações. (CASTELLS, 2017, p. 21)

Portanto, esse tipo de informação gerada de torcedores para outros torcedores quebrou ligeiramente a influência da comunicação de massa sobre os clubes e o futebol em si. Com isso, podemos dizer que esses torcedores experimentaram princípios de uma “autocomunicação” (CASTELLS, 2017).

De acordo com Rodrigues (2018), a época de ouro dos *fanzines* foi a década de 70, com publicações sobre música, especialmente sobre o punk-rock e seu estilo do “faça você mesmo”. No futebol, essas publicações ganharam sucesso no início da década de 1980, período em que torcedores ingleses enfrentaram diversos problemas devido ao auge do *hooliganismo* e ao governo neoliberal de Margaret Thatcher, que teve enorme influência em mudanças ocorridas no futebol inglês, na cultura torcedora local e, posteriormente, mundial. Todo esse processo de mudança na cultura torcedora resultou, segundo Giulianotti (2002), em um novo tipo de torcedor: o “pós-torcedor”, indivíduo com capacidade de reflexão crítica, ironia e participação política.

⁴ Link de acesso à matéria: <https://medium.com/futebol-caf%C3%A9/fanzines-as-ideias-de-quem-est%C3%A1-por-tr%C3%A1s-dessa-grande-tradi%C3%A7%C3%A3o-do-futebol-ingl%C3%AAs-3234fbe06be1>

Hollanda e Lopes (2017) também nos lembram que foi nesse período que surgiu a Associação dos Torcedores de Futebol (FSA). A associação tornou-se um dos principais canais de comunicação dos torcedores britânicos que a utilizavam para reivindicar o desenvolvimento de programas comunitários por parte dos clubes e a criação da figura do *ombudsfan*.⁵ Em 2002, houve uma fusão entre a FSA e outra associação, o que deu origem à Federação dos Torcedores de Futebol (FSF), uma organização democrática que luta, acima de tudo, pela diminuição do preço dos ingressos, proteção dos clubes e pela volta dos setores sem cadeira de forma segura.

Esses movimentos de torcedores britânicos são importantíssimos pois batem de frente com a questão de os clubes da Premier League⁶ serem empresas e possuírem o capital acionário aberto para o mundo inteiro. Isso se concretizou pois, desde a década de 1970, como mencionei anteriormente, o discurso neoliberal foi ganhando espaço e, devido a tragédias que ocorreram durante partidas nos estádios do país, se firmou como uma solução à violência. Atribuindo as razões de violência no esporte aos torcedores e alimentando a visão de irracionalidade em cima desses sujeitos, figuras alinhadas ao discurso neoliberal foram empregando mudanças no futebol local em prol da “segurança”. Um dos principais responsáveis pelas mudanças no futebol inglês é o Relatório Taylor.⁷ Com ele, os clubes tiveram que empreitar inúmeras mudanças em seus estádios, o que para alguns gerou dívidas astronômicas os fazendo repensar suas estruturas.

Nesses casos dos “clubes-empresas”, alguns torcedores mais radicais não reconheceram a legitimidade dos seus clubes e decidiram fundar outros com nomes semelhantes, como ocorreu com o famoso clube inglês Manchester United. Alguns torcedores fundaram o “FC United of Manchester”,⁸ criado em 2005 [...] quando esse foi adquirido pelos irmãos Glazer, bilionários do petróleo norte-americanos” (SANTOS; SANTOS, 2016, p. 132 *apud* HOLLANDA; LOPES, 2017, p. 216).

Além da Inglaterra, temos casos de torcedores organizados contra o “futebol moderno” em outras regiões do mundo. Dino Numerato (2014) nos revela um caso bastante interessante

⁵ A palavra ombudsman tem a tradução aproximada de "ouvidor" ou "advogado do leitor". O ombudsman existe na Suécia desde o século XVIII com a função de ouvir as queixas contra o poder público. Nos Estados Unidos, a função de ombudsman na imprensa existe desde os anos 1960. No contexto do futebol, a palavra ganhou uma adaptação em sua escrita, mas buscando cumprir a mesma função.

⁶ Principal liga de futebol na Inglaterra e, atualmente, o principal campeonato mundial.

⁷ O Relatório Taylor, escrito pelo Lord de Gosforth Peter Taylor sobre a tragédia de Hillsborough, quando 96 torcedores do Liverpool morreram esmagados em um jogo da Copa da Inglaterra contra o Nottingham Forest em Sheffield. Ele promoveu profunda reformulação em todo o futebol inglês, envolvido em três décadas de violência institucional e de tragédias isoladas. Em menos de dez anos, o cenário migrou para um nível elevado de organização, rentabilidade financeira e de espetáculos de puro entretenimento.

⁸ O clube, aceito profissionalmente pela Liga Inglesa na temporada 2006-2007, atualmente joga na Northern Premier League, equivalente à sexta divisão inglesa.

ocorrido na Itália entre o final da década de 1990 e o início dos anos 2000. Em 1999 é lançado na rede mundial de computadores, por um torcedor italiano da A.S Roma, um documento nomeado *Against Modern Football Manifesto*. Esse manifesto foi um dos principais guias para torcidas do mundo inteiro poderem combater o avanço do discurso neoliberal no futebol.

Em poucos dias um total de 72 grupos de torcedores de 21 países diferentes assinaram o documento que, em poucas linhas, traçava uma crítica à extrema mercantilização do futebol, as deturpações causadas em seus sentidos e o desrespeito à cultura torcedora. (SANTOS; HELAL, 2016, p. 62)

Vale ressaltar que a Itália, naquela época, era o centro do futebol mundial. Diversos astros da bola vestiam as camisas do *Calcio*⁹ local. Era lá também

[...] que residia o maior número de organizações de torcedores denominadas Ultras, grupos subculturais de diversos tipos que protagonizavam coreografias e festas nas arquibancadas e, comumente, eram identificados com correntes políticas da extrema-esquerda e da extrema-direita. (SANTOS; HELAL, 2016, p. 62)

No contexto futebolístico brasileiro, temos o surgimento das torcidas organizadas jovens que possuem um caráter mais contestatório em comparação às primeiras gerações de torcedores oriundas das décadas de 1940-60. As primeiras organizações jovens começaram a surgir no final dos anos 1960 e início da década de 1970. Essas organizações inauguraram um novo padrão de relacionamento entre as torcidas e os dirigentes dos clubes. É de suma importância recordar que o Brasil vivia em um contexto de ditadura militar e que as relações sociais entre a base e o topo, em uma organização social verticalizada, eram quase impossíveis

[...] devido ao seu caráter contestatório e à crença que têm no seu papel político de influenciar as decisões do clube, questionar a contratação e o desempenho dos jogadores. Nas arquibancadas produzem saberes e símbolos, ritualizações e cânticos para expressar sua forma de adesão ao clube de futebol. (HOLLANDA; TEIXEIRA, 2016, p. 11)

Embora a maioria das torcidas não tenha surgido nesse período ou possua essa nomenclatura, continuam tendo alguma influência, dependendo do tamanho e responsáveis, em políticas internas de um clube. Um ótimo exemplo parte de uma torcida organizada do Sport Club Corinthians Paulista, a Gaviões da Fiel. A torcida surgiu como forma para a união dos torcedores que frequentavam as gerais nos jogos do Corinthians. Além dessa união, os jovens que começaram a gestar os embriões da Gaviões, já em 1965, tinham como objetivo em comum o questionamento da vida política e administrativa do clube. Porém, somente no dia 01 de julho de 1969 ocorreu a fundação oficial do Grêmio Gaviões da Fiel Torcida.

⁹ Calcio significa “Futebol” na língua italiana.

Atualmente, a Gaviões é a maior torcida organizada do Corinthians e uma das maiores do Brasil. Contam com uma sede e diversas subseções espalhadas pelo país e pelo mundo. Possuem também, vinculada à torcida, uma escola de samba que desfila na elite do carnaval paulistano e, além disso, seguem sendo uma torcida politicamente ativa na vida do clube e nas questões da sociedade em geral.¹⁰

Além de possuir uma das mais famosas torcidas organizadas do Brasil, o Sport Club Corinthians foi palco de uma forma de organização simbólica para a época da ditadura militar no Brasil, a Democracia Corinthiana. Tendo o jogador Sócrates, também conhecido como Doutor Sócrates, como principal representante.

O movimento surgiu após a contratação de Adilson Monteiro Alves para a diretoria de futebol. Adilson era um jovem sociólogo que em setembro de 1981 contratou o técnico Mário Travaglini. Esse técnico, diferente do contexto da época, não seguia uma “linha-dura” para treinar seus jogadores.

Detentores de um discurso técnico, a figura do técnico “linha-dura” representava o Estado autoritário que, por meio da disciplina militar, buscava manter uma ordem social. Diante disso, os jogadores, assim como a sociedade, eram vistos como seres irracionais precisando serem “domesticados”. Em virtude disso, valorizava-se a força física ao invés da inteligência de um jogador.

Mantendo e acentuando a dualidade corpo e alma, transferindo o controle desta última para as mãos dos especialistas e lhes atribuindo a incumbência de governá-la a fim de ampliar as possibilidades de exploração da força física do atleta, o poder pastoral instalado nos aparelhos de produção dos clubes encarregava-se de dirigir a sua conduta, guiar os seus passos e decidir por ele o certo e o errado. Desse modo, o processo da modernização do futebol brasileiro, deflagrado em meados dos anos 60, revelava como um de seus vetores principais a expropriação do saber do jogador, provendo-o cada vez mais de velocidade, força muscular e resistência física, ao mesmo tempo em que se lhe subtraía a atividade do pensamento. [...] O monopólio do saber pela comissão técnica dissociava concepção e execução do jogo, tolhia o atleta no exercício do pensamento e o reduzia à condição de mero executante dos planos traçados no vértice da cadeia de comando. (FLORENZANO, 2009, p. 21)

Assim, diante desse contexto, o movimento se desenvolvia na direção oposta do esperado de um jogador de futebol, já que permitia

[...] que os jogadores decidissem sobre o cotidiano do clube, as negociações, demissões, e contratações, e isso incluía votar sobre a contratação ou saída de algum

¹⁰ Todavia é preciso destacar que os coletivos de torcedores aqui analisados e que surgiram, a maioria deles, a partir de 2013, não possuem relações diretas com as torcidas organizadas jovens. Veremos adiante como as relações entre essas torcidas e os coletivos é irregular, chegando muitas vezes a não ocorrer. Mesmo possuindo algum tipo de relação, os coletivos defendem pautas mais amplas que ultrapassam as políticas internas dos clubes.

jogador do elenco, a necessidade de realização de concentração antes do jogo e até a escolha do técnico. (DIAS; FARINA, 2016, p. 8)

Desse modo, é evidente a importância desse movimento, visto que apresentava um modelo de gestão completamente díspar do vivenciado socialmente. Exterior a isso, os movimentos sociais lutavam contra o regime militar, sobretudo em busca da redemocratização do país.

A Democracia Corinthiana proporcionou diversas ações dentro de campo em prol da luta dos movimentos sociais. Em 1982, ocorreu a eleição direta para o governo estadual com votação estava marcada para o dia 15 de novembro. Antes de sua realização, o Corinthians entrou em campo com uma camisa que dizia na parte de trás “DIA 15 VOTE”, fazendo um apelo para que a população fosse às urnas.

Imagem 1 – Sócrates e campanha do dia 15



Fonte: Uol Esportes.

Outra ação que ficou famosa ocorreu durante a entrada de um jogo no qual os jogadores do Corinthians seguraram uma faixa com os dizeres: “Ganhar ou perder, mas sempre com Democracia”.

Imagem 2 – Faixa da Democracia



Fonte: BBC Brasil.

Com todas essas intervenções, o grupo não poderia deixar de lado a participação nas manifestações em prol das “Diretas Já!”¹¹, com alguns jogadores e dirigentes subindo em palanques para demonstrar seu apoio ao movimento.

Imagem 3 – Democracia no palanque



Jogadores e dirigentes que integravam a Democracia Corinthians participam de ato por eleições diretas, na década de 1980, em São Paulo: momento raro de ativismo político

Fonte: Brasil News.

¹¹ Movimento que reivindicava o direito de voto sob eleições diretas.

Na fotografia, é possível ver a figura de Sócrates sempre ao centro do movimento e com o famoso gesto do braço direito estendido e com o punho cerrado. Nesse dia, Sócrates e outros jogadores fizeram seus discursos de apoio à redemocratização do país.

Assim posto, não podemos separar o futebol do contexto que o cerca, posto que, como produto social, o futebol é pensado e realizado por seres humanos e estes carregam consigo relações e interesses que envolvem aspectos políticos, sociais e econômicos. A ascensão de um discurso apolítico para os esportes nada mais é que do que uma tentativa de barrar uma manifestação legítima pertencente às camadas mais baixas da sociedade. Desse modo, cabe ao pesquisador buscar entender as nuances do objeto de pesquisa e suas diversas perspectivas.

No Brasil, diferentemente dos principais clubes europeus, sobretudo os ingleses, que se tornaram empresas no final do século XX e estão nas mãos de investidores de todo o mundo, os clubes ainda resguardam seu caráter de associação civil. Segundo Santos e Helal (2016), isso só foi mantido graças a um esforço dos cartolas para manter o controle absoluto dessas instituições, no entanto, isso também permitiu abrir uma brecha política que dá possibilidade aos torcedores reivindicarem maior poder de voz e de voto sob as instâncias diretivas desses clubes. Como citado anteriormente, entretanto, essa questão democrática interna em um clube está sob constante ameaça de um crescente discurso neoliberal no futebol nacional.

Por fim, podemos notar que as reivindicações realizadas por torcedores não são exclusivas de nenhum país. Fica evidente que o avanço de um discurso neoliberal nesse esporte interfere diretamente nas culturas torcedoras, o que o torna uma das principais pautas de diversos movimentos ao redor do mundo. Os movimentos de torcedores buscam um futebol mais justo e acessível para todos os que participam deste esporte e, em virtude disso, acabam quebrando a visão de futebol como *ópio do povo* e também da irracionalidade de jogadores e torcedores. Mas apenas da luta contra um avanço neoliberal no esporte – ou contra políticas internas nos clubes – vivem esses movimentos torcedores?

1.2 Teorias dos movimentos sociais

Pensar o surgimento e as formas de atuação de uma torcida, de um movimento de torcedores, jogadores, ou, até mesmo, de um movimento social, é buscar compreender, sobretudo, o contexto histórico no qual essa organização emergiu. A sociedade sofreu diversas mudanças nas últimas décadas, o que deve ao esforço de inúmeras organizações da sociedade civil que reivindicam diversas causas sociais em suas lutas.

Buscando entender como isso se dá, a institucionalização acadêmica dos movimentos sociais como objeto de estudo na década de 1960 permitiu que inúmeros conceitos, paradigmas e teorias fossem elaborados para tentar explicar as formas de organização e atuação dos sujeitos sociais. Primeiramente com as abordagens marxistas, posteriormente com as teorias de Mobilização de Recursos e, por fim, as teorias dos Novos Movimentos Sociais.

Portanto, há uma vasta produção que busca explicar as ações coletivas e os movimentos sociais. A produção latino-americana é crescente e não há, em definitivo, um paradigma próprio sendo inúmeros os debates em torno de cada contexto social. Entretanto, mesmo diante de uma vasta produção, algumas questões e diferenciações ainda surgem como, por exemplo, o que diferencia um movimento social de uma ação coletiva?

A partir dessas questões, será realizada, neste subcapítulo, uma breve menção às teorias que se destacaram no meio acadêmico e realizam um debate sobre o conceito de movimentos sociais e ações coletivas. Logo, foi possível notar as particularidades das organizações da sociedade civil e como se dão suas relações com o Estado e demais instituições sociais.

Desenvolvida nos Estados Unidos, a Teoria da Mobilização de Recursos (TMR) enquadra as ações coletivas em explicações comportamentalistas organizacionais, rejeitando, portanto, a ênfase dada aos sentimentos. Além disso, os movimentos sociais, nessa teoria, são abordados como grupos de interesses, vistos como organizações e analisados sob a ótica da burocracia de uma instituição. A abordagem advém de categorias econômicas, mas não marxistas, e a análise não em âmbito individual, mas organizacional. A tríade básica para a concretização, ou sucesso, do movimento social, ao viés dessa teoria, seria a capacidade de captação de recursos sendo eles: humanos, econômicos e de comunicação.

Logo, os movimentos que se enquadram nessas características são vistos como “disputantes” de público, assim como um partido, *lobby* ou grupos de interesses competindo entre si pelas fontes de recursos e oportunidades. Além disso, há uma visão economicista, com uma lógica racional, que busca atingir metas e objetivos em estratégias que avaliam os custos e benefícios das ações coletivas, excluindo os valores, normas, ideologias, projetos, cultura e identidades (NUNES, 2014). Sendo dessa forma uma teoria utilitarista com destaques para a figura do líder na tentativa de mobilização desses recursos e interesses, se configura como uma teoria hierárquica. Bastante semelhante à figura de líder vista pela teoria marxista.

Outra teoria é a dos Novos Movimentos Sociais (NMS). Desenvolvida na Europa, buscou abordar a sociedade além da centralidade na indústria e no trabalho. Em um contexto “pós-industrial”, os conflitos do trabalho haviam se diluído por meio das instituições

democráticas e expansão de direitos. A dominação social passou, portanto, a ser realizada de maneira cultural por intermédio de uma tecnocracia em busca do controle das informações (ALONSO, 2009).

Diferentemente da teoria marxista, os novos sujeitos que emergiram não eram enquadrados em classes sociais, mas em grupos marginais, ou seja, minorias excluídas por uma história oficial que incluía negros, índios, hispânicos, mulheres, homossexuais e jovens. Portanto, eram pessoas que não se enquadravam aos padrões da normalidade sociocultural. A luta desses novos atores sociais era, sobretudo, por direitos e equidade social – como nos anos 1960, a luta pelos direitos civis dos pretos, nos EUA:

Uma luta que buscava estar desvinculada de qualquer demanda por bens ou cargos públicos, e voltada para a afirmação de identidades e para a preservação da autonomia e de formas de vida sob ameaça da racionalização sistêmica levada a cabo pelo Estado e pelo mercado. (ALONSO, 2009, p. 63)

Um dos principais autores dessa teoria é Alberto Melucci. O autor, um dos fundadores do conceito de identidade coletiva, define os movimentos sociais “como uma forma de ação coletiva a) baseada na solidariedade, b) desenvolvendo um conflito, c) rompendo os limites do sistema em que ocorre a ação” (MELUCCI, 1989, p. 57).

Desse modo, diferentemente da teoria marxista, o foco da NMS não era o conflito de classes e nem a disputa pelo controle do Estado. Com ênfase na criação de identidade para a formação de uma ação coletiva homogênea com bastante expressividade, esses novos movimentos sociais teriam na cultura a principal característica de mobilização.

Os novos movimentos sociais seriam, então, antes grupos ou minorias que grandes coletivos. Suas demandas seriam simbólicas, girando em torno do reconhecimento de identidades ou de estilos de vida. Recorreriam à ação direta, pacífica, baseada numa organização fluída, não hierárquica, descentralizada, desburocratizada. Não se dirigiriam prioritariamente ao Estado, mas à sociedade civil, almejando mudanças culturais no longo prazo. (ALONSO, 2009, p. 67-68)

Portanto, as teorias estruturalistas características de abordagens marxistas foram perdendo espaço para o aprofundamento de questões micro sociais envolvendo o cotidiano social e a luta por direitos e liberdades individuais, alimentadas por discursos contra institucionais.

Além da NMS, surgiu a Teoria do Processo Político (PP), dividida entre a Inglaterra e Estados Unidos e tendo como principais autores Charles Tilly e Sidney Tarrow. Essa teoria ganhou repercussão a partir dos anos 1990 e mostrou-se crítica à Teoria de Mobilização de Recursos devido ao seu caráter utilitarista e individualista.

A PP incorpora questões tais quais cultura, valores e identidades como recursos políticos, interpretando as ações coletivas como processos. Além disso, ocorre a valorização do

contexto político institucional para explicar a emergência ou fracasso das ações de protestos ocasionais ou ações de movimentos sociais (NUNES, 2014).

Assim, existem contextos específicos para o sucesso ou fracasso de um grupo/mobilização/ações coletivas. Ao se valorizar o contexto, ou as oportunidades políticas, os movimentos que se enquadram nessa teoria exploram a questão do *frame* como recurso. Os *frames*, ou pautas, podem mobilizar as pessoas a partir do moral, da identidade, do cognitivo ou das emoções que despertam as pessoas a se mobilizarem em torno de uma causa.

Para Charles Tilly, os movimentos sociais são “uma forma específica de política contenciosa – contenciosa no sentido de que os movimentos sociais envolvem a elaboração coletiva de reivindicações que, alcançando sucesso, conflitariam com os interesses de outrem” (TILLY, 2010, p. 136). Além disso, para esse autor, os *frames* são classificados no conceito de “repertório”. Ao explorar o contexto como recurso de mobilização, o repertório é mutável de acordo com os processos históricos em pauta a partir da cultura. O fazer político varia de acordo com o contexto histórico.

[...] as pessoas num dado tempo e lugar aprendem a executar um número limitado de rotinas de ação coletiva alternativas, adaptando cada uma a circunstâncias imediatas e às reações de antagonistas, autoridades, aliados, observadores, objetos da ação, e outras pessoas de alguma maneira envolvidas na luta. (TILLY, 1995, p. 27 *apud* ALONSO, 2012, p. 25)

A partir disso, os repertórios são formas como os grupos sociais se manifestam diante de um conflito político-social.

Embora haja uma tradição de ações possíveis, é o diálogo ativo dos sujeitos sociopolíticos, baseado na sua inserção na dinâmica do conflito e a conjuntura, que estabelece as práticas, fazeres e discursos acionados pelos grupos de ação coletiva. (OLIVEIRA, 2019, p. 45)

Em suma, a teoria marxista clássica foi um produto para a análise de uma sociedade industrial, enquanto que as novas teorias já abarcavam as complexidades de uma sociedade pós-industrial em que o controle das informações e cultura são prioridades.

Nas produções brasileiras, as teorias desenvolvidas na Europa ganharam mais espaço. Nas décadas de 1970 e 1980, passando pelas marxistas, a NMS conseguiu representar bem o período de abertura para a redemocratização social e a queda do regime militar no país. Dessas produções, destaco a obra *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)*, publicado em 1988 pelo sociólogo Eder Sader. Em seu texto, Sader aborda a saga de movimentos sociais populares que tinham como protagonistas os novos sujeitos históricos silenciados pelo período militar. Diante disso, com

suas reivindicações, esses atores sociais abriram caminhos para a ocupação da democracia e o exercício da política em novos lugares.

Nos anos 1990 e início dos anos 2000, no contexto da América Latina, ocorreram inúmeras mudanças políticas e conjunturais e, a partir disso, houve uma renovação das teorias utilizadas por aqui. Discursos culturalistas são expandidos e os pós-coloniais começam a ganhar terreno e, também, a questão da inclusão social volta à tona nas pautas dos movimentos sociais.

[...] a discussão sobre os movimentos sociais na contemporaneidade insere-se num campo mais amplo, o da crise da modernidade e emergência de novas formas de racionalidade. [...] o debate teórico nas ciências humanas tem dado destaque à crise do paradigma dominante da modernidade, às transformações societárias decorrentes da globalização, às alterações nos padrões das relações sociais, dado o avanço das novas tecnologias, e às inovações que têm levado ao reconhecimento de uma transição paradigmática. Isso tudo tem levado à rediscussão dos paradigmas explicativos da realidade e à crítica à produção científica do último século, fundada na racionalidade da razão e na crença no progresso e no crescimento econômico a partir do consumo. (GOHN, 2007, p. 41)

Ademais, lutas locais rapidamente se tornaram globais devido ao avanço dos meios de comunicação, principalmente com o uso da internet por esses atores sociais. A internet possibilitou tanto uma expansão mais rápida, dinâmica e em rede entre diversos movimentos sociais quanto o surgimento de novas organizações. Com isso, surge em evidência termos como “Novíssimos Movimentos Sociais” e “Coletivos” (GOHN, 2017).

Com a incorporação às demandas contemporâneas por novas organizações da sociedade civil, tem-se o início de um debate acerca desses novos termos empregados. Para Maria da Glória Gohn (2011) os “Novíssimos” seriam a novidade do milênio:

Novíssimos atores entraram em cena, tanto do ponto de vista de propostas que pautam para os temas e problemas sociais da contemporaneidade, como na forma como se organizam, utilizando-se dos meios de comunicação e informação modernos. Eles se preocupam com a formação de seus militantes, via experiência direta, e não tanto com a formação em escolas, com leituras e estudos de textos. O exame do material produzido sobre os movimentos altermundialistas nos revela que existem vínculos internacionais que os unem, especialmente na mídia, do tipo o jornal *Le Monde Diplomatique*, editado em vários idiomas, escrito por membros participantes ou adeptos do movimento. Há uma densa e intensa rede de comunicações intra-membros, militantes com militantes. Produzem textos, boletins, artigos etc. (GOHN, 2011, p. 5)

Além dessa questão da comunicação direta realizada por “meios de comunicação modernos”, ou seja, com uso das mídias sociais digitais para construção de redes de contatos e manifestações políticas, os “Novíssimos”, segundo Augusto *et al.* (2016) atendem aos princípios do “apartidarismo, horizontalidade, autonomia e constituição de frente de luta para

pressionar por um objetivo específico”. A partir dessa descrição, o Movimento Passe Livre (MPL),¹² pode ser caracterizado como um “Novíssimo”.

No entanto, essas são características bastante semelhantes às empregadas aos “Coletivos”, uma vez que, segundo Perez e Souza (2017), os coletivos “[...] seriam fluídos, fragmentados, sem liderança, diferenciados internamente, autônomos, com múltiplas pautas temporárias e forte presença na internet” (PEREZ; SOUZA, 2017, s/p). A partir dessa semelhança, diversos estudos teóricos buscam uma definição singular para cada termo.

Em estudo recente Oliveira (2019), pesquisou as práticas organizativas e de atuação, as identidades coletivas e os objetivos políticos de grupos de atuação política que se autodenominam “Coletivo”, a fim de analisar elementos comuns que os caracterizam, bem como investigar as tensões e os limites que os atravessam nas suas relações internas e nas interfaces com a sociedade. A pesquisa foi realizada com cinco coletivos de diferentes temáticas da cidade de São Paulo. A autora constatou em sua pesquisa que a autodenominação “Coletivo” está associada ao emprego de práticas de organização e de atuação mais horizontais e colaborativas. Devido a essas características mais autônomas, os “coletivos” seriam formas de organização mais presentes entre os jovens (MAIA, 2013).

Abandonando a mediação das instituições e utilizando a estrutura dos Movimentos Sociais americanos dos anos 60 e 70, a organização dos grupos contemporâneos se manifesta de forma segmentada porque se compõe de diferentes grupos em modo celular; é policêntrica porque possui muitos centros de direção ou líderes; é integrada porque os líderes e os segmentos estão dispostos em um reticulado de sistemas ou rede através de vários vínculos estruturais, pessoais e ideológicos. (ANTOUN, 2005, p. 06-07 *apud* GUEDES, 2013, p. 44)

Além do mais, as ações dos “Coletivos” podem

[...] agregar múltiplas demandas, e, por meio de debates periódicos, são definidas quais as pautas prioritárias, a partir da conjuntura política que é mantida em permanente análise. (MAIA, 2013, p. 69)

Portanto, os “Coletivos” possuem ações mais pontuais em cima de determinados assuntos. Acerca dessa multipluralidade de pautas e demandas, foi possível notar a presença do termo em diversas organizações sociais que atuam em diferentes locais e com diferentes objetivos. A partir de um breve levantamento realizado sobre estudos que possuem “Coletivo” como objeto de estudo, verificamos a existência de coletivos que abrangem questões estudantis

¹² O Movimento Passe Livre (MPL), é um movimento horizontal, autônomo, independente e apartidário, mas não antipartidário. A independência do MPL se faz não somente em relação a partidos, mas também a ONGs, instituições religiosas, financeiras, etc. A principal bandeira do movimento é a migração do sistema de transporte privado para um sistema público, fato que garantiria o acesso universal através do passe livre. Para o movimento, isso traria um sistema de transporte sem exclusão social.

(MESQUISTA, 2003; OLIVEIRA, 2019), além de questões envolvendo coletivos culturais e artísticos (GONÇALVES, 2010; BORELLI; ABOBOREIRA 2011; MEDEIROS, 2013; BASSANI, 2016; SILVA, 2018) e coletivos envolvendo questões de direito à cidade (HORI, 2017; OLIVEIRA, 2019).

Por fim, os autores Meirelles e Lima Neto (2018) apontam três características marcantes que diferenciam os “Coletivos” das demais organização da sociedade civil.

A primeira delas é a primazia da participação sobre a representação. Os coletivos são fundados sob a ideia de participação direta na vida social e política, sem possuir pretensão de representação dos grupos dos quais são advindos. A esfera representativa também é deixada de lado na estrutura organizacional destes grupos que, diferentemente de partidos ou sindicatos, não possuem hierarquização formalizada. [...] A segunda característica dos coletivos é a mobilização da biografia dos integrantes para a legitimação da presença no espaço público. Isto é verificável, por exemplo, ao constatar-se que para atuar em coletivos identitários, é necessário pertencer à identidade em questão, a saber, ser negro para estar em coletivos de negritude ou ser mulher para participar de coletivos feministas. A terceira e última característica é a ausência de vínculos formais ou duradouros com outras instituições do Estado, mercado ou sociedade civil. Os coletivos se diferenciam de outras organizações por prezarem fortemente pela autonomia organizacional e política, consequentemente suas relações com outras organizações são incipientes ou inexistentes. (MEIRELLES; LIMA NETO, 2018, s/p *apud* OLIVEIRA, 2019, p. 52)

Em suma, como vimos, as diferenças são mínimas entre um termo e outro, e que essa nomenclatura, segundo Alcântara (2015), serve apenas para demarcar continuidades e descontinuidades de ação e das formas organizativas ao longo do tempo. No entanto, o que foi verificado ao longo da pesquisa se enquadra mais nas características aqui apresentadas sobre os “coletivos”, principalmente nas questões que abrangem as inúmeras demandas – além do futebol em si, os coletivos discutem problemas sociais como racismo, machismo, homofobia e, também, problemas político-sociais mais profundos – e questões ligadas a identidade – no sentido de ser palmeirense, ser santista, ser corinthiano(a).

Diante disso, nesta pesquisa, os objetos serão tratados com a nomenclatura de “Coletivos” – um dos objetos analisados se auto refere como: Coletivo Democracia Corinthians. No entanto, ao longo da pesquisa, foi possível encontrar diversas nuances que nos impediram de cair em generalizações sobre o termo, nuances que se dão principalmente no quesito estrutura organizacional. O discurso comum dos “coletivos” alude para uma estrutura horizontal e sem líderes, entretanto, isso não foi constatado durante as análises. Dessa forma, as características aqui apresentadas e que pertencem a esse debate sobre as novas organizações da sociedade contemporânea não necessariamente estão presentes nesses grupos que surgiram.

Isso, definitivamente, contribui para a continuidade do debate pois, embora já hajam diversos estudos sobre as novas organizações da sociedade civil contemporânea, são estudos

recentes, havendo muito a ser analisado diante de tantas experiências registradas e levando-se em consideração que as organizações civis são objetos de estudos permanentes. Por fim, dando continuidade ao texto, um dos aspectos que serão abordados no próximo subcapítulo são as novas mídias de comunicação digital, aspecto bastante presente nos coletivos e fundamentais para esses movimentos.

1.3 As novas mídias de comunicação digital

O processo de evolução da comunicação, sobretudo da internet, possibilitou o surgimento de diversas novas formas de organização e ação da sociedade civil e, ademais, atualizou algumas já consideradas ultrapassadas. Superando o aspecto de apenas ser um canal para a divulgação, o uso das mídias sociais digitais permitiu um novo tipo de manifestação política por meio da construção de novos espaços. Além disso, a velocidade com que os discursos são difundidos possibilitou aos movimentos uma grande arma para expor seus ideais.

Alonso (2017) nos recorda a importância do ciclo de protestos de 2011 a 2013 ao redor do mundo e no Brasil, período que marcou o ressurgimento de antigos e o aparecimento de novas organizações civis. Segundo Alonso, três repertórios apareceram durante esse período no Brasil: Primeiramente, o repertório socialista reapareceu com suas bandeiras vermelhas e estrutura vertical; o segundo repertório foi o patriota que ganhou forças ao longo dos anos, sobretudo após as eleições presidenciais de 2014, onde a polarização política começou a encontrar seus lados mais agudos; o terceiro, e último, é o repertório autonomista, causando novidade uma vez que

nele se combinam estilo de vida alternativo (anti-hierarquia de gênero, compartilhamento de espaços e objetos), organização descentralizada, deliberação por consenso e ações performáticas e diretas (tática black bloc) contra símbolos dos poderes financeiro e político (anticapitalismo, antiestatismo). (ALONSO, 2017, p. 49)

Além do mais, esse último repertório está bastante presente nas redes sociais e, muitas vezes, só existe por conta dessa ferramenta.

A internet vem sofrendo transformações contínuas, possibilitando a conexão on-line o acesso a uma rede conectada ao mundo inteiro. Por meio de *links*, *sites*, portais, fóruns ou redes sociais, podemos ter acesso a um ambiente local e, ao mesmo tempo, global. Várias construções sociais foram adaptadas para o mundo on-line e outras surgiram já inseridas nesse ambiente. O processo de construção de significado caracteriza-se, segundo Castells (2017), por um grande volume de diversidades. Ainda segundo este autor, “existe, contudo, uma característica comum a todos os processos de construção simbólica: eles dependem amplamente das mensagens e

estruturas criadas, formatadas e difundidas nas redes de comunicação multimídia”. (CASTELLS, 2017, p. 21).

Assim sendo, uma das características principais de grupos que se conectam por meio do uso da Internet “parece ser a presença de capital e interação social e laços decorrentes deles” (RECUERO, 2009, p. 147).

No ativismo midiático a comunicação é, ao mesmo tempo, meio e fim de luta, sendo crucial para a transformação do poder e do controle dominante. (ALCÂNTARA, 2015, p. 82)

A partir disso, temos uma mudança fundamental no domínio da comunicação. A produção de relações de poder sofreu intervenções diretas devido a evolução da internet. O monopólio da comunicação das grandes empresas de televisão, por exemplo, se abalou com a ressignificação das formas de produção dos conteúdos. Nos últimos anos, emergiu o que Castells (2017) chama de “autocomunicação”, realizada por indivíduos para outros indivíduos, estando informações construídas e distribuídas de forma horizontal.

[...] a autocomunicação de massa, baseada em redes horizontais de comunicação multidirecional, interativa, na internet; e, mais ainda, nas redes de comunicação sem fio, atualmente a principal plataforma de comunicação em toda parte. (CASTELLS, 2017, p. 158)

Pierre Lévy, em *Cibercultura* (2012) tem uma analogia fantástica dessa evolução. O autor compara o avanço da comunicação via internet por indivíduos comuns com a invenção dos correios ponto a ponto. Antes dessa invenção, as correspondências eram apenas de ordem do poder central aos habitantes, posteriormente, a comunicação acabou atingindo mais espaços em contextos cada vez mais específicos.

[...] No entanto, a verdadeira inovação social, a que afetou as relações entre as pessoas, só iria chegar no século XVII, com o uso da técnica postal em proveito da distribuição do correio ponto a ponto, de indivíduo para indivíduo distante, e não mais apenas do centro para a periferia e da periferia para o centro. Essa evolução resultou de um movimento social que ultrapassa progressivamente o dispositivo inicial centro-periferia, a princípio na clandestinidade e na ilegalidade (uma ilegalidade tolerada, ou mesmo encorajada pelo Estado), depois de forma cada vez mais aberta e oficialmente aprovada. [...] Ressaltamos que a informática pessoal não foi decidida, e muito menos prevista, por qualquer governo ou multinacional poderosa. Seu inventor e principal motor foi um movimento social visando a reapropriação em favor dos indivíduos de uma potência técnica que até então havia sido monopolizada por grandes instituições burocráticas. (LÉVY, 2012, p. 126-127)

Outra característica que a internet trouxe é a possível comunicação a longa distância, colaborando para a construção de uma rede de contatos. Isso se tornou possível graças a criação de, primeiramente, salas de bate-papo e, posteriormente, as redes sociais. O *Facebook*, por exemplo, possui três formas de registros: perfis individuais (criado por usuários e permitindo o uso pessoal), os grupos (que reúnem diversos perfis pessoais com interesses em comum) e as

páginas, ou *fanpage*. Estas permitem aos usuários a criação e compartilhamento de conteúdo, podendo alcançar milhares, ou em alguns casos, milhões de pessoas.

A rede, portanto, centra-se em atores sociais, ou seja, indivíduos com interesses, desejos e aspirações, que têm papel ativo na formação de suas conexões sociais [...] as pessoas trocam não apenas informações, mas bens, suporte emocional e companheirismo. (RECUERO, 2009, p. 143)

Ademais,

as comunidades virtuais não são desconectadas do espaço concreto e das interações face a face. [...] Muitos acreditam que a mediação pelo computador, inclusive, facilita para que os atores demonstrem intimidade e proximidade nas relações sociais. (SMITH, 1999 *apud* RECUERO, 2009, p. 137-138)

Diante desse contexto é que as manifestações, movimentos e ações coletivas se encontram. Este século representa a ascensão da comunicação via internet como novo espaço de atuação política, o que permitiu uma expansão das ideais e criação de novas identidades coletivas.

1.4 Novas organizações torcedoras

O ano de 2013 foi um ano decisivo para o cenário político local. Segundo Perez (2019), foram as Jornadas de Junho, com sua série de manifestações em todo o país, que incentivaram novos atores a se organizarem politicamente fornecendo repertórios e discursos encontrados nas novas organizações. Ademais, como vimos anteriormente, esses novos atores buscavam distanciar suas práticas, repertórios de mobilização e estruturas organizacionais dos movimentos e partidos mais tradicionais (ALONSO, 2017).

Essa relação entre os protestos e a formação de novos atores se deu, segundo Melucci (1989), devido ao momento de visibilidade dos movimentos sociais que renovaram sua solidariedade, facilitando, dessa maneira, a criação de novos grupos e o recrutamento de novos membros, havendo, além disso, o surgimento de uma nova identidade coletiva a partir das interações entre os atores durante os protestos. Com isso, criam-se laços baseados numa história de memórias compartilhadas durante os atos (PEREZ, 2017).

Além de novos atores, novos espaços de atuação surgiram e, com isso, o espaço da internet revelou-se uma alternativa viável para que diversos grupos socialmente excluídos pudessem se manifestar de alguma forma. Assim, começaram a surgir grupos de torcedores que se posicionam politicamente, sobretudo nas redes sociais, contra discursos que acompanham o futebol e a sociedade em geral e, embora os repertórios vindos das Jornadas de Junho tenham sido sobretudo a corrupção, o aparecimento desses novos grupos na esfera futebolística permitiu

que novos temas fossem explorados e debatidos. Temas impregnados na estrutura do futebol, começaram a ser questionados e entre os mais comuns podemos citar a homofobia, o sexismo, o machismo e o racismo.

Dentre esses grupos temos as torcidas *Queer e Livre*, que levantam o debate sobre gênero e sexualidade, e as *torcidas antifascistas*, que tem como pauta principal a luta contra o avanço de um fascismo por via políticas institucionais e discursivas. Além disso, foi possível notar a reivindicação de coletivos que abrangiam o direito à cidade, principalmente após a construção das novas Arenas, entre outros movimentos contestatórios que iam além das reivindicações do “futebol moderno”, anteriormente mencionada.

Embora não sejam os pioneiros da cultura contestatória nas arquibancadas e nem tenha essa cultura crítica de torcedores surgido em 2013, esses novos movimentos de torcedores inauguraram novos modos de mobilização, ação e de torcer, inserindo-se sobretudo no ambiente virtual das redes sociais. A grande maioria tem em sua atuação a ocupação dos dois ambientes: virtual e urbano, mas, infelizmente, ainda é notável que a violência contra esses sujeitos limite suas atuações apenas ao virtual – veremos adiante relatos de violência, principalmente por parte de grupos que possuem em sua pauta principal questões de gênero e sexualidade.

Além disso, é possível fazer um paralelo com o conceito de “pós-torcedor” elaborado por Richard Giulianotti (2002). Mesmo analisando o contexto do Reino Unido e a mudança da cultura torcedora local, é possível encontrarmos semelhanças com os torcedores daqui, principalmente esses novos grupos surgidos nesse período de 2013, onde podemos notar inúmeros conflitos sócio-políticos ocorridos na sociedade. Os “pós-torcedores”, segundo o autor, compartilham de uma:

[...] capacidade de reflexão, ironia e participação. Eles representam uma ruptura epistêmica nas formas mais antigas de torcida, particularmente na passividade do “torcedor”. [...] Eles estão no epicentro dos movimentos das torcidas que pleiteiam a mudança da política do clube e de jogadores ou diretores. (GIULIANOTTI, 2002, p. 190)

Para o autor, esses torcedores surgiram no período de mudanças ocorridas na estrutura de classes nas sociedades ocidentais após o período pós-industrial e o aumento do setor de serviços na economia capitalista. Com o processo de desindustrialização, ocorreu o surgimento de uma nova classe social, ao que o autor chama de “nova classe média” de colarinho-branco. Segundo o sociólogo muitos desses atores sociais

[...] tiveram formação acadêmica, especialmente em ciências sociais; eles tendem a conseguir emprego nas novas “indústrias de conhecimento”, tais como vendas, pesquisa de mercado e mídia. Diferente da burguesia tradicional, essa nova classe abraça a cultura popular em vez de rejeitá-la, frequentemente misturando futebol ou rock com interesse por literatura e artes cênicas. [...] A nova classe média é educada

e assume uma postura crítica diante de todas as formas de cultura popular. (GIULIANOTTI, 2002, p. 191)

Esse grupo de torcedores possui uma forte influência nas produções e mediação de conteúdos e discursos acerca do futebol. No caso do Reino Unido, o autor aponta para a produção de *fanzines* como a principal dessas produções realizadas por esses torcedores. Ademais, eles possuem suas próprias revistas e, posteriormente, um contato maior com a produção de conteúdo na internet.

Essa classe possui capital intelectual e tecnológico para transferir o impulso crítico das multidões do futebol, do contexto socrático das arquibancadas a céu aberto aos meios mais permanentes dos *fanzines*, páginas na Internet ou histórias sobre futebol. (GIULIANOTTI, 2002, p. 192)

Portanto, essa nova classe média apresentada pelo autor e que cresceu rapidamente na década de 1990 tem características muito semelhantes com as que irei apresentar no próximo subcapítulo, onde disserto sobre essas novas subculturas torcedoras surgidas aqui no Brasil. São torcedores mais politizados, com acesso ao debate acadêmico e que almejam, sobretudo, mudanças estruturais nos clubes e na sociedade, embora reconhecendo que suas influências são bastante limitadas nos contextos em que se encontram.

Ainda, esses novos movimentos possuem características gerais encontradas nas novas formas de organizações contemporâneas, ou seja: a horizontalidade organizacional, com exceções, o apartidarismo, inúmeras pautas reivindicatórias e o uso intenso da internet, além de construírem seus espaços de atuação em dois ambientes, caracterizando o que Castells (2017) chama de atuação em “espaço-híbrido”.

Em nossa sociedade, o espaço público dos movimentos sociais é construído como um espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano ocupado: conectando o ciberespaço com o espaço urbano numa interação implacável e constituindo, tecnológica e culturalmente, comunidades instantâneas de prática transformadora. (CASTELLS, 2017, pg. 25-26)

O debate em cima das novas organizações vem ganhando bastante relevância, como vimos anteriormente, para os estudos atuais sobre as teorias dos movimentos sociais. Com isso, o objetivo aqui não é enquadrar os movimentos de torcedores em uma determinada teoria, mas expor a trajetória juntamente com as ações e estratégias praticadas, uma vez que, como veremos, são características que contribuirão imensamente para o debate atual sobre a teoria dos movimentos sociais. Além disso, procurou-se não cair em generalizações acerca de teorias sobre ações contemporâneas da sociedade civil. Assim, cabe analisar cada objeto e expor suas singularidades em um contexto em que o debate social acerca de preconceitos está cada vez mais presente no contexto futebolístico nacional.

1.5 Conversando com os Coletivos

Para obter os resultados esperados da pesquisa, além da análise dos conteúdos produzidos pelos grupos, realizei entrevistas com membros dos coletivos. Não foi possível entrevistar todos os participantes. Com o Ocupa Palestra e Palmeiras Livre, foram dois membros de cada. Já com Coletivo Democracia Corinthiana e Punk Santista, entrevistei apenas um membro de cada, totalizando seis entrevistados. Ademais, é importante frisar que algumas entrevistas ocorreram por meio de ferramentas on-line de comunicação devido à distância física entre os envolvidos. De modo geral, para essas entrevistas foi utilizado o Skype¹³.

A partir disso, compreendo que a utilização da história oral por meio das entrevistas

[...] implicitamente, realça a autoridade e a autoconsciência do narrador e pode levantar questões sobre aspectos da experiência do relator a respeito dos quais ele nunca falou ou pensou seriamente. (PORTELLI, 2001, p. 12)

Ademais,

A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre *eventos* que sobre *significados*. Isso não implica que a história oral não tenha validade factual. Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas. Deste ponto de vista, o único problema colocado pelas fontes orais é aquele da verificação [...]. (PORTELLI, 1997, p. 31)

As entrevistas se enquadraram em um método semiestruturado e foram importantes para conhecer as particularidades dos coletivos. A análise restrita às informações contidas em suas *fanpage* não expressaram tais informações. Além disso, as entrevistas revelaram as experiências dos entrevistados e como as sociabilidades levaram tais sujeitos a entrar no movimento – tratarei mais à frente as questões das experiências de militância.

Foi elaborado um questionário onde foram abordadas questões de cunho mais pessoal e, posteriormente, questões relacionadas a forma organizacional do coletivo e sua dinâmica de atuação nos ambientes *online* e *offline*.

Sobre as questões pessoais, decidi realizá-las buscando entender, a partir do conceito de experiência proposto por E.P Thompson, o motivo da aderência ao movimento a partir de lutas passadas inseridas no mundo material em que esses sujeitos estavam inseridos – ademais, esse conceito será importante para entender as ações dos movimentos enquanto grupos em contextos desfavoráveis a suas reivindicações. Indo no sentido oposto do pensamento historiográfico estruturalista do marxismo clássico, Thompson propõe uma análise do social por meio do campo cultural. Em *A miséria da teoria ou um planetário de erros – Uma crítica ao pensamento*

¹³ Skype, lançado em 2003, é um *software* criado por Janus Friis e Niklas Zennstrom que permite a comunicação por voz e vídeo pela internet.

Althusser (1981), o autor realiza um debate representando essa visão de um marxismo cultural contra a figura de Louis Althusser, representante de um marxismo estruturalista.

A principal crítica de Thompson é sobre a ausência de um viés humano na análise do marxismo clássico; ignorando esse viés, não havia a história de homens e mulheres reais. Ou seja, grupos sociais que tiveram suas ações silenciadas e não eram vistos como atores sociais responsáveis por mudanças no contexto histórico (THOMPSON, 1988).

Diante disso, Thompson propõe analisar a cultura dessa “gente comum” e suas interferências a partir do “termo ausente”, a experiência. A partir disso, as experiências dessa cultura popular eram responsáveis pela formação de ações coletivas de movimentos sociais, populares e a resistência dos trabalhadores no século XVIII, sendo esse período seu recorte de pesquisa.

Assim, é possível notar o aparecimento de uma consciência de classe dos sujeitos. Sendo encaradas em uma estrutura determinada, o conceito de classes não pode ser dissociado de uma noção de luta de classes, firmando a noção de classes como um processo em formação contínua das lutas humanas.

Para expressá-la claramente, as classes não existem como entidades separadas, que olham ao redor, encontram uma classe inimiga e começam logo a lutar. Pelo contrário, as pessoas (gentes) encontram-se em uma sociedade estruturada em modos determinados [...], experimentam a exploração [...], identificam pontos de interesse antagônico, começam a lutar por essas questões e no processo de luta se descobrem como classe, e chegam a conhecer este descobrimento como consciência de classe. A classe e a consciência de classe são sempre as últimas, não as primeiras, fases do processo real histórico. (THOMPSON, 1979, p. 37)

É necessário ressaltar que esse conceito de experiência foi classificado em dois sentidos. A divisão ocorre entre experiência percebida e experiência vivida. A primeira refere-se à questões mais gerais impostas na sociedade por uma classe dita “dominante”, sendo uma consciência imposta e fazendo alusão à consciência social nos termos de Marx. Em contrapartida, a segunda refere-se às experiências vivenciadas na realidade concreta. Esses dois sentidos do conceito experiência estão constantemente em conflito.

Dito isso, Thompson recusa a visão e discorda

[...] de que os valores, como expressões culturais, sejam simplesmente impostos pelo Estado, através de seus aparelhos ideológicos. Isso, no entanto, não significa negar que os valores encontram-se perpassados pela ideologia dominante, mas afirmar o caráter contraditório das necessidades materiais e culturais. E mais uma vez, a categoria experiência se impõe como necessária para ajudar a evidenciar a capacidade de homens e mulheres romperem com condições impostas. (MARTINS, 2006, p. 117-118)

Portanto, segundo o autor, não há necessariamente uma aceitação por parte de grupos sociais subalternos do que são expostos a eles. Nesse sentido, a experiência vivida entra como

um combatente resguardando um caráter questionador do que está sendo imposto. Ou seja, nem sempre tudo que vem de uma cultura dominante é aceito por outros grupos sociais.

Há uma relação permanente entre a matéria e o pensamento, um implica o outro, o que pressupõe o diálogo entre o ser social e a consciência social. (VENDRAMINI e TIRIBA, 2014, p. 61)

Assim, a questão da experiência se dá de forma racional e espontânea nos sujeitos, pois “homens e mulheres (e não apenas filósofos) são racionais, e refletem sobre o que acontece a eles e ao seu mundo. [...] assim como o ser é pensado, também o pensamento é vivido” (THOMPSON, 1981, p. 16, 17). Alimentando os antagonismos sociais perante os sujeitos.

Em diálogo a E.P Thompson, o sociólogo espanhol Manuel Castells em *Redes de Indignação e Esperança* (2017), propõe uma análise individualizada sobre a formação de uma organização de ação coletiva ou movimento social. Segundo o autor, os movimentos contemporâneos são constituídos e se concretizam por interferência de diversos indivíduos. Diante disso, o autor propõe uma série de questões a serem feitas a esses indivíduos na busca do entendimento de sua participação em determinado movimento.

[...] temos de entender a motivação de cada indivíduo: como esses indivíduos constituem uma rede conectando-se mentalmente com outros indivíduos e por que são capazes de fazê-lo, num processo de comunicação que, em última instância, leva à ação coletiva; como essas redes negociam a diversidade de interesses e valores presente em cada uma delas para se concentrar num conjunto de objetivos comuns; como essas redes se relacionam com a sociedade em geral e com muitos outros indivíduos; e como e por que essa conexão funciona em grande número de casos, estimulando indivíduos a ampliar as redes formadas na resistência à dominação e a se envolver num ataque multimodal a uma ordem injusta. (CASTELLS, 2017, pg. 27-28)

Ainda segundo Castells, no plano individual, os movimentos sociais são de caráter emocional e só se tornam efetivamente um movimento quando essa gama de sentimento se transforma em ação.

Segundo a teoria da inteligência afetiva, as emoções mais relevantes para a mobilização social e o comportamento político são o medo (um afeto negativo) e o entusiasmo (um afeto positivo). Afetos positivos e negativos ligam-se a dois sistemas motivacionais básicos resultantes da evolução humana: aproximação e evitação. O sistema de aproximação está ligado ao comportamento voltado para objetivos, que leva o indivíduo a experiências gratificantes. Os indivíduos entusiasmam-se quando são mobilizados para um objetivo que apreciam. É por isso que o entusiasmo está diretamente relacionado a outra emoção positiva: a esperança. A esperança projeta o comportamento no futuro. De vez que uma característica distintiva da mente humana é a capacidade de imaginar o futuro, a esperança é um ingrediente fundamental no apoio à ação com vistas a um objetivo. [...] os indivíduos precisam superar a emoção negativa resultante do sistema motivacional de evitação, a ansiedade. A ansiedade é a reação a uma ameaça externa sobre a qual a pessoa ameaçada não tem controle. Assim, a ansiedade leva ao medo e tem sobre a ação um efeito paralisante. A superação da ansiedade no comportamento sociopolítico frequentemente resulta de outra emoção negativa, a raiva. Esta aumenta com a percepção de uma ação injusta e com a identificação do agente por ela responsável. A pesquisa neurológica mostra que a raiva está associada ao comportamento de assunção de riscos. Quando o indivíduo supera o medo, emoções positivas assumem o controle, à medida que o entusiasmo

ativa a ação, e a esperança antecipa as recompensas por uma ação arriscada. (CASTELLS, 2017, pg. 28-29)

Portanto, a superação das emoções negativas se tornam importantes para a concretização e formação das ações, mas, por outro lado, em alguns casos a questão da violência impossibilita essa materialização. Diante disso, o papel da internet se mostra fundamental na construção de sociabilidades e isso se mostra, como tratarei a frente, na estruturação dos movimentos aqui analisados.

Desse modo, com a participação em outras formas de mobilização, superação das emoções negativas e um eterno questionamento das formas a eles presenciadas, esses indivíduos se tornaram sujeitos, segundo E.P Thompson:

Pela experiência os homens se tornam sujeitos, experimentam situações e relações produtivas como necessidades e interesses, como antagonismos. Eles tratam essa experiência em sua consciência e cultura e não apenas a introjetam. Ela não tem um caráter só acumulativo. Ela é fundamentalmente qualitativa. (THOMPSON, 1981, p. 99)

A partir disso, foi possível notar em algumas falas dos entrevistados como se deu esse processo. Thais Nozue, do movimento Palmeiras Livre, destaca que sempre a incomodava os discursos criados em cima do futebol que naturalizam preconceitos sociais e viu no movimento Palmeiras Livre uma oportunidade de juntar sua paixão pelo clube com a militância. Além disso, relatou que já fez parte do movimento sindical bancário, que se identificava anteriormente com o movimento feminista e que sempre teve consigo o questionamento das estruturas sociais impostas a ela.

[...] me incomodava desde aquele momento, antes do coletivo, é... tanto a homofobia, tanto o machismo, essa invisibilidade do futebol feminino... E aí foi algo, uma oportunidade, é... eu já era feminista na época, né?! Já... Então, a gente conseguiu juntar tudo. [...] É, eu... Quando eu era bancária, eu me aproximei bastante do movimento sindical. Então... assim, minha filha nasceu em 2010 e, desde então, tive um despertar maior pras questões feministas, né?! É... desde adolescente minha mãe dizia, vivia dizendo que eu nasci errada, eu sempre joguei todos os esportes, sempre gostei muito. E eu não performava feminilidade na adolescência. Tem uma época que eu tentei, que eu tentei me enquadrar, mas eu não, não rolou. E... então sempre tive uma identificação com os esportes. E... essas questões de “Por que que eu não posso fazer isso”, “Por que não posso usar...”. Eu usava as roupas do meu pai, né?! Na minha adolescência eu usei muito as roupas do meu pai. Eu queria meio que ir sempre na contramão. E... não oficialmente, mas eu sempre movimenteiei com relação ao sentido do feminismo. É, sempre questioneiei, e aí com o coletivo foi mais uma oportunidade de andar. (Thais Nozue)

Outra experiência semelhante à de Thais foi encontrada na fala de Rogério, do movimento Punk Santista.

[...] eu cheguei a ser bancário durante um tempo e tal. E cheguei a me sindicalizar, enfim. Mas por pouco tempo, assim... Sempre tive interesse por política, é... enfim,

minha noção na política é essa assim, mas a me aprofundar em alguma instituição? Nunca me envolvi não. (Rogério)

Além de Rogério, Walter Falceta Jr., do Coletivo Democracia Corinthiana, antes de participar desse movimento, já possuía experiências de envolvimento em outras frentes de ação.

Desde criança, participei de atividades sociais ligadas à Igreja Católica, como a Sociedade São Vicente de Paula, de apoio às populações social e economicamente vulneráveis. Agreguei-me ao Partido dos Trabalhadores, via Núcleo de Vila Carrão, em 1981, um ano após sua fundação. Atuei na equipe de rádio de duas campanhas de Eduardo Suplicy. Em 1994, fiz parte da assessoria de comunicação de Luiz Inácio Lula da Silva. Fui um dos fundadores e coordenador do Centro Acadêmico Benevides Paixão, da área de Comunicação Social da PUC-SP. Também atuei na gestão do DCE Livríssimo da mesma entidade. Participei de várias outras ações sociais, como em projetos de educação do povo em situação de rua na área do Glicério, no Centro de São Paulo. (Falceta)

Outro entrevistado com experiência parecida a de Falceta foi Wanderlei Laurino, do Ocupa Palestra.

É, o... eu milito no PT, a minha filiação acho que foi em 87, se eu não me engano. Eu militei no PT, eu trabalhei no diretório estadual do partido... conheci a Thelma de Souza, grande Thelma de Souza, uma amiga minha, não digo amizade... amizade seria muita pretensão da minha parte. (Wanderlei)

Anna Olímpia, do mesmo movimento, relata a participação em gestões políticas e em um coletivo denominado “Nós”.

Eu trabalhei, é... no Governo Federal na gestão da Dilma lá por dois anos. Não, por um ano. Um ano e pouquinho, e... no governo, na gestão do Haddad na prefeitura por dois anos. Então assim, é... tive essa vivência de... de ser assessora, é... É... eu até tava... quando começou o Ocupa, eu tava envolvida num coletivo, que é um coletivo que acabou se desfazendo. Mas é um coletivo que auxiliou candidaturas independentes... não independentes, né?! Porque acho que não existe independência, assim, né?! Você quer se ligar a política você tem, cê tem que se filiar, cê tem que seguir o ritual da política, né?! Mas era um coletivo que queria lançar novas candidaturas. É... principalmente de jovens periféricos, mulheres, negros... então, assim... é... o que um apoiasse o outro, formasse uma rede de apoio. E foi bem legal esse movimento. Mas acabou, que por questões internas, ele acabou não evoluindo, não se mantendo. Mas pra última eleição, é... tivemos até alguns candidatos eleitos. (Anna Olímpia)

Ana Trindade, do movimento Palmeiras Livre, relata o oposto dos outros entrevistados. Diferentemente dos anteriores, ela não participava de nenhum movimento de organização civil, sendo o Palmeiras Livre o primeiro. Entretanto, relata a experiência que a fez mudar suas visões sociais.

[...] com 18 anos, foi quando começou esse processo de desconstrução... quando eu vi um amigo, que era gay, se... suicidar porque não aguentava a pressão. E aí eu comecei a desconstruir certas coisas... e aí eu pensei: “Será se eu tivesse, e eu não vou te negar que aquele filme “Cartas para Bob/Orações para Bob”, eu acho que é isso o nome do filme... alguma coisa assim... aquele filme mexeu muito comigo. Quando eu assisti aquele filme, eu pensei “será que é... se eu tivesse feito de fato alguma coisa pelo meu amigo, será que ele não tava aqui hoje?! Será que ele não teria suportado mais?! Entendeu?! E eu simplesmente fiquei muito tempo mal, fiquei pensativa... enfim. E aí, isso, de certa forma, foi bom (usou sinal de aspas) porque...

eu pude fazer esse processo, começar o caminho da desconstrução. Começar a ler, a procurar, porque se não, se não tivesse acontecido, talvez eu fosse a pessoa de antes até hoje. Porque eu não teria tido um... (estalou os dedos) um gatilho... isso... um... um... alguém pra me empurrar. Apesar dele não tá aqui hoje, ele foi responsável por essa desconstrução que eu fiz e não foi pequena. [...] A Palmeiras Livre me abriu esse caminho. Porque fui aí que eu fui conhecer coletivos, é... por exemplo: agora aqui em Manaus, eu faço parte do coletivo “Ana Montenegro”, que é um coletivo de várias mulheres, tipo esse coletivo de mulheres é de vários partidos onde a gente discute é... de tudo. Desde futebol, que todas nós gostamos de futebol, até outras coisas do cotidiano. E... eu acho isso bem interessante, porque não fica... por exemplo: existem mulheres negras, existem mulheres trans, a gente não tem, apesar de ser muito aberto, a gente consegue discutir todas essas pautas. E é importante, porque faz com que a gente aprenda, perceba o sentido da empatia, porque, por exemplo: eu por ser mulher branca, é, posso não saber o que que uma pessoa negra sofre, uma mulher negra sofre (ênfase), ou o que que uma mulher trans sofre. Então eu acho importante essa sintonia da gente, entendeu?! (Ana Trindade)

Diante disso, a transformação das emoções em ação, segundo Castells (2017), deve ser realizada por meio de um canal de comunicação eficaz. A empatia se torna maior em casos semelhantes de emoções negativas.

Em termos concretos, se muitos indivíduos se sentem humilhados, explorados, ignorados ou mal representados, eles estão prontos a transformar sua raiva em ação, tão logo superem o medo. E eles superam o medo pela expressão extrema da raiva, sob a forma de indignação, ao tornarem conhecimento de um evento insuportável ocorrido com alguém com quem se identificam. Essa identificação é mais bem atingida compartilhando-se sentimentos em alguma forma de proximidade criada no processo de comunicação. (CASTELLS, 2017, p. 29)

Portanto, o compartilhamento de experiências de vida e lutas políticas entre os participantes permite que o movimento se fortaleça cada vez mais.

Quanto mais as ideias são geradas de dentro do movimento, com base na experiência dos participantes, mais representativo, entusiástico e esperançoso será ele, e vice-versa. (CASTELLS, 2017, p. 30)

Um canal de comunicação que se tornou eficaz para a formação dos grupos aqui analisados foram as redes sociais, sobretudo o *Facebook*. A partir do uso dessa rede social, os integrantes entrevistados puderam ter o primeiro contato:

É... bem no começo, na verdade. Assim que surgiu a Galo Queer, né?! Em 2013, aí a Ligy, ela criou a página e aí... como eu vi a Galo Queer, eu comecei a pesquisar: “Nossa, será que tem Palmeiras e tal?”. Aí eu achei e aí eu vi um post dizendo que tava precisando de gente pra colaborar com a página. E aí, eu fui a segunda a entrar. Desde 2013, então já faz sete anos que tamo aí. E foi assim o meu primeiro, foi fuçando mesmo na internet. (Thais Nozue)

Ou o canal de comunicação pode ser um grupo de amigos que se reúnem e formam o movimento, caso que ocorreu com o movimento Punk Santista.

[...] o movimento, a gente... é uma reunião de amigos e tal, no começo, enfim. Só pessoas conhecidas ali, e... que a gente tinha em comum de curtir um som punk, de tá ouvindo bandas relacionadas ao movimento Punk. É... isso a gente começou em 2002 e tal, mas aí o projeto não foi pra frente e em 2015 a gente voltou com isso, pensando em acabar, assim, tentar diminuir a “chatice” que tava virando ir pra um

jogo de futebol que é a luta contra esse futebol moderno, né?! E o nosso intuito era ajudar a voltar a festa pra arquibancada, né?! (Rogério)

Assim, cabe ao pesquisador analisar o impacto e influência que os movimentos formados a partir desses aspectos geram nas instituições sociais. Com isso, após esses relatos, tratarei das formas de organização dos movimentos analisados. A exposição dessas estruturas alimentará o debate sobre formas de organização da sociedade civil. De início será abordado o movimento Palmeiras Livre, em seguida, o movimento Punk Santista e, por fim, o Ocupa Palestra.

1.5.1 Palmeiras Livre e a questão LGBTQIA+ nas arquibancadas

O movimento Palmeiras Livre surgiu em 12 de abril de 2013, como uma *fanpage* na rede social *Facebook*, buscando a união de torcedores palmeirenses “desconstruídos” afim de debater questões sociais dentro do ambiente futebolístico. No momento de escrita desta dissertação, a *fanpage* conta com 10.718 curtidas.

Para coletar as informações que a *fanpage* do movimento não me proporcionava, entrei em contato direto, primeiramente, com o *chat* do movimento, explicando os objetivos da pesquisa. Foi dessa maneira que consegui contato com Ana Rita de Cássia dos Santos Trindade, uma das pessoas responsáveis pela administração comunicacional da *fanpage*. Ana tem vinte e sete anos, nasceu e reside em Manaus, capital do estado do Amazonas e atualmente cursa Ciências Sociais. A entrevista com ela foi realizada via Skype e ocorreu dia 19 de setembro de 2019.

Em seguida, buscando mais contatos, entrei em contato com o e-mail disponível na descrição da *fanpage*, pertencendo o e-mail a Thais Gomes da Silva Nozue. Thais Nozue, como prefere ser chamada, nasceu em Araraquara, interior de São Paulo, tem trinta e seis anos e *profissionalmente* trabalha como arte-educadora e fotógrafa. Após o envio do e-mail, Thais prontamente respondeu e marcamos a entrevista presencial que ocorreu no dia 11 de fevereiro de 2020, na área de conveniência do Sesc Consolação, cidade de São Paulo.

Ambas entrevistadas estão no movimento desde o início, o que permitiu que as questões sobre a organização fossem respondidas sem maiores problemas. Diante das respostas, foi possível notar diversas características atribuídas às novas formas de organizações contemporâneas da sociedade civil.

A primeira questão levantada foi como, quando e por que o coletivo surgiu:

O coletivo, na verdade, o coletivo ele nasceu, foi ideia, tipo... an... foi em 2013, né?! E aí, é... a Ligi que é uma moça de Natal-RN tava procurando torcedores do Palmeiras que fossem abertos a... que fossem desconstruídos. [...] E aí quando começou a

demanda dela aumentar, ela disse: “eu não tô conseguindo fazer sozinha”. E aí ela fez uma publicação, na página da Palmeiras Livre, eu acho que é lá do início, não sei se ainda tem essa publicação, mas lá no início, lá... mesmo. Ela simplesmente fez essa publicação e aí quem quisesse, quem “tivesse” interessado entrasse em contato via... inbox, né?! [...] Aí a gente começou a se juntar, começou eu, aí veio a Ligi, que fundou a página, e aí depois veio eu, veio a Thais, aí depois veio as outras, as outras, os outros meninos. Veio a Amara que eu te falei, eu acho, eu acho que já te falei, que ela é uma travesti, veio... aí por último, aí foi entrando, foi entrando o William de Lucca, que ele já até saiu, é... e aí de um ano pra cá mais ou menos começou, a gente teve a ideia, é... de fundar então o coletivo Palmeiras Livre, né?! (Ana Trindade)

Com essa fala, podemos notar a forte influência da internet para a formação do movimento. Primeiramente como uma *fanpage* e, posteriormente, como movimento fora das redes sociais. A partir dessas conexões, foi possível unir pessoas de diversas partes do país para a causa, criando-se, a partir disso, uma descentralização entre os principais membros do movimento.

O contexto de surgimento do Palmeiras Livre representa a ascensão de diversos outros movimentos na sociedade impulsionados pelo uso da internet e influenciados pelos movimentos mundiais dos anos anteriores (2011-2013) que utilizavam, sobretudo, a internet como forma de mobilização e manifestação (ALONSO, 2009; OLIVEIRA, 2019).

Com os movimentos de torcedores foi possível notar uma ascensão desses grupos, tendo o Galo Queer como pioneiro.

Então, surgiu... começou, quem começou o movimento mesmo, acho que foi a Galo, Galo Queer, eu acho que é assim que fala. Que é a torcida do Atlético Mineiro, né?! Aí foi uma torcida é... e aí... apareceu a Galo Queer, a Bambi Tricolor e a Palmeiras Livre. Foram as três, e aí depois veio uma do Corinthians que eu não lembro agora. (Ana Trindade)

É visível uma ascensão de movimentos torcedores que surgiram nesse contexto de 2013, sobretudo movimentos ligados a questão de sexualidade e gênero. Além dessas mencionadas por Ana, surgiram também Cruzeiro Maria, Corinthians Livre, Grêmio Queer, Queerlorando, entre outras.

O debate desses temas está bem claro na descrição da *fanpage*: “um movimento anti-homo e transfobia, contra o racismo e todo tipo de sexismo (os machismos e misoginias em especial), destinado à torcida que mais canta e vibra. Porque paixão pelo Palmeiras não tem nada a ver com intolerância”.¹⁴

Além disso, o nome representa a liberdade dos corpos. O surgimento desses movimentos configura a ascensão do debate em torno de uma heteronormatividade no futebol,

¹⁴ Link de acesso para a página: <https://www.facebook.com/PalmeirasLivre/>

questionando a ideia do “jogo para macho” e reivindicando o direito de participação de mulheres e pessoas LGBTQIA+, historicamente segregadas desse espaço (PINTO, 2018).

Ademais, a descrição das *fanpages* e inúmeras publicações revelam a presença do combate ao racismo. Características das novas organizações contemporâneas, as múltiplas reivindicações constituem uma flexibilidade desse movimento, não possuindo uma pauta única e centralizada (PEREZ; SOUZA, 2017; PENTEADO; OLIVEIRA, 2019).

Embora haja diversas pautas para discussão, Ana revelou que não há um conflito interno perante a isso. Entretanto, segunda ela, há uma divergência em cima das visões político partidárias dos participantes.

Não, o que gera mais conflito interno é a questão político-partidária. Fora, tipo assim, fora essa questão... da visão quanto ao racismo pra gente, no nosso coletivo, o que gera mais atrito é a questão político partidária. Porque tem gente que é do PT, tem gente que é do PSOL, tem gente que é do PTB, tem gente que é... então, né. São visões diferentes, então meio que, às vezes, tem assim umas “faisquinhas”, não encosta. Tem uns debates bem bacanas. (Ana Trindade)

Diante disso, é comum vermos conflitos internos nos grupos, pois a interação social se dá a partir da competição, cooperação e conflito. Contudo, o conflito não precisa ser visto como um elemento negativo.

[...] a cooperação, a competição e o conflito não são, necessariamente, processos distintos e não relacionados. São, sim, fenômenos naturais emergentes das redes sociais. O conflito, por exemplo, pode envolver cooperação, pois há a necessidade de reconhecimento dos antagonistas como adversários. [...] os indivíduos e grupos podem “competir para melhor cooperar. (OGBURN; NIMKOFF *apud* RECUERO, 2009, p. 82)

Embora ocorra essas divergências político-partidárias, o movimento em si não possui alinhamento com nenhuma instituição política, revelando um apartidarismo.

[...] é suprapartidário. Por exemplo: lá tem gente do PT, tem gente do... PSOL, tem gente de vários partidos, entendeu?! Então, assim, somos alas sim de partidos não tem, assim, apenas uma pessoa. Tem gente que é do PDT, tem gente que é de várias coisas. Isso... o coletivo em si não tem. Tanto que, recentemente, houve até o desligamento de um dos membros porque ele vai se candidatar pra vereador ano que vem, o William de Lucca... isso. Aí ele foi... ele se desligou por, pelo mesmo motivo. Porque ele não queria também... sabe, trazer essa coisa, tipo, porque querendo ou não, o William hoje, ele já tem uma certa fama, entendeu?! (Ana Trindade)

Além desse apartidarismo, foi possível notar a diversidade de teorias e ideologias presente no interior do movimento.

[...] a grande maioria é de esquerda. Mas tem, tem anarco, tem marxista, tem ecossocialista, eco trabalhista, tem trabalhistas, tem... enfim. Não tem... é, uma única vertente, entendeu?! (Ana Trindade)

Diante disso, é comum notar que a maioria dos participantes fazem parte de outros movimentos sociais, ações coletivas ou formas de organização da sociedade simultaneamente

com a participação no Palmeiras Livre, criando, dessa maneira, uma rede de atuações flexíveis e compartilhamento de experiências em todas essas participações.

A faixa etária se mostra bastante diversa. Embora estudos como os de Maia (2013) atribuam aos jovens a participação em organizações contemporâneas, isso não é visto no contexto do Palmeiras Livre.

Eu acho que a mais jovem deve ter uns 19 anos, mais ou menos 18 anos. An... eu acho que a mais velha é uma senhora que eu não lembro o nome. [...] É, eu acho que é a mais velha. Olha ela já é mãe... e a filha dela já tem uns vinte e poucos anos. Eu acho que ela tem uns 45. Assim, de 45 a 50. (Ana Trindade)

Embora os jovens tenham mais acesso à internet, acarretando um contato maior com essas novas organizações graças a centralidade nas redes sociais, o depoimento de Ana Trindade nos revela um uso cada vez maior da internet por pessoas mais velhas. Além disso, nos mostra também a eficácia da comunicação do movimento, atingindo um número maior de pessoas.

Outra questão que foi possível notar é a diversidade de classes sociais.

Olha, tipo, a grande maioria é classe média, mas existe gente que tem, que é classe altíssima e tem gente, tipo eu, que sou uma lascada da vida, universitária em tempo integral e não tem dinheiro porque não dá pra trabalhar, né?! Ainda... Tem gente de todo tipo. (Ana Trindade)

Entretanto, dentro dessa diversidade de visões e classes, Thais lamenta que a quantidade de mulheres seja menor que a de homens.

É... ainda, assim... no *WhatsApp* é muito mais homens, né?! É... ainda por essa questão do futebol, né?! Ser um ambiente majoritariamente masculino, ainda tem essa, essa divisão mais diferenciada. E, se eu não me engano, no Facebook, também um pouco mais de homens do que de mulheres, ainda... (Thais Nozue)

O movimento não possui sede, reforçando a ideia de sua centralidade nas redes sociais. Entretanto, mesmo não possuindo um espaço físico, essa centralidade na internet permite ao coletivo uma maior ramificação de contextos e áreas de atuação. Todas as reuniões e debates são realizados on-line. Segundo Hine (2015), é quase impossível desassociar o uso da internet com as redes sociais, com o cotidiano da maioria das pessoas, no conceito de *Everyday Internet* (Internet Cotidiana). O uso dessas ferramentas de comunicação alternativa reforça a ideia de uma “autocomunicação” por parte do movimento (CASTELLS, 2017).

Perante a forma de organização do movimento, notou-se uma horizontalidade. Ana relatou que a organização não depende somente de uma pessoa, portanto não há um líder. Contudo, há a divisão de tarefas entre alguns membros para a realização de algumas atividades, sobretudo nas redes sociais. Quando essa entrevista foi realizada, eram aproximadamente cinquenta membros, sendo cinco responsáveis pela administração.

Olha, líder, líder, oficialmente, não tem. Todos nós temos o mesmo poder de escolha, essa coisa. Mas, quem mais toma a frente é a Thais, né?! Talvez por ela morar em São Paulo e tal, fica mais fácil pra ela. [...] Então, é... assim, tem a Palmeiras Livre, tem o seguidores que são palmeirenses tal, tal, tal, que eles não fazem parte da administração. Parte da administração hoje, faz parte eu, a Jéssica, a Thais, o Maurício... e tem mais alguém que eu não lembro agora. Ai somos nós que fazemos parte desse pequeno grupo que organizamos, entendeu?! As publicações, essas coisas. Tipo, não é todo mundo, que, que frequenta o coletivo que... Que faz publicações. Essas publicações, é um grupo mais seletivo. (Ana Trindade)

Embora ocorra essa divisão de tarefas, Thais revela que é apenas por questão de organização. O movimento se comunica majoritariamente pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp*, onde todos opinam diante das ações a serem praticadas.

É... majoritariamente a gente se comunica pelo *WhatsApp*. Tem dois grupos: o geral e o grupo das pessoas que ficam na administração. Que combinam irem em jogos, em treino, é... agora com a ascensão do futebol feminino, o investimento, né?! Do Palmeiras é... também, pra ir, incentivar. E a gente se comunica majoritariamente pelas redes sociais. [...] Mas sugestões, textos, todo mundo colabora. (Thais Nozue)

Assim posto, revela-se que a questão da cooperação apontada por Recuero (2009) é importante para a continuidade do trabalho do grupo.

A cooperação pode aparecer, por exemplo, na formação de grupos na Internet. *Weblogs* coletivos, por exemplo, são *weblogs* produzidos por um grupo de pessoas. Eles dependem da cooperação entre todos os envolvidos para que continuem a existir, já que é preciso atualizar, ler comentários e, sobretudo, dividir as informações. [...] Esses sistemas são apenas possíveis porque há cooperação entre os indivíduos envolvidos em torno da proposta. (RECUERO, 2009, p. 83)

Castells (2017) afirma que quanto maior a comunicação e compartilhamento de experiências entre os indivíduos, menos hierárquico é o movimento, uma vez que a informação, em teoria, está sempre circulando entre todos os integrantes. Diante disso, não importando, por exemplo, o tempo de atuação no movimento, todos os integrantes possuem poder de fala homogêneo. Em consequência disso, é possível verificar uma estruturação em rede.

Uma estrutura em rede - que é uma alternativa à estrutura piramidal - corresponde também ao que seu próprio nome indica: seus integrantes se ligam horizontalmente a todos os demais, diretamente ou através dos que os cercam. O conjunto resultante é como uma malha de múltiplos fios, que pode se espalhar indefinidamente para todos os lados, sem que nenhum dos seus nós possa ser considerado principal ou central, nem representante dos demais. Não há um “chefe”, o que há é uma vontade coletiva de realizar determinado objetivo. [...] Na estrutura organizacional em rede - horizontal - todos têm o mesmo poder de decisão, porque decidem somente sobre sua própria ação e não sobre a dos outros. Não há dirigentes nem dirigidos, ou os que mandam mais e os que mandam menos. E todos têm o mesmo nível de responsabilidade - que se transforma em corresponsabilidade - na realização dos objetivos da rede. (WHITAKER, 1993, p. 2-3)

Além dessa colaboração entre os membros do movimento, há um diálogo com outros movimentos do Palmeiras. Os movimentos torcedores não enxergam os outros grupos de times rivais como inimigos, mas sim como adversários. Sendo assim, afirmam que a importância do

diálogo. Diante disso, podemos notar a construção de uma rede desses novos atores sociais em um associativismo local (SCHERER-WARREN, 2006).

Olha, a gente tem diálogo com a Porcomunas, com... a Palmeiras Antifa.... Antifascista, antifascista... e com... porque tem o Porcomunas e o Porcominas, né?! (Ana Trindade)

A gente se comunica, tem outros... alguns representantes de vários coletivos do Palmeiras, a gente tem um grupo. E aí acaba conversando com todo os coletivos pra fazer ações: colar lambe-lambe, fazer algum protesto pra... abertura da rua, é... ir todo mundo com segurança, levar bandeira ou não levar, a camiseta vai fazer ou não vai fazer, vai vender ou não vai. Então, montamos um grupo com, pelo dois/três integrantes de cada coletivo do Palmeiras pra poder nos organizar de alguma forma, é... ser maioria, né?! Assim, não irmos só Palmeiras Livre, só Palmeiras Antifascista, só Porcomunas, juntar todo mundo pra ter uma força maior. Hoje, desde o ano passado, a gente tá tendo esse tipo de movimento. (Thais Nozue)

Além disso, foi possível notar o conceito do espaço-híbrido quando o movimento se junta para ocupar ruas ou fazer alguma ação nos ambientes urbanos com outros movimentos semelhantes (CASTELLS, 2017).

Entretanto, abordadas se possuíam diálogo com a Sociedade Esportiva Palmeiras ou com outras torcidas do clube, sobretudo as organizadas, as entrevistadas negaram um envolvimento direto e indireto.

[...] assim, nenhum presidente, de nenhuma organizada, nenhum diretor, nenhuma pessoa do tipo chegou até nós e disse assim: “Ah, vamo fazer uma parceria”. Não, entendeu?! [...] Tipo, pode ser que é... alguma pessoa, é... compartilhe do mesmo pensamento que a gente mas não assuma, entendeu?! Não pra organizada. É bem complicado. (Ana Trindade)

Sempre tem alguém que conhece alguém, que conhece alguém, mas apoio dito verbal... não. (Thais Nozue)

Isso se dá por diversos motivos, dentre eles, os discursos de afirmação de uma heteronormatividade, construídos em cima do futebol e que infelizmente, acaba minimizando o debate para além da bolha social do movimento. Thais aponta para a questão da não abertura de um canal de comunicação com o clube que trate de forma mais direta dos problemas sociais e do próprio Palmeiras:

O interessante era o envolvimento do clube, né?! Mas, enquanto estiverem na direção as pessoas que estão, que se acham donas do Palmeiras, eu acho muito difícil o debate avançar internamente. A gente já tentou algumas vezes organizar mesa de debate, uns bate papos assim. É... mas é difícil andar pra frente porque tem sempre alguma coisa acontecendo no país no momento e que não rola. Mas, eu acredito que, pra que haja mudança, tem que ser de dentro do clube pra fora. Não só por questões financeiras de punições, mas de conscientização, de educação. Eu acho que o que falta mesmo na... essa crise da esquerda que a gente vive no Brasil, é falta da prática, da *praxis* mesmo, como diz a Sabrina Fernandes. É muito discurso e pouca prática. A gente, no caso dos clubes, muito marketing, medo de punição financeira e nada de prática real de conscientização e educação da própria torcida, dos funcionários, do respeito mesmo pra começar de dentro. (Thais Nozue)

Sobre as ações mais efetivas em ambientes urbanos, principalmente no estádio em dias de jogos, aquelas promovidas ou que contam com a presença integral do coletivo acabam parando na questão da violência – trabalharei isso melhor no segundo capítulo. Todavia, apesar da violência sofrida, o nome e as ideias do coletivo são levados por membros em atividades culturais pela cidade. No dia em que entrevistei a Thais, ela estava prestes a participar de uma mesa de debates onde o tema envolvia questões LGBTQIA+ nos esportes, uma vez que para o movimento é importante, segundo Thais, debater questões além do futebol.

A gente tem alguns encontros, quando dá, no OGNA, eu não vou porque eu tenho algumas questões em relação a esse lugar, mas a gente tem representante do coletivo que vai que discute, que debate. A gente já teve lá na Barão de Itararé pra conversar também sobre várias pautas que estão acontecendo no país, especificamente vão além do futebol, o jogo das 22h, é, enfim. A gente procura... fazer com que as pessoas entendam que o futebol faz parte do todo da sociedade e que precisa politizar pra que acabe com esses preconceitos, racismo... no geral. (Thais Nozue)

Diante disso, buscando fortalecer as atuações e em busca de maior apoio, a proposta do coletivo é:

[...] esse ano é fazer um clipe, um *teaser* com todas as nossas participações, de tudo que a gente já participou, fez, em jogos, em é... greves, passeatas, pra poder a gente também ter um tipo de apoio pra poder ir além, não só ficar só na, majoritariamente, nas redes ou escondidos por medo. A gente ainda tem medo, mas a gente quer fazer outros tipos de iniciativas. (Thais Nozue)

Assim sendo, foi possível verificar, por conseguinte de uma forte resistência por parte do clube e de outros torcedores do Palmeiras, que a atuação do coletivo Palmeiras Livre se concentra principalmente nas redes sociais, sobretudo no *Facebook*. Tornado esse um espaço de ativismo digital onde praticam suas experiências torcedoras e de luta, driblam, dessa forma, a imposição construída em cima do futebol como um espaço apolítico e heteronormativo. Assim, por meio da experiência de ações promovidas em rede com outros movimentos torcedores, geram uma visibilidade de seus ideais em cima da contestação de que não são sujeitos torcedores.

1.5.2 Punk Santista: união entre música e futebol

Para a coleta de dados sobre esse movimento, foi realizada uma entrevista com Rogério Demetrius Damasio, principal nome e um dos fundadores do Punk Santista. Rogério nasceu em Ribeirão Pires, tem quarenta e seis anos e é formado em Rádio e Televisão, sendo atualmente sócio proprietário em uma produtora audiovisual. A entrevista foi realizada on-line via Skype no dia sete de fevereiro de 2020. Particularmente, já havia um contato com o movimento, por parte deste pesquisador, via trocas de mensagens sobre a venda de produtos no *Facebook*. Além

disso, o Punk Santista é um movimento do time no qual eu torço. Com isso, o contato para explicar os objetivos da pesquisa foi mais direto e acessível.

O movimento é um pouco anterior ao contexto 2013, em que emergiram diversos movimentos torcedores. Sua origem se deu em 2002, mas apenas como uma reunião entre amigos que possuam o interesse em ouvir bandas relacionadas ao gênero musical punk. Ao longo dos anos, os membros foram perdendo o interesse e só em 2015 voltaram a se reunir com maior frequência. O principal motivo para o retorno do grupo foi o processo de elitização do futebol.

O movimento possui uma *fanpage* no *Facebook* com 2.611 curtidas até o momento da escrita dessa pesquisa e, além de outros pontos que movimento defende, é possível notar a pauta contra a elitização do futebol em uma publicação destacada (fixada no início da linha do tempo onde ocorrem as publicações).

Nossa luta é pelo combate à opressão, desconstruindo pensamentos que afetem minorias em um ambiente tão conservador como o futebol. Nossa luta é contra o futebol moderno e a capitalização extrema do esporte e a forma como querem ganhar dinheiro em cima da paixão do verdadeiro torcedor. [...] Somos contra a violência nos estádios, assim como qualquer tipo de repressão por parte das autoridades, e contra qualquer tipo de preconceito. Somos a favor da festa, da pirotecnia, de ingressos populares...acreditamos que somente com luta e resistência voltaremos a ter um esporte popular dentro e fora das 4 linhas.¹⁵

A partir desse texto, notamos que a pauta contra o “futebol moderno” é central na luta desse movimento e, embora abordem outras questões envolvendo preconceitos sociais, é o *frame* dessa luta anticapitalista que ganha atenção. Isso reflete em algumas postagens no qual o movimento faz a exaltação do “Estádio Urbano Caldeira”, popularmente conhecido como “Vila Belmiro”, posto que, diante de alguns rivais do Estado de São Paulo, o estádio do Santos Futebol Clube não se converteu em uma Arena – visto como a materialização do avanço elitista no futebol. Embora o Santos Futebol Clube seja conhecido mundialmente por seus inúmeros títulos e por ser o “time do Pelé”, o aspecto que passa é de um time de bairro, fortemente ligado à sua comunidade, sendo isso exaltado pelo movimento.

[...] a gente voltou com isso, pensando em acabar, assim, tentar diminuir a “chatice” que tava virando ir pra um jogo de futebol que é a luta contra esse futebol moderno, né?! E o nosso intuito era ajudar a voltar a festa pra arquibancada, né?! Tipo, menos repressão policial, questão de não poder entrar com instrumento, de, sei lá, de jogo de futebol não como uma pessoa vai pra um cinema. (Rogério)

O movimento é registrado como uma torcida organizada e isso se deu, segundo o entrevistado, por um episódio que ocorreu com alguns membros do movimento que foram

¹⁵ Link de acesso à Nota:

<https://www.facebook.com/punksantista/photos/a.1406835686285079/1530896060545707/?type=3&theater>

barrados pela Polícia Militar, responsável pela segurança do jogo, ao tentarem adentrar em um jogo do Santos com bandeiras que identificavam o movimento. Tal fato ocorreu uma vez que, por questões de segurança relacionadas ao controle de acesso e vigilância de comportamentos no interior dos estádios, é necessário o registro de todas as torcidas de um clube nos sistemas da Federação Paulista de Futebol e da Polícia Militar de São Paulo. Em decorrência, para poderem se identificarem com o nome e cores do movimento, seguiu-se o registro e a criação de um CNPJ, registro este que requereu que fosse feita uma divisão hierárquica de vozes responsáveis pelo grupo.

Cara, a gente tem, a gente criou na época uma diretoria pra gente montar, como eu tinha dito, tem CNPJ e tal, essas coisas todas pra poder entrar dentro do estádio. Tem até aquela burocracia toda pra você poder entrar dentro do estádio com uma faixa, enfim. A gente tem toda essa questão aí... (Rogério)

Com isso, diferentemente do movimento anterior, o Punk Santista é registrado como uma torcida oficial, entretanto, essa questão de possuir uma hierarquia se deu unicamente para o registro do movimento nos sistemas oficiais. No dia a dia, a organização horizontal dos membros é que prevalece.

[...] hoje, cara, o movimento ele é bem autônomo, assim, tipo, as ações que a gente faz, a gente senta conversa e tal. Pelo *WhatsApp* ou pessoalmente mesmo e define o que... a minha palavra vale a mesma que a do cara que acabou de entrar, enfim. Não tem essa, um presidente, isso ou aquilo. A gente tem lógico pessoas que são mais presentes, pessoas que são mais ativas. Mas por conta da forma de agir da pessoa mesmo, sabe?! A questão é essa, não existe uma hierarquia de presidente, vice, essas coisas. Documentalmente tem, mas no dia a dia, não. (Rogério)

Além da horizontalidade, presente também no Palmeiras Livre, podemos notar novamente a presença do aplicativo de mensagens *WhatsApp* como um dos principais canais na comunicação do grupo.

Ademais da colaboração no debate e organização, há também o diálogo com outras torcidas do Santos, caracterizando-se, dessa maneira, uma rede de comunicação entre esses atores sociais no âmbito do associativismo local (SCHERER-WARREN, 2006).

Dentro de torcida organizada tem parceiro e tal. Torcida organizada é uma coisa bem grande. A gente tem conversa sim... Outros clubes a gente tem alguma... participei já de grupo de *WhatsApp* de coletivo de torcida e tal, enfim. [...] A gente já participou de evento com outras torcidas e tal. Até lá na rede social nossa, no *Instagram* tem, evento que a gente participou. Tinha cara do Corinthians, do Palmeiras, do São Paulo, enfim. Era um debate, não lembro muito bem o que que era assim. Seminário, eu acho, enfim. [...] conheço um pessoal da Força Jovem, alguns integrantes da Sangue Jovem também, da TUSA, pessoal da TUSA, enfim. Um relacionamento de boa assim com as outras torcidas, sem problema nenhum. (Rogério)

Entretanto, um diálogo com o clube e ações com as outras torcidas organizadas não ocorreram:

Não, não rolou. Esse lance de torcida organizada, cada um tem o seu rolê. Mesmo sendo do mesmo time assim, dificilmente você vê uma união assim, uma junção... [...] Eu tenho um relacionamento com o vice-presidente por conta da época da campanha política, mas ele tá afastado do Santos hoje, enfim. Não faz parte dessa diretoria. Mas em relação a entidade punk, a gente nunca... participei de alguma conversa com diretoria do Santos na época do Modesto Roma. Cheguei a ir lá e tal conversar com, com... o representante que tomava conta do “departamento de torcida”, vamos assim dizer. Recebi alguns e-mails, essas coisas assim. Mas, nessa diretoria, nunca participei de nada. (Rogério)

Essa questão acaba impedindo que o avanço das reivindicações dentro do contexto local do movimento se concretize. O que se observa, diante da fala de Rogério, é uma diversidade de causas que acabam se tornando individuais em um mesmo contexto.

Outra característica notada relacionada às novas organizações contemporâneas é o apartidarismo e o fato de não possuírem uma sede, reforçando a ideia de um movimento bastante autônomo e flexível, não ligado a estruturas político-partidárias.

Não que a gente não debata política. Não é isso. Não que a gente não tenha nossas posições e tal. Mas a gente não tem envolvimento, como você disse, com instituição política. Não tem, cara. Tipo, nem de direita, nem de esquerda, nem de centro, nada. Mas temos as nossas opiniões, enfim. Temos nossos ideais, assim. (Rogério)

Além disso, a faixa etária das pessoas que participam mais ativamente do movimento é, em média, de 30 anos, sendo esses das classes sociais B e C, totalizando em torno de 50 pessoas. Isso revela um caráter mais popular, nos quesitos econômicos, dos membros ativos do movimento.

[...] 50 e poucos integrantes. Não sei te dizer, cara. Mas vamos dizer que seja uma média, uma galera de uns 30 anos, assim. Classe entre C e B, por aí. (Rogério)

Entretanto, o movimento é composto exclusivamente por homens, sendo a presença de mulheres é bastante rara. Um dos motivos pode estar relacionado à questão do machismo estrutural ligado ao futebol e que carrega discursos de virilidade relacionada à figura do sexo masculino.

Cara, então, assim, aí que tá. Basicamente é formado por homens, cara. Tem muito pouca mulher. Tem mulher assim e tal, mas são pouquíssimas, assim. Sei lá, um universo... 5% de mulher, sabe?! Tem, ah, menina que curte... esse nicho nosso a... os homens já não frequentam tanto o estádio de futebol. O punk, o roqueiro não é um cara que vai em jogo de futebol. Ele curte e tal: “vou naquele jogo e tal, beleza!”. Ele prefere ir no show do que num jogo, sabe?! É... a mulher, é menos ainda no nosso nicho, tá ligado? Elas participam muito menos de um jogo de futebol. Por isso que eu acho que tem essa distância, assim. Se for pegar por rede social, tem bastante menina lá e tal. Mas no jogo de futebol, são pouquíssimas, cara. (Rogério)

Diante disso, a partir da pauta de reivindicação e por serem majoritariamente formados por homens, mesmo que não enquadrados na construção do sujeito esperado para o contexto futebolístico – o que mostra o movimento como espaço de sociabilidade – os membros do Punk Santista não sofrem qualquer tipo de violência, seja ela simbólica ou física, ligada diretamente

a eles. Isso foi possível notar na fala do entrevistado, sendo a única resistência relatada relacionada a questão do espaço nas arquibancadas.

Cara, a resistência sempre tem, assim. A gente teve alguns problemas, enfim. Mas... problema de arquibancada, realmente, de... não pode entender muito o que é o movimento, enfim. Problema normal de arquibancada, cara. Que acontece com qualquer tipo de torcida, assim. Qualquer coisa, que você tá pegando um espaço, chegando em algum lugar, você vai ser questionado. Foi mais isso. Mais questão de questionamento. Não que seja contra ou a favor. Lógico que teve gente contra. A favor eu sei que tem. Mas deve ter gente que é contra porque... você não é unanimidade na sociedade em nada, tá ligado? Alguém deve olhar e “pô, o que que tem a ver esses caras?”. Mas, até agora a gente tá aí. Também não dá pra roubar espaços de ninguém. Tamo aí, somente pra somar. (Rogério)

Tal falta de resistência permite uma liberdade um tanto maior na promoção de ações que buscam sanar as reivindicações do movimento se comparado a outros que tem sua pauta ligadas às questões LGBTQIA+, por exemplo. Além disso, a reunião em torno do estádio e identificação dos membros acerca de seu sentimento pelo clube não sofre interferências por parte de outros torcedores.

A atuação do movimento em espaços urbanos e digitais é fragmentada, sobretudo nesse último cenário. Isso se deve a visão sobre as redes sociais que o entrevistado possui.

Cara, eu acho assim. Então a questão de redes sociais, é bacana e tal, mas também não é só a rede social, né cara? Tanta gente que a gente vê em rede social, assim e tal, e não tá presente em jogo. O dia a dia do jogo de futebol é diferente do que você tá vivendo numa rede social. A maioria das pessoas são mais agressivas em rede social, pessoalmente não é, enfim. A rede social é boa, mas tem que ter os limites ali, sabe? A gente ajuda parceiro com campanha, a gente ajuda... tem que se ajudado ali e tal, mas, eu acho, que não é só isso a rede social em si. E outra, a rede social já virou uma coisa mais de divulgação e tal, de mostrar onde você tá. No começo a gente postava... era bem mais ativo na rede social. Aí eu falei pros caras: “Cara, não é assim. Não é isso, porque aqui você emitindo a opinião de qualquer coisa, velho. E outra, você tá emitindo opinião disso, daquilo. Você tá emitindo opinião contra o governo, que seja, sabe?! Beleza. Vamos tirar pela análise que você tá dizendo de 50 pessoas. Tem 50 pessoas, cara. Aí você bota uma opinião lá “Eu sou contra o Bolsonaro”, tá, beleza. E a gente até já se posicionou nessa questão. Mas dessas 50 pessoas, cara. Você pega 10 que vai pro estádio no dia a dia, todos os jogos nesse período. Ou duas, três. Quer dizer, essas duas ou três pessoas que vão ser cobradas por todo mundo, sabe? Quer dizer, eu quero chegar num ponto que o coletivo, ele não é... tipo assim, o dia a dia das coisas é diferente o dia a dia da rede social, cara. É diferente. Eu acho, se você se posicionar na rede social, você tem que sustentar na vida real. E isso é diferente, não é assim tão simples como parece ser. Pelo menos eu penso dessa maneira, eu penso dessa maneira. (Rogério)

Essa visão acarreta diversas questões sobre o impacto da internet no cotidiano das pessoas. Como vimos anteriormente, Hine (2015) nos aponta o crescimento de uma “Internet Cotidiana” vinculada à vida pessoal e profissional dos usuários. Além disso, como já mencionado, Castells (2017) aponta para uma construção de espaços pelos movimentos sociais a partir de um hibridismo:

[...] os movimentos sociais criam um espaço público, um espaço de deliberação que, em última instância, se torna um espaço político [...] Em nossa sociedade, o espaço público dos movimentos sociais é construído como um espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano ocupado: conectando o ciberespaço com o espaço urbano numa interação implacável e constituindo, tecnológica e culturalmente, comunidades instantâneas de prática transformadora. (CASTELLS, 2017, p. 25-26)

Portanto, apesar de Rogério não considerar o uso das redes sociais como uma ferramenta efetiva de ação, para alguns movimentos, esse se torna o único espaço onde podem demonstrar seus posicionamentos e expor seus ideais, sobretudo os grupos que fazem parte da comunidade LGBTQIA+, como o caso do Palmeiras Livre.

Com base nisso, o uso das redes sociais pelo movimento, a partir de sua *fanpage* no *Facebook*, se tornou uma plataforma de compartilhamento em dias que ocorrem jogos do Santos e de bandas do gênero punk:

A questão das músicas é pra tá chamando a galera pro estádio e tal, pra ver o jogo do Santos também. Normalmente a galera que tá relacionada com a gente, é uma galera que curte esse tipo de música. E... também divulgar as bandas, né cara? Que a maioria das bandas que a gente divulga tem componentes santistas. Algumas sim, outras não. E a intenção é divulgar as bandas também. E a gente tem também bastante aceitação por parte das bandas e tal. Parte da galera que curte esse tipo de música. (Rogério)

São publicados clipes musicais com diversos logotipos do movimento juntamente com trechos da música. Essa ação pode ser considerada uma forma de acolhimento, de troca de experiências e de sociabilidade por esses sujeitos sociais, tornando, dessa maneira, o contexto futebolístico mais acessível aos diversos nichos sociais.

Imagem 4 – Publicação Punk Santista



Fonte: Facebook Punk Santista.

Além disso, o entrevistado relata que as ações nos ambientes urbanos já ocorreram, porém não como o desejado. Há inúmeras questões que devem ser levadas em consideração no planejamento e na execução das ações, como a já citada elitização do futebol que busca inibir as manifestações no ambiente interno dos estádios.

A gente tá sempre ali na porta da Vila Belmiro, coloca uma bandeira ali, faz um churrasco, troca uma ideia, faz uma ação, enfim. Já tinha té dito que tem a ação tentar... levar pessoas carentes pro estádio, pegar morador de rua que seja santista. Sim, teve isso, né?! A intenção é fazer isso com mais frequência, né?! Mas é uma coisa que não é tão simples assim de você tá fazendo, enfim. Requer alguma... cê tem que ter mais gente pra poder fazer isso. No começo a gente ficava junto e tal, quando tinha bandeirada no estádio. Mas hoje em dia não, cara. Hoje em dia a gente se encontra, lógico, em determinado local da Vila Belmiro [...] Tem mais o encontro lá fora, lá dentro acaba ficando separado. (Rogério)

Essa fala revela que além da pauta em torno do “futebol moderno”, o coletivo se preocupa com ações sociais com populações em vulnerabilidade social, firmando a questão das múltiplas pautas características das novas organizações contemporâneas.

Em conclusão, pudemos notar que mesmo possuindo características parecidas com as vistas nas organizações contemporâneas, esse movimento santista refuta o uso incisivo das redes sociais como plataforma de manifestação política. Dessa forma, buscam concentrar, embora de forma fragmentada, suas experiências de luta, principalmente contra o “futebol moderno”, nas ruas e estádios em dias de jogos. Por fim, não sofrem tantas pressões de outros torcedores devido à sua imagem e pautas de reivindicações.

1.5.3 Ocupa Palestra, os privilégios e o neoliberalismo no futebol brasileiro

O discurso do neoliberalismo no futebol brasileiro é um assunto que vem tomando, cada vez mais, espaços em programas de mesa redonda, em trabalhos acadêmicos, nas gestões dos clubes nacionais e, sobretudo, nas pautas reivindicatórias de coletivos torcedores, havendo um debate crescente em torno do tema. Embora as mudanças mais significativas comecem a aparecer apenas após a confirmação do Brasil como país-sede da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016, é possível notar, já na década de 90, o avanço de um discurso neoliberal no Atlético Paranaense.

É sabido que o alto preço dos ingressos que, consequentemente, exclui o torcedor com menor poder aquisitivo de ver jogos de seu clube no estádio é apenas uma consequência de toda uma estrutura. Estrutura essa que se sustenta, sobretudo, em argumentos ligados às questões de segurança. Aprofundarei esse debate no terceiro capítulo, mas, por hora, o que cabe aqui é entender como se formou e como se dão as formas organizacionais e as ações promovidas por

esse coletivo que enfrenta, de maneira pormenorizada, as consequências desse discurso em seu clube de coração, o Palmeiras.

Para obter os resultados das hipóteses levantadas sobre esse coletivo, entrevistei dois membros. A primeira entrevista se deu com Wanderlei Laurino, “Derlei”, como também gosta de ser chamado, 51 anos e natural de São Paulo, capital. Realizamos a entrevista via chamada de vídeo no aplicativo de mensagens *WhatsApp* no dia 27 de junho de 2020. A segunda entrevista ocorreu com Anna Olimpia, 33 anos, economista e natural de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Nossa entrevista aconteceu no dia seguinte à de Derlei, ou seja, no dia 28 e, também ocorreu por chamada de vídeo no *WhatsApp*.

Aqui, irei expor questões mais ligadas à organização do coletivo. Abordarei, sem aprofundar, tanto questões como o motivo da criação do coletivo, uma vez que deixarei para trabalhar esses tópicos com maior profundidade no terceiro capítulo, já que os motivos de criação desse grupo têm ligação direta com o que tratarei no último capítulo desta dissertação. Não que os motivos dos outros coletivos não cumpram esse requisito, mas no Ocupa Palestra, as pautas reivindicatórias são mais focadas em um determinado assunto. É possível notar inúmeras semelhanças com os outros coletivos analisados – claro que cada um possui sua particularidade devido ao contexto em que estão inseridos –, mas também as diferenças são bem nítidas, principalmente devido as pautas que o Ocupa defende.

O Ocupa Palestra surgiu no final de 2016 e, no momento de escrita desta dissertação, sua *fanpage* no *Facebook* possui 4.027 curtidas. O coletivo está presente em outras redes sociais também, mas o foco da pesquisa é o *Facebook*. O motivo da criação se deu *após* alguns membros se depararem com um cerco promovido pela Polícia Militar e pelos órgãos públicos responsáveis pela segurança municipal. Aqui, já é possível notar um dos discursos que acompanham a estrutura de elitização do futebol atualmente: a segurança e, também, o envolvimento de órgãos públicos nesse esquema.

Esse cerco ocorreu pela primeira vez no dia 26 de outubro de 2016, em uma partida válida pelo Campeonato Brasileiro da série A, onde o Palmeiras recebeu no Allianz Parque o Sport Clube do Recife. Além de aumentar a questão da segurança, um outro motivo para o cerco foi tentar barrar os cambistas e vendedores ambulantes sem regulamentação da prefeitura para atuar naquela área. Em declaração, o presidente o clube palestrino na época, Paulo Nobre, confirmou isso:

Há tempos pedíamos à Polícia Militar e ao Ministério Público que tomassem alguma atitude em relação à Rua Palestra Itália. Havia muitos furtos de celulares e carteiras,

e muitos cambistas. Tivemos a experiência no jogo contra o Sport e soubemos que o número de roubos e fraudes com ingressos foi reduzido.¹⁶

Atitude válida de segurança, pois quem gostaria de ser furtado ou enganado no dia de ver seu clube do coração? Entretanto, o cerco impede a concentração de torcedores e a festa nesse período pré-jogo, um evento tão comum nas culturas torcedoras ao redor do mundo – muitos desses torcedores que, na maioria das vezes, não conseguem entrar no estádio, vão apenas pela festa e para poder acompanhar ao jogo do lado de fora em algum bar ou estabelecimento com os amigos. O momento pré-jogo é onde torcidas organizadas, torcedores uniformizados e outros se reúnem para celebrar e receber o time em sua chegada ao estádio. Tal evento acaba se tornando mais limitado no momento em que uma das demandas do cerco é possuir o ingresso do jogo para poder acessar essa barreira formada por policiais militares. Essa medida, de certa forma, acaba fragmentando a sociabilidade torcedora, sendo esse é um dos motivos para a fundação do grupo. Além disso, o coletivo afirma que o cerco se torna uma medida inconstitucional no momento em que impede o direito de ir e vir das pessoas.

E no final de 2016 o... a gente foi surpreendido... num Palmeiras e Sport, se não me engano. E tinha um cerco na rua... e só podia passar por esse cerco quem tinha ingresso pra aquele portão. Que é o Portão A. E a gente, entre uns amigos ali, a gente meio que se revoltou com essa... com essa atitude pra gente era totalmente inconstitucional, inclusive tirando o direito de ir e vir... a gente acha um absurdo. (Wanderlei)

Além da questão do cerco, o coletivo posiciona-se fortemente contra o preço abusivo dos ingressos na Arena do Palmeiras, constituindo, essas duas pautas como os dois pilares fundamentais da luta do Ocupa Palestra. Aprofundarei, como mencionei anteriormente, essas questões no terceiro capítulo, onde também serão expostas e analisadas as ações promovidas por esse grupo.

A respeito do modo organizacional do Ocupa Palestra, foi possível notar inúmeras semelhanças que foram apresentadas anteriormente na análise dos outros grupos. Nesse sentido, o Ocupa tem sua organização em forma horizontal, sem um líder definido, havendo, no entanto, a divisão de tarefas em grupos específicos. São nesses grupos que se encontram o pessoal mais engajado:

É, a gente é bem horizontal. Tem assim: um grupo que a gente construiu que é o que a gente chama de Coordenação, que são as pessoas que tão ali mais engajadas com o movimento. (Anna Olímpia)
[...] a gente criou os grupos de trabalho, né?! Então tem o grupo da comunicação, tem o grupo jurídico, tem o grupo de articulação política, tem alguns grupos... então quando tem alguma demanda, a gente caminha pra esses grupos, né?! Fazer um post sobre não sei o que... a comunicação cria a arte, discute no... no diretivo qual vai ser

¹⁶ Matéria disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/645091_paulo-nobre-afirma-ser-a-favor-de-cerco-ao-redor-do-allianz-parque. Acesso em 2 de julho de 2020.

o texto, manda pro “grupão” pra ver o que o “grupão” acha... Então, mas enfim. A gente tem os grupos de trabalho. Então cada grupo de trabalho tem a sua demanda, vamos dizer assim, né?! (Wanderlei)

Além dessa divisão, Wanderlei relatou que os grupos de trabalho possuem uma certa autonomia diante do resto do coletivo, chegando a fazer reuniões isoladas do resto do grupo.

A comunicação parece que fez uma reunião, uns quinze dias atrás, pra mudar algumas coisas da comunicação. Então aproveitar esse período meio, meio... morto, digamos assim, né?! Então parece que eles fizeram uma reunião quinze dias atrás também, eles tavam vendo essa questão. É... então, às vezes, os grupos fazem esse tipo de reunião. Às vezes, o diretivo faz uma reunião e, às vezes, faz uma reunião “abertona” pra que quiser... pra quem quiser colar, participar. A gente tava pensando em fazer umas coisas diferentes, de fazer essas reuniões pré-jogo, fazer uma coisa mais atrativa pra trazer, pra atrair mais gente pra papear, um churrasquinho... É... enfim. (Wanderlei)

E também devido à algumas demandas exigirem uma resposta mais rápida, como por exemplo, publicações nas redes sociais, que os responsáveis tomam a frente e estipulam um tempo menor para discussão no “grupão”.

Às vezes tem demanda que a gente não pode perder o “timing”, né?! Então, tem coisas que jogar no “grupão” vai ficar uma discussão de 48 horas. Tem coisas que é legal jogar no grupo pra ser o mais democrático, impossível. Mas tem coisas que 48 horas é muito tempo, né?! Então, a gente meio que tira uma linha, joga no “grupão” e avisa: meio-dia vai fechar essa discussão. Dar no que deu vai ter que caminhar, pra não perder o “timing” da coisa. (Wanderlei)

A comunicação se dá, sobretudo, por esse “grupão” no aplicativo de mensagens WhatsApp, sendo esse o principal espaço de debate para discutir as ações e publicações na internet. Além disso, o coletivo não possui sede, girando as reuniões formais e informais, segundo os entrevistados, de casa em casa ou bar em bar.

Não, não... [sobre não possuírem sede] a gente... e as reuniões vão pulando. Às vezes faz no bar que eu trabalho... às vezes faz na casa da “Anninha”, às vezes faz na casa do Gama, às vezes faz, né?!... A coisa vai meio que girando, né?! Dependendo... (Wanderlei)

O coletivo é bastante presente nas redes sociais, sendo esse o principal canal usado pelo grupo para expor suas opiniões e compartilhar ideias de forma mais aberta. A dinâmica para alimentar os ambientes on-line conta com essa linha apresentada anteriormente dos grupos de trabalho.

É, geralmente, o que acontece: chega uma demanda no nosso grupo, digamos, vamos chamar assim: administrativo, sei lá. Que é o grupo mais da coordenação. Então alguém traz uma demanda lá: olha gente, a gente tá precisando soltar uma nota de não sei o que. Ah, então vamos falar com não sei quem de tal grupo... ó, agita lá de tal grupo isso, agita lá de tal grupo aquilo... e assim que as coisas caminham, entendeu?! (Wanderlei)

Sobre as redes sociais, sobretudo o *Facebook*, o coletivo o enxerga como uma ferramenta essencial no sentido de criar redes de comunicação e contato ao redor do país.

Mas, é... é uma ferramenta importantíssima, né?! Sem dúvida nenhuma, a gente cresceu muito por causa das redes sociais. Eu não sei se você assistiu a primeira *live*, se você já acompanhou... a gente tem uma *live* no *Youtube*. Sim, mas se você quiser depois dar uma olhadinha, a gente procurou fazer uma coisa meio curta, tem uma hora e pouquinho. Participa eu, o Vlad e o Moncau, que é um dos conselheiros. A gente... é... a primeira que veio, veio do Rio Grande do Sul. Olha que legal, cara, sabe?! Então, é óbvio, que se não fossem as redes sociais a gente não conseguiria atingir o Rio Grande do Sul, cara. Então é muito legal isso, você consegue atingir uma, um... muitos palmeirenses que querem colaborar, não sabem como, não tem ideia, mas querem colaborar... eles compartilham as nossas ideias, eles têm os mesmos ideais, então é muito legal... é muito bacana. (Wanderlei)

No entanto, as ações promovidas pelo Ocupa não se restringem unicamente às redes sociais e, diferente dos outros coletivos analisados, ele possui um contato mais acessível com a hierarquia interna do Palmeiras e com as torcidas organizadas do clube. Segundo Anna, a linha de atuação está buscando cada vez mais um diálogo com os torcedores mais afetados pelo cerco e ingressos caros.

[...] a nossa linha de atuação sempre foi mais é... conversar com todo os, os... é... as pessoas afetadas, é... então assim: a gente fez conversa com a diretoria do Palmeiras, a gente conversou com o presidente Maurício Galiotte, a gente conversou com os comerciantes, a gente conversou com a Mancha Verde, a gente conversou com a TUP [Torcida Uniformizada do Palmeiras], é... a gente chegou a conversar com a Secretária de Segurança do Estado de São Paulo... é... a gente, enfim, fez uma série, aí roda... e a gente também tem soltando notas que a gente compartilha com a imprensa e a imprensa acaba divulgando. (Anna Olimpia)

Com essa fala é possível notar que o grupo possui um contato direto com a imprensa, o que acaba facilitando ainda mais a divulgação das ações promovidas por eles. Além disso, entre os integrantes há três conselheiros palmeirenses que colaboram com o Ocupa tentando levar as reivindicações para serem debatidas internamente na estrutura do clube.

Aí o Ocupa também começou a... a... militar, vamos dizer assim, internamente no Palmeiras, né?! Nós temos três conselheiros, dos 300 conselheiros, nós temos três que estão com a gente, né?! E esses três conselheiros procuram... ajudar nas nossas demandas, procuram... então, enfim. A gente procura trabalhar esse lado interno do Palmeiras, mesmo sabendo o quão complicado que é. (Wanderlei)

No entanto, a presença desses conselheiros não é sinônimo de sucesso nas ações, uma vez que a estrutura interna do clube é muito engessada e é também onde diversos privilégios são mantidos. Mais adiante, também no terceiro capítulo, abordarei a questão da política interna do clube.

Apesar disso, na fala anterior da Anna, foi possível notar um forte diálogo com as torcidas organizadas, algo que não ocorre com o outro coletivo palmeirense.

A gente participou, inclusive da “TV Mancha”, faz um ano e pouco. Eu e a Anninha, por sinal. Que foi pra gente explicar as nossas demandas também fomos super bem recebidos lá pelo André Guerra, pelo “Magrão”, todo mundo lá, foi bacana pra caramba, entendeu?! (Wanderlei)
[...] o pessoal é muito receptivo, as pautas que a gente trás, sabe?! É... e... a TUP, a gente, acho que estreitou mais relação com a TUP porque a loja da TUP ficava na

Caraíbas, né?! Tinha uma questão física que facilitava, a convivência, é... e com a Mancha Verde, a gente... a gente... fez uma conversa lá com o Paulo Serdan, que é... ele tá hoje mais na Escola de Samba e é conselheiro do Palmeiras, então ele tem... é... ele é um cara mais velho, tá lá há muito tempo, né?! E daí, nessa reunião veio o presidente atual e os dois vice-presidentes, é... e eles foram muito receptivos nessas questões, perceberam que a gente tava ali com o debate bem qualificado com argumentos qualificados. (Anna Olimpia)

Uma hipótese do que possa favorecer esse diálogo são as pautas que o coletivo reivindica. Por serem pautas mais amplas, que não abrangem questões específicas de marcadores sociais como são as questões ligadas a sexualidade e gênero no futebol – pautas presentes no Palmeiras Livre, por exemplo –, acabam se tornando mais aberto as possibilidades de ações conjuntas. Isso aparece na fala de Wanderlei.

[...] as bandeiras do Ocupa são inatingíveis... quem vai defender ingresso caro? Mesmo quem defendia o maldito cerco no começo, se arrependeu. Que alguns comerciantes da, da região, no começo, eles achavam o cerco importante pra inibir o ambulante. Só o que que aconteceu: o cerco tirou o cliente dele. Tirou o ambulante, mas tirou o cliente. Então, mesmo os comerciantes mais reacionários que tinham ali eles também caíram do muro. Então, as bandeiras do Ocupa, são bandeiras que, sabe?! Não tem como as pessoas serem contra. [...] com o Ocupa, as bandeiras do Ocupa são meio que... que unanimidade no torcedor palmeirense, né?! (Wanderlei)

E isso é reconhecido pelo coletivo:

Agora, os coletivos de esquerda, tem problemas muito mais sérios, né?! De ameaça, de violência [...] pessoal da P16 eles tem uma organização também que eles tomam um “puta” de um cuidado... que eles são tá ação antifa de São Paulo... então eles seguem a ação antifa e, então eles têm a segurança deles, muita gente que é da P16 eu também não sei que é e nem quero saber também, enfim. Né, deixa deles... mas então assim, pro... pra esse pessoal é muito mais pesado, a gente sabe que é muito mais pesado... Porcomunas, vira e mexe, cê você entrar no *Twitter* do Porcomunas você vai ver lá xingamento até uma hora. É um negócio, mais... mais complicado. O Ocupa não, porque são bandeiras que eles não têm como atacar, né?! Então fica um negócio mais tranquilo pro Ocupa. (Wanderlei)

Portanto, além de possuírem opções de diálogo internos com a estrutura do clube – conseguindo até mesmo conversar com o atual presidente, Mauricio Galliotte –, um contato maior com as torcidas organizadas e abordar pautas mais amplas que criam debates mais unânimes, o coletivo não sofre ameaças ou investidas violentas. E, além de tudo, o Ocupa possui membros que participam de algumas torcidas organizadas do Palmeiras.

[...] o Ocupa tem gente da Torcida Uniformizada, tem gente da Mancha, tem gente da TUP, tem gente da “Rasta”, tem gente, enfim. (Wanderlei)

O Ocupa não possui ligação institucional com partidos políticos, sendo um grupo apartidário. Entretanto, os membros possuem suas posições político-ideológicas, sendo um movimento bastante heterogêneo, mas conciso nas lutas de caráter progressistas.

O grupo é bem heterogêneo, assim. Bastante heterogêneo. Então tem uma galera, assim, mais é... mais centro, tem outras pessoas, mais esquerda, né?! Mas assim, acho que como Ocupa mesmo, a gente tá, assim... a gente tem uma visão acho que bem pragmática da política assim... acho que a gente não tem... é... acho que todo mundo

lá é progressista, então a gente... é... acho que em comum a gente tem isso. (Anna Olimpia)

Cê tem de gente do PDT a gente do PCO, entendeu?! Eu sou filiado ao PT, faz tempo que eu não milito, milito pra valer, faz muito tempo. (Wanderlei)

A quantidade de membros é algo relativo às novas organizações da sociedade civil, uma vez que a grande maioria possui grupos de trabalhos e divisão de tarefas internas. Isso acaba engajando uma parcela enquanto a outra parte fica mais apartada de algumas ações e, segundo Anna, isso se faz presente no Ocupa. Embora possuam mais de cem pessoas no “grupão” do WhatsApp, quem está nas divisões de tarefas representa uma porcentagem menor de membros.

[...] a gente tem um grupo de *WhatsApp*, né?! Lá tem mais de cem pessoas, mas efetivamente quem trabalha, quem bota a mão na massa, aí deve dar no máximo uns... quinze a vinte, sabe?! (Anna Olimpia)

E, mesmo possuindo esse número seletivo de participantes, a maioria são de homens. Apesar das mulheres, segundo Anna, serem mais participativas, são em menor número, o que, infelizmente, acaba reafirmando o discurso construído em cima do futebol como jogo masculino, dentro e além das quatro linhas.

Ah, eu acho que deve dar, sinceramente, 10% de mulheres. Não é muito. É que sabe o que acontece? O que eu acho que acontece é assim: o grupo de Coordenação, não. O grupo de Coordenação é praticamente meio a meio. É... então do grupo que é mais ativo, vamos colocar aí que 20% é mulher, sabe?! Mas assim: acho que fica um pouco essa imagem porque eu sou muito ativa no grupo. Então, fica essa figura de ter mulher no grupo. Mas é mais porque eu tô lá, sempre agitando, fazendo coisa. (Anna Olimpia)

Sobre a classe social das pessoas que participam do coletivo, é possível encontrar uma variedade, aspecto visto nos outros coletivos analisados. Assim, o coletivo acaba se tornando um microcosmo social e da torcida palmeirense, segundo Wanderlei. Também observamos esse aspecto na idade dos participantes do movimento que, variando a faixa etária entre 30 a 60 anos, expande a ideia de que os coletivos são organizações onde se tem, majoritariamente, a participação de jovens (MAIA, 2013).

Ah, tem de tudo. A gente acaba sendo um microcosmo da torcida do Palmeiras. Então, tem gente que tem uma condição financeira melhor, até gente que tem uma condição... pior, né?! A gente tem de tudo. É um microcosmo mesmo da torcida. [...] Então, você tem... claro que uma minoria que tá numa situação melhor e a pirâmide vai descendo como... em qualquer grupo que você for pesquisar vai dar isso. E lá também... eu acredito que seja mais ou menos isso. Tem de tudo. (Wanderlei)

Podemos concluir, a partir das falas dos entrevistados, que o Ocupa Palestra possui características organizacionais bastante semelhantes aos grupos anteriormente expostos. Entretanto, como aborda pautas mais amplas, há uma unanimidade nessa questão, o que faz com que o coletivo não sofra ataques ou ameaças por parte de outros torcedores ou das torcidas

organizadas do time palestrino – inclusive possuem membros e diálogo com as organizadas. Além disso, possui, mesmo que limitado, um contato maior com a estrutura interna do clube, sendo esse um dos alvos de suas ações: a mudança da política e estrutura do clube. Sobre as ações, como será aprofundado, é possível afirmar que se caracterizam por ações em espaço-híbrido, no on-line e off-line (CASTELLS, 2017). Por fim, suas pautas demonstram a amplitude dos temas e reivindicações das novas formas de organização da sociedade civil.

1.5.4 Coletivo Democracia Corinthiana (CDC): passado e presente de lutas

Sendo um dos grupos com maior presença nas arquibancadas e ruas, o Coletivo Democracia Corinthiana surgiu em meados de março de 2016 trazendo o nome do notório movimento da época da ditadura militar. Assim como o movimento da década de 80, o recente grupo surgiu em um contexto de conflito político-social. Walter Falceta Jr., de 57 anos, paulistano e jornalista, explica como se deu o início do coletivo.

Ocorreu em março de 2016, quando percebemos que vários corinthianos pretendiam estar presentes em um ato na Avenida Paulista contra o Golpe de Estado. Sabendo disso, mandamos confeccionar uma faixa (Democracia Corinthians Contra o Golpe) e marcamos o ponto de encontro, na frente do Banco Safra. Pensávamos que umas 15 pessoas apareceriam por lá. No fim, mais de 100 companheiras e companheiros se aglutinaram na manifestação. Descobrimos que tínhamos algo em comum, a paixão pelo Corinthians, o respeito por seus princípios originais e o desejo de lutar por um país mais justo, igualitário e solidário. A receita dos operários do Bom Retiro, de 1910, servia para os tempos atuais. (Falceta)

Após esse dia, Falceta e outras pessoas foram responsáveis pela criação de um dos mais influentes coletivos de torcedores atuante no país. Um grupo que ajuda a carregar a mística do Sport Club Corinthians Paulista como um clube do povo, logo, um clube que abriga e representa a diversidade das camadas sociais mais baixas desde sua fundação, em 1910. É impossível falar em futebol e não citar o time do Corinthians. Um clube de sucesso internacional, que possui no currículo grandes títulos e por onde passaram grandes jogadores é também um clube que é ligado à gente humilde, trabalhadora, à classe proletária da cidade de São Paulo. E essa ligação histórica, automaticamente, cria a consciência do clube como um símbolo da luta contra opressões, injustiças e desigualdades presentes na sociedade.

Além da história de origem do clube, há a criação do movimento de jogadores, já mencionado anteriormente, que enaltece essa mística de um clube ligado às causas sociais. No entanto, é necessário um certo cuidado quando nos referimos ao Corinthians sob esse prisma, debate que realizarei um pouco mais à frente. O que cabe agora é expor as origens, as estruturas de organização e a ação do Coletivo Democracia Corinthiana.

Para coletar as informações necessárias para esta pesquisa, entrei em contato direto com o movimento a partir de sua *fanpage* na rede social *Facebook*, a princípio não obtendo resposta. Diante disso, contatei meu orientador, Luiz Antonio Dias, coordenador do programa de pós-graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que me compartilhou o contato de Walter Falceta Jr. Como se tratava de um objeto de análise de suma importância para a pesquisa, foi feita a escolha de aplicar esse contato mais direto. Com isso, a partir do aplicativo de mensagens *WhatsApp*, pude conversar com Falceta e explicar os objetivos da pesquisa. O mesmo aceitou conceder uma entrevista, no entanto, por questões de segurança, o formato da entrevista foi diferente do que vinha sendo aplicando até então.

Ao contrário das outras entrevistas que foram realizadas de forma remota e no estilo semiestruturado, a que ocorreu com Falceta seguiu o método estruturado, uma vez que o entrevistado pediu que lhe fossem enviadas as questões via e-mail para que ele mesmo respondesse, sem intervenções do pesquisador. Infelizmente, diferentemente do método semiestruturado, esse procedimento de entrevista não permite uma troca de afetos e memórias entre as duas partes, apesar das respostas obtidas atenderam aos objetivos da pesquisa.

O Coletivo Democracia Corinthians se põe como um dos mais completos movimentos de resgate de memória do clube e de combate às desigualdades e preconceitos sociais. Segunda Falceta, o coletivo tem por objetivo

[...] resgatar os valores de igualdade, solidariedade e justiça que marcaram a fundação do Sport Club Corinthians Paulista, em 1910. A luta de hoje agrega também o combate ao racismo, ao machismo e à homofobia. Defendemos a democracia e acreditamos que atividades culturais e educativas podem ajudar a difundir esses valores na sociedade, de modo especial entre a grande massa corinthiana. (Falceta)

Em diversas falas do entrevistado, é possível notar a exaltação do “ser corinthiano” e do resgate constante das origens do clube. O próprio Corinthians cunhou, em uma campanha realizada no de ano de 2019, um termo denominado “corinthianismo”, visto como uma religião do clube paulista. Segundo Hilário Franco Jr., o futebol deve ser visto como uma metáfora religiosa onde os clubes representam diversos valores a serem seguidos por seus torcedores.

Se o futebol é religião e cada clube divindade, toda partida é rito, [...] isto é, conjunto de atos repetitivos que se supõe estabelecer ou recuperar certa ordenação cósmica ou humana. [...] A missa é a mesma na Notre-Dame de Paris ou na igreja paroquial de uma pequena cidade do interior de Honduras. [...] O futebol é o mesmo, jogado no Maracanã ou no campinho de um time amador de qualquer canto do mundo. [...] Quando se está no santuário/estádio, o futebol é sem dúvida atividade sagrada. Fora dele, torna-se atividade literalmente profana: *pro* (“diante de”, “no exterior de”) e *fanum* (“templo”). Ou seja, excetuados os fanáticos (“pertencentes ao templo”), aqueles cegados pela paixão, o torcedor fora do estádio recupera a consciência individual e racional – sem negar, é claro, sua adesão ao clube do coração – e convive perfeitamente com fiéis de outros clubes. (FRANCO JR., 2007, p. 270-280)

Entre os valores da religião “corinthianismo”, estão dez mandamentos que devem ser seguidos fielmente pelos torcedores alvinegros: (1) “Amar o Corinthians acima de qualquer resultado, partida e jogador”; (2) “Nada é mais importante do que o jogo do Corinthians”; (3) “Aqui é Corinthians. Aqui é na raça”; (4) “A Fiel não vaia. A Fiel apoia os 90 minutos”; (5) “Nossas glórias mil são contra tudo e contra todos”; (6) “O bando grita mais forte quando o Timão está perdendo”; (7) “Sofredor hoje. Sofredor amanhã. Sofredor pra sempre. Graças a Deus”; (8) “Este time só tem um dono. Este time é do povo”; (9) “Eu nunca vou te abandonar. Porque eu te amo”; (10) “Vai, Corinthians!”.¹⁷

Além disso, a torcida do clube é conhecida como “Fiel Torcida” e o santo padroeiro é São Jorge, o santo das causas impossíveis. Sabemos que o futebol invoca, a todo momento, o irracional através de superstições e através da religião em si, mas a torcida do Corinthians eleva isso a um outro nível de comprometimento.

Além do resgate e exaltação a memória do clube, o coletivo busca combater, assim como os outros grupos aqui expostos, o racismo, o machismo e a homofobia na sociedade e, sobretudo, no espaço futebolístico. Com isso, nota-se a diversidade de pautas presentes no cotidiano de luta do grupo.

Ademais da inspiração do movimento de jogadores da década de 1980, o coletivo conta com outras inspirações que formam a sua base de militância. Falceta destaca essas influências.

Antes da fundação do CDC, já tinham sido criados proto-movimentos dessa natureza, como a Resistência Corinthiana, a Brigada Miguel Battaglia e o grupo Barbearia Battaglia (ainda existente no *Facebook*), que já realizavam atividades de preservação da memória corinthianista. Outra inspiração foi o trabalho pastoral de Dom Paulo Evaristo Arns, corinthiano que foi cardeal de São Paulo. [...] Em 2015, já havia sido criado o Núcleo de Estudos do Corinthians (NECO), instância ligada ao Departamento Cultural do clube. Vários de seus membros engrossaram, já em 2016, as fileiras do CDC. (Falceta)

Com essa fala, podemos notar a existência de diversos outros grupos anteriores, com intuito, principalmente, de conservar a memória do clube, e também, o contato dessas pessoas com diversos outros movimentos, construindo dessa maneira uma rede ampla de ação.

As características organizacionais do grupo, apesar do nome, são as que menos se assemelham às de um coletivo. Há um conselho diretivo e grupos especializados para organizar e realizar as tarefas. O próprio entrevistado foi o primeiro presidente eleito pelos outros membros. A partir disso, é possível afirmar que embora haja generalizações em torno do termo coletivo, é necessário analisar cada caso e identificar as nuances presentes. Embora se coloquem

¹⁷ Acesso dos mandamentos em: <https://www.torcedores.com/noticias/2019/02/dez-mandamentos-do-corinthians>

como mais horizontais e autônomos, tais características, muitas vezes, não são apresentadas de forma integral (PEREZ, 2019).

Fui eleito o primeiro presidente do CDC, em gestão dividida com a professora Juliana Felício. [...] Hoje, o CDC tem um conselho diretivo, eleito por todos os associados, com quotas proporcionais para negros, mulheres e LGBTQIA+. Todos os membros, no entanto, são livres para assumir e realizar projetos nos campos cultural, esportivo e educativo. (Falceta)

Com isso, é possível notar um exercício que mistura democracia direta onde todos possuem direito de participar efetivamente em projetos, e democracia representativa, onde os membros fazem votações para escolher seus representantes em determinadas áreas de atuação. Além disso, existe uma política de inclusão social de grupos taxados como “minorias sociais”. Interessante notar que além de encontrarem barreiras no contexto social, esses grupos, como veremos, não deixam de sofrer com a omissão e preconceitos pela sua existência também no contexto futebolístico.

Além de fomentar essa inclusão social desses grupos minoritários no contexto futebolístico e social,¹⁸ o movimento busca atuar com jovens em situação de vulnerabilidade social.

Há quatro anos, o CDC atua em projetos de reinserção social de jovens em conflito com a lei, promovendo atividades em Medidas Socioeducativas (MSEs). Promove dinâmicas de debates com os jovens, torneios esportivos e cursos para assistentes sociais e psicólogos, de forma a permitir que o esporte seja um instrumento efetivo de reinclusão social. (Falceta)

E, embora não se enquadrem nas características presente no termo coletivo, a ideia de rede de contatos, muito presente nesse tipo de organização, aparece na fala do entrevistado sobre o que é ser um coletivo para o grupo.

É utilizar a mística gregária corinthianista para aprimorar a sociedade. É atuar em parceria com movimentos e instituições em atividades de conscientização, emancipação e educação das massas. (Falceta)

Foi possível também notar essa rede de contatos quando se questionou se há um diálogo com outras torcidas e coletivos do clube e de outros times.

[...] participamos eventualmente de debates com organizadas. Ajudamos na composição do memorial dos Gaviões da Fiel. Desfilamos no Carnaval com a Camisa 12, no enredo crítico que tratava do descaso com a educação e a figura do professor. Temos relação cooperativa com a Coringão Antifa. (Falceta)

Entretanto, não há um diálogo com a atual diretoria do clube, apenas com o ex-presidente. Falceta aponta que a razão disso está no desinteresse do atual presidente, Andrés Sanchez, para com os movimentos com essas características não convencionais.

¹⁸ Embora os dois não andem separados.

Não. Porque o grupo de Andrés Sanchez nunca reconheceu a importância de movimentos dessa natureza. Hoje, temos diálogo aberto com o ex-presidente Mario Gobbi (2012 – 2015), candidato na eleição que ocorrerá em 28 de novembro de 2020. (Falceta)

Além disso, outras características se fazem presentes no movimento, como, por exemplo, o apartidarismo e a mistura ideológica por parte dos membros.

O CDC se situa no campo progressista, misturando diversas tendências de pensamento. Há anarquistas convictos, comunistas, socialistas, adeptos da social-democracia e pessoas sem filiação ideológica, empenhadas somente em trabalhar por uma sociedade mais justa, igual e inclusiva. [...] psolistas, adeptos do PCdoB, seguidores da social-democracia e pessoas sem partido. (Falceta)

Outra característica presente nesse e nos outros movimentos anteriores foi o fato de não possuírem uma sede, frisando uma autonomia diante de espaços fixos de atuação. O que ocorre, no entanto, com o CDC é a realização de atividades no Espaço Cultural Latino Americano (ECLA), além, claro, dos espaços das ruas, estádios e os ambientes virtuais.

Acerca da relação da quantidade de membros, não possível saber de forma exata. Por questões de segurança, o coletivo resolveu não revelar. Entretanto, Falceta relatou que o grupo de *Facebook* possui 2,1 mil membros, além da *fanpage* que possui, até o momento de escrita desta pesquisa, 25.080 usuários que acompanham as publicações do coletivo. Segundo Falceta, homens e mulheres possuem participação proporcional e, além disso, foi possível notar uma variedade no perfil socioeconômico dos membros.

[...] há gente das “quebradas”, operários de fábrica (como da subdesdes do ABC), uberistas, empacotadores de supermercado, desempregados, programadores de computadores, jornalistas, advogados e médicos. (Falceta)

A respeito do uso das redes sociais, o coletivo destaca o importante uso dessas como meio de difundir um conteúdo crítico, analítico e informativo acerca das questões encontradas no cotidiano da sociedade. Além disso, Falceta destaca que as redes sociais são importantes para que pessoas de diversas partes do país e do mundo possam ter contato com as ideias e, eventualmente, participar ativamente e fisicamente do movimento.

As redes sociais são forma fundamental de comunicação com os diversos públicos do CDC. A ideia é vincular sempre os valores corinthianistas à análise dos fatos cotidianos e dos eventos políticos. Normalmente, o comitê gestor e a equipe de comunicação definem as pautas, sempre associadas a acontecimentos nos campos do esporte, da política e das lutas sociais agregadas. [...] Muitas pessoas se aproximam do CDC pela internet e depois se agregam presencialmente. Até o início da pandemia, havia um encontro semanal numa pizzaria do Centro de São Paulo, nas proximidades da Praça Roosevelt. Outros eventos, como o CDC Escola (ação educativa em instituições de ensino públicas) e o Cine CDC (filmes seguidos de debates) permitem esse contato pessoal. (Falceta)

No entanto, questionado se consideram as redes sociais como principal ferramenta de atuação do grupo, Falceta destacou se tratar apenas de um mecanismo de comunicação. Isso se

dá, podemos afirmar, sobretudo, pelo grupo não focar apenas em uma pauta para defender. Claro que os outros coletivos possuem também em sua trajetória uma variedade de pautas., mas há casos, como exemplo, o Palmeiras Livre, que é mais adepto à luta que possui questões de sexualidade e gênero como destaque, sofrendo, dessa maneira, uma represaria maior por se tratarem de tabus sociais. No caso do CDC, como tratam de pautas mais amplas, assim como Ocupa Palestra e Punk Santista, não sofrem tanto e podem atuar além dos ambientes on-line.

As redes sociais são apenas uma ferramenta de comunicação. As ações realmente transformadoras do CDC ocorrem nas ruas, nas escolas, em instituições que acolhem jovens, em reuniões em entidades coirmãs, como o Barão de Itararé. (Falceta)

A violência sofrida por esse grupo se encaminha mais para o lado ideológico. Falceta relata que os responsáveis pelos ataques não conhecem a própria história do clube na luta contra a opressão e desigualdades sociais ao longo de sua história.

Sim, há sempre quem diga que o CDC é um “bando de comunistas” tentando aparelhar o clube. Normalmente é uma crítica que surge de setores reacionários da torcida. Muitos desconhecem a história de lutas do corinthianismo de raiz, aquele que esteve presente na Greve de 1917 e na luta pela redemocratização, na década de 1980. Muitos nem sabem que muitos dos torturados e mortos pela Ditadura Militar, como Eremias Delizoicov, eram corinthianos. Esse jovem, aliás, foi remador do clube. (Falceta)

Acerca das ações fora do ambiente virtual, o CDC destaca-se pela numerosa promoção de eventos culturais, como por exemplo: o CDC Escola, que são ações educativas em instituições de ensino públicas e o Cine CDC, onde são passados filmes com o intuito de debatelos. Além disso, Falceta destaca o uso do espaço do ECLA para promover de outros eventos.

No ECLA, já produzimos inúmeras atividades, como, por exemplo, no dia da Consciência Negra. Regularmente, promovemos uma aula sobre a história popular do Corinthians. Lá, tivemos também um simpósio sobre a Revolução dos Cravos, em Portugal. (Falceta)

Além de eventos culturais, o coletivo já realizou outras notáveis ações, como por exemplo:

O grupo já se organizou para levar um refugiado africano a um jogo do Corinthians. Também atuamos em apoio às famílias das vítimas da chacina de Paraisópolis. Mediamos a homenagem do clube, em dezembro de 2019, ao garoto Dennys Guilherme, morto nessa ação policial, membro da Fiel Torcida. (Falceta)

E, como visto anteriormente, foi um ato de rua na Avenida Paulista que deu impulso para a criação do coletivo, assim que, é comum ver o grupo em inúmeros atos de protesto, como promotor ou apenas de participante, seja nas ruas ou arquibancadas. Falceta destacou alguns atos promovidos pelo grupo desde 2016.

No caso do clube, por exemplo, participamos ativamente da organização do ato em protesto contra a retirada, do Memorial do Clube, da camisa usada pelo craque Gustavinho na final da Liga Ouro de Basquete. A camisa tinha a inscrição: “quem matou Marielle?”. Foi sacada do Memorial depois de protestos de conselheiros

ligados a movimentos de direita. Na ocasião, organizamos um evento diante do Parque São Jorge e uma réplica gigante da camisa foi reposta no Memorial. (Falceta)

E outra forma de ação do movimento se enquadra na reinserção social de jovens em conflito com a lei, por meio de Medidas Socioeducativas (MSEs). Com isso, Falceta destaca que o coletivo

Promove dinâmicas de debates com os jovens, torneios esportivos e cursos para assistentes sociais e psicólogos, de forma a permitir que o esporte seja um instrumento efetivo de reinclusão social. (Falceta)

Por fim, podemos concluir que o CDC se assemelha bastante em sua forma de organização e ação com as novas formas de mobilização da sociedade civil contemporânea. No entanto, apesar de usarem o termo “coletivo” em seu nome, não se enquadram especificamente nas características diretas desse termo, sendo preciso se atentar às nuances de cada movimento analisado para que não ocorram generalizações. Além disso, o movimento é o mais estruturado dos grupos aqui analisados e possui um poder de ação e diálogo maior com instituições sociais – no entanto, assim como os outros coletivos, não possui um diálogo com a cúpula diretiva do Sport Club Corinthians Paulista. Com isso, além de serem praticadas e promovidas no espaço-híbrido, on-line e off-line, essas ações conseguem atingir grupos sociais menos beneficiados pelas políticas públicas governamentais.

2. SEGUNDO CAPÍTULO: CASOS DE RACISMO E LGBTFOBIA NO FUTEBOL BRASILEIRO

Neste capítulo serão expostos casos de racismo e LGBTfobia no futebol brasileiro, dentro do período de 2013-2018. O critério de escolha dos casos foi de episódios que ganharam bastante repercussão na mídia tradicional – jornais, programas de esporte em televisão aberta ou por assinatura – e redes sociais, gerando um debate sobre as questões sociais por detrás do ocorrido. Diante disso, será realizada a análise dos discursos que os movimentos construíram a partir dos casos.

Entende-se como “casos de racismo” os preconceitos relacionados à cor de pele do jogador (a), ou seja, preconceitos raciais; e por “casos de LGBTfobia” os preconceitos relacionados à orientação sexual dos indivíduos ligados à comunidade LGBTQIA+, considerados minorias societárias. Darei início com a discussão do capítulo debatendo sobre casos de preconceitos raciais, fazendo um panorama e expondo casos contemporâneos. Posteriormente, abordarei os preconceitos ligados às questões de orientação sexual, buscando o mesmo padrão de abordagem do tema anterior.

Ao falarmos em um racismo cordial ou LGBTfobia que, vindos da sociedade, ocorrem no futebol, estamos nos referindo a discursos construídos historicamente que permitem a criação de subjetividades sobre os sujeitos sociais em determinados contextos. Diante disso, fazendo uso dos conceitos de discurso e enunciado propostos pelo filósofo francês Michel Foucault, serão analisados os conteúdos produzidos pelos movimentos de torcedores perante os casos selecionados.

Antes de tudo, é preciso expor a contribuição de Foucault para a História e trabalhar os conceitos anteriormente mencionados. Para o autor, a história se configura de forma descontínua, visão semelhante ao que abordamos na introdução sobre as mudanças do pensamento historiográfico no início do século passado. Portanto, o conceito de história que o filósofo toma para si é o de negar uma história que narra e não interpreta os fatos ocorridos em um contexto histórico específico, dando a sensação de continuidade dos fatos, restritos apenas a uma visão de caráter positivista.

Diante dessa visão de uma história descontínua, Foucault se desloca da ideia de que o homem é sujeito de sua própria história e busca analisar as produções discursivas geradas em sociedade. A partir do campo de estudos da linguística, o autor considera o discurso elemento estruturador das relações do homem com o real. Não se produz um discurso por acaso, sendo o espaço e o tempo elementos fundamentais, segundo o Foucault, para entender o sentido da prática discursiva.

[...] o discurso, enquanto um conjunto de enunciados que se apoiam em uma mesma formação discursiva, não possui apenas um sentido ou uma verdade, ele possui, acima de tudo, uma história. (AZEVEDO, 2013, p. 154)

Portanto, o discurso não é uma simples sequência de palavras, mas sim uma rede de significações e de pensamentos expressos de forma verbal, ou não, em práticas discursivas em um contexto histórico específico, buscando atingir suas intenções.

Os enunciados, por sua vez, são “[...] coisas que se transmitem e se conservam, que têm um valor e das quais procuramos nos apropriar; que repetimos, reproduzimos e transformamos, para as quais preparamos circuitos preestabelecidos [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 136). O enunciado é concebido como uma prática discursiva, podendo ser utilizado além da linguagem material e evocado no campo da memória. Portanto, o enunciado “é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação” (FOUCAULT, 2008, p. 32). Para sua análise é preciso considerar seu contexto, pois nenhum enunciado é neutro e independente, sendo necessário realizar a análise não do sujeito falante, mas sim do que ele diz. A leitura dos enunciados deve se realizar pela exterioridade do contexto.

[...] pelos contatos de superfície que eles mantêm com aquilo que os cerca, de modo a conseguirmos mapear o regime de verdade que os acolhe e que, ao mesmo tempo, ele sustenta, reforça, justifica e dá vida [...] (VEIGA-NETO, 2003, p. 127)

Compreendidos como uma série de acontecimentos ocorridos em um determinado espaço e tempo que podem sofrer transformações ou dispersões, os discursos estão diretamente ligados à noção de formação discursiva.

Uma formação discursiva se constitui de um amontoado de enunciados que estão dispersos, e mantém entre si uma ordem de regularidades, que são definidas como um conjunto de regras anônimas e históricas, engendradas num determinado tempo e espaço, os quais definem o que pode e deve ser dito. (SILVA; CARLOS, 2017, p. 75)

Diante dessa formação discursiva, Foucault atenta para as análises das interferências das construções discursivas na sociedade. Ou seja, como os discursos são mantidos e interferem na ordem social de formação dos objetos principalmente por meio das instituições sociais. Todo discurso social é controlado por poderes e saberes. O poder da fala não é plural, apenas alguns sujeitos detêm esse direito de fala, um *status* que qualifica o sujeito.

[...] a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos números de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos. (FOUCAULT, 2011, p. 8-9)

Esse processo de qualificação respeita uma construção que Foucault divide em quatro níveis: a formação dos objetos, a formação das modalidades enunciativas, a formação dos conceitos e a formação das estratégias. A questão do *status* está diretamente ligada ao segundo

nível, o da modalidade enunciativa. É onde se localiza, sobretudo, o lugar de onde o sujeito detentor do poder e saber tem o *status* para falar, ou seja, as instituições.

[...] o *status* do médico compreende critérios de competência e de saber; instituições, sistemas, normas pedagógicas; condições legais que dão direito – não sem antes lhe fixar limites – à prática e a experimentação do saber. (FOUCAULT, 2008, p. 56)

Diante desse exemplo, é possível notar que o médico é detentor de um *status* de fala pois possui um saber anteriormente adquirido pelo estudo da medicina, e o lugar, visto como uma instituição social onde o médico tem a autoridade de discursar, é o hospital. Outro exemplo de aplicação e produção de discursos é a instituição escolar. Assim, o discurso pode ser visto também como:

Um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 1960, p. 43 *apud* AZEVEDO, 2013, p. 156)

Entretanto, um discurso está inserido dentro de um campo rodeado de outros discursos que possuem histórias e memórias distintas. Diante disso, o autor não enxerga os sujeitos sociais como passíveis a todo discurso ou determinação de poder.

[...] os sujeitos resistem aos efeitos dos poderes classificadores de categorias individuais, de falsas identidades e ao que impõe que esses sujeitos encontrem suas verdades. São essas formas de poder que transformam os homens em sujeitos, visto que os poderes só existem porque os sujeitos lutam contra ele e a partir dele. (SILVA; CARLOS, 2017, p. 79)

A partir disso, para analisar o funcionamento de uma sociedade, o autor sugere que se busque entender as resistências de pessoas que atuam de forma contrária às medidas impostas socialmente, medidas essas que inibem as individualidades e produzem verdades que, na maioria das vezes, não se enquadram no tempo e espaço da maioria dos sujeitos sociais. Diante disso, a análise de discursos produzidos pelos movimentos torcedores nos permite um entendimento dos discursos construídos em cima do futebol ou que se manifestam nesse espaço.

2.1 Um início de racismo e a resignificação do esporte de bacharéis

O período entre o final do século XIX e início do século XX foi de muito preconceito racial. Teorias como a do Darwinismo Social, criada na década de 1870 no Reino Unido, eram utilizadas em busca de uma explicação para a sociedade brasileira. Eram tempos em que se buscavam soluções para o desenvolvimento da nação e, se possível, uma nação “pura”.

Com a proclamação da República em 1889, buscou-se resolver o “problema” da população preta na sociedade que, um ano antes, fora liberta da escravidão legal por via da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888. Com o apoio de diversas instituições científicas da época, uma

das soluções encontradas foi a política do branqueamento racial da população. O projeto constituía, grosso modo, em incentivar a imigração de europeus, sobretudo os alemães, italianos, franceses, portugueses, espanhóis, japoneses e chineses, para habitar e trabalhar nas novas indústrias e constituir famílias no território brasileiro. Com isso, além da herança dos períodos históricos anteriores, o país deu um passo a mais para a consolidação de um racismo estrutural baseado em diversos discursos construídos na época.

Baseada na teoria da eugenia, com essa política, as autoridades nacionais buscavam garantir gerações “puras” no futuro, livre de misturas. Os imigrantes que vieram, eram, em sua maioria, pobres e fugidos das crises que assolavam seus países. O sul do Brasil, por exemplo, é conhecido por suas colônias de descendentes alemães que vieram para povoar e garantir territórios e também para atender a essa política do branqueamento.

A cidade de São Paulo ficou conhecida por receber um maior número de imigrantes italianos. O bairro do Bixiga e região da Barra Funda são os lugares mais conhecidos onde os imigrantes se instalaram ao longo dos anos. Além dos italianos, japoneses se concentraram na cidade de São Paulo, sendo o bairro da Liberdade a maior colônia japonesa fora do Japão, preservando até hoje características que lembram cidades japonesas.

Contudo, as autoridades não levaram em consideração que a maioria da população brasileira naquela época era preta – na realidade desde a fundação da colônia, sempre houveram mais pretos que brancos. Na busca pelo controle e segregação dessa população preta e de pobres, diversos meios foram usados para tal e o futebol não escapou disso.

Dentre as transformações que acompanharam esse período, a propagação de diversas modalidades esportivas ganhou destaque entre a população. A lista de modalidades era enorme, contando com atividades náuticas, ciclísticas, automobilísticas, incluso provas de natação, esgrima, boxe, beisebol e, sobretudo, futebol. Ocorreu, por parte da população, um gesto de acolhimento em massa das atividades físicas por meio da fundação dos clubes sociais. Essa busca por um melhor desempenho físico justificou-se, uma vez que o corpo humano, junto com a sociedade, começaram a ser vistos como máquinas geradoras de energia. Sendo assim, as práticas esportivas vieram somar o discurso da produtividade econômica (SEVCENKO, 1992).

Os estudos sobre o corpo ganharam destaque e, além do condicionamento físico da população, essas atividades desempenhavam um papel de adestramento em termos de higiene, alimentação e cotidiano, sobretudo nas questões coletivas de comportamento. Portanto, a implantação da Educação Física nas escolas primárias permitiu às crianças e jovens um contato direto com essa nova política esportiva que buscava uma educação para um novo cidadão de

uma nova sociedade que estava emergindo. A partir desse modelo educacional poderia se desempenhar um trabalho eficiente no futuro estando pronto para responder às adversidades externas que a vida na nova metrópole estava sujeita.

O futebol estava inserido nesse meio e foi o que mais penetrou no cotidiano social. O ano de 1882 ficou marcado pela elaboração de um projeto que tinha como objetivo formar esses novos cidadãos para um país que estava se desenhando. O projeto contava com autoria de Rui Barbosa, então deputado do partido liberal, e buscava realizar uma reforma no ensino público nacional. Para isso, diversas instituições de ensino, sobretudo as frequentadas pela elite nacional, se prontificaram e enviar representantes à Europa para estudar e coletar referências. Foram nessas viagens que, segundo Santos (2002), o futebol virou uma opção.

Entretanto, antes de se tornar presente em planos do ensino público nacional, o colégio jesuíta São Luís, localizado na cidade de Itu, interior do estado de São Paulo e fundado em 1861, foi referência na introdução dos esportes na grade curricular de seus alunos. A instituição antecipou-se ao projeto de 1882 e é considerada uma das introdutoras do futebol no país.

Seus alunos vinham da elite paulistana, paulista e brasileira. Para melhor formá-los, contava com uma infra-estrutura excepcional, que englobava laboratórios de biologia, física e química, estação meteorológica, laboratório farmacêutico etc. Era, por todos os ângulos, uma referência no sistema de ensino de toda a América Latina durante o século XIX. (SANTOS, 2002, p. 15)

Entre 1879 e 1881, o colégio enviou em viagem à Europa membros para visitarem colégios de referência. Ao retornarem, trouxeram consigo novidades implantadas no currículo pedagógico. O responsável por essas mudanças foi o jesuíta europeu José Mantero.

Futuro reitor do colégio, Mantero estabeleceu, entre os anos de 1880 e 1890, o conjunto de práticas esportivas a que os meninos e rapazes seriam submetidos, entre as quais estava o futebol. As demais modalidades incorporadas pelo São Luís foram: exercícios militares, malha, ginástica alemã, corridas, salto em altura e distância, lançamento de disco e dardo, corrida com obstáculos e a barra francesa. (SANTOS, 2002, p. 18-19)

Além das mudanças implantadas no currículo, Mantero trouxe consigo da Europa duas bolas, nomeadas de “bola inglesa”, ou “*ballon anglais*”. Com essas bolas, padres e alunos, até o ano de 1887 desfrutavam de um jogo chamado “bate bolão”, que consistia em bater a bola na parede. Após essa introdução do jogo aos alunos, os padres pintaram em paredes opostas do pátio duas pequenas marcas e dividiram os alunos em dois times, com isso, o objetivo era alcançar a meta adversária. No entanto, essas duas práticas não poderiam ser classificadas como o *association football* (1863) que demanda um conjunto de regras específicas (SANTOS, 2002).

Foi então que, a partir de 1894, com o mandato do novo reitor, o padre Luís Yabar, que o Colégio passou a presenciar algo semelhante com o que conhecemos hoje: times

uniformizados compostos por 11 jogadores, espaços adequados para a prática e traves de madeira delimitando os gols. Nessa época, formaram-se quatro times e o jogos ocorriam em uma chácara pertencente ao colégio. No entanto, não era o objetivo dos jesuítas introduzir competição entre os alunos. A prática do esporte visava sobretudo um caráter pedagógico e foi somente com a introdução do futebol nos clubes sociais das elites nacionais, e, posteriormente, com a sua difusão entre as classes mais baixas, que a competitividade foi aflorando.

O novo esporte considerado aparato das elites residia em um país ainda marcado pela desigualdade social, onde as marcas do escravismo recém abolido eram evidentes, um esporte associado ao progresso e à industrialização numa economia ainda essencialmente agrária. Foi nesse cenário que o futebol foi inserido no país.

Hilário Franco Junior (2007), nos revela que o futebol brasileiro teve duas origens no início do século passado. A primeira acompanhou as elites das capitais, sobretudo as de São Paulo e Rio de Janeiro. Com o período pré-industrialização e o discurso de modernização do país, em seus colégios e clubes, esses grupos abastados enxergavam nos esportes uma ferramenta importante para a difusão dos valores europeus em terras brasileiras. A rede de sociabilidade passava por esportes como o remo, indo até o futebol, sempre orientada por valores ligados ao cavalheirismo, *fair-play* e do amadorismo.

As iniciativas da elite paulistana ajudaram a fundar importantes clubes na cidade que deram origens a times de futebol nos quais faziam parte estrangeiros, filhos de estrangeiros e brasileiros. Em 1898, fundaram a Associação Atlética Mackenzie College, sendo o primeiro time constituído por brasileiros. Outros times foram se formando também, como é o caso do time de futebol do Sport Club Internacional, fundado em 1899, composto por ingleses e brasileiros. Também, fundado no mesmo ano, o Sport Club Germânia - atual Esporte Clube Pinheiros - que abrigava alemães e seus descendentes. Em 1900, o Club Atlético Paulistano foi fundado e contava com representantes das tradicionais famílias da cidade de São Paulo. Por fim, só para citar mais um exemplo desses clubes das elites que emergiram na virada do século, temos a Associação Atlética das Palmeiras, fundada em 1902 resultado do desligamento de jogadores do time do Paulistano.

Além de se considerarem os legítimos herdeiros do futebol inglês, os grupos dominantes criaram ligas para disputar entre si: A Liga Paulista de Football, em São Paulo, criada em 1902, e a Liga Metropolitana de Football, no Rio de Janeiro, criada em 1905, aumentando a desigualdade em um país que havia recentemente saído de um período longínquo de escravidão. O esporte de bacharéis, onde, sobretudo nas capitais, reinava a desigualdade social e segundo

Franco Junior (2007) onde “os poderes da República eram verdadeiros clubes de elite que procuravam bloquear a participação popular” (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 63).

Nos clubes que se formaram, sobretudo, por colégios e clubes das elites metropolitanas, não se viam pretos, nem pobres. Diversas regras e, sobretudo, as mensalidades criavam barreiras invisíveis para aumentar a segregação social.

Entretanto, isso não impediu que surgisse um outro viés desse esporte que iria se tornar o mais popular do país.

[...] o futebol dos grupos subalternos tornava-se um modo de representação da existência negada em outros campos sociais. E alastrava-se pelos subúrbios proletários. Em pouco tempo, uma série de equipes e clubes foi constituída por iniciativa de pequenos comerciantes, operários e artesãos das grandes cidades (Internacional, 1909; Corinthians, 1910). [...] Por outro lado, a criação de clubes vinculados a empresas que recrutavam operários para seus times também afrontava as barreiras sociais erguidas no futebol (Bangu, 1904; Juventus, 1924). (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 64)

Esse outro segmento do futebol brasileiro respondia ao amadorismo e à exclusão social que os grupos dominantes praticavam. A elite podia até ser detentora dos equipamentos e conhecimentos necessários para a prática do esporte, mas isso não excluiu a população mais pobre de praticar e criar o seu próprio estilo ligado

[...] a realidade nacional de corpos adestrados no trabalho braçal e habituados aos folguedos das danças populares e a toda sorte de improvisações da arte da malandragem, vinculadas a precárias condições de vida. Íntimos dos gestos acrobáticos da temida capoeira ou das ações coletivas do ruidoso movimento operário, os corpos de pretos, de imigrantes e da arraia-miúda branca possuíam outros saberes, expressões e habilidade que viriam a ser determinantes na sua maneira de jogar futebol. (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 65)

Dentre o surgimento dos clubes da elite com regras e características europeias, alguns clubes fugiram desse viés e, desde sua fundação, contavam com dirigentes e jogadores pretos em seus times de futebol.

A Associação Atlética Ponte Preta foi um dos clubes do estado de São Paulo que, desde o ano de sua fundação em 1900, contou com cidadãos pretos e mulatos em seu quadro. Benedito Aranha foi um dos que fizeram parte da primeira diretoria do clube. Além disso, a Ponte Preta orgulha-se de ser o primeiro time a escalar um jogador preto, segundo seu site oficial, tratava-se de Miguel “Migué” do Carmo, que entrou em campo logo no primeiro ano de fundação. Há controvérsias sobre quem escalou o primeiro jogador preto em uma partida de futebol. Mário Filho em seu livro *O negro no futebol brasileiro* (1964) destaca o papel do Bangu Atlético Clube – anteriormente chamado de The Bangu Athletic Club. Nesse, o jogador Francisco Carregal teria sido o primeiro preto a ser escalado em uma equipe titular. Esse feito teria ocorrido em 1905, ou seja, cinco anos após “Migué” entrar em campo com a camisa alvinegra.

Outro clube que contou com a participação de pretos no departamento de futebol foi o Vasco da Gama. Fundado em 1898 como um clube de regatas, o departamento de futebol só foi criado em 1915. Contudo, mesmo como clube de regatas, só em 1904 elegeu Cândido José de Araújo, seu primeiro presidente preto. A eleição de Cândido foi decisiva para a abertura do clube aos pretos, mulatos e demais cidadãos que não podiam ter acesso aos clubes da elite carioca. A visibilidade do clube aumentou após a conquista do campeonato carioca de 1923, contando o time vitorioso com quase todos os jogadores pretos em seu plantel.

Entretanto, esse avanço dos clubes das classes populares, a princípio, não representou uma vitória e uma inclusão total, mas marcou o início de um enfraquecimento da rigidez do amadorismo expressado pela elite. É certo que diversos clubes, sobretudo das periferias da cidade de São Paulo e subúrbios do Rio de Janeiro, estavam surgindo em alto volume, mas suas participações em ligas pela cidade eram sempre motivo de estranhamento por parte dos times das elites. Sob acusações de praticar o profissionalismo, dentre outros aspectos, os clubes mais populares sempre sofreram algum tipo de represália de quem defendia o amadorismo.

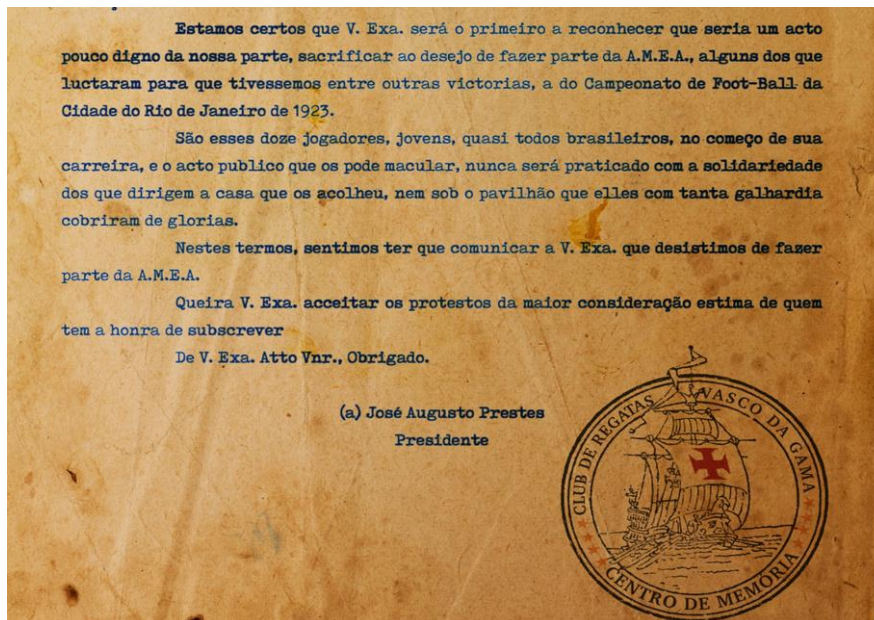
Diversas medidas eram tomadas para tentar afastar os populares do universo amador. Logo no início do campeonato da Liga Metropolitana de Football, na capital carioca, em 1907, o regulamento proibia a inscrição de jogadores de “cor”. O Bangu, que tinha em seu elenco jogadores pretos e pobres, em protesto, retirou-se do campeonato, voltando apenas cinco anos depois. Outras mudanças no regulamento, já em 1917,

[...] proibiam o registro de jogadores analfabetos e soldados rasos (como nas eleições do país), além de guardas-civis e trabalhadores braçais. A fiscalização, como de praxe, ficaria por conta da Comissão de Sindicância, encarregada de excluir atletas em situação irregular. (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 69)

Outra medida bastante adotada foi a criação de novas ligas. Um ano após o título do Vasco da Gama no campeonato carioca, times como Fluminense, Flamengo, Botafogo, dentre outros, abandonaram a Liga Metropolitana de Football e fundaram a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA). A entidade definiu inúmeras regras para que os clubes pequenos pudessem ingressar. Além da cobrança de condições técnicas e materiais, era preciso não possuir jogadores profissionais em seus elencos. Essa medida veio após o São Cristóvão, clube do subúrbio, ser acusado de possuir jogadores profissionais em seu plantel. O mesmo ocorreu com o Vasco que foi acusado de incentivar o profissionalismo pagando prêmios para os jogadores que conseguissem bons resultados, além de não possuir condições materiais, ou seja, um estádio. A punição que a entidade queria dar ao Vasco seria a demissão de 12 atletas de seu plantel, a maioria pretos e pobres. O clube, em resposta, enviou uma carta à entidade no qual

declarava que não participaria da AMEA, pois a pena que estava sendo-lhe imposta era considerada inviável.

Imagem 5 – Manifesto vascaíno



Fonte: site oficial do Vasco da Gama.

Em São Paulo, medidas semelhantes foram tomadas por times da elite. Em protesto à inserção de jogadores pretos e pobres em alguns times que estavam na liga principal, clubes como o pioneiro São Paulo Athletic Club e o Paulistano abandonaram a Liga Paulista de Football, fundando com o Mackenzie a Associação Atlética das Palmeiras a Associação Paulista de Sports Athléticos (APSA).

No ano de 1912

[...] a situação agravou-se com a entrada na liga do mais popular clube da várzea, o Corinthians. [...] Desde então seriam disputados dois torneios paralelos. Gradativamente, clubes tradicionais abandonavam a Liga Paulista de Football (LPF) e incorporavam-se a APSA, que se fortalecia. (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 67)

Em 1916, com a Liga Paulista já esvaziada, o campeonato foi interrompido antes do término. No ano seguinte, as duas entidades eram unificadas sob o comando da fortalecida APSA. Da antiga liga, apenas o Internacional e o Corinthians foram admitidos na primeira divisão, compondo os demais a segunda divisão. Entretanto, essas medidas acabaram representando uma fraqueza no sistema de pressão dos clubes da elite. Segundo Hilário Franco Jr., o passo para o profissionalismo em São Paulo se deu quando a APSA, em 1913, começou a cobrar ingressos para os seus jogos. Com isso, a renda extra permitiu aos clubes presentear seus atletas e até contratar, na informalidade, atletas de outras classes sociais. A competitividade entre os clubes tradicionais foi aumentando e isso fez com que os mesmos procurassem

jogadores das classes populares para compor elenco. Isso fazia com que tivesse um certo afrouxamento das barreiras sociais que esses clubes buscavam criar.

Apesar dessas medidas tomadas pelos times tradicionais da elite e do racismo social, o primeiro ídolo da modalidade foi justamente um jogador mulato. Filho de um comerciante alemão e de uma negra, o jovem Arthur Friedenreich, mulato de olhos verdes que alisava os cabelos com gomalina e toalhas quentes na tentativa de disfarçar sua negritude, foi o responsável pelo gol que deu a vitória e o primeiro título da Seleção Brasileira, no Sul-Americano de 1919. Na época, Arthur jogava pelo Sport Club Germânia.

A prática do futebol permitiu à população mais pobre superar as barreiras sociais que o amadorismo havia construído, além de criar laços de sociabilidade e representatividade, principalmente aos jogadores pretos. O crescimento de times criados e improvisados pelas classes populares fez com que times, jogos, campeonatos e o próprio esporte fossem repensados.

O profissionalismo foi decretado legalmente por Getúlio Vargas através da legislação social e trabalhista, em 1934, regulamentando o jogador de futebol como profissão, assim, os atletas passaram a ser reconhecidos como empregados e tinham acesso aos direitos do recém-criado Ministério do Trabalho. Além disso, a profissionalização dos jogadores pretos representou a maioria dos atletas, uma vez que entre eles estavam os melhores jogadores. A partir daí, a criação desse novo mercado dentro do futebol foi de enorme colaboração para a ascensão social dos pretos. Um dos primeiros grandes ídolos do futebol profissional brasileiro foi o preto, Leônidas da Silva ou “Diamante Negro” (Imagem 2), além do já mencionado Friedenreich. Leônidas é considerado o “pai” do gol de bicicleta e foi um dos primeiros jogadores pretos a ganhar destaque dentro do futebol brasileiro. Atuou em clubes como Vasco, Flamengo, Botafogo e São Paulo, onde foi pentacampeão paulista, além de atuar também pelo Peñarol do Uruguai.

Imagem 6 – O Diamante Negro



Fonte: site da Confederação Brasileira de Futebol.

Posteriormente, atletas como Pelé ganharam destaque mundial com a seleção nacional e nos clubes onde atuaram. É impossível pensar o jeito de jogar juntamente com clubes e a seleção brasileira sem a presença dos atletas pretos em sua trajetória. O Brasil deve muito ao fato de os pretos terem feito parte da história do futebol nacional.

2.2 O racismo contemporâneo no futebol

Antes de discutir sobre o racismo atual do futebol, faz-se necessário debater como se pensava, sobretudo, a intelectualidade a serviço do Estado em inícios do século passado. Dentre os termos criados para tentar explicar a sociedade brasileira, o da “democracia racial” ganhou destaque e é presente nos dias atuais em forma de um “mito”.

Após o discurso de branqueamento, mencionado anteriormente, deixar de ser um projeto de Estado, dando lugar ao discurso da mistura das raças, o país começou a produzir narrativas que ilustravam um Brasil como “paraíso racial”. Esse pensamento, grosso modo, reproduzia a ideia de que não havia “linha de cor” no país e que os preconceitos raciais não existiam. A ideia pregava que fossemos uma sociedade sem barreiras legais que impedissem a ascensão social de pessoas de cor a cargos oficiais ou *status* de prestígio na sociedade.

No campo acadêmico, Gilberto Freyre foi o primeiro a retomar a ideia de paraíso racial, sendo atribuído a ele a criação do termo “democracia racial” (GUIMARÃES, 2012). A ideia de assumir que o Brasil era um país oriundo da mistura de povos abriu a brecha para o pensamento

de que aqui não havia preconceitos e que as relações sociais cotidianas se davam de forma horizontal e sem limitações entre as três raças: a branca, o negro e o índio.

A grande contribuição de Freyre é ter mostrado que negros, índios e mestiços tiveram contribuições positivas na cultura brasileira: influenciaram profundamente o estilo de vida da classe senhorial em matéria de comida, indumentária e sexo. A mestiçagem, que no pensamento de Nina e de outro causava dano irreparável ao Brasil, era vista por ele como uma vantagem imensa. [...] Freyre consolida o mito originário da sociedade brasileira configurada num triângulo cujos vértices são as raças negra, branca e índia. Foi assim que surgiram as misturas. As três raças trouxeram também suas heranças culturais paralelamente aos cruzamentos raciais, o que deu origem a uma outra mestiçagem no campo cultural. Da ideia dessa dupla mistura, brotou lentamente o mito da democracia racial; “somos uma democracia porque a mistura gerou um povo sem barreira, sem preconceito”. (MUNANGA, 2004, p. 83)

No entanto, o autor nunca fez uso do termo, que teve sua primeira aparição feita por Cassiano Ricardo, em 1937. Ricardo então membro do Movimento Bandeira, proferiu o termo em um discurso na Academia Brasileira de Letras. À época, a disputa regionalista entre paulistas, cariocas e nordestinos levou à criação de inúmeros discursos que buscavam a formação da nação brasileira.

Para os paulistas, a nação, e não apenas as fronteiras brasileiras, fora formada pelo empenho desbravador e unificador dos bandeirantes, em sua busca pelos metais preciosos e seu zelo da ordem hierárquica entre as raças, desfazendo quilombos e quebrando à resistência indígena à civilização europeia. Para os nordestinos, ao contrário, a alma brasileira deveria ser buscada na matriz cultural luso-brasileira forjada nas casas-grandes, nos sobrados, nas senzalas e nos mocambos, principalmente, nos engenhos de açúcar nordestinos, mas também nas fazendas de café do Sudeste. Para os cariocas, a nação mestiça se formara na capital do Império e da República, o verdadeiro cadinho de todas as raças e todas as etnias brasileiras, o nosso *melting pot*. (GUIMARÃES, 2012, p. 141)

Entretanto, esses discursos de nação ainda possuíam um teor de hierarquia racial, onde apenas uma das três raças conduziria o país a liberdade e, geralmente, seriam os brancos os mais capacitados para tal feito. Em Freyre, os africanos são postos em nível de igualdade com os portugueses e será a miscigenação e a mobilidade social resultante que gerarão o caminho brasileiro para a democracia. Portanto, desaparecem as hierarquias sociais vistas em outros discursos. O autor até prefere usar outro termo, evitando o uso do conceito de “raça”, posto que a hierarquia social preservada em seu pensamento não poderia ser racial, devido ao pé de igualdade entre os sujeitos e suas relações cotidianas.

Para Freyre, “democracia social” parece se referir à sociabilidade não demarcada por castas ou fronteiras rígidas, características da sociabilidade aristocrática. (GUIMARÃES, 2012, p. 141)

Atribuído a Freyre ou não, é verdade que o termo se fixou no imaginário social a partir de discursos produzidos por intelectuais a serviço do Estado brasileiro e reproduzidos, sobretudo, pelas elites dominantes, ou seja, um pequeno grupo influente na nova sociedade que

buscava se moldar. Contudo, logo o discurso se revela como um mito. Mesmo que o discurso aludisse a uma igualdade racial nas relações sociais, o que se começou a ver era um domínio de uma minoria social sob grupos historicamente excluídos.

Usado de forma concreta pelos grupos hegemônicos, esse discurso serve como forma de controle sobre uma parcela da população, principalmente a população preta. Embora construa um ideal de harmonia entre as três raças, o discurso da democracia racial imposto pelas elites valoriza e reproduz apenas os valores culturais ligados à Europa. Portanto, um jovem preto que busca uma ascensão social deve se adequar aos padrões exigidos pela cultura branca europeia. Isso faz com que haja um abandono das origens e enfraqueça um sentimento de solidariedade entre a população preta do país. Sem o acesso ao poder e à informação, mecanismos que foram historicamente tirados da comunidade não branca, essa parcela da população se vê em um dilema entre assumir suas identidades e não ser considerado parte da sociedade ou abdicar de suas origens e valores culturais, convertendo-se em um padrão desejado.

Logo, o discurso da democracia racial enquanto mito

[...] exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas na sociedade. Ou seja, encobre os conflitos sociais, possibilitando a todos se reconhecerem como brasileiros e afastando das comunidades subalternas a tomada de consciência de suas características culturais que teriam contribuído para a construção e expressão de uma identidade própria. Essas características são “expropriadas”, “dominadas” e “convertidas” em símbolos nacionais pelas elites dirigentes. (MUNANGA, 2004, p. 83-84)

Ademais, como a “linha de cor” é bastante presente na sociedade brasileira, quanto maior a miscigenação com a raça branca, maiores são as chances de o indivíduo ascender socialmente. Com isso, a maioria da população preta ou parda passa boa parte de sua vida tentando um “*passing*”, ou seja, buscando se enquadrar aos padrões impostos socialmente a eles. Os pardos ou mestiços ficam “flutuando” e isso acaba fortalecendo um maior controle da comunidade hegemônica. Embora sempre houvesse grupos insurgentes e que assumissem suas origens e identidades, apenas recentemente o movimento negro vem conseguindo vitórias no combate ao racismo estrutural presente na sociedade, mesmo naquelas que pregavam uma “democracia racial”. No entanto, o racismo ainda está firmado nas relações mais corriqueiras.

Antes de expor e discutir os casos de discriminação racial que foram selecionados para esta pesquisa, é preciso discutir as diferenças entre “preconceito”, “racismo” e “discriminação”. O primeiro refere-se a uma ideia negativa de uma pessoa ou grupo social que não é baseada em uma experiência real. O segundo refere-se à crença de que membros de uma etnia possuem

habilidades ou características “melhores” ou “piores” que outro grupo étnico. Por fim, a discriminação seria o resultado do racismo em forma de ato, ou seja, o tratamento negativo a um grupo ou pessoa devido a sua cor de pele, gênero, idade, entre outros atributos. Diante disso, o racismo seria um modo de transformar características culturais em biológicas com o objetivo de converter os atos discriminatórios em atos institucionais e culturais de dominação de um grupo social sobre o outro (FERREIRA *et al.*, 2017).

Portanto, um ato de discriminação contra pessoas pretas, segundo Ferreira *et al.* (2017) representa o ato de referenciar o preto como inferior ao branco, por exemplo, acontecendo, com isso, uma infra humanização, ou seja, a desumanização de uma pessoa por conta da cor de sua pele. Diante de atos de desumanização, é comum vermos jogadores pretos sendo comparados a macacos nas arquibancadas, com gestos ofensivos e mesmo arremesso de bananas por torcedores do time adversário, uma vez que os macacos representam uma figura inferior ao homem - no caso o homem branco – e sendo essa comparação a um animal considerada uma ofensa à dignidade humana. Para esta pesquisa poderemos analisar como os movimentos se posicionaram diante de alguns casos ligados ao racismo.

Atualmente, a relação de jogadores pretos na série A do Campeonato Brasileiro é alta. A maioria dos times possuem em seus elencos uma maior porcentagem de jogadores pretos, ou que se identificam como pretos, que de jogadores brancos. Diante desses números, poderíamos dizer que há uma inclusão social de jogadores pretos e que, possivelmente, os preconceitos raciais cessaram ou estariam perto desse resultado, entretanto, mesmo diante de um número superior de atletas pretos atuando por times da elite do campeonato brasileiro, casos de discriminação racial continuam ocorrendo. Nos últimos cinco anos (2014-2019), registrou-se um aumento significativo de casos envolvendo esses atletas.

Apesar da a lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que torna crime preconceitos relacionada à cor de pele e prevê prisão de 1 a 3 anos, além de pagamento de multa, tal legislação não impediu que crimes de racismo fossem praticados, sobretudo em estádios de futebol. O Observatório da Discriminação Racial no Futebol,¹⁹ começou, a partir de 2014, a contabilizar casos envolvendo discriminação racial no esporte, produzindo relatórios anuais decorrentes de suas observações. Segundo os relatórios, foram registrados 20 casos em 2014; 41 em 2015; 35 em 2016; 43 em 2017; e 44 em 2018, números consideráveis, considerando que a maioria dos casos nem se quer é registrada oficialmente.

¹⁹ O Observatório da Discriminação Racial no Futebol tem o objetivo de monitorar e divulgar, através de seus canais, os casos de racismo no futebol, assim como ações informativas e educativas que visem erradicar a intolerância que tanto maculam a democracia das relações sociais.

Ao adentrar em um estádio e entoar canções que fazem menção a preconceitos ligados ao machismo, sexismo, racismo, entre outros tipos de preconceitos, os torcedores apenas estão reproduzindo o que costumam fazer, sob outra perspectiva, em seu cotidiano. É correto afirmar que o espaço do futebol é um lugar onde ocorrem diversos tipos de preconceitos, entretanto, é preciso ressaltar que esse esporte não está desvinculado da vida social das pessoas que o consomem. Estando em uma multidão ou não, o torcedor não irá deixar de ser racista com pessoas do seu círculo social. O espaço do futebol é apenas mais um ambiente onde esses preconceitos, infelizmente, ocorrem.

O preconceito racial não está presente apenas nas arquibancadas, está também na estrutura do esporte que, mais uma vez, representa a sociedade. Em 2018, no Campeonato Brasileiro da série A, apenas dois dos 20 clubes possuía técnicos pretos: Roger Machado, então técnico do Esporte Clube Bahia e Marcão, então técnico do Fluminense Football Club. Na Copa do Mundo de 2018, sediada na Rússia, havia trinta e duas seleções, sendo cinco africanas, porém, Aliou Cissé, do Senegal, foi o único preto a comandar uma seleção nessa edição do evento. Curiosamente, Cissé era o técnico que ganhava o menor salário dentre os 32 comandantes.

Dados mostram que o que acontece na sociedade não é muito diferente. É comum, como citei anteriormente, presenciarmos a presença de jogadores pretos em times de elite brasileiro e do mundo afora, contudo, a presença em cargos altos na hierarquia de um clube é algo escasso.

Segundo dados disponibilizados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas),²⁰ em 2018, os trabalhadores brancos tiveram um rendimento mensal 73,9% superior aos trabalhadores pardos e pretos. Enquanto os brancos receberam em média R\$2.796, os pretos receberam R\$1.608. Mesmo totalizando 50,3% dos estudantes na rede pública de ensino superior e sendo a maioria na sociedade (55,8%), os pretos permanecem sub-representados.

No mercado de trabalho, os pretos representam a maioria desempregada (64,2%) e a maioria em trabalhos informais (47,3%), ou seja, subempregos sem direitos básicos garantidos por lei. Essa desigualdade avança para os cargos ocupados pela população preta: somente 29,9% dos cargos gerenciais são ocupados por trabalhadores pretos.

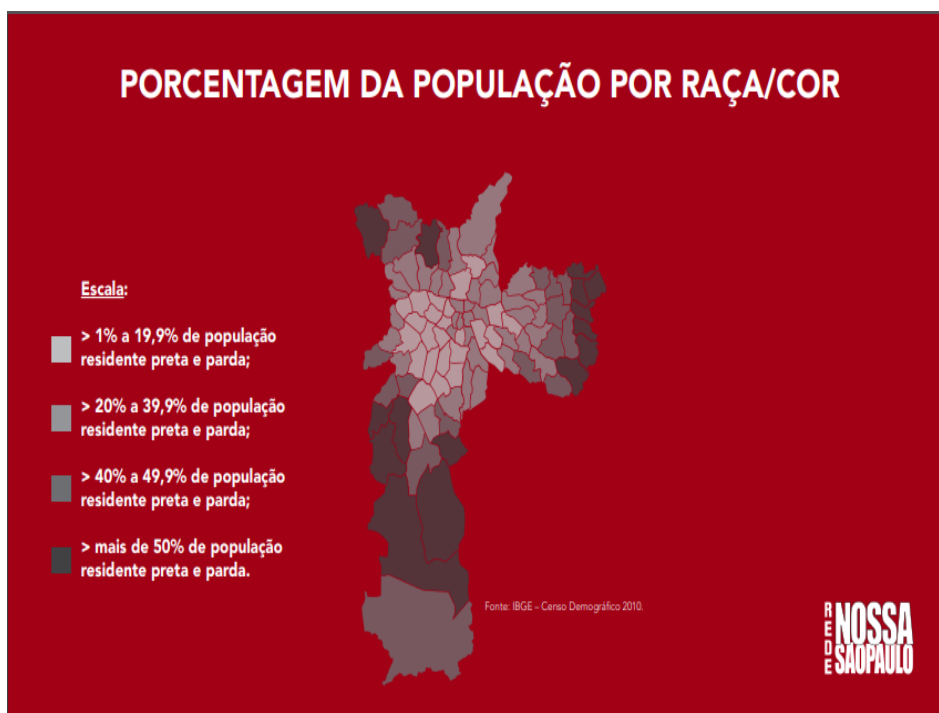
As desigualdades avançam para além dos setores econômicos da sociedade. Se comparada com a população branca, os índices de violência contra indivíduos pretos ou pardos

²⁰ Link de acesso aos dados: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece>

são maiores. Na faixa etária de 15 a 29 anos, a taxa de homicídios chega a ser de 98,5 assassinatos a cada 100 mil habitantes. Enquanto que entre jovens brancos da mesma faixa etária, a taxa chega a ser de 34 mortes para 100 mil habitantes. Além disso, na esfera político-institucional, somente 24,4% de deputados federais, 28,9% de deputados estaduais e 42,1% de vereadores eleitos se consideram pretos ou pardos. Ou seja, a representatividade política por parte dessa população é limitada.

Ainda, há a questão da moradia, onde 44,5% da população preta ou parda vive em domicílios com a ausência de pelo menos um serviço de saneamento básico. O mapa da desigualdade da cidade São Paulo (Imagem 5), publicado no ano de 2017 com os dados anteriores nos revela onde a maioria da população preta ou parda reside em sua maioria.

Imagem 7 – Mapa população por cor



Fonte: Rede Nossa São Paulo.

Essa pesquisa é realizada pela organização Rede Nossa São Paulo, que publica um relatório anual sobre as desigualdades que assolam o município de São Paulo. Esse mapa, em específico, nos revela que a maioria da população preta ou parda, mais de 50%, reside em áreas periféricas da cidade, afastadas do centro onde, possivelmente, trabalham.

Portanto, representando mais uma esfera da sociedade, não é comum vermos pretos em postos de alto comando no futebol apenas como empregados. Claro que alguns ganham salários altíssimos que, possivelmente, não conseguiriam ganhar se não fossem atletas profissionais, mas o preconceito não deixa de agir nas entrelinhas da sociedade e do esporte.

Segundo Marcel Tonini:²¹

Não acham que eles têm capacidade para liderar um grupo, nem competência para traçar estratégias. É um racismo comum no futebol. Você vê uma grande proporção de jogadores negros que não se mantém no quadro de técnicos – e a maioria é ex-jogador.²²

Em entrevista cedida, o ex-jogador e campeão mundial em 1998 pela seleção francesa, Lilian Thuram diz que:

É normal que existam muitos jogadores negros, eles podem ser atletas de alto nível porque têm capacidade física para isso. Mas para ser técnico precisa ser inteligente, disciplinado. E as pessoas duvidam que os negros podem ser isso.

Recentemente, em 2018, o técnico Roger Machado, citado anteriormente, deu declarações onde é possível ver o racismo estrutural atuante no futebol e na sociedade. Após um jogo entre Bahia e Fluminense, no Rio de Janeiro, válido pelo Campeonato Brasileiro desse ano, Roger cedeu uma coletiva de imprensa onde foi questionado sobre sua participação na campanha #ChegadePreconceito, do Observatório da Discriminação Racial no Futebol. O que chama atenção para essa partida é justamente o encontro dos únicos técnicos pretos a comandar clubes da elite do Campeonato Brasileiro. Roger, então, responde à pergunta feita pelo jornalista:

Negar e silenciar é confirmar o racismo [...] Minha posição como negro na elite do futebol condiz com isso. O maior preconceito que eu senti não foi de injúria. Eu sinto que há racismo quando eu vou ao restaurante e só tem eu de negro. Na faculdade que eu fiz, só tinha eu de negro. Isso é a prova para mim. Mas, mesmo assim, rapidamente, quando a gente fala isso, ainda tentam dizer: 'Não há racismo, está vendo? Você está aqui'. Não, eu sou a prova de que há racismo porque eu estou aqui. [...] A gente tem mais de 50% da população negra e a proporcionalidade [entre treinadores] não é igual. Temos de refletir e questionar. Se não há preconceito no Brasil, por que os negros têm o nível de escolaridade menor que o dos brancos? Por que 70% da população carcerária é negra? Por que quem morre são os jovens negros no Brasil? Por que os menores salários, entre negros e brancos, são para os negros? Entre as mulheres negras e brancas, são para as negras? Por que, entre as mulheres, quem mais morre são as mulheres negras? Há diversos tipos de preconceito. Se não há preconceito, qual a resposta? Para mim, nós vivemos um preconceito estrutural, institucionalizado.²³

Esses são apenas alguns trechos de destaque da resposta dada pelo treinador. Além disso, Roger contextualizou a história de formação do Brasil e comentou o

²¹ É doutor (2016) e mestre (2010) em História Social pela Universidade de São Paulo, sendo também bacharel (2006) e licenciado (2005) em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp - Campus de Araraquara). Integra o Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO-USP) e o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (Ludens-USP). Tem experiência nas áreas de Ciências Sociais e História, com ênfase em Sociologia do Esporte, Relações Étnico-raciais, História Oral e História Sociocultural do Futebol, trabalhando principalmente com os seguintes temas: futebol, racismo, xenofobia, migração, memória e identidade.

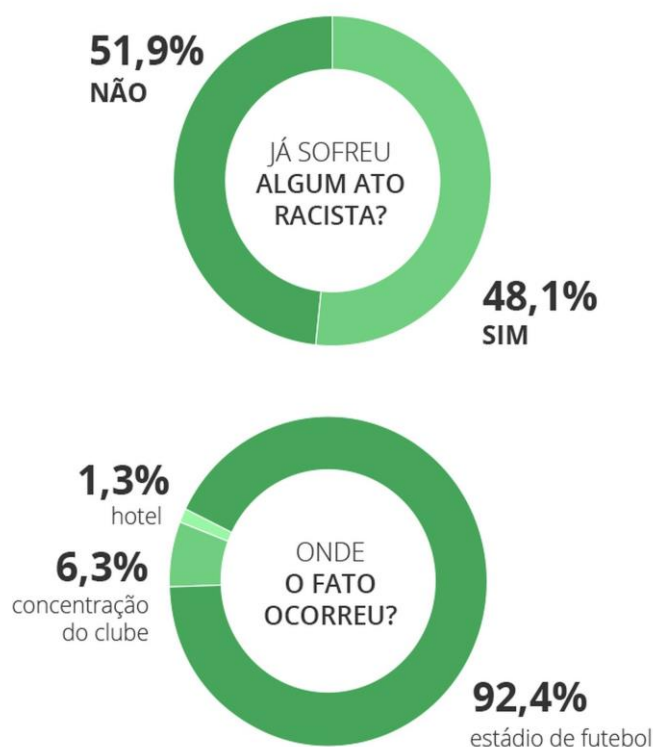
²² Link de acesso para o texto: <https://vermelho.org.br/2018/06/30/por-que-existem-tao-poucos-tecnicos-de-futebol-negros/>

²³ Link para acesso à reportagem: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/13/deportes/1570983578_952565.html

“embranquecimento” que o futebol traz para atletas pretos, sendo eles socialmente mais aceitos por serem atletas profissionais.

Além disso, temos os casos de injúria racial sofrido diretamente por atletas e técnicos em jogos oficiais e fora dos estádios. Uma pesquisa²⁴ realizada pelo *Globo Esporte* revelou números alarmantes. A pesquisa contou com a participação de 163 atletas e técnicos pretos de 60 clubes participantes da série A, B e C do Campeonato Brasileiro. Todos os participantes se reconhecem como pessoas negras e a partir das respostas de um questionário, os dados abaixo puderam ser extraídos.

Gráfico 1 - Pesquisa racismo



Fonte: Infografia GloboEsporte.com

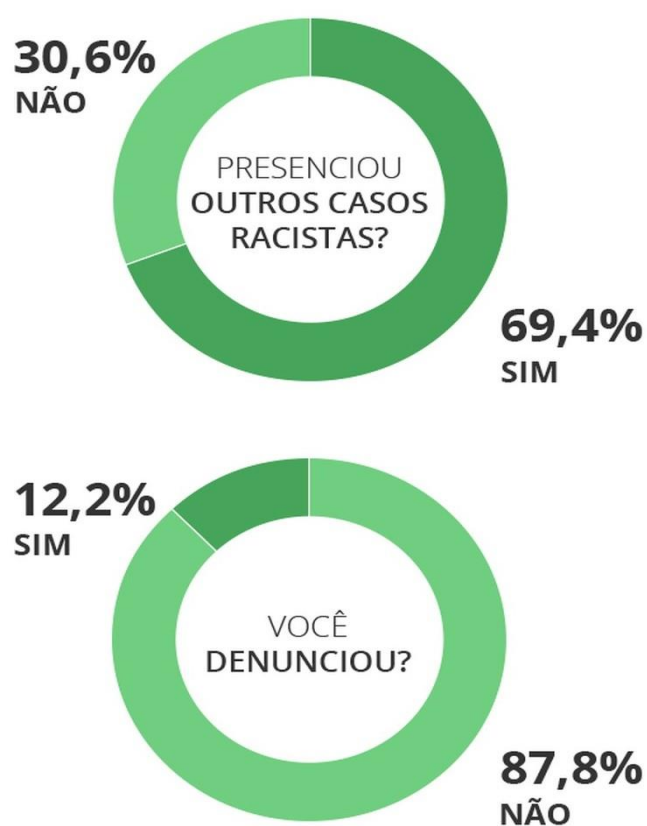
Segundo esses dados, 48,1% dos entrevistados relatam ter sofrido atos racistas, sendo, 92,4% desses atos ocorridos em estádios de futebol, ou seja, no lugar de trabalho desses profissionais.

Outras questões realizadas nos fazem levantar um debate sobre o que se deve fazer diante de situações como essas, lembrando que é necessário analisar o contexto em que o

²⁴ Link de acesso à reportagem: <https://globoesporte.globo.com/pe/futebol/noticia/levantamento-inedito-quase-metade-dos-atletas-negros-das-series-a-b-e-c-sofreu-racismo-no-futebol.ghml>

profissional está inserido. Olhando de fora é fácil argumentar e elaborar uma crítica, entretanto, se um atleta não denuncia um caso que presenciou ou sofreu é porque outras questões estão envolvidas: Questões burocráticas de contrato, questões econômicas envolvendo patrocinadores e salário, questões de mídia, como tal posicionamento irá refletir na imagem do atleta, entre outras.

Gráfico 2 - Pesquisa racismo



Fonte: Infografia GloboEsporte.com

Um total de 69,4% entrevistados presenciaram outros casos racistas e apenas 12,2% fizeram alguma denúncia, um número baixíssimo se considerarmos os números de casos. Entretanto, considerando as questões acima levantadas, talvez os motivos levantados expliquem o baixo o índice de denúncias.

Positivamente, 90,5% dos entrevistados são favoráveis ao debate. Um bom número, uma vez que estamos enfrentando um dos piores problemas que o futebol já sofreu desde sua fundação. Apenas atualmente esse assunto está sendo tratado em debates mais apurados por parte de federações, clubes, patrocinadores, mídia e torcedores.

2.3 Os casos de discriminação racial

Como vimos anteriormente no primeiro capítulo, as características desses movimentos de torcedores estão intimamente ligadas ao uso das redes sociais. As noções de ciberativismo são reveladoras do modo como esses grupos criam discursos on-line expondo suas ideias e manifestando-se sobre algum fato, além de criar um espaço de acolhimento para os demais torcedores.

O uso da internet evoluiu para além de um canal de comunicação convencional, tornando-se um espaço onde as pessoas conseguem praticar diversos discursos, sendo bastante comum a disseminação de ódio e preconceitos além de crimes *online* relacionadas a ataques de *hackers*. No entanto, o espaço on-line se transformou também em um espaço para as pessoas expressarem suas reivindicações e descontentamentos.

Com a internet e, particularmente, as chamadas “redes sociais”, a expressão de insatisfações por um grande contingente populacional passa a estar significativamente menos dependente de intermediários, usualmente representados pelos tradicionais veículos midiáticos estabelecidos – canais de rádio e televisão, jornais, revistas etc., cuja seleção daquilo que será publicado geralmente está atrelada a seus respectivos interesses de classe. Desta forma, grupos e indivíduos passam a ter uma maior facilidade de atingir grande audiências sem necessariamente cativar os detentores do poder de comunicação em grande escala. [...] Assim, no início da segunda década do século XXI eram abertas inéditas janelas de oportunidade para a disseminação de descontentamentos compartilhados pela maioria da população dos grandes centros urbanos frente aos diversos desgastes gerados pela nova dinâmica urbana. (OMENA, 2015, p. 210-211)

Com isso, fazendo uso de suas *fanpages* no *Facebook*, é comum os movimentos criem textos, notas de repúdio, apliquem o uso de *hashtags* e recorram frequentemente ao discurso visual, como charges e imagem montadas de acordo com suas intenções. Como também é característica às múltiplas reivindicações, esses movimentos conseguem abordar diversos temas sociais em seus canais. Diante disso, não foi difícil encontrar publicações referindo-se a casos de racismo no futebol.

Embora tenham suas reivindicações mais atreladas à luta contra machismo e LGBTfobia, foi possível captar publicações realizadas pelo Palmeiras Livre que remetem a um antirracismo. Um caso que ficou bastante famoso envolveu a goleira da seleção brasileira feminina, Bárbara Barbosa. O caso ocorreu durante as Olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016. No dia 12 de agosto, Marcos Clay, membro do Conselho Federal de Administração (CFA) faz uma postagem em seu Facebook no qual declara ódio aos “pretos”.

Imagem 8 – Caso Bárbara



Fonte: Portal G1.

Após a publicação e circulação em diversas outras redes sociais – *Twitter*, *Instagram* – e, inclusive, em telejornais por todo país, o autor do ato de racismo se retratou, mas em tom de preconceito cordial com alcunhas dirigidas cotidianamente às pessoas pretas. Além disso, há a questão de se objetivar a mulher com a frase “essa tinha chance”, um problema que remete às questões de gênero e à ideia de posse sobre a mulher, e, indo além no período colonial, de o senhor de engenho possuir suas concubinas, em geral, todas escravas.

A reação das pessoas nas redes sociais foi quase que imediata. Diversas publicações problematizando a fala de Clay fizeram parte desse julgamento virtual, posicionando-se os coletivos de maneiras diferentes.

O Palmeiras Livre, um dia após o caso, publicou em sua *fanpage* uma foto de Bárbara realizando uma defesa e, acompanhando a publicação, uma legenda enaltecendo a figura da goleira e a importância que o futebol feminino teve para alavancar a alegria do público em ver a seleção nacional jogando bem novamente. Com ênfase na palavra “elas”, o coletivo remete às questões de gênero no futebol.

Há anos o futebol feminino é visto como inferior e, somente de uns anos para cá, começou a ganhar visibilidade no mundo e nas mídias tradicional e digital. Muito disso se deve a figuras como a atleta Marta, eleita inúmeras vezes a melhor jogadora de futebol pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) e, além disso, a questões de lutas do movimento feminista em todo o mundo em busca da desconstrução do lugar da mulher na sociedade.

Imagem 9 – Palmeiras Livre e caso Bárbara



Fonte: Facebook Palmeiras Livre

Além disso, ao chamar a goleira de “Santa Bárbara”, o grupo faz referência a algo comum no futebol, a questão metafísica. Assim como na sociedade, as religiões em geral estão presentes no contexto futebolístico. Palavras como “milagre”, “Santo/a”, entre outras, são evocadas para referir-se a jogadas ou atletas que ganham esse tipo de apelido. Além dessas nomeações, há diversas figuras referentes a religião, em sua maioria a religião católica, considerados padroeiros dos times. O Sport Club Corinthians possui São Jorge como seu padroeiro e protetor durante jogos e competições (FRANCO JUNIOR, 2007).

A nomeação de “Santo” é bem comum a goleiros (as). Um dos mais famosos casos é o do ex-goleiro Marcos, atleta que atuou pela Sociedade Esportiva Palmeiras e que começou a ser chamado de “São Marcos”. A ideia vem de o atleta operar “milagres”, ou seja, realizar defesas consideradas indefensáveis. Com isso, o movimento busca elevar a imagem da goleira enaltecendo suas qualidades profissionais e mostrando que nenhuma característica física ou de gênero irá limitar suas façanhas.

O movimento Punk Santista faz muito pouco uso de sua *fanpage* no *Facebook* como forma de manifestação político social. Como vimos no capítulo anterior, o espaço destina-se ao

compartilhamento de bandas punk em dias de jogos do time como forma de sociabilidade entre esse nicho de torcedores. Entretanto, foi possível detectar uma publicação ou outra referindo-se à luta antirracista.

Imagem 10 – Punk Santista e o racismo



Fonte: Facebook Punk Santista

A partir dessa publicação, é possível ver que o uso de *hashtags* é bastante comum em ações realizadas no ambiente on-line devido ao alcance que proporcionam. Ao criar uma *hashtag* cria-se toda uma rede que permite com que os usuários do mundo inteiro se conectem em torno de um mesmo objetivo. Por exemplo, ao citar #punksantista, o coletivo faz com que os usuários que frequentam essa ou outra rede social possam localizar com maior facilidade as publicações realizadas pelo grupo, apenas indicando essa sequência de caracteres em específico.

Campanhas como #elenãotebateras..., #meuamigosecreto e #meuprimeiroassédio são adotadas de uma capacidade persuasiva que se caracteriza por uma construção coletivo de sentido, mobilizando o cidadão comum. Senso assim, se constituem como influenciadores de comportamentos, fazendo com que os outros usuários também queiram se engajar e replicar tais condutas. (FREIRE, 2016, p. 28 *apud* PINTO, 2018, p. 102)

Além disso, a partir do uso de imagens da arte visual do movimento, buscam expor sua identidade alinhada à luta antirracista, fazendo o uso da figura do cantor jamaicano Bob Marley, visto como um símbolo na luta antirracista.

Outro caso que demonstra a magnitude do racismo no futebol aconteceu com Gabriel Jesus, na época atacante do Palmeiras. O Palmeiras Livre se posicionou sobre o caso, fazendo exigências à federação responsável pela competição. Nesse caso, foi usado o já convencional grito de “macaco” para ofender o jogador. Segundo Ferreira *et al.* (2017), ações como essas são consideradas brincadeiras provocativas contra o jogador do time rival, uma vez que caracterizam o chamado “racismo cordial”.

Em conjunto, essas pesquisas demonstram que, embora as normas antidiscriminatórias coíbam expressões abertas do preconceito racial, observa-se que elas não são suficientes para impedirem suas manifestações. Assim, em nossa sociedade, alguns comportamentos preconceituosos parecem estar difundidos no tecido social e, em alguns contextos, escapam do controle normativo. Entre estes contextos encontra-se o futebol brasileiro. Como exemplo, temos visto que a mídia divulga sistematicamente eventos que mostram torcedores xingando de “macaco” ou “preto fedido” jogadores negros do time adversário. No entanto, isso tende a ser visto como brincadeiras próprias do contexto de disputa do futebol e não como expressões de preconceito racial. Esse tipo de manifestações, nitidamente preconceituosas, podem ser consideradas como o componente atitudinal do racismo cordial, que é típico do Brasil. No entanto, essas “brincadeiras” têm, sem dúvida, o objetivo claro de rebaixar os jogadores pelo fato de serem negros. (FERREIRA *et al.*, 2017, p. 340)

Imagem 11 – Caso Gabriel Jesus



Fonte: Facebook Palmeiras Livre.

Além de expor seu descontentamento com o caso, reiterando que racismo é crime e que deve ser combatido dentro e fora dos estádios, é interessante notar a linguagem utilizada na publicação, possuindo um tom de imposição mais acentuado. Isso se dá logo nas três primeiras linhas da publicação, onde é utilizado o uso de letras maiúsculas.

Tal uso ocorre devido à adaptação da linguagem face-a-face para o ambiente virtual. Por meio do uso de aspectos paralinguísticos, extralinguísticos ou interacionais, a comunicação e as interações virtuais são construídas.

Nessa publicação é possível perceber aspectos paralinguísticos bem marcados, sendo eles a “Altura da voz” e “Entoação”.

A altura da voz na comunicação de internet se caracteriza, principalmente, pelo uso de todas as letras da(s) palavra(s) em maiúsculo. (FREITAS; LEÃO, 2012, p. 189)

Enquanto a Entoação

Caracteriza-se pela utilização dos sinais de exclamação e interrogação, no sentido de demonstrar surpresa, dúvida, espanto e afins. (FREITAS; LEÃO, 2012, p. 189)

Em tons bastante agudos, é possível notar esses aspectos durante o decorrer do texto como semelhantes a discursos ditos em voz alta para várias pessoas, caracterizando o texto, dessa forma, como uma forma de apelo às autoridades responsáveis e uma afirmação da luta antirracista pelo grupo.

Por fim, para expor um último caso, evoco os posicionamentos do Coletivo Democracia Corinthiana. A publicação gira em torno do caso envolvendo o jogador Fernandinho, volante da Seleção Brasileira e do clube inglês Manchester City. Após a eliminação do Brasil para o time Belga nas quartas de final em partida válida pela Copa do Mundo da Rússia, em 2018, as redes sociais de Fernandinho foram inundadas de comentários racistas.

É impossível pensar nesse caso e não argumentar que o futebol é um jogo coletivo. Dessa maneira, todos possuem uma certa parcela de culpa diante da derrota. Infelizmente, devido às ações de alguns torcedores, a principal figura que ganhou destaque negativo foi Fernandinho, um jogador preto. Pouco se falou sobre o goleiro Alisson Becker, típico desenho europeu de cabelo liso, alto e olhos azuis, tão pouco sobre Tite, técnico da Seleção. As críticas vieram, mas foram feitas numa linha de técnica e habilidades do jogo, enquanto que as críticas feitas a Fernandinho ultrapassaram essa esfera, sendo justificadas pela cor de sua pele.

A partir desse caso, o CDC, por meio de um extenso e reflexivo texto escrito por Walter Falceta Jr., abordou as questões expostas acima. Como se trata de um texto muito extenso, irei destacar algumas partes que chamam a atenção.

Imagem 12 – CDC e Fernandinho

Tite ainda errou ao manter Gabriel Jesus, que julgava um jogador taticamente importante. É um conceito duvidoso. Segundo a FIFA, concluiu a gol uma vez somente durante a Copa, pouco para um comandante de ataque.

E, talvez por reconhecimento pelos serviços prestados em outras ocasiões, manteve Paulinho em campo, bissexto na marcação e confuso no momento de servir como homem surpresa.

Nem se discute se Arthur, do Grêmio, deveria ter sido chamado. Creio que sim. Cumpriria a função com esmero. Aparentemente, teve uma lesão no tornozelo antes da convocação. Não sei se foi o motivo de não figurar na lista.

Já no Corinthians, a meritocracia titeana teve muito da retribuição afetuosa aos soldados fiéis. Nem sempre o melhor esteve em campo. Fato!

Atribua-se mais ao coração generoso de Tite que a sua teimosia gaúcha e italiana, temperada pela fé religiosa.

Falta ao cronista brasileiro, e conseqüentemente ao torcedor, esse olhar de análise sobre os fatos.

De um lado, a malhação de Judas; de outro, o "foi o acaso" que decidiu o jogo. Ambas visões equivocadas do futebol.

No caso de Fernandinho, certa "gente de bem" exibiu-se em sua pior fisionomia ao crivá-lo de críticas racistas.

A esses comentaristas de redes sociais, falta conhecimento do esporte bretão e consciência acerca do rito civilizatório.

Fonte: Facebook Coletivo Democracia Corinthiana.

É importante frisar “as visões equivocadas do futebol”. De um lado, as atribuições aos erros de Tite caem sobre sua origem europeia e intensidade da fé religiosa, estereótipos que, geralmente, não são vistos como malignos para a ordem social. Diferente do que ocorre com Fernandinho, como abordarmos anteriormente.

Imagem 13 – CDC e Fernandinho

O futebol é caminho para a realização solidária dos nossos sonhos de tolerância, em que é fundamental o exercício da empatia.

Não é campo do ódio. Não é terreno para a estupidez que tem levado o país à ruína. O racismo contra Fernandinho é um pedaço do 7 a 1 que sobrevive no espírito daqueles que, nas arquibancadas, nos sofás ou nas avenidas, maculam a camisa amarela da Seleção.

Fonte: Facebook Coletivo Democracia Corinthiana.

Por fim, ao macular a camisa da seleção, a “gente de bem” abordada ao longo do texto, mancha e silencia toda uma história de diversidade encontradas no país. A camisa da seleção nacional, a partir de 2013 com todos os conflitos sócio-políticos, virou símbolo de uma direita nacionalista, preconceituosa e higienista. Esse grupo social é o responsável pelas ideologias propagadas ao resto da população, ideologias que negam a verdadeira história nacional de luta entre classes sociais ao longo do tempo. E, mesmo defendendo as cores do país, só foi necessário um erro para que o julgamento viesse à tona, invocando o racismo implantado historicamente.

Diante disso, foi possível notar, em diversas, ocasiões como o racismo estrutural se manifesta no contexto futebolístico. Não separado da sociedade, o futebol serve como palco privilegiado para que inúmeros crimes sejam cometidos. Buscando enfrentar isso, a partir de inúmeras formas e adaptações de ações para o ambiente virtual, como uso de textos, imagens e uso das *hashtags* na busca de um maior alcance, os movimentos buscam minar esse discurso.

2.4 A LGBTfobia no Futebol

Desde sua origem na Inglaterra, como conhecemos atualmente, o futebol foi praticado majoritariamente por homens. Antropólogos e historiadores cravam um interminável debate sobre as origens do jogo, mas o que temos certeza é que, ritualmente ou não, chutar uma bola é uma atividade antiga que sempre envolveu o sexo masculino como principal ator. Nas escolas e universidades inglesas onde desenvolveram-se as regras e os modos do jogo moderno, a princípio, o futebol tinha a função de transmitir virilidade, independência, disciplina e trabalho em equipe, além de coragem e força física.

No continente sul-americano, especialmente no Brasil, não foi diferente. Segundo Alabarces (2018), é preciso atentar-se para as instituições nas quais o futebol – e os esportes em geral – foi desempenhado, praticado a princípio por uma elite nacional com valores bastante semelhantes aos da elite inglesa; o esporte bretão em terras sul-americanas respeitava os valores do amadorismo, do *fair-play* e de uma masculinidade ideal. Não se tem registros de alguma minoria social na fundação do futebol por esses lados:

Son, primero, los clubes de la colectividad británica, luego imitados por las burguesías locales; son también las escuelas originalmente para expatriados y más tarde las escuelas privadas de la burguesía o las estatales; son a la vez las compañías mineras, de ferrocarriles o industriales [...] No hay cárceles, pero sí escuelas, cuarteles y fábricas, y no falta alguna iglesia. Es decir, lugares donde disciplinar los cuerpos y las mentes – y las almas, si fuera posible –. [...] Los deportes educaban a los caballeros en cuerpo y alma, en *mens sana in corpore sano*: cuerpos aptos para la guerra, mentes disciplinadas para el servicio de la Corona y para el ejercicio de la moralidad del caballero – lo que incluía el *fair play*, entendido como respeto por las reglas y por el

adversario. Los clubes criollos, fundados en toda la región como epígonos del modelo británico, se crearon sobre los mismos valores; [...]. (ALABARCES, 2018, s/p)

O autor comenta sobre os corpos estarem aptos à guerra. Segundo Hilário Franco Junior (2007), o futebol pode ser visto como uma guerra, uma guerra simbólica, onde o caráter guerreiro do futebol:

[...] transparece em diversos indícios. A linguagem usada nele tem expressões significativas, como “matar a bola”, “matar a jogada” ou “matar o jogo”. O jogador encarregado de fazer a maior parte dos gols da equipe é o “artilheiro”, o “matador”, o carrasco dos adversários. O representante do time junto ao árbitro é conhecido por uma patente militar, “capitão”. Certos futebolistas, devido à disposição mostrada durante as partidas, ganham o apelido de “guerreiro”, outros em razão de sua força física são chamados de “tanque”. [...] o jogo apresenta ambientação de claro sentido militar. A arena onde se desenrola é cercada por escudos, bandeiras, hinos e “gritos de guerra” das torcidas. (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 235-237)

Atribuída como uma atividade historicamente desempenhada por homens, a guerra demanda força, coragem e honra, fornecendo ao futebol inúmeros adjetivos que denotam esses conceitos atribuídos ao sexo masculino.

Portanto, o futebol desenvolveu-se como manifestação esportiva e social carregando valores de uma elite masculina e heterossexual que, além dos valores estrangeiros, tinha sua base social originada do patriarcado, criando a imagem padrão do homem que deveria praticar o esporte. Mesmo após sua ramificação entre outras classes sociais, manteve-se tais valores do “jogo pra macho”, transformando-se em uma instituição masculina produtora e reprodutora de discursos pertencentes a uma masculinidade hegemônica. Criou-se, a partir disso, um tipo ideal, um sujeito masculino enquadrado na normalidade:

O esporte unificou um conjunto de valores como força, potência, velocidade, vigor físico, busca de limites, características valorizadas na sociedade e historicamente associadas à imagem da masculinidade (...), fazendo com que o comportamento esportivo seja definido como um papel do gênero masculino. (DEVIDE, 2005, p. 42 *apud* BANDEIRA; SEFFNER, 2013, p. 254)

A construção de gênero e sexo não são naturais, sendo, portanto, uma criação que busca enquadrar as pessoas socialmente em aspectos de gênero/sexo/desejos, criando a divisão entre homem e mulher e suas funções biológicas e sociais. Uma dualidade que deve ser seguida à risca na busca da matriz heteronormativa:

[...] a matriz heteronormativa exige a instituição de posições discriminadas e assimétricas entre feminino e masculino, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de macho e fêmea. Essa mesma matriz requer ainda, que certas identidades não possam existir, isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não decorrem nem do sexo, nem do gênero. (SOUSA, 2013, p. 5)

A construção dessa dualidade heteronormativa ultrapassou o âmbito do jogador e chegou ao torcedor:

Os torcedores de futebol que frequentam os estádios são produzidos ao longo de diferentes jogos e situações. Os cânticos repetidos, performances executadas, emoções explicitadas são didaticamente empregados, produzindo uma lógica de atitudes fundamental para o tipo específico de fruição dos espetáculos futebolísticos nos estádios. Dentre os mais variados conteúdos que se ensinam, aprendem e disputam nos estádios de futebol, a masculinidade possui preponderância. É importante frisar que a masculinidade vivida nesse contexto cultural específico possui algumas características particulares: ela é machista e homofóbica. Em muitos momentos, essa homofobia é naturalizada e manifestações dessa ordem não são entendidas como violentas. (BANDEIRA; SEFFNER, 2013, p. 247-248)

Portanto, assim como na sociedade, o discurso heteronormativo está presente no futebol, negando toda e qualquer forma de expressão que seja contrária a isso. Os considerados como não-sujeitos são jogados à marginalidade social, sendo vítimas de discriminação e violência, tendo práticas extremistas como resultado de um ódio por esse não-sujeito (SOUSA, 2013).

A manifestação da homofobia, segundo Leal e Carvalho (2008), pode ser dividida em duas partes: uma individual, ou psicológica e outra social ou cognitiva. No primeiro caso, ela se apresenta como uma manifestação emocional fóbica, que pode chegar a envolver náusea, asco e mal-estar, enquanto no segundo caso, baseia um conhecimento do homossexual sobre um preconceito que os reduz a um clichê. É o caso, por exemplo, das piadas e insultos que costumeiramente reduzem gays, lésbicas ou transgêneros a grotescos personagens de escárnio. (LEAL; CARVALHO, 2008 *apud* SOUSA 2013, p. 6)

Essa violência contra os “não-sujeitos” pode ser observada nas falas de Thais e Ana, ambas do Palmeiras Livre. Ao expor a criação e início da atuação do coletivo, Ana relata a indignação de outros torcedores palmeirenses pela causa do grupo, exemplificando o segundo estágio da manifestação de homofobia com os insultos “bambi”, “bando de viado” e “viadinho”:

[...] os torcedores palmeirenses atacaram muito a gente no início, até hoje a gente sofre alguns ataques virtuais, mas hoje nem tanto. Mas na época: “Ah, um bando de viado quer dizer que entende de futebol e tá sujando nosso no... nosso time. Quem é bambi, quem é viadinho é são paulino”, entendeu?! Ficavam muito essas coisas. A Thais chegou a sofrer ameaças, foi bem complicado nesse início. Agora já tá mais tranquilo. (Ana Trindade)

Thais relatou uma experiência que ocorreu quando foi a um jogo da Sociedade Esportiva Palmeiras e destaca também a dificuldade de o coletivo praticar suas ações nos jogos do time masculino do Palmeiras.

Uma vez eu fui com uma camiseta do Palmeira Antifascista e fui abordada por um careca me dando um toque, porque eu tava com a minha filha, que talvez não fosse legal entrar, porque ele era de boa, mas outras pessoas poderiam não ser. [...] O masculino é bem mais difícil, a gente tem, quando vai postar tem que postar com o rosto coberto. Infelizmente, a gente não pode mostrar o rosto. (Thais Nozue)

Essa ação demonstra um certo monitoramento por parte de outros torcedores em busca da manutenção do seu espaço contra possíveis “intrusos” que poderiam trazer uma mudança significativa no contexto. Portanto, por meio desses pequenos atos que geram um enorme trauma, se faz uso de uma violência simbólica. Segundo Rosa (2007)

[...] a violência simbólica representa uma forma de violência invisível que se impõe numa relação do tipo subjugação-submissão, cujo reconhecimento e a cumplicidade fazem dela uma violência silenciosa que se manifesta sutilmente nas relações sociais e resulta de uma dominação cuja inscrição é produzida num estado tóxico das coisas, em que a realidade e algumas de suas nuances são vividas como naturais e evidentes. Por depender da cumplicidade de quem a sofre, sugere-se que o dominado conspira e confere uma traição a si mesmo. (ROSA, 2007, p. 40)

Um outro relato de violência ocorreu quando o Palmeiras Livre realizou a construção de seu logotipo:

Imagem 14 – Logo Palmeiras Livre



Fonte: Facebook Palmeiras Livre

Questionada como se deu a sua construção, Thais relatou que sofreram bastante resistência por parte de outros torcedores:

Na verdade, a gente não usava. A nova entre aspas, que já tem uns anos, acho que uns três anos. Ela foi construída justamente por essa quantidade de, de *haters* que surgiu de repente dizendo que a gente tava se apropriando do símbolo do Palmeiras. Sendo que a gente sabe, se a gente for lá na rua Palestra Itália o que você mais vê é símbolo do Palmeiras customizado. E outras, as outras torcidas que existem, mas enfim. É... E aí, pra gente evitar, e também teve uma questão jurídica do Palmeiras que eles estavam pesquisando pessoas que modificaram o logo do Palmeiras pra pedir pra tirar. Então a gente resolveu se antecipar, caso aconteça alguma coisa, e a gente resolveu construir esse logo [ela estava com a camisa e foi apontando os detalhes do logo do coletivo] que ele engloba o próprio Palestra Itália, né?! O feminismo, o movimento negro, trans e LGBTQI+. (Thais Nozue)

Essa resistência por parte dos torcedores se deve a identificação que os mesmos possuem com o clube. Para Franco Junior (2007) o

brasão ou escudo dos clubes de futebol constitui seu símbolo (no sentido etimológico de ‘sinal de reconhecimento’) maior [...]. O escudo é praticamente a síntese material do clube, sua corporificação, daí a atenção e tensão maior de que é cercado. (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 216)

Portanto, ressignificações como essas que buscam incluir todas as bandeiras que representam a diversidade dos grupos sociais sofrerá algum tipo de resistência e será negado dentro desse contexto.

A partir da fala de Thais e análise do logotipo, é possível arguir que a adoção desse formato envolve também uma forma de questionamento do discurso em cima do futebol,

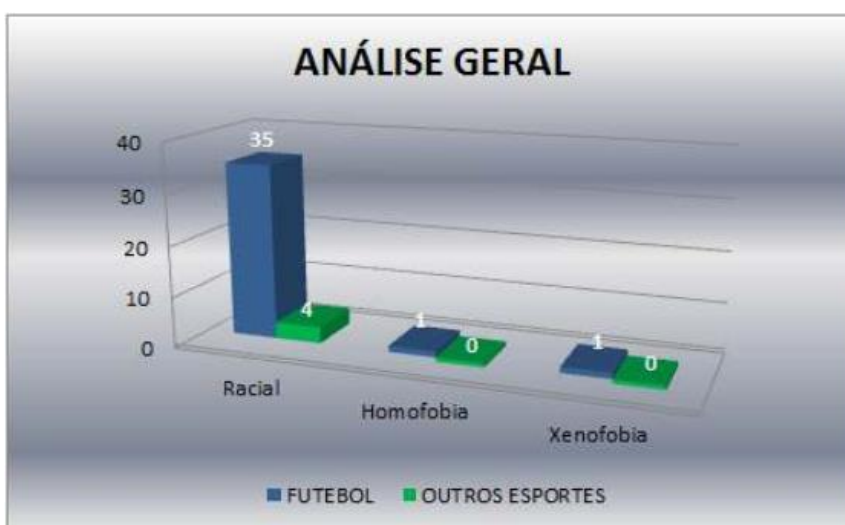
aludindo a uma diversidade de grupos torcedores em torno da Sociedade Esportiva Palmeiras. Além disso, há também a afirmação de identidade coletiva do movimento.

Além de sofrerem do uso da violência simbólica, Thais e o coletivo em si sofrem o que Bento (2013) chama de “heteroterrorismo”, ou seja, a imposição forçosa de um contexto heteronormativo ditando o que é esperado para cada gênero. Essa imposição ocorre por parte das instituições (família, igreja, escola, etc.) acompanhada de uma pedagogia da sexualidade que é constantemente marcada por repressões do tipo: “azul é cor de menino, rosa é cor de menina”; “meninos não choram”; “isso é coisa de menina”.

Portanto, como não se enquadram no perfil do torcedor “normatizado”, o grupo é jogado à marginalidade sofrendo um questionamento sobre seu grau de identificação e paixão pelo clube. Desse modo, não são considerados como “torcedores de verdade”.

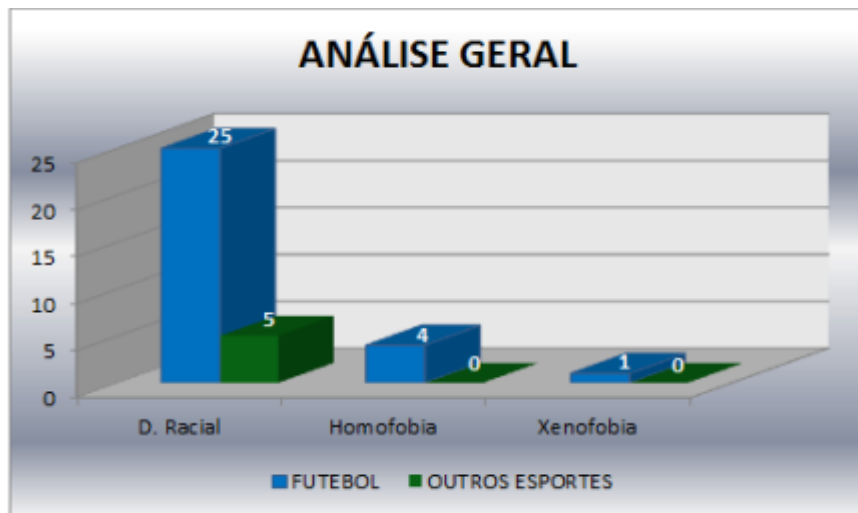
Além desse microcosmo onde a violência contra as ditas minorias sociais é presente, a partir dos relatórios anuais disponibilizado pelo Observatório Racial no Futebol Brasileiro, é possível observar casos de LGBTfobia em diversos contextos que envolvem o futebol ao redor do país e no exterior. A partir de 2015, os relatórios anuais de discriminação no futebol brasileiro passaram a incluir casos de LGBTfobia e xenofobia e, posteriormente, em 2017, incluíram casos de machismo em contextos direto e indiretamente ligados ao futebol, como por exemplo, a documentação de casos ocorridos na internet. Os números, embora não muito vastos se comparado aos casos de discriminação racial, são preocupantes, uma vez que há inúmeros casos que não são registrados oficialmente. Os gráficos a seguir são dos anos de 2015 a 2018, respectivamente:

Gráfico 3 - Preconceitos nos esportes



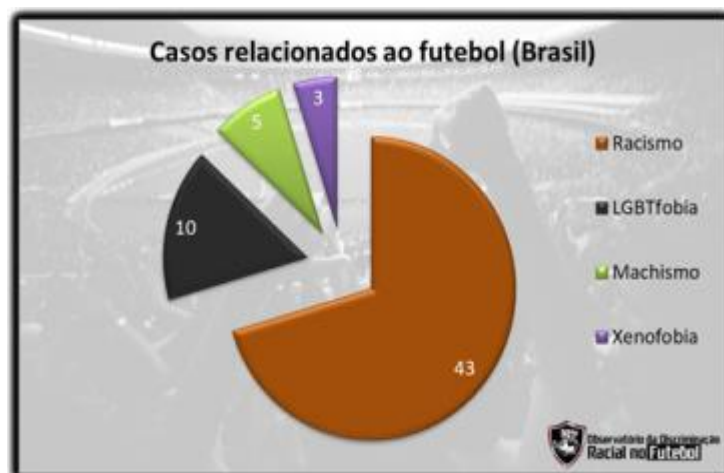
Fonte: Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol (2015).

Gráfico 4 - Preconceitos nos esportes



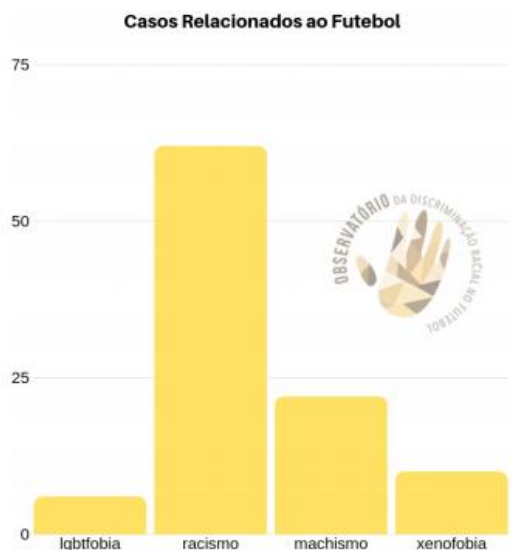
Fonte: Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol (2016).

Gráfico 5 - Preconceitos nos esportes



Fonte: Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol (2017).

Gráfico 6 - Preconceitos nos esportes



Fonte: Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol (2018).

Como podemos notar, de acordo com os gráficos, os números de racismo são muito mais presentes do que as outras categorias. Entretanto, no que tange às discriminações relacionadas a gênero e LGBTfobia, o número de casos revelou-se crescente. Apenas no ano de 2017, os casos envolvendo discriminações contra a comunidade LGBTQIA+ foi superior aos anos anteriores e a 2018. Dez casos contra nove, somados em três anos de registros oficiais.

Coincidentemente, 2017 foi o ano em que houveram mais mortes registradas vinculadas à população LGBTQIA+ dos últimos 39 anos, totalizando 445. Segundo o Grupo Gay da Bahia, um LGBT é morto a cada vinte horas vítima de assassinato brutal ou se suicida vítima da LGBTfobia. No ano de 2018, o grupo contabilizou 420 mortes, “191 Gays (45%), seguido de 164 Trans (39%), 52 Lésbicas (12%), 8 Bissexuais (2%) e 5 Heterossexuais (1%)”.²⁵ Isso torna o Brasil campeão de crimes contra as minorias sexuais. Os crimes mais brutais ocorrem contra pessoas transgêneros, confirmando uma aversão pela figura do outro considerado pela heteronormatividade como um “não-sujeito-social”. Diante disso, segundo Sousa (2013):

Os dados alertam para uma violência que não apenas mata, mas também mutila e destrói os corpos que violentam. É comum que os homicídios ocorram não com um tiro de pistola; não com duas ou três facadas, e sim com nove tiros, vinte facadas, cabeças decepadas, troncos carbonizados. Os simbolismos que engendram dessas práticas demonstram um ódio que não finaliza na vida, mas no extermínio de algum *outro* feminino que não pertence ao corpo da fêmea; numa masculinidade *ilegítima* anunciada por um corpo sem um pênis. (SOUSA, 2013, p. 8, grifo nosso)

²⁵ Link para acesso ao relatório anual: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contra-lgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>. O grupo vem, desde 2011, produzindo relatórios anuais que registram as mortes de pessoas vinculadas a comunidade LGBT+ no Brasil.

Portanto, juntamente com o machismo, esses casos afirmam e reafirmam o discurso na predominância da figura masculina, heterossexual e cisgênero no espaço futebolístico onde as pessoas que não se enquadrarem nesse perfil não se sentem bem-vindas. A partir dessa manutenção da preponderância masculina, diversas manifestações consideradas discriminatórias se tornam naturalizadas e são utilizadas de forma corriqueiras nos estádios por torcidas e torcedores, assumindo um caráter mais simbólico de violência.

Diante disso, as manifestações se materializam em xingamentos, gritos ou cânticos e, normalmente, por serem os sujeitos antagônicos, a torcida rival é insultada a partir de palavras que buscam inferiorizá-los. As palavras geralmente que remetem a minorias sociais vistas como inferiores diante da homogeneidade masculina hierarquizante. Além da torcida rival, os alvos também costumam ser os árbitros, técnicos e policiais presentes:

Atributos de uma masculinidade hegemônica, como a intensidade sexual, podem ser observados em diferentes cânticos das torcidas. [...] O colorado ou o gremista representado como inferior é associado à prática da felação e a posição de penetrado em uma prática de sexo anal. Essas práticas sexuais cantadas apontam que apenas os sujeitos que ocupam a posição de passividade no ato homoerótico teriam sua masculinidade em “risco”. (BANDEIRA; SEFFNER, 2013, p. 253)

Com denotação sempre relacionada à sexualidade, o grito de “Bicha!” ganhou popularidade nos estádios de todo o Brasil, sendo utilizado em diversas competições, inclusive internacionais.

O xingamento, assim com outros utilizados, se tornou algo corriqueiro nos estádios, levando alguns torcedores a criticarem as medidas que buscam reprimir esta atitude. Tais críticas soam mais no sentido de referência aos modos de torcer do que na busca do real entendimento do que estar por trás do grito.

Diante do discurso criado no meio futebolístico, no qual falamos anteriormente, fica claro o significado deste grito: a homofobia. Geralmente vinculado ao adversário, representante da figura do outro, o grito se materializa na cobrança de tiro de meta do goleiro do outro time. Além de enxergar o time adversário como inimigos de guerra, é preciso inferiorizá-lo, uma vez que esse outro representado no grito não se enquadra na masculinidade hegemônica daquele contexto.

Investigações alegam que a origem do grito esteja no México, onde os torcedores gritam “Puto!” na cobrança do tiro de meta, expressão usada vulgarmente para referir-se aos gays. Durante as Copas do Mundo de 2014 e 2018 no Brasil e Rússia, respectivamente, foi possível ouvir a torcida mexicana utilizando a expressão contra goleiros adversários.²⁶ No Brasil, o grito

²⁶ Link para a reportagem: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-44532057>

ganhou uma repaginada e transformou-se em “Bicha!”, trazendo o mesmo sentido da expressão mexicana.

Diante da naturalização desse termo na sociedade brasileira, a moda pegou rápido nas competições nacionais e internacionais, com inúmeros casos registrados ao longo dos anos. Aqui destacarei três casos: o primeiro integra o imaginário social futebolístico até os dias de hoje; o segundo envolvendo um torcedor gay que se rebelou contra a própria torcida; e, por fim, o terceiro que representa muito bem a visão política que está no poder atualmente.

No dia 25 de março de 2015, a Sociedade Esportiva Palmeiras enfrentou o São Paulo Futebol Clube em um clássico válido pela 12ª rodada do Campeonato Paulista. A partida ocorreu no estádio do Palmeiras, Allianz Parque. A luxuosa Arena serviu de palco para os gritos homofóbicos toda vez que Rogério Ceni, goleiro e capitão da equipe do São Paulo, pegava na bola.

Neste caso, os gritos tiveram um peso dobrado. O time do São Paulo é popularmente conhecido no universo torcedor pela figura do “bambi”, termo que faz referência ao cervo que protagoniza um famoso filme dos estúdios Disney. A alusão ao personagem passou a ser feita quando o objetivo era discriminar pessoas da comunidade LGBTQIA+, posto que o protagonista do filme era visto como um ser de personalidade sensível e feminina. Entretanto, como “provocação” aos torcedores do São Paulo, o termo apenas se popularizou no início dos anos 2000, quando o ex-jogador corinthiano Vampeta cedeu uma entrevista revelando como provocava seus amigos que atuavam pelo time do São Paulo. O ex-atleta argumentou: “O Corinthians tem o gambá, o Santos tem a baleia, o Palmeiras tem o porco e o São Paulo precisava adotar um animal de estimação. Essa história do bambi já existia e eu só acordei o gigante adormecido”.²⁷ A torcida do São Paulo até hoje é vista como os “bambis” e, diante de tudo que essa figura representa, recebe com hostilidades tais “provocações” por parte de outros torcedores.

No dia seguinte à partida, o Palmeiras Livre publicou em sua *fanpage* um texto lembrando de tal episódio.

²⁷ Link para acesso à matéria: <https://www.torcedores.com/noticias/2016/11/idolo-no-corinthians-vampeta-explica-o-apelido-de-bambi-que-deu-para-o-sao-paulo>. Acesso em 28/02/2020.

Imagem 15 – O Choque-Rei



Palmeiras Livre está com Thaís Nozue e outras 5 pessoas.

26 de março de 2015 · 🌐

Sobre o Choque-Rei

Ontem o Palmeiras finalmente venceu um clássico e resgatou aquela velha alegria e emoção de sermos palmeirenses.

No entanto, não podemos tapar os olhos para a homofobia uníssona no estádio, a todo momento em que Rogério Ceni pegava na bola.

Acreditamos que o futebol seja reflexo da sociedade e, enquanto repudiamos Bolsonaros, Cunhas e Felicianos no dia-a-dia, não devemos também tolerar comportamentos preconceituosos em campo.

Por que perdemos nossa humanidade, quando os rivais se enfrentam?

Um xingamento é uma humilhação, porque o xingamento cria uma escala de diferença. O ofendido se torna inferior ao ofensor.

Sabemos que muitas pessoas que frequentam os estádios e que chamam o colega de "bicha" e "viado", não vão bater em homossexual na rua e, por isso mesmo, não gostam de ser patrulhados desta maneira. Contudo é necessário que coloquemos as coisas em perspectiva.

A maioria de nós está acostumada a utilizar a sexualidade de uma pessoa como xingamento. Naturalizamos isso por uma série de questões históricas, tornando algo tão rotineiro e banal que nos autoriza a profanar preconceitos.

Ser gay não é uma ofensa e ser racista, homofóbico, machista e xenofóbico não tem graça! Nem no futebol e nem em nenhum outro lugar.

Pensem a respeito sobre essas atitudes e, quem sabe no próximo clássico, brilhemos tanto em campo quanto nas arquibancadas.

Leia mais aqui: <http://migre.me/pbhpl>



Fonte: Facebook Palmeiras Livre

Primeiramente, gostaria de destacar a frase que dá início ao texto. Vencer uma partida em um jogo não possui o mesmo peso que vencer em cima de um dos maiores rivais do Palmeiras. No total de 314 confrontos entre os dois times até o momento, o São Paulo foi o que mais venceu, totalizando 108 vitórias contra 100 do time palmeirense, o que nos mostra um duelo bastante equilibrado entre as equipes. A rivalidade representa inúmeros sentimentos e

sentidos, dentre eles, podem ser vistos durante uma partida o significado carregado pelo futebol de ser encarado como uma guerra simbólica que envolve, sobretudo, a defesa territorial.

[...] tal descrição pode facilmente ser estendida ao futebol. Este é codificado e limitado ao espaço (estádios) e no tempo (duração da partida, calendário esportivo) de maneiras a não alternar a rotina da sociedade global. A guerra simbólica do futebol tem como personagens centrais homens jovens e fortes distribuídos em pequenos grupos (times) que se enfrentam, mas que se unem para combater o estrangeiro (seleções nacionais). A desqualificação do rival também é típica do contexto do futebol. (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 202)

Alimentado por esse sentido da guerra simbólica, o clássico possui um valor maior para a identidade torcedora de um clube. Mesmo a cidade possuindo outros times que fazem parte da elite do futebol paulista, os clássicos da capital possuem um valor maior devido a historicidade dos lugares de origens e pessoas que representavam no início. O Palmeiras tem sua origem na zona oeste enquanto que o São Paulo possui origem na zona sul. Historicamente, a origem da equipe palmeirense é atribuída às classes trabalhadoras, enquanto que a são paulina das classes mais abastadas da cidade. Além disso, atualmente, os clubes dividem o muro de seus centros de treinamentos localizados no bairro da Barra Funda. Dessa forma, a vitória resgata sobretudo essas narrativas históricas na busca da ascensão de um poder perante o outro, a afirmação da identidade torcedora perante seu rival.

A lógica de todo clube, como de toda sociedade, é seu reconhecimento por parte dos congêneres, é a afirmação e difusão de seu poder. As vitórias esportivas, em certo sentido, não são os objetivos últimos, e sim os instrumentos privilegiados para o fortalecimento clânico. (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 207)

Entretanto, mesmo destacando a representatividade que a vitória possui, o movimento alega que “não podemos tapar os olhos”, superando a identidade torcedora, e fazendo críticas à instituição palmeirense, como aparece nas falas de Thais

O futebol ele não é uma ilha, ele tá integrado na dinâmica social. E... trazer esses debates pra justamente politizar, parar com essa coisa de separar que política, religião e futebol não se discute, a gente vai, entra nesses protestos, nessas reivindicações com o intuito de politizar mesmo os torcedores, né?! É... trazer eles pra um debate social, para além do, do clubismo, né?! É... a gente também não gosta do discurso de “Palmeiras acima de tudo”, porque é um discurso mega fascista, tem que ter a crítica e haja crítica. O Palmeiras tem que ser criticado o tempo todo. (Thais Nozue)

O movimento faz alusão a políticos: “Bolsonaros, Cunhas e Felicianos”. Embora só exista um de cada, o uso do plural representa a difusão dos discursos propelido por esses sujeitos. Esses até então deputados, eleitos por vias democráticas, representam o discurso autorizado de instituições superiores. Ou seja, como representantes eleitos, eles possuem o *status* que qualifica suas falas (FOUCAULT, 2008, 2011).

Embora possuam esse *status* de fala, esses sujeitos alimentam discursos de ódios contra minorias sociais que ecoam entre seus apoiadores e ultrapassam limites sociais. O pastor Marco

Feliciano, deputado pelo Partido Social Cristão (PSC-SP), conhecido por sua defesa da moral e dos bons costumes, foi o principal porta voz e defensor da “cura gay”. O Projeto de Decreto Legislativo da Câmara (PDC) 234/2011 foi aprovado pela Comissão de Direitos Humanos (CDH) em 2013. Presidente da comissão na época, Feliciano aprovou o projeto de autoria do deputado João Campos (PSDB-GO) que tinha como objetivo permitir que psicólogos atuassem em casos de homossexuais que desejassem passar por tratamento devido a orientação sexual. O projeto foi arquivado após gerar inúmeras polêmicas, visto que foi defendido como “uma conversão”, tratando a orientação sexual como uma doença.

Isso exemplifica o que foi debatido anteriormente sobre o lugar dos sujeitos e não sujeitos na sociedade. Considerados como não sujeitos, as pessoas com orientação fora do padrão heteronormativo precisam ser curadas, convertidas aos bons costumes. Esse discurso ecoa em diversos meios da sociedade. No dia mencionado clássico estadual, reafirmou-se que o lugar dessas pessoas não é em um estádio de futebol. Tratado como um lugar para extravasar sentimentos, o estádio de futebol é apenas mais um lugar social onde o discurso não é combatido, mas sim naturalizado, criando barreiras sociais.

Por fim, por meio de uma imagem, o movimento faz alusão à identidade torcedora e às suas principais reivindicações ao colocar o escudo do Palmeiras estampado por cima de uma bandeira da comunidade LGBTQIA+. Diante do uso dessa imagem, os atores produzem discursos visuais que buscam afirmar a diversidade social e firmar a presença da comunidade LGBTQIA+ torcedora do Palmeiras, já que assim como um fotógrafo, assumem a perspectiva que desejam passar ao expor tal montagem.

A imagem fotográfica não simplesmente “se liga” a uma realidade externa, mas é construída internamente pela maneira como se configura o mundo visual na bidimensionalidade da sua superfície, de modo a garantir sua iconicidade, isto é, a sua capacidade de evocar uma sensação de presença do próprio referente. Ao assumir, então, a existência de uma organização intencional dos componentes da imagem, o fotógrafo sai do papel passivo de mero acionador de um dispositivo para assumir posição ativa: ele vai à realidade para descobrir nela o modo, a perspectiva ou o ponto de vista que julgue ser mais adequado para se reportar a ela. (SANTOS, 2009, p. 119)

O outro caso ocorreu no mês de março de 2018 com o torcedor palmeirense e jornalista William de Lucca, em um outro clássico envolvendo Palmeiras e São Paulo. Nesse dia William acompanhava o seu clube quando cânticos homofóbicos, entoados pela torcida do Palmeiras contra o time e torcedores tricolores, lhe chamou a atenção de forma negativa.

Após ouvir da torcida do seu próprio time de que “todo ‘viado’ nessa terra é tricolor”, o jornalista publicou uma foto sua no estádio em sua conta no *Twitter* falando que havia

encontrado uma brecha nessa afirmação, e reiterou que era gay, palmeirense e que ia a todos os jogos do clube.

Como era de se esperar, o caso gerou enorme repercussão, tanto positivamente, de pessoas, grupos, torcidas rivais, jornais apoiando e querendo ouvir mais sobre sua militância, quanto negativamente, com parte da torcida palmeirense e outros torcedores criticando a atitude de William. Ele acabou sofrendo ameaças de morte e não pôde mais acompanhar aos jogos do seu time da mesma forma como antes.

Esse caso apenas exemplifica o forte discurso presente no futebol como um espaço para homens heterossexuais, sendo os únicos sujeitos permitidos nesse contexto. As ameaças sofridas por William só mostram que, mesmo possuindo uma forte identificação com o clube e indo a todos os jogos, ele não é visto como um sujeito em potencial para habitar aquele território.

O Coletivo Democracia Corinthiana, reforçando a ideia da criação de uma rede de acolhimento e ação, prontamente soltou uma nota demonstrando apoio à vítima. O grupo enaltece a coragem e trabalho efetuado pelo ativista e critica a naturalização do termo “Bicha!” na sociedade e, conseqüentemente, no espaço do futebol. A publicação reforça a ideia de que há uma rede entre esses torcedores que lutam por um estádio e por um esporte mais inclusivo para todos, no entanto, o grupo cai em generalizações ao usar o termo “fascista”, termo bastante presente em frentes de esquerda e progressistas que buscam lutar contra medidas sociais antipopulares e antidemocráticas. Embora o termo atualmente seja associado sobretudo a grupos ou pessoas que seguem a direita e extrema direita, é preciso se atentar para não cair em anacronismos e generalizações e acabar não dando a real importância diante dos fatos.

Imagem 16 – Caso William de Lucca



Fonte: Facebook Coletivo Democracia Corinthians.

Por fim, o último caso ocorreu em outubro do mesmo ano, período das eleições presidenciais. Interessante notar que o nome do então candidato Jair Bolsonaro, aparece outra vez no *post* realizado pelo Palmeiras Livre. O episódio em questão ocorreu em uma das estações de metrô da cidade de São Paulo, onde parte dos torcedores de uma torcida organizada do Palmeiras cantou em voz alta: “Ô bicharada, toma cuidado! O Bolsonaro vai matar viado!”. Em nota, o Palmeiras Livre fez uma publicação repudiando a ação de tais torcedores, sendo esse tipo de publicação bastante comum nas redes sociais. As notas de repúdio, além de mostrarem um posicionamento contrário ao que foi dito, possibilitam a documentação de tal posicionamento.

Imagem 17 – Nota Palmeiras Livre



Palmeiras Livre

3 de outubro de 2018 · 🌐



NOTA DO COLETIVO PALMEIRAS LIVRE

Nas últimas horas fomos marcados diversas vezes numa postagem onde uma torcida do Palmeiras grita em coro no metrô: "ô bicharada, toma cuidado! O Bolsonaro vai matar viado!".

Nos enviaram também uma foto com eleitores do candidato, rasgando uma placa de rua com o nome de Marielle Franco. Mulher negra, lésbica, eleita democraticamente e que fora assassinada há mais de 200 dias. Crime cívico sem solução, até este momento.

O Coletivo Palmeiras Livre é formado por dezenas de palmeirenses. Este espaço foi e continua sendo construído para ser resistência. Todas e todos que compõem essa rede estão e sempre estiveram no front. Militantes ou não, lgbt's ou não, mulheres e homens, as pessoas encontram aqui acolhimento para que possam ser livres pra torcerem do jeito que são.

Estamos em luta. Sempre estivemos. Independente de quem vença essas eleições, continuaremos na linha de frente pra cobrar e seguir resistindo.

Não nos calarão. Ninguém!

[#PalmeirasLivre](#)

Edit: A pessoa que rasga a placa com o nome de Marielle é Rodrigo Amorim, candidato a deputado estadual pelo PSL, partido de Bolsonaro.



👍❤️😭 1,1 mil

159 comentários · 154 compartilhamentos

Fonte: Facebook Palmeiras Livre.

Assim como o deputado Feliciano, citado anteriormente, o então deputado e candidato à presidência Jair Bolsonaro possui diversas declarações polêmicas e criminosas que atacam direitos das mulheres, pretos e pessoas LGBTQIA+. Embora tenha dado inúmeras declarações do gênero, duas delas ganharam bastante destaque na mídia. A primeira ocorreu em 2002, quando o deputado fez um comentário após o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso publicar uma foto com a bandeira LGBTQIA+ defendendo a união civil de pessoas do mesmo sexo: “Não vou combater nem discriminar, mas, se eu ver dois homens se beijando na rua, vou bater”.²⁸ A outra frase polêmica ocorreu durante um programa da TV Câmara, em 2010: “O filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um coro ele muda o comportamento dele, tá certo? Já ouvi de alguns aqui, olha, ainda bem que levei umas palmadas, meu pai me ensinou a ser homem”.²⁹

Diante disso, é possível notar nas falas de Bolsonaro o incentivo à agressão de pessoas gays. Embora esse discurso não seja praticado fisicamente por ele, sua autoridade e poder de fala, conferidos por sua posição de figura pública, incentiva discursos homofóbicos de outros, como nos revelam os dados anteriormente explorados. Sendo um dos países que mais matam pessoas LGBTQIA+ no mundo, discursos como esse dão carta branca para que a construção dos “não-sujeitos” continue crescendo em formato de violência e ódio ao outro. O resultado final se dá por meio da violência física ou moral dos sujeitos considerados periféricos – gays, lésbicas, transexuais, travestis, crossdressers, transformistas, dentre outros – como foi visto no cântico dos torcedores (SOUSA, 2013).

Portanto, por meio desses discursos contrários à presença de um “não sujeito”, os estádios e os ambientes urbanos criam barreiras sociais impossibilitando que essas pessoas façam uso desses espaços para “humanizar suas identidades e práticas sexuais e performances de gênero; restando a si absorver os reflexos de ódio criados no seio da sociedade” (SOUSA, 2013, p. 8).

Com tudo isso, diante dessa barreira social e toda violência citada anteriormente sofrida pelo coletivo desde o seu início, a atuação do grupo em ambientes urbanos é bem restrita. Thais destaca o papel das redes sociais para a sociabilidade, manifestação e torcida por parte desses torcedores.

É... na verdade a gente... como ainda há muita barreira pra gente poder torcer de forma livre dentro do estádio, a rede social se tornou, praticamente, uma arquibancada pra gente, né?! E pra boa parte dos outros coletivos de esquerda que existem dos times

²⁸ Acesso em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/14/interna_politica,951685/10-frases-polemicas-de-bolsonaro-que-o-deputado-considerou-brincadeira.shtml

²⁹ Idem.

assim, a gente vai pro estádio, sempre que tem a oportunidade, com segurança, a gente leva bandeira, é... o jogo mais acolhedor pra gente poder levantar as nossas pautas são, é no futebol feminino. Então a rede social virou a nossa arquibancada pra torcer com segurança. Porque as ameaças acabam sendo virtuais. (Thais Nozue)

É possível notar que essa fala de Thais se reflete na nota publicada pelo coletivo. Buscando marcar sua presença, o texto finaliza com a imagem do logotipo do grupo, ilustrando que todos os participantes estarão disponíveis a lutar por seus objetivos, ocupando os espaços onde não são aceitos socialmente, sendo, desse modo, um forte expoente nas reivindicações LGBTQIA+ e antirracistas.

3. TERCEIRO CAPÍTULO: A ELITIZAÇÃO DO FUTEBOL - AÇÕES E RESISTÊNCIAS CONTRA O FUTEBOL MODERNO

Neste capítulo, analisamos o processo de como a elitização do futebol brasileiro vem operando sob a cultura torcedora do Estado de São Paulo, sobretudo na capital Paulistana e Santos, cidade de origem do Punk Santista. Buscando atingir os objetivos desta parte da pesquisa, demos um foco maior para o coletivo Ocupa Palestra, devido a uma ligação maior que o grupo possui com a política interna do clube e, também, pelo Palmeiras ser um dos clubes que mesmo não tendo seu estádio utilizado para a Copa do Mundo de 2014, decidiu realizar mudanças e transformá-lo em uma Arena, o Allianz Parque.

A princípio, contextualizamos como se iniciou o processo de “modernização” no futebol do Reino Unido e brasileiro, ainda na década de 1990. Em seguida, realizamos um breve debate de como o discurso de “modernização” do futebol foi se materializando, sobretudo com a crescente mercantilização do esporte promovida por agentes externos – mídia, empresas, políticos, entre outros. Ainda nessa parte, abordamos a mudança nos espaços do torcer e como isso afetou as culturas torcedoras locais e, por fim, analisamos as ações promovidas pelo Ocupa Palestra diante das mudanças que ocorreram na Sociedade Esportiva Palmeiras e como o discurso do “futebol moderno” atinge o clube e consequentemente o coletivo.

3.1 O Relatório Taylor e o caso Atlético Paranaense

Como vimos anteriormente no primeiro capítulo, a cultura contestatória por parte de torcedores de futebol se deu já no período após a Segunda Guerra Mundial, sendo a mercantilização do esporte o fator que levou esses grupos de torcedores a se organizar. Essa questão é um ponto central e serve de base para inúmeros debates sobre o futebol contemporâneo. Pensar a mercantilização do esporte é fazer menção e questionar, principalmente, as mudanças de relações, sentimentos e valores que esse processo causa em contextos específicos onde temos o futebol como esporte primário.

Com a mercantilização acelerada do esporte bretão, o conceito de “futebol moderno” vem ganhando corpo e, cada vez mais, se busca enfrentá-lo. Mas qual o sentido desse discurso e como se dá construção do mesmo? Qual o sentido da mercantilização do futebol? A quem ela atende? Quem são os atores envolvidos nesse processo? Essas são algumas questões que precisamos fazer e que buscarei saná-las com o debate a seguir.

O discurso de mercantilização do futebol é sustentado por três pilares: a questão de segurança dos torcedores; a necessidade de profissionalização das gestões internas dos clubes; e a visão do esporte como entretenimento. Argumentos favoráveis às mudanças são gerados,

sobretudo, por grupos influentes ligados ao esporte, como monopólios televisivos, empresas, o Estado e as autoridades de segurança.

A primeira questão é bastante pertinente e usada como principal argumento para que haja mudanças no esporte. Os torcedores, muitas vezes vistos como irracionais – seres guiados pela emoção – são criminalizados e vistos como sendo os únicos culpados pelos fatos ocorridos dentro e fora dos estádios. Vítimas de um discurso que se nega a aprofundar o debate acerca da violência, principalmente entre as torcidas organizadas, os torcedores pagam o preço das escolhas feitas por agentes hegemônicos comandantes do futebol.

A violência nos estádios é um discurso muito presente no imaginário popular de quem não costuma frequentar os estádios. Em conversa com um colega de turma, este relatou que possuía o desejo de ir com seu filho a um jogo de futebol, mas que tinha medo da violência proporcionada pelas torcidas organizadas. Esse exemplo ilustra como o discurso da violência é reforçado e domina a visão das pessoas acerca do futebol.

Embora ocorram atos violentos, agentes externos tratam os casos como se fossem regras vistas diariamente nos jogos e fora deles. Sem levar em consideração os valores e as razões por detrás dos ocorridos, cria-se um discurso que busca banir os agentes causadores de tais atos dos estádios e a imposição de que esse seja um espaço mais seguro para todos. Contudo, é necessário perguntar quem são esses “todos” e a quem interessam as mudanças nos espaços do torcer e nas regras que ditam o cotidiano futebolístico.

Em janeiro de 1990, após inúmeros acidentes e atos violentos nos estádios, os britânicos presenciaram a publicação do Relatório Taylor.

Este analisou as causas e as consequências de tragédias coletivas em estádios, incêndios, superlotação, confrontos entre torcedores adversários, como a de Hillsborough, em Sheffield, que vitimou 96 torcedores no ano de 1989, e fez uma série de recomendações para a ampliação da segurança e proteção do torcedor. (HOLLANDA; LOPES, 2018, p. 161)

Portanto, visando a segurança dos torcedores, os clubes efetuaram algumas mudanças na estrutura de seus estádios buscando atender às recomendações do documento. A primeira medida foi a retirada dos alambrados e também a colocação de assentos em todos os setores dos estádios. Com isso, as famosas “gerais” onde, de *práxis*, são cobrados os ingressos mais baratos foram extintas e, conseqüentemente os torcedores com menor poder aquisitivo impedidos de comparecer às partidas. Isso representou o início da era “pós-moderna” do futebol britânico (GIULIANOTTI, 2002).

Após a mudança, nas décadas seguintes, nos estádios dos clubes que fazem parte da Premier League,³⁰ a liga tornou-se uma das mais lucrativas do mundo em arrecadação com transferências de jogadores, contatos publicitários e direitos de transmissão. Contudo, em oposição ao “sucesso” visto por uns, as mudanças geraram revolta e protestos por parte de alguns torcedores, sobretudo os mais pobres. A revolta desses torcedores se justifica diante do aumento no preço dos ingressos e a proibição de instrumentos e adereços utilizados pelas torcidas nas arquibancadas.

Com isso, podemos notar, a partir das recomendações para o aumento da segurança nos estádios britânicos, que ocorreram o aumento das receitas clubísticas, maior presença de empresas patrocinando o esporte e a expansão das transmissões dos jogos. Notou-se também uma mudança no pensamento sobre o esporte. Começa-se a pensar, cada vez mais, no futebol como um negócio, um negócio que deixa para trás questões de identidade e cultura clubísticas.

É óbvio que a questão de uma estrutura que possua maior segurança importa e, juntamente com o conforto, são peças essenciais para os torcedores poderem acompanhar aos jogos de seus times. No entanto, o pacote completo que acompanha o argumento da segurança nos estádios inclui dívidas nos clubes, mudanças nas estruturas organizativas internas clubísticas, aumento no preço dos ingressos, proibições nas arquibancadas, maior poder de decisão por parte de empresas sob os clubes, etc.

O pensar o futebol como um negócio³¹ disfarçado sob discurso da segurança traz resultados que acabam criando barreiras, principalmente aos torcedores com menor poder aquisitivo, havendo, conseqüentemente, uma mudança no perfil de torcedores que acompanham aos jogos. São torcedores que as autoridades e a mídia, possivelmente, classificariam como ideais, uma vez que são torcedores mais pacatos, frios e, mais importante, representam um público com maior poder aquisitivo. Um grupo mais seleto de cidadãos. Fazem oposição ao torcedor comum, pobre, a arraia-miúda sem educação e que age de maneira irracional, atrapalhando o espetáculo futebolístico.

Infelizmente, isso não ocorre somente na Inglaterra. É algo que se estende no mundo inteiro e, no Brasil, a “modernização” marcou sua presença ainda na década de 1990, num clube

³⁰ Para que o clube faça parte da Premier League, além de conseguir o acesso a partir da divisão inferior, precisa atender aos requisitos impostos pela competição, abrangendo uma das seções dos requisitos as reformas em seus estádios.

³¹ Podemos pensar o futebol como “negócio” desde o momento em que se começaram a cobrar os espectadores para assistir aos jogos.

que vivia às margens do futebol nacional, o Atlético Paranaense. Nesse caso, os argumentos não foram inteiramente sobre a segurança, mas acompanharam um outro pilar que sustenta os moldes da “modernização” do futebol, o pensar a gestão do clube como uma empresa.

Em sua dissertação de mestrado em Ciências Sociais, José Carlos Mosko (2006) nos apresenta a trajetória da mudança de mentalidade interna que começou a ser instaurada no clube e como, a partir dessas medidas, o clube ganhou corpo e visibilidade nacional e mesmo internacional. Segundo Mosko, o ano de 1995 foi decisivo para o Atlético que, após perder um jogo de 5x1 contra o seu maior rival, o Coritiba, permitiu a entrada em cena de uma figura que mudou de vez a história do clube e do futebol nacional.

O nome em questão é o de Mário Celso Petraglia, que na época da goleada era conselheiro do clube. Empresário, Petraglia decidiu interferir na gestão do Atlético após o vexame visto no clássico paranaense. Sua primeira ação foi reunir outros conselheiros e formar uma comissão gestora que passou a administrar o clube sob sua liderança e, assim como em uma empresa, o time passou a contar com objetivos a serem alcançados nos anos seguintes.

Entre os principais, pode-se citar: no ano seguinte, disputar o título do Campeonato Paranaense; em cinco anos, estar na primeira divisão do Campeonato Brasileiro e nesta condição manter-se; no prazo de até dez anos, disputar o título do Campeonato Brasileiro; e passar a ser considerado um dos grandes clubes do futebol brasileiro. (MOSKO, 2006, p. 57-58)

Com os bons resultados em campo, o clube chegou a elite do futebol nacional no ano seguinte e fazendo uma campanha razoável, terminou em oitavo, fato que atraiu a atenção da mídia nacional. No entanto, o sucesso do time no campeonato, segundo a mídia, deveu-se à má condição de seu estádio, podendo essa má avaliação interditá-lo. Contudo, com grande influência local, Petraglia contou com a ajuda da imprensa local para rebater as críticas impostas. Assim o fez e enfrentou o sentimento de inferioridade imposto anunciando que o clube construiria o estádio mais moderno do país, aos moldes europeus (MOSKO, 2006).

Em 1998 iniciam-se as obras e, no ano seguinte, inaugura-se a popularmente chamada Arena da Baixada. O novo estádio passou a ser o mais completo do país, contando com espaços disponíveis para shows e diversos eventos de entretenimento. Assim, além do futebol, os gestores do clube almejavam transformar o sentido do espaço onde se davam as partidas. Dessa maneira, a Arena incorporava características presentes no que se chamava de “futebol-espetáculo”.

É importante frisar que o estádio segue modelos de Arenas como a Amsterdã Arena (atualmente Johan Cruyff Arena) e a Old Trafford (pertencente ao Manchester United, da Inglaterra). Após inúmeras viagens à Europa de membros gestores e dos responsáveis pela

construção, idealizou-se um modelo de estádio para o Atlético. Além de um estádio moderno, o clube inovou em departamentos como o de *Marketing*, um dos principais departamentos planejadores de ação no clube, quiçá, o principal. Com o auxílio desse departamento e de outras ações, buscou-se criar não apenas um clube esportivo, mas uma marca, características presentes no “futebol moderno”. A criação de uma marca a partir do nome do clube se torna um dos pilares principais que sustentam o discurso de “modernização” do esporte.

E, como reflexo dessa ruptura administrativa e de bons resultados em campo, o clube apresentou, do ponto de vista comercial e de imagem, algumas conquistas nos anos de trabalhos iniciados em 1995.

- Maior torcida do Estado do Paraná (dentre os clubes paranaenses), comprovada pelo instituto Data Folha em pesquisa realizada em dezembro de 2002;
- Torcida composta principalmente pelas classes A e B, em Curitiba;
- Aproximadamente quarenta por cento do público nos jogos do CAP [Club Athletico Paranaense] em seu estádio é representado por mulheres;
- Maior número de torcedores no interior do Estado do Paraná;
- O CAP encontra-se na 4.^a posição na escala de preferência nacional, empatado com Santos e Flamengo – no Estado do Paraná;
- Vencedor do "Top of Mind" por seis vezes, sendo as quatro últimas consecutivas (2000 a 2003).
- Vencedor do “Top de Marketing”, em 1999 e 2003. (MOSKO, 2006, p. 62, 63)

Nessa lista, é possível notar claramente que a visão do futebol como um negócio, nos moldes de uma “modernização”, foi bem-sucedida pelo clube: torcida composta por uma elite, mudança parcial do público torcedor e vencedor de prêmios presentes no mundo do empresariado nacional. E, além disso, o clube apareceu como o terceiro colocado no *ranking* de transparência, segundo reportagem realizado pelo jornal *O Globo*.

No entanto, um grupo de torcedores, em destaque para as torcidas organizadas, não ficou contente com algumas decisões tomadas pelos dirigentes. Devido aos interesses do clube em se “modernizar”, operou-se a superação da identidade e cultura ligadas ao clube, como o já mencionado anteriormente. Diante disso, algumas barreiras foram erguidas inibindo o acesso de torcedores aos jogos do time. Os torcedores que mais foram atingidos com a nova gestão se posicionaram contrários, principalmente, ao preço abusivo dos ingressos cobrados, sendo a exclusividade de sua Arena a justificativa do clube para cobrar preços acima da média dos seus adversários.

Mosko (2006) traz trechos de protestos por parte dos torcedores, publicados na *Gazeta do Povo*, contra o preço dos ingressos:

A nossa manifestação foi pacífica, acima de tudo, e irônica, porque, se tem que pagar R\$ 30,00 para ir ao estádio de futebol, tem que ir vestido de gala, como se vai ao teatro, a um jantar em um bom lugar, por esse preço. (MOSKO, 2006, p. 64)

Grupos de torcedores também entravam nos jogos com faixas contendo mensagens de protesto contra os preços. Além dos preços abusivos, a diretoria do clube proibiu a entrada de bandeiras e realocou as torcidas organizadas de lugar.

[...] vetou-se a entrada de bandeiras no estádio, com a justificativa de que elas atrapalham a visibilidade dos espectadores acomodados nos camarotes. Também foram proibidas as faixas das torcidas organizadas, pois estas, ao estarem penduradas na grade que separa as arquibancadas do campo de jogo, prejudicam a visibilidade de torcedores localizados nos primeiros degraus. Determinou-se, ainda, a mudança do local destinado à torcida organizada, do primeiro para o segundo anel do estádio, com o objetivo de eliminar o barulho da bateria, que também incomodava os torcedores dos camarotes. (MOSKO, 2006, p. 66)

Segundo o autor, essa barreira, além de ser um projeto por parte da diretoria, busca favorecer os torcedores que mais geram lucros ao clube. Com as reformas, novas ideias foram implantadas e com elas novos objetivos que acabam por excluir quem não pode ter acesso a eles. Expandiu-se a ideia de que naquele espaço só irá ocorrer um jogo de futebol. É possível afirmar que características que figuram um clube social, aos moldes dos encontrados em bairros das elites brasileiras, começaram a tomar espaço do esporte mais popular do planeta.

Com esse exemplo, podemos ver como o pensamento de uma reformulação ou “modernização” do futebol nacional é um pouco mais antigo do que apresentado pela literatura que argumenta sobre as “arenizações” para a Copa do Mundo de 2014. Também, notamos como o argumento da segurança está sempre presente para justificar as mudanças. Entretanto, o pacote que acompanha a segurança e o conforto para o torcedor acaba criando barreiras nas relações de uma grande parcela de torcedores comuns de menor poder aquisitivo. A pesquisa de Mosko é do ano de 2006 e o período de análise corresponde de meados da década de 1990 até 2005. De lá para cá, o pensamento de “modernização do futebol” manteve sua base de exclusão e evoluiu no modo de pensar esse esporte como um espetáculo. Assim como o futebol evoluiu, os agentes externos que orbitam nesse meio também evoluíram e se tornam vozes ainda mais presentes em decisões que interferem o rumo desse esporte.

Quando falo em agentes externos, falo principalmente de grupos ligados aos meios de comunicação e de autoridades policiais, mas sobretudo pessoas ligadas mais diretamente aos bastidores do futebol. Pessoas que ao mesmo tempo são influentes no mundo do futebol e que são ligadas ao poder público. Estes últimos podem ser responsáveis tanto pela criação de leis que abrangem o esporte quanto pela administração de instituições esportivas em âmbitos municipais, estaduais, nacionais e internacionais.

Antes de chegar ao debate sobre o processo de “arenização”, gostaria de explorar um pouco sobre qual a influência desses agentes dos bastidores do futebol em um âmbito jurídico,

uma vez que juntamente com outros argumentos expostos até aqui, a parte jurídica do esporte tem uma forte influência na estruturação do discurso de “modernização” do futebol nos últimos tempos.

Segundo Bocchi (2016), houveram três marcos que contribuíram para pensar o futebol como um negócio sob um viés neoliberal. Os dois primeiros abrangem questões jurídicas e o último estaria ligado ao processo de mudança física dos espaços onde se pratica e torce pelo futebol.

A década de 1990 é decisiva para o futebol brasileiro. Como vimos anteriormente, foi já nessa época que mudanças ocorreram em alguns clubes no âmbito gestor, especialmente no Atlético Paranaense. Foi também nesse período que leis foram promulgadas permitindo o avanço do discurso por um “futebol moderno”. Em 1991, foi enviada ao Congresso Nacional a lei Zico (Lei nº 8.672/93). O principal objetivo dessa lei era que as gestões dos clubes fossem geridas num sentido mais empresarial. Foi aprovada em 1993, durante a presidência de Itamar Franco e substituída em 1998 pela lei Pelé (Lei nº 9.615/98), já no governo de Fernando Henrique Cardoso.

As principais diferenças entre a segunda e a primeira lei estariam em especificidades com relação à não obrigatoriedade da mudança na gestão aos clubes – mas sim um caráter sugestivo – e ao fim do vínculo entre jogadores e clubes com os primeiros como patrimônio dos segundos. (BOCCHI, 2016, p. 146)

O segundo marco que abrange as questões jurídicas se dá com a criação do Estatuto do Torcedor (2003), visando, sobretudo, a proteção dos espectadores dos eventos. Dessa maneira, o Estatuto enxerga os torcedores presentes nos jogos como consumidores e o futebol como um evento, um produto. Isso se dá, segundo Bocchi, no 3º artigo, quando é mencionada a lei do Código de Defesa do Consumidor para a realização da compra de ingressos:

Para todos os efeitos legais, equiparam-se a fornecedor, nos termos da Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990, a entidade responsável pela organização da competição, bem como a entidade de prática desportiva detentora do mando de jogo. (Estatuto do torcedor, 2003, cap. 1 art. 3º *apud* BOCCHI, 2016, p. 147)

Portanto, podemos notar mais um agente externo que abrange o discurso de um “futebol moderno”, buscando juntos a reformulação desse esporte. A aplicação dessas mudanças acaba por favorecer uma minoria, estas tomadas como os torcedores e os grupos favorecidos nos bastidores com essas mudanças efetuadas no futebol. Tudo o que mencionei se concretiza, sobretudo, na mudança dos espaços onde se pratica e se torce: o estádio, sendo o processo de arenização o resultado disso tudo.

No Brasil, a construção de Arenas, como vimos, se deu primeiramente com a construção da Arena da Baixada na virada do século e se intensificou com a proximidade da Copa do

Mundo de 2014. Construídas sob a luz de investimentos públicos e privados, esses novos espaços foram erguidos sob às exigências do “padrão FIFA”. Logo, a cartilha que deveria ser seguida chamou a atenção, sobretudo da população mais humilde, e estampou os noticiários devido às grandes mudanças que ocasionariam na arquitetura e estrutura do futebol nacional. Claro, não se nega o conforto e segurança que esses novos espaços proporcionam, mas é preciso atentar para o fato de que eles são resultado de um discurso que busca “modernizar” o futebol e acompanha as mudanças ocorridas no sistema capitalista mundial.

Não apenas o futebol, mas os esportes em geral acompanham essas mudanças, posto que assim como todo produto social, também sofrem com as alterações que ocorrem na sociedade. De um lado, temos a renovação dos meios de comunicação e informação e, do outro, temos a globalização dos mercados. Constantino (2013) nos revela como a atribuição a Pequim para a organização dos Jogos Olímpicos de verão de 2008 foi uma decisão sábia do Comitê Olímpico Internacional (COI). A China, com essa decisão, revelou-se um grande parceiro mundial para a abertura ao capitalismo mundial e sediar uma Olimpíada foi uma forma disso acontecer – pensando no contexto em que a China estava inserida durante a Guerra Fria. Os resultados foram financeiramente positivos, tanto para o Comitê quanto para os patrocinadores envolvidos.

Esse exemplo nos revela que a organização de eventos desse porte envolve muito além dos atletas e países participantes, marcando presença uma gama de empresas – agentes externos – com seus devidos interesses. Nesse caso, há uma maior participação de empresas do que órgãos esportivos responsáveis – a maioria das gestões esportivas estão sendo comandadas por pessoas ligadas ao mercado financeiro. Com o investimento de diversas empresas, o que se busca é a transformação do esporte em um espetáculo, um produto pronto à ser consumido. Os esportes possuem variados interesses, e a competição, que nele ocorre, deixa de ser apenas um jogo em que se confrontam e se avaliam capacidades e talentos esportivos, indo muito além desse espírito esportivo e implicam em valores comerciais, econômicos e políticos. Claro que nem todas as expressões da prática esportiva se esgotam no espetáculo, mas não devemos ignorar que a generalidade das grandes transformações que o esporte sofre é consequência da evolução do próprio espetáculo esportivo.

A qualidade dos esportes logo foi tomada pelo poder das empresas. O que vêm acontecendo é que a organização de eventos como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo, que deveriam pertencer às autoridades esportivas, está cada vez mais longe desse domínio. A produção e organização de grandes eventos internacionais já pertencem a grandes entidades

privadas. Com isso, o produto dessa produção atende aos interesses empresariais. Há uma concentração de empresas que possuem e lutam pelo domínio do espetáculo esportivo. Não é preciso ir muito longe para ver esse leque de empresas, bastando assistir a uma partida de futebol e notar os diversos logos que aparecem. Os campeonatos ou são organizados por essas empresas ou são patrocinados por elas. Desde os patrocinadores nas camisas dos jogadores, anúncios à beira do gramado e até alguns times da Premier League que são propriedade de magnatas dos negócios. Há também a venda dos *naming rights* das Arenas para empresas, sendo alguns exemplos a Allianz Arena (Bayern de Munique), Etihad Stadium (Manchester City), Allianz Parque (Palmeiras) e, mais recente, a Neo Química Arena (Corinthians).

O *show-business* tomou conta dos esportes e soube se utilizar desse fenômeno de massa que é o futebol. Grupos de televisão brigam e negociam com clubes e federações para poder transmitir aos jogos.

É o reconhecimento, de facto, de que a modalidade desportiva que não sirva os interesses e a lógica do espetáculo desportivo televisionado está condenada ao fracasso. Por isso se alteram em muitas modalidades as regras do jogo, para lhes dar maior espetacularidade. Por isso se concertam em muitas importantes competições internacionais os horários das competições, não em função do que melhor pode servir os seus atores, os atletas, mas o que melhor serve os interesses comerciais das cadeias de televisão e dos patrocinadores. (CONSTANTINO, 2013, p. 44)

Portanto, seguindo a lógica mercadológica, a televisão busca transmitir aos jogos de clubes que possuem um apreço maior do público. Isso explica o fenômeno do bi-clubismo em regiões mais extremas do país, onde, geralmente, as pessoas que acompanham ao campeonato nacional torcem para dois clubes, um local e o outro nacional, pertencente a outro estado. Na maioria das vezes, o segundo clube é oriundo da região Sudeste, a região mais rica do país, com melhores investimentos e visibilidade e onde os clubes possuem uma maior cobertura de transmissão em todo país pela televisão aberta gratuita (CAMPOS; TOLEDO, 2013).

Além disso tudo, há a diversificação, como vimos anteriormente, da exibição e venda dos esportes. Como estamos cada dia mais conectados via *smartphones*, é possível notar a expansão dos conteúdos transmitidos na televisão para aplicativos. Com diversos planos de assinatura, esses aplicativos ou *sites* oferecem um conteúdo completo com notícias, estatísticas de jogos e jogadores e monitoramento, em tempo real, do seu clube. O *Watch ESPN*, por exemplo, proporciona esse tipo de entretenimento 24 horas por dia para o usuário. Juntamente com esses aplicativos, temos os *streamings* de esportes, sendo que a plataforma do *DANZ* atualmente é uma das mais populares. Se fossemos comparar com alguma plataforma desse formato, poderíamos dizer que seria uma “*Netflix dos esportes*”. Mediante o pagamento de uma

mensalidade, você acompanha diversas modalidades esportivas em diversos formatos de exibição, seja no computador, *tablet* ou *smartphone*.

Portanto, os novos formatos do consumo em nossa sociedade estão relacionados com os meios de comunicação, com a alta tecnologia, com as indústrias da informação – que buscam expandir a mentalidade consumista –, e com as maneiras de ser e de ter do homem pós-moderno. O pensar o futebol – ou os esportes em geral – como um negócio, requer, portanto, se atualizar segundo a lógica mercadológica neoliberal, e tudo isso se completa, como disse anteriormente, com um espaço que atenda a essa lógica de consumo: a Arena.

3.2 As Arenas e a perda da sociabilidade torcedora³²

Antes de tudo, é necessário realizar uma reflexão acerca do espaço do torcer. O ato de torcer pode ser exercido em diversos ambientes, sendo eles: bares, internet, assistindo às partidas na televisão, entre outros. No entanto, o estádio (e o seu entorno), ainda é o principal espaço do torcer escolhido pelos torcedores para acompanhar os jogos de seu time. A partir disso, devemos nos questionar sobre o sentido de um estádio e qual seu impacto na vida do torcedor que o frequenta.

Antes de invocar grandes pensadores do futebol, é preciso destacar que cada estádio possui suas características próprias de acordo com o contexto em que está inserido. Além disso, para cada um dos torcedores que o frequenta, cada ida, se torna uma experiência própria de construção de memória coletiva e individual. É no estádio que os torcedores expressam todos os seus sentimentos durante o ato do torcer, e é também no estádio que podemos realizar uma microanálise da sociedade.

Gilmar Mascarenhas lança seu olhar para o estádio e conclui que se trata de um espaço onde ocorrem sociabilidades específicas e construção de memórias coletivas (MASCARENHAS, 2014). Além disso, o autor compreende o estádio como

[...] um edifício ou equipamento de acesso coletivo que se comporta como uma centralidade física e simbólica no espaço urbano-metropolitano. No plano operacional urbanístico, exerce a função de centralidade periódica, capaz de atrair um grande fluxo de visitantes em dias de jogos, forçando um reordenamento na gestão pública de seu entorno (para garantir segurança e acessibilidade e gerando fugazes oportunidades comerciais e de serviços ao setor informal. (MASCARENHAS, 2014, p. 161)

³² Nesse capítulo optei por normalizar a palavra Arena desta forma, em maiúsculo. Pois essa palavra representa uma série de questões envolvidas na construção desse novo espaço do torcer que é uma das materializações do discurso de mercantilização do futebol contemporâneo.

É interessante a visão de Mascarenhas acerca desse espaço do torcer, uma vez que como geógrafo urbano, o autor busca compreender tanto a presença física da estrutura do estádio e sua relação com o espaço urbano quanto as relações construídas pelos torcedores nesse espaço (FERREIRA, 2020).

Christopher Gaffney tem uma visão semelhante acerca do estádio e o compreende como um espaço onde se constroem memórias, texturas e experiências (GAFFNEY, 2008). Christian Bromberger (1995), destaca que o estádio é um dos poucos locais onde “a sociedade urbana moderna pode materializar a imagem de sua unidade e suas diferenças” (BROMBERGER, 1995, p. 300).

Silva e Campos (2020) enfatizam essas questões e destacam a apropriação e ressignificação que os atores dão a esse espaço.

[...] os estádios são carregados de sentidos e simbolismos. Sabemos que a mudança de significado se dá pelo processo de apropriação. De acordo com Lefèbvre, a apropriação do espaço é um processo dialético, pautado em dado contexto sociocultural, no qual o indivíduo se relaciona consigo, com o outro e com o espaço, produzindo nele transformações físicas e/ou simbólicas, por meio de modificações, acréscimos, supressão e/ou sobreposição entre o que havia proposto anteriormente e o que os sujeitos também propõem. (SILVA; CAMPOS, 2020, p. 705)

A partir das reflexões desses autores, podemos concluir que o espaço do torcer, sobretudo o estádio, é cheio de simbolismos, ressignificações, construção de memórias coletivas e, principalmente, um espaço de sociabilidade entre sujeitos. No entanto, muitas vezes, embora torçam pelo mesmo clube, essa sociabilidade entre os torcedores não age de maneira efetiva, dado que além de representar tudo isso mencionado, o espaço do torcer é também um local onde podemos encontrar um micro exemplo da luta de classes e da disputa territorial presentes no cotidiano externo ao espaço do estádio.

A partir dessas reflexões, é possível notar que, muitas vezes, o espaço do estádio representa uma polivalência, sendo utilizado para além de sua finalidade que seria abrigar um jogo de futebol e os torcedores que acompanham a esse jogo. É comum diversos estádios abrigarem eventos corporativos, festivais artísticos e musicais e, sobretudo, shows. Portanto, em dias de jogos, o espaço se configura de uma maneira que atenda às necessidades esperadas para aquele dia, em dias de eventos, a configuração do local se mostra outra. A estrutura se mantém, o que muda é o modo de utilização desse espaço de acordo com o evento e público que irá fazer uso desse equipamento.

Isso é notável em alguns estádios no Brasil. Cito dois exemplos: o primeiro refere-se ao estádio do Pacaembu, que desde a sua fundação na década de 1940 vem abrigando diversos eventos, além dos jogos de futebol. O segundo exemplo é o do Estádio do Morumbi, pertencente

ao São Paulo Futebol Clube. Esse espaço já foi utilizado em diversas ocasiões pontuais para shows e eventos de toda natureza e, atualmente, abriga uma academia para uso de pessoas que não sejam, necessariamente, ligadas ao clube. Dessa forma, de tempos em tempos, os grandes estádios sofrem apropriações temporárias por outras pessoas que, conseqüentemente, constroem significados, simbolismos e memórias. Isso se enquadra no que Gaffney (2006) chama de “experiência de estádio”.

Diante do exposto, é possível afirmar, portanto, que apropriações temporárias e a multifuncionalidade dos estádios já eram fenômenos comuns. A partir disso, entramos em uma segunda reflexão que abrange as Arenas e seus impactos locais.

Se os estádios convencionais já eram utilizados para diversos fins, por que o discurso de multifuncionalidade e polivalência prevalece atrelado às Arenas? E, além disso, o que seria uma “Arena”? Essas são questões que pretendemos responder a partir de agora.

Para entender o sentido de uma Arena, é preciso contextualizar as mudanças que vem ocorrendo no futebol mundial e nacional desde a década de 1990. Essa década foi representada por uma série de mudanças internas e externas no modo de olhar o futebol. É o período que marca o início do debate acerca da “modernização”, introduzindo novos tópicos para serem levados em consideração como, por exemplo, a introdução de novos modos de gerência; a conversão do futebol em produto globalizado; a aproximação desse esporte com o mundo das finanças; mudanças físicas e simbólicas nos espaços do torcer, etc. (SILVA; CAMPOS, 2020, p. 702).

Notamos que todos esses tópicos estão intimamente ligados ao mercado financeiro, buscando o processo de mercantilização do futebol expandir a experiência futebolística a outros patamares sociais. Tratado, cada vez mais, como um negócio, os novos discursos criados em cima do futebol não apenas buscaram a reformulação de dentro para fora, mas também visaram uma expansão que atingisse novos públicos que não possuíam ligação direta com o esporte. E para que isso desse certo, era preciso que o esporte fosse visto como um espetáculo e não um simples jogo de bola envolvendo dois times.

Diante disso, na busca de novos terrenos, os clubes viram surgir internamente agentes internos responsável por essa tentativa de expandir o futebol para terrenos antes inabitados. A criação dos departamentos de *marketing* nos clubes foi de suma importância para a construção e manutenção da imagem do clube e de seus atletas como marcas em potencial. Dessa forma,

[...] a experiência futebolística passou a ser comercializada em placas de publicidade, patrocínio de camisas, comerciais de televisão, custeio de competições e venda de *souvenir* com a imagem do clube. (SILVA; CAMPOS, 2020, p. 702)

Atrelada aos tópicos de tornar o futebol mais globalizado, melhor gerido e íntimo ao mundo financeiro, tem-se o debate que envolve a mudança nos espaços do torcer. E esse tópico é nutrido por dois argumentos que buscam justificar a “modernização” dos estádios de futebol. O primeiro gira em torno do controle da violência nos estádios, tendo as torcidas organizadas como principais agentes causadores, enquanto que o segundo trata da precariedade da infraestrutura dos estádios brasileiros, sucateados e mal geridos, sobretudo, pelo poder público.

Com isso, começou-se a pensar novas medidas para fazer dos espaços do torcer locais mais agradáveis, limpos, estruturados e que buscassem atender a todas as demandas do que se almejava com a “modernização” do futebol.

Um marco importante para pensar essa mercantilização e aumento do discurso de “modernização” do futebol brasileiro é o ano de 2007 e a escolha do país para sediar a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas Internacionais, em 2016 – além dos apresentados, anteriormente, por Bocchi (2016). A partir disso, era necessário, em nome do conforto e da segurança, modificar os espaços do torcer em modernas Arenas.

Contudo, desde a década de 1990, com o aprofundamento das relações financeiras no futebol, até os dias atuais, as modificações que se buscam na estrutura do futebol nacional giram em torno do imaginário acerca do torcedor europeu. São medidas legais e físicas que não levam em consideração a realidade do torcedor local e acabam criando uma segregação do torcer. O processo de mercantilização do futebol o expandiu para novos terrenos e novos públicos, mas deu as costas para grupos tradicionais que já possuíam ligações identitárias e simbólicas com seu clube. Infelizmente, as novas medidas adotadas em torno do futebol visam uma minoria social com maior poder aquisitivo para consumir o futebol e o que ele gera devido à sua popularidade e espetacularização. E tudo isso que foi mencionado, se concretiza, sobretudo, na mudança dos espaços onde se pratica e se torce: o estádio. O processo de arenização é resultado disso tudo.

Segundo Ferreira (2020), contudo, o termo Arena carece de uma definição clara. Para o autor,

Apesar de surgir como contraponto ao atraso representado pelo estádio tradicional, sua origem remonta a estruturas antiquíssimas. De acordo com o dicionário *Houaiss*: a arena, na Roma Antiga, corresponderia à parte central dos anfiteatros romanos, coberta de areia, onde se realizavam espetáculos de combate entre gladiadores ou entre feras. Segundo a mesma fonte, por ocasião de determinadas datas ou festas cívicas, servia de palco para a entrega às feras de condenados comuns ou cristãos. (FERREIRA, 2020, p. 511)

Como vimos anteriormente, alguns estádios tradicionais já possuíam estrutura para abrigar diversos eventos além de jogos de futebol. Portanto, nesse quesito, a Arena não se torna

uma novidade e tampouco o termo pode ser considerado, como sublinha o autor, inédito. No entanto, como está atrelada ao discurso de modernização, a estrutura arquitetônica das Arenas é usada para representar o novo em oposição ao ultrapassado e deteriorado dos estádios tradicionais.

Para o discurso do “moderno” faz-se necessário apagar as raízes do passado. O que é considerado ultrapassado e antiquado não interessa ao “novo”. Portanto, desde a década de 1990, o futebol brasileiro – e mundial – vem sofrendo inúmeras modificações físicas e simbólicas que procuram criar uma nova narrativa de como deve ser o futebol.

Com isso, a narrativa do “novo” cria dois extremos: o velho e o novo. O primeiro, caracterizado pelo estádio tradicional, espaço sem conforto, sujo, inseguro, com odores desagradáveis, homofóbico e misógino, enquanto que o segundo, representado pela arquitetura das Arenas, é caracterizado por ser um espaço confortável, limpo, seguro, de fácil acesso e onde se aplica uma diversidade econômica, não tendo nas partidas de futebol a sua principal fonte de receitas (FERREIRA, 2020).

Além disso tudo, as Arenas funcionam

[...] como fator de distinção em múltiplas escalas: arquitetônica (como ícones do espaço urbano inseridos no contexto de promoção da imagem das cidades), social (símbolo de *status*), cultural (imposição de um novo padrão de comportamento e formas de utilização desses espaços) e técnica (incorporação de materiais e apetrechos tecnológicos de ponta). (FERREIRA, 2020, p. 512)

Embora o discurso pareça ver o novo local do torcer como um local acessível para todos, o que se vê na realidade é o aumento de uma segregação, principalmente devido ao preço dos ingressos cobrados para as partidas. Corinthians e Palmeiras são exemplo desse aumento. Em 2013, um ano antes do clube inaugurar a sua Arena (Neo Química Arena), o preço médio do ingresso para se ver a uma partida do Corinthians era de R\$ 32. Em 2018, já com jogos dentro da Arena, o preço médio do ingresso subiu para R\$ 55. No caso do Palmeiras, o aumento foi ainda maior. Tomando o Campeonato Paulista de 2010 como base, o último campeonato em que o clube utilizou o antigo estádio (Palestra Itália), o preço médio do ingresso era de R\$ 28. Em 2018, já com jogos em sua Arena (Allianz Parque), o Palmeiras estava cobrando a média de R\$ 61 e, no ano de 2019, a média saltou em mais quatro reais, indo para R\$ 65.

E os preços variam de acordo com o interesse e a importância do jogo, além de quesitos como o horário e o adversário. Se for um jogo decisivo, tanto no âmbito nacional quanto internacional, a média no valor do ingresso sobe, sobretudo se for um clássico.

Imagem 18 – Preços clássico paulista entre Corinthians e São Paulo

 CORINTHIANS X SÃO PAULO 26 DE MAIO 19H CAMPEONATO BRASILEIRO ARENA CORINTHIANS				
SETORES*	VALORES (R\$)			
	FACE	MINHA VIDA	MINHA HISTÓRIA	MEU AMOR
NORTE	40,00	32,00	-	-
SUL	50,00	40,00	-	-
LESTE SUP. LATERAL	60,00	48,00	45,00	42,00
SUP. CENTRAL	70,00	56,00	52,50	49,00
INF. LATERAL	90,00	72,00	67,50	63,00
INF. CENTRAL	100,00	80,00	75,00	70,00
OESTE SUPERIOR	80,00	64,00	60,00	56,00
CORNER	120,00	96,00	90,00	84,00
INFERIOR	200,00	160,00	150,00	140,00
** CAMAROTES FESTA FIEL TORCEDOR - CADEIRA	320,00	256,00	240,00	224,00
** OESTE BUSINESS	400,00	320,00	300,00	280,00

* DE ACORDO COM DISPONIBILIDADE ** INCLUI ALIMENTAÇÃO

Fonte: Divulgação/Arena Corinthians.

Imagem 19 – Preços de Corinthians e Goiás

 CORINTHIANS X GOIÁS DATA E HORÁRIO A DEFINIR CAMPEONATO BRASILEIRO ARENA CORINTHIANS				
SETORES*	VALORES (R\$)			
	FACE	MINHA VIDA	MINHA HISTÓRIA	MEU AMOR
NORTE	40,00	32,00	-	-
SUL	44,00	35,20	-	-
LESTE SUP. LATERAL	44,00	35,20	33,00	30,80
SUP. CENTRAL	44,00	35,20	33,50	30,80
INF. LATERAL	50,00	40,00	37,50	35,00
INF. CENTRAL	70,00	56,00	52,50	49,00
OESTE SUPERIOR	70,00	56,00	52,50	49,00
CORNER	120,00	96,00	90,00	84,00
INFERIOR	200,00	160,00	150,00	140,00
** CAMAROTES FIEL TORCEDOR - TERRAÇO	200,00	160,00	150,00	140,00
FIEL TORCEDOR - CADEIRA	280,00	224,00	210,00	196,00
** OESTE BUSINESS	350,00	280,00	262,50	245,00

* DE ACORDO COM DISPONIBILIDADE ** INCLUI ALIMENTAÇÃO

Fonte: Divulgação/Arena Corinthians.

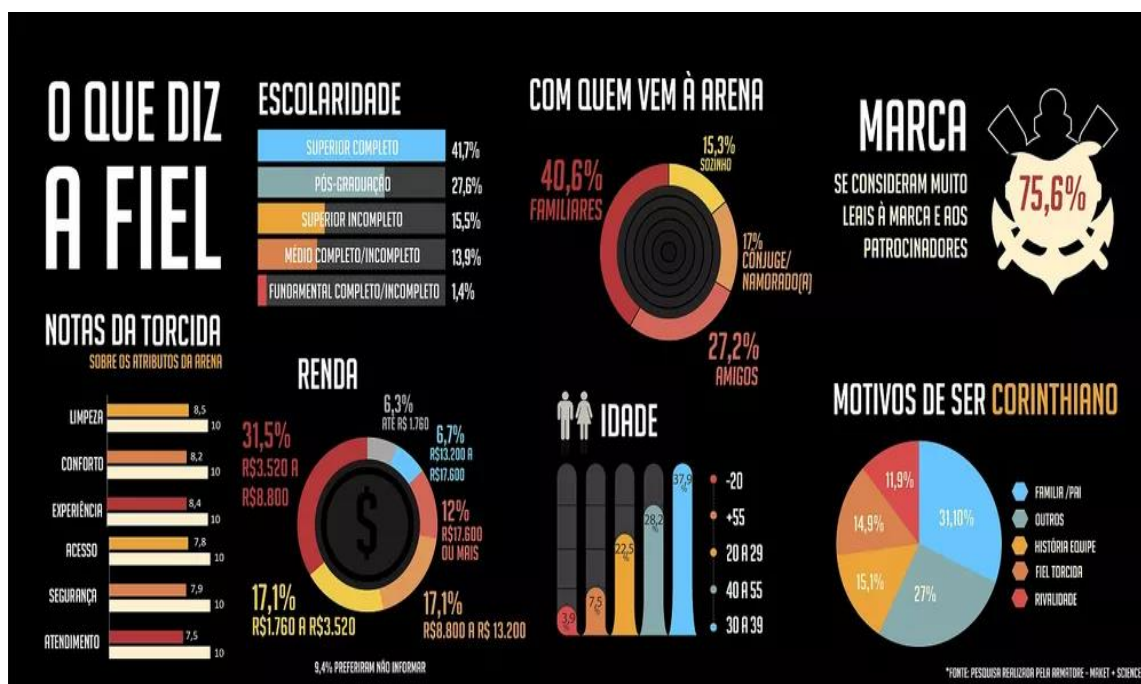
Essas duas tabelas nos revelam o poder de um clássico, mesmo o jogo sendo pelo mesmo campeonato. No jogo contra o São Paulo Futebol Clube, o ingresso mais caro chega a superar em 50 reais o mais caro do jogo contra o Goiás Esporte Clube. Com tudo isso, os modos

operantes nas Arenas vão de encontro à ordem de oferta e procura, sistema conhecido no sistema neoliberal.

Com isso, como vimos anteriormente, o processo de mercantilização do futebol que acompanha o discurso da modernização busca incorporar nesses novos espaços do torcer um público diferenciado e com maior poder aquisitivo. Com “público diferenciado”, faço alusão à mudança de público, que passou a ser formado geralmente por famílias que agora frequentam esses espaços e acompanham com maior frequência as partidas de futebol. Geralmente, esse público é representado por uma classe média/alta.

Uma pesquisa publicada pelo Corinthians em seu *site* nos revela que 35,8% do público que frequenta a nova Arena recebe mais do que R\$8.800. Além disso, 31,5% recebe salários que vão de R\$3.520 até R\$8.800, restando apenas 23,4% do público com salários que vão de R\$1.760 à R\$3.520. Soma-se a isso que a maioria dos frequentadores vão à Arena com seus respectivos familiares.

Imagem 20 – Dados da Arena Itaquera



Fonte: Divulgação/Arena Corinthians.

Esses dados nos revelam que esse novo espaço do torcer mantém a desigualdade encontrada na sociedade a partir do momento em que busca afastar desses locais as classes sociais que se firmam na base e que são historicamente excluídas de práticas socioculturais, agregando, por outro lado, um público com maior poder aquisitivo, menor diversidade socioeconômica e menor diversidade étnico-racial.

Dessa forma, esses novos espaços do torcer reproduzem e são construídos a partir de uma lógica mercadológica baseada em inúmeras medidas que visam atender aos interesses de um pequeno grupo social. Quanto maior for a presença de um grupo mais ordeiro, com dinheiro para gastar nas dependências internas da “Arena” e de menor influência na festa das arquibancadas, melhor para os responsáveis organizadores. Mas para que isso se concretize de forma adequada, as mudanças impostas por esse novo modelo arquitetônico e pela lógica mercadológica, precisa estar bem claro no discurso da “modernização” do futebol.

A partir de diversas regras e proibições, esses novos espaços do torcer se apresentam como um forte local de controle social. Além do preço dos ingressos, como vimos anteriormente, destaco o forte sistema de segurança existente nas dependências da Arena que conta com câmeras de alta tecnologia e com seguranças particulares. Na parte interna, as novas Arenas possuem funcionários que trajam coletes e ficam a postos nas entradas e ao longo do evento para sanar as dúvidas, orientar e, caso haja necessidade, interferir contra alguma situação que cause desordem e desconforto aos espectadores ao redor.

Outra medida que podemos notar nas Arenas é o padrão das cadeiras. Em busca sempre da manutenção da ordem, as cadeiras chegaram e foram instaladas na maioria dos recintos, inclusive retirando os setores chamados de “gerais”, conhecidos por serem os mais populares e acessíveis.

Com a introdução do padrão *all-seater* (todos os espectadores sentados), os antigos locais destinados ao público em pé (*gerais* no Brasil e *terraces* na Inglaterra) foram eliminados, sendo substituídos por confortáveis assentos individuais, camarotes corporativos ou setores reservados à presença de famílias, com a redução da capacidade de público amplamente compensada por um aumento significativo da arrecadação. (FERREIRA, 2020, p. 519)

Portanto, o que se nota é um conjunto de políticas que buscam inibir ao máximo comportamentos potencialmente agressivos ou que não se enquadrem no padrão *all-seater*, ou seja, as festas das arquibancadas proporcionadas, sobretudo, pelas torcidas organizadas.

Outra questão que mostra um caráter de maior controle nesses novos espaços do torcer é a divisão em setores. Embora seja algo presente desde sempre nos estádios tradicionais, a setorização na “Arena” ajuda a reforçar o caráter de um ambiente passivo, onde grupos potencialmente agressivos não tem espaço para atuar de forma concreta. Além de inibir atos violentos, a setorização inibe ações que questionem aspectos da sociedade em geral ou a simples e pura torcida junto a um companheiro/a de jogo. Essa questão esteve presente na fala de Rogério do coletivo Punk Santista quando questionado sobre a união do movimento em dia de jogos.

A gente marca antes e tal. Mas, geralmente, fica espalhado, porque a Vila Belmiro hoje tá muito “setorizada”, às vezes não tem ingresso pra aquele setor, não tem pra aquele, enfim. E aí fica separado, bastante separado. Tem mais o encontro lá fora, lá dentro acaba ficando separado. (Rogério)

Desse modo, reforçando a manutenção da ordem e buscando atrair novos espectadores, o ambiente precisa ser tão intuitivo quanto um saguão de aeroporto e esteticamente parecido a um *shopping center*.

Os acessos precisam ser amplos, bem sinalizados e contar com a presença de orientadores de público (espalhados pelas partes externas e interna), preparados para dirimir eventuais dúvidas e evitar surpresas desagradáveis. Um ambiente limpo, claro e arejado, dotado de uma farta oferta de sanitários e instalações de alimentação, contribui para a manutenção da ordem, desestimula os atos de vandalismo e a concorrência de outros comportamentos inadequados. A ambiência criada deve favorecer o consumo por impulso, com lojas e quiosques preparados para transformar a paixão clubísticas em renda, oferecendo desde uma vasta linha de produtos oficiais até planos de sócio torcedor. (FERREIRA, 2020, p. 518)

Além disso, para que o espetáculo seja concretizado de fato, após sentir-se seguro em seu assento, comendo ou tomando sua cerveja sem álcool e com vista panorâmica para o campo, é necessário que o espectador sinta que está em casa e que tenha à sua disposição um potente equipamento tecnológico que faça esse trabalho.

Um potente sistema de som e telões de alta definição exibem gols e jogos históricos, cantos e imagens da torcida, estatísticas variadas, (muitas) mensagens publicitárias, além de imagens da partida e do público. Com sorte, o torcedor/espectador/cliente pode ser focalizado (as chances aumentam se estiver acompanhado de familiares ou de um par romântico) e “explodir” em alegria, ao vivo, para todo o país. (FERREIRA, 2020, p. 518)

Nesse sentido, podemos concluir que a Arena, mesmo carecendo de definições mais claras, segue um padrão que vai ao encontro de uma lógica mercadológica, fruto do discurso de “modernização” do futebol imposto por diversos agentes hegemônicos que ora patrocinam eventos, ora organizam eventos. Bale (2002) *apud* Ferreira (2020) emprega o termo *tradium*, do inglês *trade* (comércio, troca) e *stadium* (estádio), como forma de nomear esses novos espaços do torcer que não possuem um vínculo exclusivo a um único esporte e que são transformados em espaços multiesportivos, multifuncionais e de uso flexível, com finalidade declaradamente comercial.

Portanto, para conseguir atingir os objetivos acima expostos, a Arena deve ser um espaço de maior controle, mais intuitivo, ser um espaço para o consumo por impulso e ser, sobretudo, um espaço “mais família”. Em oposição ao estádio tradicional, vende-se a imagem das Arenas como espaços onde todos podem ter acesso. Com isso, além da reforma arquitetônica, os novos estádios devem buscar uma renovação de público, removendo desses espaços todos aqueles que possuem comportamentos considerados inadequados ou bárbaros.

Além disso, ocorre a padronização do futebol, dos modos de torcer e a quebra da identidade/sociabilidade torcedora local.

Segundo Mascarenhas (2013), o que esses novos espaços do torcer fazem é tirar o protagonismo do torcedor engajado colocando-o em uma posição de mera passividade. Todas as interdições e questões que levam o debate do aumento da segurança inibem a festa tradicional das arquibancadas encontradas nos estádios tradicionais. Para o autor, o verdadeiro sentido da multifuncionalidade de um estádio é que ele seja um espaço em que os torcedores possam expressar seus sentimentos pelo clube de diversas formas, sem sofrer qualquer tipo de entrave.

É claro que, mesmo sentados e inibidos de expressarem-se mais abertamente, os torcedores, de alguma forma, articulam seus sentimentos. Contudo, a retirada desse protagonismo mais exacerbado vai de encontro ao discutido no primeiro capítulo, onde agentes hegemônicos buscam construir um discurso do futebol e de seu espaço como um espaço despolitizado e onde, principalmente, os torcedores não têm influência nas decisões finais. Dessa maneira, há a tentativa de transformar esses locais, vistos como espaço de festa coletivo, em espaços de disciplina dos corpos.

Sobre a festa nas arquibancadas, foi possível encontrar, por meio da memória dos entrevistados, o quanto o futebol veio mudando ao longo das décadas. Rogério, do coletivo Punk Santista, relata a festa que havia em todo jogo do Santos Futebol Clube.

Chegava a assistir um jogo de futebol cê tinha lá fumaça, cê tinha bandeira, cê tinha instrumento. Só que não era só uma torcida, eram todas, cara, cê [via] faixa espalhada pelo estádio inteiro. Quer dizer, o jogo de futebol era uma festa, cara. Era uma festa, não era uma final... hoje em dia nem uma final é uma festa mais, cara, sabe?! Cê pega uma galera da sua geração, vocês não viram isso pessoalmente, cara, sabe?! Isso daí já forma o caráter do torcedor... é... não que seja, o cara que não entende isso seja errado. Não é que ele seja errado, é que ele não conhece, cara. O que aconteceu? A repressão chegou num ponto de tirar aquilo ali, falar: não isso aqui vai ser tirado à força desse evento [gaguejou algumas vezes] isso não vai existir. Ninguém mais vai saber como isso foi, sabe?! E é desse jeito, a pessoa acha normal, “ah o futebol é assim”. Não, cara, o jogo de futebol não é assim, futebol é assim ó. Time entra de um lado, time entra de outro. Hoje, “mó” patifaria, cara. Entram junto no túnel, toca o hino da federação ali, pô. Hino nacional já é um absurdo, hoje em dia tem hino de campeonato, meu. Tem hino do Campeonato Paulista, absurdo, velho. Cara entra lá e tal, quando eu era moleque [incompreensível] soltava rojão, era mó festa desgraça. O time adversário entrava já era aquela vaia gigantesca, os caras já [incompreensível]. Era parte do jogo, Guilherme. Isso aí era um jogo, não era só... [comentei da atmosfera dentro e fora do jogo]. Hoje o torcedor ele faz parte como cliente e um espectador, basicamente isso. Os dirigentes olham pro torcedor como um consumidor, simplesmente isso. E antes, não que o dirigente tinha essa visão, mas o torcedor era o apaixonado. Hoje não, hoje não. (Rogério)

A fala de Rogério revela diversos pontos que se perderam com a imposição de proibições e reformas arquitetônicas nos espaços do torcer. Embora o Santos Futebol Clube não possua uma Arena, absorve diversas medidas que impedem uma maior participação de sua

torcida mais engajada durante os jogos. Além de tudo isso, existem as imposições do Governo do Estado de São Paulo que proibiu diversos instrumentos utilizados pelos torcedores antes, durante e após as partidas. Todas essas proibições, contudo, giram em torno do combate e violência nos estádios impostos pelo Estado, o que, infelizmente, limita a atuação dos torcedores em dias de jogos.

Outra questão que apareceu na fala de Rogério é a influência que essas intervenções geram nos torcedores de gerações mais novas. Esse pensamento foi relatado também nas reflexões feitas por Derlei, do Ocupa Palestra. Segundo Derlei, essas imposições e medidas adotadas por clubes e agentes hegemônicos está fazendo com que joguemos uma geração no lixo, sendo o preço cobrado mais à frente, quando o clube precisar da festa de seus torcedores nas arquibancadas como forma de incentivo. Além disso, há também a forte influência de clubes europeus na construção da imagem acerca do futebol para o torcedor mais jovem sem a experiência de estádio. Isso se dá, sobretudo, como já abordamos, pela crescente mediatização do futebol em diversos formatos como, por exemplo: jogos eletrônicos, canais e aplicativos de *streaming* por assinatura.

E tem um problema sério, no meu ponto de vista, que é o seguinte: o preço de tudo isso ainda vai ser cobrado. E vai ser quando essa criançada.... pode ver, acredito que aí em Santos não deva ser muito diferente. O que você vê de criança com camisa do Real Madrid, Paris Saint-Germain, sei o que... porque a molecada não tá acostumada a ir pro estádio ver o Palmeiras, o Santos, o Corinthians, o São Paulo... perdeu, essa, essa relação, entendeu?! Que eu tive. Então perdeu essa relação, então pra molecada vendo pela televisão eles querem saber do Paris Saint-Germain, do Real Madrid, do Bayern de Munique... e isso, quando esse menino tiver 16, 17, 18 anos vai falar: “meu, o que eu vou fazer no estádio de futebol se eu não tive esse costume do futebol. Então, não. Eu vou pro cinema com a minha namorada, vou pro... sabe?! Eu vou gastar essa grana em outro local de, de diversão. Eu não tenho porque ir no futebol”. Então a gente tá jogando uma geração no lixo! Nós “tamo” jogando uma geração no lixo. (Wanderlei)

Ademais, outra medida importante que afasta o torcedor tradicional dos jogos gira em torno do preço cobrado pelos ingressos. Como vimos, tal aumento faz parte das medidas adotadas pelo discurso de “modernização” do futebol onde se busca, além da renovação estrutural/arquitetônica, a atualização do público presente. Em outra fala, “Derlei” relata a dificuldade da Sociedade Esportiva Palmeiras de encher o estádio em uma semifinal de Copa do Brasil³³ e conclui sua reflexão relatando o que justamente é esperado pelos agentes hegemônicos: um estádio mais “frio”.

³³ A partida ao qual “Derlei” se refere é entre Palmeiras e Cruzeiro no jogo de ida válido pela semifinal da Copa do Brasil em 2018 no Allianz Parque.

É importante frisar que os preços dos ingressos para essa partida iam de R\$120 à R\$400. Mesmo possuindo as meias-entradas, o percentual de vendas foi baixíssimo e o público de 32.960 pagantes se tornou o 4º pior em partidas decisivas na Arena do Palmeiras.³⁴ Levando-se em conta que a capacidade do Allianz Parque é de 55.000 mil torcedores, um déficit de 22.040 pessoas é um número considerável para um jogo decisivo de um campeonato nacional importante. Sem dúvida, isso se deveu ao aumento do preço dos ingressos acima da inflação cobrado pelo clube. Para o setor mais caro, a cadeira Central Oeste, o Palmeiras cobrou R\$400, representando um aumento de 69% acima da inflação.³⁵

Esse é o problema, né?! Então, a gente tá criando uma geração que vai ser difícil daqui a 15 anos... você vai ver um estádio muito mais vazio, você já vê hoje em dia, né?! O Allianz Parque não é mais a novidade que era em 2014... quando inaugurou, né?! 2014, 2015... Então você já vê, o Palmeiras teve dificuldade de ter um público razoável numa semifinal de Copa do Brasil contra o Cruzeiro... por causa desses preços abusivos. Porque não dá, o bolso do trabalhador não “guenta” [...] Você tem um público no Allianz Parque hoje que acha que tá no pacote do ingresso que ele pagou 300 reais, que a uniformizada tem que cantar pra ele, entendeu?! Então você tem um estádio muito mais frio, você tem um futebol muito mais que se assemelha a um... show do que a um evento esportivo, porque o que sempre foi legal no futebol, no meu ponto de vista, é que a torcida era parte do espetáculo. A torcida é tão importante quando o centroavante, é tão importante quanto o goleiro. É tão importante quanto o treinador. E isso, com as novas arenas, principalmente com essa elitização... o torcedor virando cliente... você tá totalmente irando... você tá pondo como se a pessoa estivesse dentro de um cinema, entendeu?! Então a pessoa vai lá, senta na cadeirinha numerada dela... e acha que tem que gritar pelo, pelo time é o torcedor uniformizado, é o torcedor mais... e... então assim, eu imagino que, às vezes, eu lembro de uma das viradas históricas do Palmeiras... talvez seria impossível hoje em dia, com essa... com essa... com esse formato... (Wanderlei)

A partir dessas questões, principalmente do ingresso caro, os novos padrões arquitetônicos ocasionam mudanças significativas na dinâmica do local em que a Arena se encontra, havendo uma renovação urbana. A partir desse tópico, podemos fazer um diálogo com o texto de Teresa Pires do Rio Caldeira (2011) quando a autora aborda a questão dos “Enclaves Fortificados”. Em seu livro *A Cidade de Muros* (2011), a autora se propôs, além de tudo, a analisar como a questão o medo da criminalidade e o anseio por segurança alteram os modos de vida dos cidadãos da capital paulistana. Em determinado momento do texto, a autora aborda o que chama de “Enclaves Fortificados”, tendo destaque, em sua análise, os condomínios residenciais das classes média/alta de São Paulo. Mas o que seriam esses enclaves que aludem à ideia de um castelo? Segundo a autora,

Os enclaves fortificados incluem conjuntos de escritórios, shopping centers, e cada vez mais outros espaços que têm sido adaptados para se conformarem a esse modelo,

³⁴ Acesso da matéria em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/4753352/palmeiras-aumenta-ingresso-69-acima-da-inflacao-e-tem-4-pior-publico-em-jogos-decisivos-no-allianz-parque.

³⁵ Idem.

como escolas, hospitais, centros de lazer e parques temáticos. (CALDEIRA, 2011, p. 258-259)

Ainda segundo a autora, esse modelo de espaço possui características básicas que são:

[...] propriedade privada para uso coletivo e enfatizam o valor do que é privado e restrito ao mesmo tempo que desvalorizam o que é público e aberto na cidade. São fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos. São voltados para o interior e não em direção à rua, cuja vida pública rejeitam explicitamente. São controlados por guardas armados e sistemas de segurança que impõem as regras de inclusão e exclusão. [...] eles são espaços autônomos, independentes do seu entorno [...]. (CALDEIRA, 2011, p. 258-259)

Em consequência disso, seguindo na análise de Caldeira, esses espaços tendem a ser ocupados por classes altas, revelando-se como ambientes socialmente homogêneos. Ou seja, as pessoas que escolhem viver em um condomínio fechado de luxo, por exemplo, valorizam viver entre pares e afastados de outros grupos sociais vistos como inferiores e claro, de todo o perigo que o mundo exterior oferece no dia a dia. Acima de tudo, os “Enclaves Fortificados” conferem status.

A construção de símbolos de status é um processo que elabora diferenças sociais e cria meios para a afirmação de distância e desigualdade sociais. Os enclaves são literais na sua criação de separação. São claramente demarcados por todos os tipos de barreiras físicas e artifícios de distanciamento e sua presença no espaço da cidade é uma evidente afirmação de diferenciação social. Eles oferecem uma nova maneira de estabelecer fronteiras entre grupos sociais, criando novas hierarquias entre eles, portanto, organizando explicitamente as diferenças como desigualdade. (CALDEIRA, 2011, p. 259)

A partir dessa análise da autora, podemos traçar um paralelo em como as Arenas sendo o espaço ideal do discurso de “modernização” do futebol, se enquadram nas características básicas dos “Enclaves Fortificados”, posto que, tirando a questão de possuírem seguranças armados – não contando a força dos policiais militares que geralmente fazem a segurança em dias de jogos –, esses novos espaços possuem muito dos aspectos apresentados.

Em primeiro lugar, a preocupação com a segurança. As Arenas são espaços grandiosos em sua estrutura, com muros, equipamentos de segurança de alta tecnologia, muitas vezes isoladas do seu contexto e autossuficientes, possuindo comércio interno (lojas de *souvenir* do clube, restaurantes, dentre outras) semelhantes aos de um *shopping center*. Dessa maneira, não precisam do espaço externo para funcionar, visto que não são voltados ao público, mas sim para o seu próprio interior. São lugares que conferem *status* por toda a estrutura luxuosa e “moderna” e também dada a exclusividade conferida pelo alto preço cobrado nos ingressos. Assim como em um condomínio residencial, o público frequentador das Arenas se torna muito mais homogêneo, excluindo grupos já marginalizados socialmente. Além disso,

[...] visa remover de seus recintos todos aqueles comportamentos considerados inadequados à nova ordem de consumo passivo do espetáculo futebolístico. O atual

“modelo Fifa” concebe o moderno estádio como equipamento destinado a um público específico, “figurante”, seletivo, solvável, disposto a pagar caro por tecnologia, conforto e segurança. Um público “familiar”, “ordeiro”, que vai ao estádio consumir o espetáculo e não buscar tradicionais formas de protagonismo que não interessam ao novo modelo hegemônico. [...] contraposição ao caos e à “barbárie”, supostamente reinantes no modelo anterior, considerado vulnerável a movimentos de massa incontroláveis e sujeito à atuação de grupos sociais “perigosos”. É notável o quanto este discurso sobre os estádios reproduz fielmente o pensamento neoliberal. (MASCARENHAS, 2013, p. 158-160)

Uma união de tudo isso, esses são lugares que, excluindo o “torcedor comum” de seus recintos, afirmam as desigualdades sociais e buscam transformar cada vez mais a sociabilidade torcedora e “a natureza do espaço público e a qualidade das interações públicas na cidade” (CALDEIRA, 2011, p. 259). Sobre esse último aspecto, ocorre que a partir da coibição dessa cultura torcedora local, se tem a tentativa de implementar algo mais genérico e aliado ao contexto global futebolístico. Com isso, as identidades torcedoras locais entram em xeque.

Silva e Campos (2020) analisaram em um artigo como um clube que está inserido no contexto global do futebol e um que não está reagiram às imposições presentes no discurso de “modernização” do esporte. Os dois clubes em questão são o Levante Unión Deportiva, clube espanhol e o Cruzeiro Esporte Clube, clube brasileiro de Minas Gerais. Os autores chegaram à conclusão que, mesmo inserido em um contexto global, o Levante consegue manter as tradições culturais de seus torcedores e da comunidade ao seu redor, enquanto que o Cruzeiro adotou um discurso global que modificou inúmeros aspectos das tradições locais de seus torcedores.

Os autores relatam desde o aumento da segurança com um cerco ao redor do “Mineirão” que impediu a concentração de torcedores no pré-jogo, restrições contra a festa na arquibancada, padrão *all-seater*, aumento no preço dos ingressos, até a modificação dos alimentos encontrados dentro do estádio. A empresa terceirizada que ficou responsável pela alimentação modificou um dos mais tradicionais alimentos da culinária local: o feijão tropeiro. Vendido em pequena quantidade, a tradicional iguaria mineira sofreu alterações que modificaram a qualidade do prato e não agradaram os torcedores.

Diante disso, essas modificações adotadas em nome de uma “modernização” impõem novas relações do clube com o espaço, com seus torcedores e, sobretudo, dos torcedores com as novas medidas, pois alteram a rotina dos que frequentam com maior afeição o estádio. As identidades coletivas sofrem com a padronização das relações, que não levam em consideração o contexto em que estão inseridas – modificando um prato típico, por exemplo. Há, portanto, a perda dos costumes torcedores a partir de um discurso de renovação do público, costumes, e, acima de tudo, uma renovação urbana. Como vimos anteriormente, esses novos “Enclaves

Fortificados” alteram a paisagem urbana e as relações que as pessoas possuem com o aparato público.

Para os autores, ocorre uma renovação urbana

[...] que visa à eliminação de aspectos culturais locais e populares em detrimento de formas renovadas e globalizadas de consumo. (SILVA; CAMPOS, 2020, p. 714)

Outra questão que interfere nas identidades locais são os *naming rights* das Arenas. Os *naming rights* são os direitos que uma empresa compra – não sendo necessariamente do ramo esportivo – para estampar o nome de sua marca no estádio. Esse método se revela mais corriqueiro no caso das Arenas. Por exemplo, o Allianz Parque possui esse nome devido ao consórcio que o clube firmou com a companhia de seguro Allianz. A partir disso, o clube recebe uma enorme quantia milionária para que a marca batize a “casa” do alviverde paulista. Outro caso, embora bastante recente, foi o da Arena Corinthians. O clube vendeu esse espaço para a empresa farmacêutica Neo Química e a Arena passou a ser chamada de “Neo Química Arena”.

Mas por que essa venda dos direitos de nomeação dos espaços do torcer interfere nas identidades locais torcedores? É comum que os estádios, ou as próprias Arenas mesmo, possuam nomes populares dados pelos torcedores. É o caso, por exemplo, do Estádio Urbano Caldeira, popularmente conhecido como “Vila Belmiro” devido à sua localização: o bairro Vila Belmiro, na cidade de Santos. Outro exemplo é o Palestra Itália que recebia o nome de “Parque Antarctica”, nome que permaneceu no imaginário torcedor, uma vez que o local pertencia à antiga companhia Antarctica quando o terreno foi comprado pelo clube. Ou também o Estádio Governador Magalhães Pinto, localizado na capital mineira, conhecido popularmente por “Mineirão”.

Todavia, não são apenas os estádios tradicionais que recebem essa nomeação popular. Pelo contrário, as recentes Arenas também são cunhadas pelos torcedores. Um dos exemplos é a Neo Química Arena que, anteriormente, tinha o nome de Arena Corinthians, mas que popularmente era chamada de “Itaquerao”, devido a sua localização estar no distrito de Itaquera, zona leste da cidade de São Paulo. A partir dessas nomeações, é possível notarmos uma identificação com o contexto onde está localizado o espaço do torcer.

No entanto, é preciso fazer uma ressalva. No caso das novas Arenas, as nomeações relacionadas aos *naming rights* parecem não sofrer tanta resistência por parte dos torcedores devido ao espaço ser mais recente e, como vimos acima, ser um local, mais do que nunca, destinado à grande onda de investimentos de capital que acompanha o futebol contemporâneo. O que é possível notar dos torcedores, sobretudo os mais velhos que acompanham seu clube há anos, é que a identificação com esses novos espaços do torcer se dá de maneira mais branda.

Portanto, como o mundo do futebol cada vez mais inserido no mercado financeiro, os *naming rights* mostram-se como mais um dos aparatos que interferem nas identidades torcedoras locais – e do próprio clube, inclusive, posto que ao vender seu espaço, as Arenas terão o seu nome relacionado ao de alguma marca. Dessa maneira, não só o esporte em si se torna uma *commodity*, mas também o seu espaço. Assim, criam-se novas identidades coletivas, com um público e espaços do torcer renovados, voltados cada vez mais para consumo. A partir dessa reflexão da questão dos novos espaços do torcer, é possível notar o resgate à memória por parte do coletivo de torcedores Ocupa Palestra. Além de ser o nome da rua onde está localizado o atual estádio do clube, foi também o nome do antigo estádio que deu lugar ao Allianz Parque. Representando toda a simbologia e romantismo de um estádio antigo, onde possível, a maioria desses torcedores e membros do coletivo tinham um acesso mais garantido.

Dessa forma, o esporte, com destaque para o futebol, surge como mais um elemento a ser transformado em mercadoria (comoditizado), produto a ser vendido em espaço destinados ao seu uso, refletindo os processos de especialização econômica, social e espacial que ocorriam na sociedade como um todo. (FERREIRA, 2020, p. 513)

Por conseguinte, não podemos nos esquecer que o espaço do Estádio/Arena representa um microcosmo social. Os discursos produzidos e reproduzidos nesses espaços representam as tensões e contradições do espaço urbano. Portanto, o que ocorre nesses espaços deve ser analisado como um reflexo de um contexto social mais amplo. Além disso, esses locais estão em constante mudança e ressignificação, não perdendo, dessa maneira, seu caráter orgânico. Assim, diante do debate exposto anteriormente, damos início à análise das ações do coletivo Ocupa Palestra.

3.3 O cerco, a política interna do Palmeiras e as ações do Ocupa Palestra

A partir das entrevistas, principalmente com “Derlei”, foi possível notar o quanto essa mentalidade “modernizante” altera as configurações e as sociabilidades torcedoras locais. Além disso, a questão do cerco instaurado nas redondezas do Allianz Parque foi o principal ponto para a criação do coletivo.

As principais finalidades do cerco são as de gerar maior segurança/controle ao redor da Arena e inibir o comércio ambulante ilegal. Entretanto, segundo “Derlei”, o cerco é uma questão que vai muito além da segurança e manutenção da ordem, posto que se tornou uma proibição que inibe o direito de ir e vir.

Então, o Ocupa aconteceu o seguinte: o... a gente frequentava ali a rua Caraíbas e... vai fazendo amizades de frequentar os mesmos bares, não sei o que... eu trabalhei lá durante uma época também no bar e a gente vai conhecendo as pessoas e vai vendo... e no final de 2016, o Palmeiras tava a vinte anos sem ganhar o Brasileiro, vinte e dois

anos. E no final de 2016 o... a gente foi surpreendido... num Palmeiras e Sport, se não me engano. E tinha um cerco na rua... e só podia passar por esse cerco quem tinha ingresso pra aquele portão. Que é o Portão A. E a gente, entre uns amigos ali, a gente meio que se revoltou com essa... com essa atitude pra gente era totalmente inconstitucional, inclusive tirando o direito de ir e vir... a gente acha um absurdo. E aí a gente resolveu fazer uma... a gente entendia, foi um momento, era... era um finalzinho de campeonato, que ia ter uma certa... que eles queriam evitar um certo tumulto. Mas no começo... a gente sabia que se institucionalizar-se o cerco, ia ser difícil tirar. E no final de 16, começo de 17, a gente resolveu fazer uma reunião pra discutir essa questão do cerco. E aí, o surgimento do Ocupa, né?! (Wanderlei)

O surgimento do Ocupa acompanhou o nascimento do cerco e sua institucionalização. Ainda segundo “Derlei”, o cerco segue uma lógica padronizada, ou seja, mesmo em jogos que não possuem uma grande demanda de torcedores, as medidas não são afrouxadas.

[...] foi aí que surge quando a gente, a princípio era, e é ainda até hoje, o combate a esse cerco que a gente acha uma coisa imbecil. Porque assim: eles se baseiam numa lei aprovada em 2011, se eu não me engano, na Assembleia Legislativa, que era pra Copa do Mundo. Dava o direito de fazer essa certa “proteção”, mas assim, o que a gente entende, o objetivo da lei é... é... é defensável, vamos dizer assim. [...] a gente até entende que tem uma certa preocupação, aquela final Palmeiras e Santos de 2015, da Copa do Brasil, teve 40 mil pessoas dentro do estádio e 40 mil pessoas fora... então eu entendo a preocupação de autoridades de: “meu, e se entra um maluco lá vendendo milho assado de botijão de gás, e estoura o botijão de gás?!”. Nesse sentido, dá pra você entender você ter um certo controle desse redor, pra não virar uma... uma terra de ninguém. É compreensível e dá pra entender. [...] Mas assim, eles usam o mesmo recurso, não?! Pra uma semifinal de Libertadores e pra um Palmeiras e XV de Jaú, com dez mil pessoas. Então é uma coisa totalmente sem sentido! (Wanderlei)

A lei mencionada por “Derlei” é referente à Copa do Mundo de 2014. Nela, foram sancionadas as medidas que deveriam ser cumpridas para que a realização do evento ocorresse dentro dos padrões FIFA. A Lei 12.663/2012 possui em seu artigo 19 a inspiração tomada pelos responsáveis do cerco ao redor do Allianz Parque.

XI - espectadores que possuam Ingressos ou confirmação de aquisição de Ingressos válidos para qualquer Evento e todos os indivíduos que demonstrem seu envolvimento oficial com os Eventos, contanto que evidenciem de maneira razoável que sua entrada no País possui alguma relação com qualquer atividade relacionada aos Eventos. (Lei 12.663/2012)³⁶

Além de seguir uma lógica parecida para jogos com menor demanda de público, o cerco

[...] é um “filho” que não tem pai, nem mãe. E aí, o Mauricio Galiotte como presidente do Palmeiras e já era presidente há três anos: “Ora! Mas como assim, eu não sabia disso”. O Palmeiras não sabe, a PM [Polícia Militar] fala que não é com eles, que eles só cumprem ordem. A regional da Lapa fala que não é a prefeitura, pra regional é pior ainda. Então, não tem pai. O Ministério Público... e não tem pai e não tem mãe. Porque ninguém é o pai dessa criança, entendeu?! Desse cerco. Uma coisa muito absurda, Guilherme. (Wanderlei)

³⁶ Acesso à lei em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12663.htm

Mesmo não sabendo os reais responsáveis pela implementação do cerco, “Derlei” revelou que o tratamento em dias de jogos é diferente nos dias em que o Allianz Parque possui seu espaço utilizado para shows, por exemplo.

[...] o que não dá pra entender é você ter uma coisa que não tem uma regra clara. Então, por exemplo, se você vai num show do Amigos, por exemplo, que vai ter no Allianz Parque. Aí você fala pra mesma menina, pro mesmo PM que tá ali no cerco: “não, eu vou até ali tomar uma cerveja”; “Ah, pode ir, não tem problema”. Agora se é no futebol você é tratado completamente diferente. “Não vai entrar e ponto”. Tem essa discriminação, entendeu?! Contra o torcedor de futebol. Então é isso que deixa a gente mais chocada, vamos dizer assim, né?! São dois pesos e duas medidas, quando é show é uma história. Quando é futebol, é outra. Então é muito maluco isso. [comentei sobre a criminalização do torcedor]. É, do torcedor, né?! A gente é totalmente... você é bandido até que se prove o contrário, sabe?! É... o... é exatamente o contrário, você não tem que.... provar a tua culpa, você tem que provar a tua inocência, né?! Então é muito maluco, mas enfim. E essa luta já vem, né?! Já vem desses anos aí. (Wanderlei)

Portanto, além de todas essas questões, o tratamento oferecido ao torcedor de futebol é diferente do oferecido ao público que está utilizando o espaço da Arena para outros eventos. A figura do torcedor, como vimos anteriormente, sobretudo dos torcedores membros de torcidas organizadas, é vista pela mídia tradicional, autoridades policiais e clubes, como um problema para a manutenção da ordem nos estádios. Principais responsáveis por atos de violências nos estádios e fora deles, os torcedores, na maioria das vezes, servem de bode expiatório para a aplicação de medidas excludentes como as encontradas nas Arenas.

A imagem de causadores de problemas esbarra em medidas proibicionista e nunca educacionais. Isso, infelizmente, acaba alimentando um imaginário equivocado acerca dos torcedores de futebol e, pensando em um contexto mais amplo, de outras classes sociais. A luta para a manutenção da ordem nesses espaços possui diferentes medidas de acordo com o sujeito. Mesmo tratando-se de um cliente – pois compra ingresso, acessórios do clube, etc. –, o torcedor ainda é visto nessa figura do torcedor de futebol. Isso não ocorre com clientes que comprem ingressos para acompanhar a um determinado evento na Arena. (HOLLANDA; TEIXEIRA, 2016).

Ademais, segundo “Derlei” o cerco acaba interferindo diretamente na sociabilidade torcedora ao redor do estádio. Antes das partidas, é comum torcidas e torcedores se juntarem ao redor do local para conversar sobre o jogo e a vida, comer, beber e receber os jogadores – a festa se intensifica quando são jogos decisivos. Dessa maneira, há uma experiência além dos limites do estádio que faz parte da cultura do esporte há anos e que possui suas características de acordo com o contexto local. Para “Derlei” o cerco acaba inibindo essa cultura torcedora.

É... a questão do cerco, que a gente acha que isso afasta o torcedor, por exemplo, tinha muitos amigos meus que tinham esse costume de ver o jogo nos bares da região... e eles não vão mais, eles perderam esse costume. Então, mesmo que amanhã ou depois

eles tirarem esse cerco, eles vão ter que reconstruir essa relação com esses torcedores. Eles perderam completamente, eles perderam esse... esse hábito, né?! Então, é como o Palmeiras trata mal o seu torcedor, né?! Como o Palmeiras, é... não entende o papel do torcedor, né?! E foi o que você falou, só lembra na hora que precisa, só lembra que tá feio na foto, não sei o que... ah, “vamo” ver. Então, é isso. (Wanderlei)

Além da questão do cerco, o preço dos ingressos no Allianz Parque, discutido anteriormente, elevou-se, sendo a consequência direta dessa medida o afastamento do torcedor comum e a abertura para um público mais seletivo em um espaço cada vez mais higienizado visualmente.

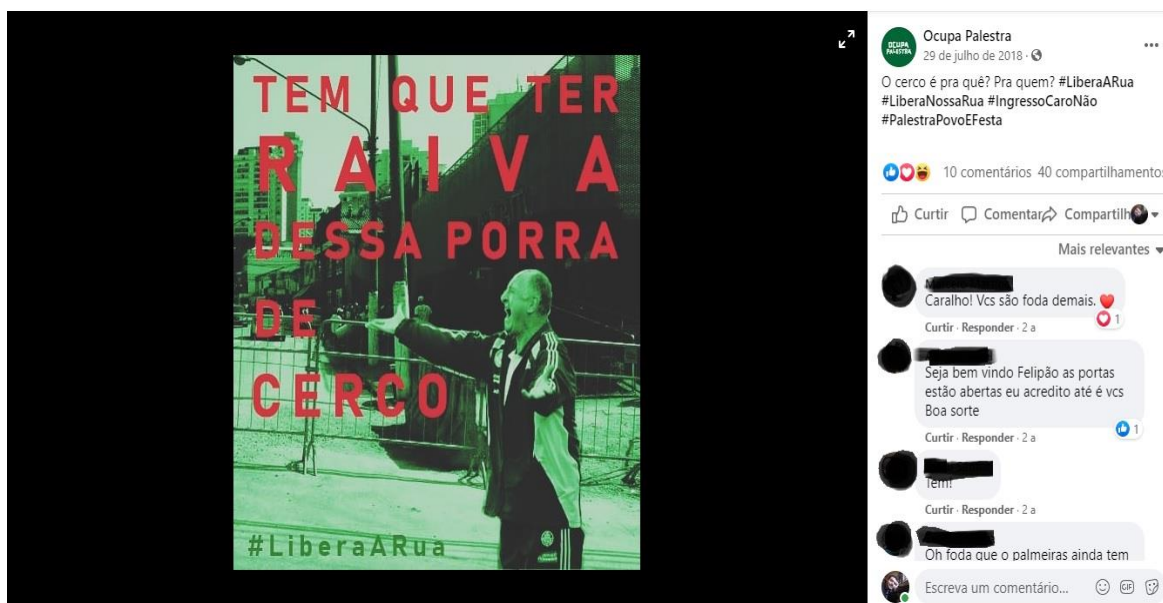
[...] pós-Copa do Mundo e você não tem como... como... você tinha um estádio muito mais popular, né?! Você tinha um estádio onde 80% era arquibancada ou geral. Hoje em dia é o contrário, você tem 20% do que é isso... 80% é elitizado. O setor mais barato do Allianz Parque é 10% de um salário mínimo. Então você imagina... é, é noventa reais, o mais barato, o mais barato... e difícilimo de você conseguir... inteira. Aí o pai de família que, que ele fazia: já que eu não tenho grana pro ingresso, eu vou lá na redondeza, levo os moleques lá, os meus filhos lá, eu sento lá com eles, peço duas Coca-Cola e peço uma cerveja pra mim, assisto no “barzinho” ali do lado. Agora ele tá proibido de ir pra rua. Agora ele não pode entrar no estádio e ele não pode andar na rua. É uma situação surreal. (Wanderlei)

Portanto, podemos notar que temos presente no Allianz Parque essas duas medidas que refletem o que foi discutido e que impedem uma maior sociabilidade torcedora: o cerco e também o afastamento do torcedor comum do estádio e dos arredores, impedindo que sintam atmosfera antes, durante e após partida.

Buscando combater a questão do cerco e tudo o que essa medida impõe ao torcedor palestrino, o coletivo fez uso das suas redes sociais para expor as suas opiniões acerca do problema. Só no *Facebook*, a menção ao cerco apareceu em 35 publicações realizadas entre os anos de 2017 e 2020.

Uma das publicações que gostaria de destacar data de 29 de julho de 2018.

Imagem 21 – Cerco Não!



Fonte: Facebook Ocupa Palestra.

Nessa publicação, é possível notar o uso, na montagem efetuada na imagem, do aspecto paralinguístico da “altura da voz”, onde todas as letras da frase estão em maiúsculo e com uma coloração viva para chama a atenção do espectador (FREITAS; LEÃO, 2012).

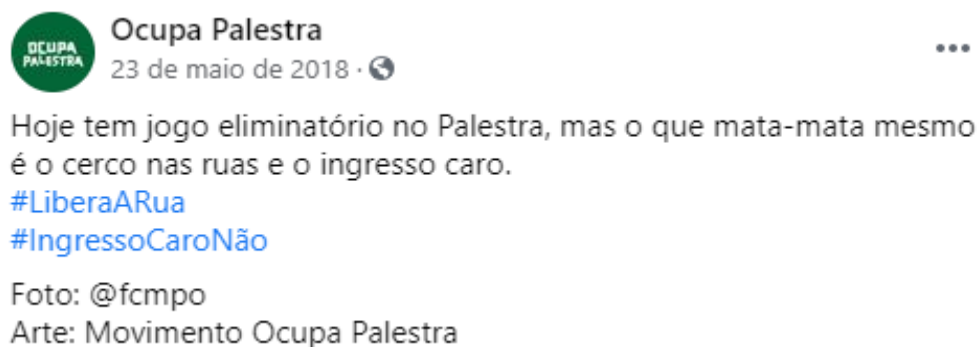
Além da imagem de fundo, que mostra o contexto onde ocorre o cerco, há também a imagem de Luiz Felipe Scolari, o “Felipão”, na época, técnico do Palmeiras. O uso de sua foto gritando busca afirmar o sentido da mensagem, tal qual a opinião contrária e a indignação do coletivo sobre o cerco. Ademais, há o uso de *hashtags* que buscam expandir o assunto para uma rede maior de usuários conectados a esse debate. Explica-se o sucesso que a publicação tenha feito, uma vez que alcançou mais de mil interações, além de comentários e compartilhamentos, talvez, pelo uso dessa ferramenta virtual, as *hashtags*. Além, claro, do apelo visual a partir do uso da montagem, chamando mais a atenção do público do que um extenso texto opinativo.

Outra questão que se torna fundamental na luta do coletivo é o preço dos ingressos. Assim como o cerco, o ingresso também é uma das medidas presentes no discurso de “modernização” do futebol encontradas no Palmeiras. Como vimos anteriormente, na cotação da época da entrevista, o ingresso mais barato para assistir a uma partida no Allianz Parque custava 10% de um salário mínimo. Isso acaba por criar um ambiente menos democrático e mais seletivo para grupos com forte poder aquisitivo.

Diante dessa pauta do ingresso, foi possível encontrar 25 publicações na *fanpage* do coletivo no *Facebook*. Dentre esses *posts*, destaco um onde podemos notar o uso de *hashtags*,

uso semelhantes aos da publicação passada, o que reforça quais são as principais pautas do coletivo.

Imagem 22 – Libera a rua



Fonte: Facebook Ocupa Palestra.

Além do uso das *hashtags*, há uma analogia com a questão de a partida ser um “mata-mata”, ou seja, culminar na eliminação do time derrotado. Logo, isso se assemelha com os cercos que ocorrem nos arredores do estádio, impedindo a festa e sociabilidade por parte dos torcedores, sobretudo em dias de decisões. Também, o preço alto dos ingressos, ao impedir que torcedores mais humildes acompanhem as partidas, os coloca diante de três barreiras: os tampões, as grades e a própria estrutura arquitetônica da Arena. Pensando no que o coletivo

pretende comunicar com a foto, as barreiras se impõe como cercos, ingressos caros e a renovação de público.

Do mesmo modo em que a atuação do coletivo está presente no ambiente on-line, foi possível notar a presença do grupo fora desse meio e em contato direto com pessoas ligados à política interno do clube. Foi o que ocorreu no período pré-eleição para presidente do Palmeiras, onde o grupo conseguiu reuniões com dois dos candidatos e reforçaram suas pautas sobre o cerco e o preço dos ingressos. Ademais de serem um dos poucos grupos que consegue um contato com pessoas importantes na política interna do clube, o coletivo realiza colagem de lambe-lambe e promove oficinas de faixas com frequência.

Além dessas questões do discurso de “modernização” do futebol que vão no sentido oposto a um estádio mais acessível, existe na Sociedade Esportiva Palmeiras uma parcela de membros que possui forte influência no clube e interfere diretamente nas ações do coletivo. Segundo “Derlei”, a visão de algumas pessoas dentro clube se assemelha à visão de um clube social presente, sobretudo, entre as elites no início do século passado no país.

Porque assim, dentro do clube, Guilherme, os caras têm uma vida, eles têm visão de Palmeiras... pra eles o Palmeiras é aquilo, entendeu?! É a bocha, é a piscina, é... os periquitos em revista, é... eles vivem um mundinho, que eles não se tocam que o Palmeiras é um clube de 18 milhões de torcedores no Brasil inteiro e em muitos lugares no mundo... [comentei que a visão de clube é igual da visão da elite com seus clubes sociais] É, exato, eles têm uma visão muito, muito, muito rasa sobre o que é o Palmeiras, o tamanho do Palmeiras, o que representa o Palmeiras, né?! E isso... então é complicado. Tudo lá dentro é muito complicado, né?! É... tudo é difícil. (Wanderlei)

Outro aspecto relevante sobre a política interna do clube é o número de conselheiros vitalícios que possui, sendo uma parcela muito influente nas decisões do clube.

[...] são 300 conselheiros totais, 152 são eleitos pelo associado, 148 são vitalícios... só São Pedro tira os caras de lá, os caras só saem morto. Só saem do Conselho morto. [perguntei se era hereditário] Não, o próprio Conselho, o próprio Conselho... quando São Pedro chama o conselheiro, um vitalício morreu, o presidente do Conselho... geralmente as vagas dão uma, né?! [...] Ficam assim: sete vagas, doze vagas... aí o próprio Conselho escolhe quem serão os futuros vitalícios. Eles fazem uma votação interna. É aí a força do Mustafá Contursi, cê entendeu?! Ele faz a... como ele domina o Conselho, ele consegue colocar como vitalício quem é do interesse dele. Com os votos dos próprios vitalícios e dos... e dos conselheiros eleitos. Moral da história: o cara se vende pro Mustafá, o cara vendeu a alma pro diabo. Nunca mais ele vai poder votar alguma coisa contra o Mustafá, porque ele se amarrou. Então é daí que vem essa força meio sobrenatural do Mustafá Contursi no Palmeiras, mas é por isso, ele domina, praticamente as 148 cadeiras, que é metade do Conselho. (Wanderlei)

Não é possível confirmar isso apenas com o relato de “Derlei”, mas, com certeza, Mustafá Contursi é uma figura influente dentro do clube. O atual dirigente esportivo foi presidente do Palmeiras entre os anos de 1993 e 2004. Portanto, durante onze anos, foi o principal responsável pela tomada de decisões, o que certamente impacta as relações com

conselheiros palmeirenses, sendo eles seguidores ou opositores. Dessa maneira, há uma extensa disputa interna que acaba interferindo diretamente para tornar o Palmeiras um clube mais acessível e aberto a mudanças.

Além disso, as pautas de debates, segundo “Derlei”, são escolhidas pela presidência do Conselho e debatidas apenas entre os conselheiros, não havendo a inclusão nem dos sócios torcedores do clube. E, mesmo buscando a colaboração dos conselheiros que estão presentes no coletivo, é difícil fazer com que as pautas levadas pelo Ocupa Palestra sejam debatidas ou simplesmente ouvidas.

Essa estrutura bastante restrita faz com que, mesmo possuindo um contato maior com a estrutura interna do clube, diferentemente do outro coletivo palmeirense, o Ocupa tenha que repensar suas estratégias de ação, partindo mais de uma pressão de fora para dentro, em vez do contrário.

Com a... com a diretoria do Palmeiras, quando a gente tem alguma reivindicação pra alegar, a gente procura levar através desses companheiros, que tão no conselho, é uma maneira que a gente tem... Mas mesmo assim é tudo... a gente, a gente acredita que só vai conseguir vitórias fazendo uma pressão de fora pra dentro. As vias institucionais do Palmeiras, a gente acha que vai ser muito difícil a gente conseguir alguma coisa, porque... é... não existe o interesse por parte do Palmeiras e o Conselho é algo muito surreal, porque o que que acontece? O presidente do Conselho, que é o Seraphim del Grande, ele determina a pauta, é uma pessoa que determina a pauta, determina a palavra, quem vai ter direito a palavra e determina quem que vai colocar em votação ou não. Então, se ele não tem interesse em discutir um assunto, ele, pessoalmente, ele põe na gaveta e acabou. Ele não tem que dar satisfação a ninguém, cabe a ele e ponto. Olha que maluquice! Então, você tem que fazer uma pressão, a gente acredita que só fazendo uma pressão de fora pra dentro, é que a gente consegue mudar as coisas, entendeu?! Então essa pressão: a gente conversa com as organizadas, a gente conversa com torcedores comuns, a gente con... a gente vai montando a nossa rede de apoio e de, de frentes... pra fazer essa pressão. (Wanderlei)

Portanto, além do discurso de “modernização” há, no Palmeiras – e em outros clubes – uma rígida estrutura interna bastante influente nas decisões e manutenções de discursos dentro do clube, revelando para nós o quão complexo é o futebol no sentido de ser um reflexo das estruturas encontradas num contexto social mais amplo.

Buscando mudar o estatuto do clube, o coletivo deu início a campanha “Vitalício Não!”, que almejou diminuir o número de conselheiros vitalícios no clube. No entanto, infelizmente, por seis votos, nas duas sessões realizadas, não foi possível realizar essa mudança.

A gente teve uma decepção muito grande, lá no passado, e a gente fez um trabalho gigantesco, porque ia ter uma mudança de Estatuto no Palmeiras. E uma das propostas era pra diminuir esses vitalícios de 148... tinha duas propostas, uma era pra diminuir pra 120 e a outra acho que pra 98, eu posso tá enganado e era legal você tá dar uma pesquisada... é, porque eu posso tá falando algum número confuso. Aí quando ia ter essa reforma, a gente precisava de $\frac{2}{3}$ dos votos pra passar a reforma no Estatuto de baixar o número de vitalícios. A primeira, a primeira plenária, com os sócios que teve, por seis votos, nós não atingimos o quórum, o quórum mínimo. Então a assembleia

não foi considerada, não foi validada. Mas tiveram que marcar uma outra assembleia pra janeiro desse ano... nós perdemos por seis votos. Faltou seis votos pra ter os 2/3. Então, por duas vezes por seis votos, seis votos que é uma “mirreca”, né?! Num universo de 15 mil associados, mas duas vezes, por seis votos, a gente perdeu. (Wanderlei)

No entanto, mesmo tendo essas decepções, o coletivo obteve sucesso em uma de suas ações. Embora essa ação tenha se realizado em um período pré-criação do grupo, “Derlei” afirma que a base dos envolvidos nessa ação está presente atualmente no Ocupa Palestra. Trata-se da “Diretas Já!”, esse protesto contou com a participação de uma parcela de associados do clube e reivindicou a alteração do sistema eleitoral palestrino que não permitia com que os sócios votassem nas eleições presidenciais. Os protestos geraram frutos e os torcedores conquistaram o direito dos sócios torcedores votarem nas futuras eleições. Além disso, o candidato tem que se reunir com o corpo de sócios antes de lançar de fato sua candidatura.

Com isso, diante do exposto, é possível verificarmos grandes diferenças em torno das pautas e ações de outros coletivos, inclusive do coletivo Palmeiras Livre. No caso do Ocupa, há uma maior liberdade de ação dentro do clube devido às pautas trazidas pelo grupo serem de um consenso coletivo. É difícil imaginar alguém reivindique a permanência do ingresso caro ou que haja a manutenção dos conselheiros vitalícios. Portanto, a partir dessas pautas, o coletivo atinge áreas inalcançadas pelos outros grupos aqui expostos e analisados.

Ademais, outra questão é nome do grupo que remete ao antigo nome do clube, mas também, e sobretudo, ao antigo estádio que deu lugar ao Allianz Parque, local que representa uma ideia de acessibilidade, em termos de ingresso, para todos os torcedores palmeirenses. No entanto, embora defendam ingressos mais baratos, segundo Anna Olimpia, o coletivo nunca deixou de defender a profissionalização do clube e o crescimento do mesmo.

Então, o nosso movimento nunca se colocou assim: a gente quer ingresso barato de tudo “contécusto”. Não. A gente entende que é... o futebol ele, ele... ele... exige um dinheiro muito grande pra você fazer investimento em jogadores, pra você fazer um investimento na... equipe etc. e tal. Mas a gente acha que a graça de entrar num estádio de futebol não é só assistir o futebol jogado pelos jogadores e sim o futebol jogado pela torcida, né?! É... se você perde isso, você perde até um atrativo do futebol, né?! É... então, tem até uma questão assim: uma mentalidade que eu acho que quem toma as decisões de preço não pensa que é isso, assim, né?! Que o futebol, o estádio ele é legal por toda a atmosfera que ele gera, né?! (Anna Olimpia)

Por fim, a partir de todo o exposto e análise, o grupo se mostrou uma diversidade de pautas que as novas organizações da sociedade civil possuem. Ademais, com forte atuação nas redes sociais e também nos ambientes internos e externos ao clube, as ações praticadas pelo grupo vão de encontro ao conceito de espaço-híbrido, fazendo uso desses meios para expor e

afrontar os discursos construídos que atuam no futebol e, sobretudo, na política interna do Palmeiras (CASTELLS, 2017).

3.4 A questão do uso das redes sociais

É perceptível o processo de evolução dos meios de comunicação em nosso cotidiano. Essa evolução está diretamente relacionada com a mudança na percepção de tempo e espaço que acompanha o crescimento do sistema capitalista no mundo. Desde o uso de cartas, esses recursos comunicacionais superam as distâncias e o tempo, permitindo uma melhora na comunicação interpessoal.

Atualmente, acompanhamos e somos usuários – pelo menos as pessoas que possuem acesso a essa ferramenta – da internet. A comunicação via internet tem se mostrado bastante eficaz, menos custosa e de expansão rápida, permitindo o acesso de pessoas que até então só possuíam contato com o rádio e televisão. Um exemplo que podemos apontar é o aumento do uso da internet no ano de 2018 nas zonas rurais brasileiras. Em pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic), 44% da população disse ter acesso à internet. Isso se deve às inúmeras possibilidades de conectividade e melhoramento dos serviços. Em 51% dos lares, a conexão se dá via banda larga fixa; a fibra ótica teve um crescimento e subiu para 20% naquele ano; também, a conexão via satélite cresceu, chegando a estar presente em 15% dos lares.³⁷

Com isso, podemos notar um avanço gradual desse meio de comunicação em áreas onde só cartas, rádio e televisão eram comuns e base de informações para essas populações. Contudo, ainda há muitos lugares que não possuem essa tecnologia disponível, tal como nos centros urbanos onde o percentual da população que não possui acesso à internet é bastante significativo – totalizando 25,3% da população.³⁸ Entretanto, o que busco argumentar nesta parte introdutória é que esse avanço dos meios de comunicação, sobretudo da internet, permite às pessoas um acesso maior às informações vindas de diferentes fontes e lugares. Mas qual será o impacto de tanta informação gerada e consumida pelos usuários da internet na dita “Era da Informação”?

Além disso, um dos princípios da internet é possibilitar um acesso democrático aos seus usuários, revelando-se como um espaço onde possa haver debates e exposição de ideias. Como vimos nas análises anteriores, alguns coletivos não possuem uma forte atuação em ambientes

³⁷ Pesquisa disponível em: <https://ipnews.com.br/acesso-a-internet-na-area-rural-cresce-em-2018-puxada-por-fibra-optica/>. Acesso em 10/06/2020.

³⁸ Pesquisa disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/04/29/em-2018-quase-46-milhoes-de-brasileiros-ainda-nao-tinham-acesso-a-internet-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em 10/06/2020.

urbanos e, sobretudo, nas arquibancadas. A partir disso, seria o espaço da internet um lugar democrático onde todos possuem voz? Seria a internet um lugar neutro, onde não há interferências da vida física no ambiente virtual?

A partir dessas indagações, buscaremos neste subcapítulo refletir sobre o uso da internet para além da quebra de barreiras físicas e temporais. Nosso objetivo aqui é analisar como esse meio de comunicação atinge o dia a dia e como esse espaço é utilizado para a criação ou manutenção de discursos socialmente construídos e historicamente mantidos.

Para buscar responder às questões anteriormente elaboradas, faz-se necessário expor as características das correntes de pensamento sobre o advento da internet nas últimas décadas, pensando as inúmeras possibilidades que esse meio de comunicação trouxe consigo, sobretudo na questão do debate sobre a participação da sociedade civil no âmbito político.

Primeiramente, há a linha de pesquisa que considera o uso da internet como algo positivo e que, numa visão democrática dessa ferramenta, resolverá todos os problemas sociais acarretados por crises na democracia representativa. Essa visão se concretiza, segundo autores dessa linha, devido à possibilidade de criação de novos canais de comunicação envolvendo a sociedade civil e o sistema político institucional – ou até entre os próprios cidadãos, servindo como forma de debate e organização de ideias. Como sua estrutura não remete a uma hierarquia, fazendo uso desse meio, os usuários estariam evitando um autoritarismo comunicacional. Ou seja, diferentemente do que é visto com a comunicação via rádio ou televisão, onde há monopólios formados por empresas interferindo diretamente no conteúdo e acesso das informações, a internet estaria livre, possibilitando uma autonomia na circulação e produção de ideias e informações.

Com isso, se cria a ideia do espaço virtual como sendo universal e horizontal, permitindo, dessa forma, um acesso “democrático” às informações. Além disso, a possibilidade de os usuários compartilharem e criarem seus próprios conteúdos quebra o conceito espaço-tempo sobre o controle de notícias dos meios tradicionais. Em um site, por exemplo, a “chuva” de informações que circulam é imensa. Isso vem aumentando cada vez mais com sites específicos para criação de conteúdo³⁹ e com as redes sociais. Nos últimos anos, emergiu, como vimos anteriormente, uma “autocomunicação” baseada em redes horizontais de comunicação multidirecional de indivíduos para outros indivíduos (CASTELLS, 2017).

³⁹ O site do YouTube, por exemplo, é um desses ambientes onde usuários gravam e postam vídeos e disponibilizam de forma gratuita para outros usuários do site.

Para autores dessa linha, isso é positivo, uma vez que mostra o quanto esse acesso livre e horizontal ao ambiente virtual produz a ideia da disseminação da informação de forma igualitária. Basicamente, esse pensamento corre no sentido de que todos que querem tem acesso à informação, afirmando, dessa maneira, um caráter inclusivo desse meio.

Logo, com acesso a tantas informações, em teoria, os cidadãos teriam um pronto poder de fala sobre qualquer questão social e sua participação política seria nivelada socialmente. Devido à rapidez e superação da barreira temporal, diversos indivíduos poderiam ter voz, dessa maneira, firma-se um aspecto individualizado da comunicação. Não apenas organizações ou instituições teriam voz, mas também os diferentes cidadãos usuários do ciberespaço, o que permitiria um debate maior sobre inúmeras questões no ambiente virtual.

Uma vez que a internet permite às pessoas conversarem entre si e ouvirem vários pontos de vista, ela poderia ser usada para expressão política, deliberação e até tomada de decisões. (SAMPAIO, 2010, p. 36)

Em suma, essa linha possui uma forma simples de pensamento que consiste em acreditar que fazendo o uso básico da internet - mesmo com todas as divergências sociais - problemas com os debates, problemas e participação político-sociais seriam sanados. É notável que o acesso à informação e o poder de voz que o ambiente virtual possibilita às diversas pessoas excluídas socialmente, mas é preciso relevar algumas questões que argumentam a favor do discurso que alimenta a utilização da internet como um espaço totalmente democrático e linear, principalmente em países como o Brasil, onde a desigualdade social possui taxa altíssimas. Pontuarei mais à frente essa questão da linearidade no pensamento sobre a internet.

Do outro lado, temos a segunda linha de pesquisa que busca argumentar, grosso modo, que não houveram mudanças significativas no quesito participação e inclusão social com o uso da internet. Buchstein (1997) aponta cinco argumentos que são utilizados por autores dessa perspectiva teórica.

O primeiro argumento refere-se à questão da universalização do acesso à internet. Os autores dessa linha argumentam contra a ideia de igualdade transmitida a partir do acesso fácil e rápido. A internet, para esses autores, tenderia a estratificar, ou seja, ampliaria as desigualdades socioeconômicas. Aspectos como renda, educação, raça, etnia, idade, gênero, localização geográfica e composição familiar são decisivos para uma pessoa estar on-line ou não. Portanto, além de estarem excluídas de forma presencial na sociedade, essas pessoas estão sendo excluídas também no espaço virtual (SAMPAIO, 2010).

O segundo argumento diz respeito às questões econômicas que rondam esse espaço virtual. Longe de ser um espaço livre, segundo os autores da linha pessimista, a internet seria um reduto onde se fomenta a comercialização, tanto de informações quanto de produtos. As

novas mídias digitais, assim como as tradicionais, não teriam nada de revolucionário. Segundo Muniz Sodré (2002), o que realmente aconteceu foi a mudança de ambiente, possibilitando a expansão de poderes de grupos e empresas, aumentando dessa forma suas influências sob os indivíduos que fazem uso da internet.

As transformações tecnológicas da informação mostram-se francamente conservadoras das velhas estruturas de poder, embora possam aqui e ali agilizar o que, dentro dos parâmetros liberais, se chamaria de "democratização". Mesmo do ponto de vista estritamente material, mutação tecnológica parece-nos expressão mais adequada do que "revolução", já que não se trata exatamente de descobertas linearmente inovadoras, e sim da maturação tecnológica do avanço científico, que resulta em hibridização e rotinização de processos de trabalho e recursos técnicos já existentes sob outras formas (telefonía, televisão, computação) há algum tempo. Hibridizam-se igualmente as velhas formações discursivas (texto, som, imagem, dando margem ao aparecimento do que se tem chamado de hipertexto ou hipermídia. (SODRÉ, 2002, p. 11-12)

Ou seja, assim como nas mídias tradicionais, o espaço da internet está retido na mão de poucos, se tornando bastante eficiente devido a sua rapidez, fluidez de informações e quantidade de notícias e produtos.

No que diz respeito à Revolução da Informação, novo mesmo é o fenômeno da estocagem de grandes volumes de dados e a sua rápida transmissão, acelerando, em grau inédito na História, isto que se tem revelado uma das grandes características da Modernidade – a mobilidade ou a circulação das coisas no mundo. Se a Indústria centrou-se na mobilidade espacial, a da Informação centra-se na virtual anulação do espaço pelo tempo, gerando novos canais de distribuição de bens e a ilusão da ubiquidade humana. (SODRÉ, 2002, p. 12-13)

Seguindo, o terceiro argumento negativo da internet estaria intimamente ligado ao anterior no sentido da detenção de poderes sobre usuários on-line. Ao navegar no ciberespaço, o indivíduo deixa rastros de seus movimentos. Fazendo uso de sites, redes sociais, fóruns e pesquisando em sites como o *Google*, por exemplo, os usuários deixam rastros que podem ser acessados por diversas companhias e empresas proprietárias desses espaços on-line.

O quarto argumento está relacionado à distorção da realidade. As pessoas podem criar contas *fakes* com características que não coincidem com a realidade de sua vida fora do ambiente virtual. Essa prática é bastante corriqueira nas redes sociais, onde pessoas criam perfis falsos que podem ser usados para práticas ligadas a relacionamentos amorosos ou a ataques virtuais. Atitudes como essa acabam prejudicando as relações fora desse ambiente, visto que aumentam o vício de estar on-line.

Por fim, o quarto argumento faz ligação direta com o quinto e último usado por autores dessa linha. Devido à questão provocada pela sensação de anonimato com perfis falsos, escondendo suas reais identidades, os usuários encontram-se também em um ambiente que até pouco tempo não tinha censura. Inclusive, até os dias atuais, é raro a censura na internet,

sobretudo em redes sociais. Mesmo com normas e regulamentos nessas redes, a fiscalização se torna quase impraticável. Diante disso, indivíduos ou grupos fazem uso desse espaço para disseminar discursos de ódio contra minorias sociais. Um exemplo são grupos neonazistas que compartilham textos, ideias e, principais, imagens de auto referência.

Com tudo isso exposto, podemos concluir que a internet e o seu uso não podem ser classificados como neutros e que seu impacto sob a sociedade contemporânea é extremo. Ao expor o argumento de que a internet nada mudou em relação aos meios de comunicação tradicionais, queremos dizer que ela serve aos interesses de quem a utiliza. Ou seja, não existe mídia ou ação que não reflita as experiências e os valores adquiridos durante a existência de qualquer indivíduo.

Dessa forma, estamos vivendo em no que Muniz Sodré (2002) chama de *quarto bios*, a partir da midiaticização.⁴⁰ Portanto, o que era para ser um espaço que representasse uma plena democracia de ideias e debates acabou se tornando um outro espaço no qual empresas e autoridades, com seus diversos interesses, fazem uso buscando o controle e influência no cotidiano social. As narrativas produzidas no espaço virtual possuem um forte poder de influência na construção de subjetividades sobre os sujeitos sociais.

Na verdade, há muito tempo se sabe que a linguagem não é apenas designativa, mas principalmente produtora de realidade. A mídia é, como a velha retórica, uma técnica política de linguagem, apenas potencializada ao modo de uma antropológica política - quer dizer, de uma técnica formadora ou interventora na consciência humana para requalificar a vida social, desde costumes e atitudes até crenças religiosas, em função da tecnologia e do mercado. A questão inicial é a de se saber como essa qualificação [...] atua em termos de influência ou poder na construção da realidade social (moldagem de percepções, afetos, significações, costumes e produção de efeitos políticos) desde a mídia tradicional até a novíssima, baseada na interação em tempo real e na possibilidade de criação de espaços artificiais ou virtuais. (SODRÉ, 2002, p. 25)

Diante disso, o espaço virtual encontra-se e, cada vez mais, se auto constrói de forma fragmentada. As bolhas sociais de interesses próximos acabam se acentuando no ambiente on-line. Em uma rede social como o *Facebook*, por exemplo, a pessoa tem o poder de aceitar ou excluir amigos de sua rede de amigos. Algo que seria impossível fora, pois o que ocorre no ambiente fora do virtual é simplesmente um afastamento físico. Fazendo isso a pessoa acaba limitando o seu círculo de amigos e de interesses. O poder da personalização e edição de dados no on-line afunila as relações sociais, criando uma polarização, uma dualidade social.

⁴⁰ A midiaticização é uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional, a reboque de organizações empresariais e com ênfase num tipo particular de interação - a que poderíamos chamar de "tecnointeração" -, caracterizada por uma espécie de prótese Tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada médium (SODRÉ, p. 20).

Ainda segundo Muniz Sodré (2002), esse novo *bios* acentua o consumo da sociedade. Portanto, a questão da internet acabou auxiliando o crescimento, a partir de uma midiatização, do sistema capitalista em um ambiente que quebra as barreiras do tempo e do espaço. Com isso, a partir do uso de um “espelho”, ou seja, do on-line, empresas, grupos ou governos buscam expor seus interesses e ideologias em cima dos usuários a partir da carga de informações e imediatismo que esse meio proporciona.

[...] as imagens deixam de ser reflexos e máscaras de uma realidade referencial para se tornarem simulacros tecnicamente auto-referentes, embora político-economicamente a serviço de um novo tipo de gestão da vida social. (SODRÉ, 2002, p. 21)

No entanto, não podemos deixar de mencionar os benefícios que o uso da internet trouxe para os diversos indivíduos. O encurtamento das distâncias físicas, rapidez para executar questões burocráticas, prática de atividades on-line como cursos capacitadores, etc. Além disso, permitiu que boa parte da população excluída socialmente tivesse algum tipo de voz em debates sociais. Claro que o excesso de informações que chegam e são transmitidas nessa grande rede conectora de indivíduos usuários da internet não é sinônimo de conhecimento ou de libertação de narrativas opressoras ou reivindicações. Isso vem de uma cultura cívica e participação política que a pessoa carrega consigo e, a partir do uso da internet, apenas encontra um espaço a mais em que pode disseminar o que possui de experiências e valores. Não será o excesso de informações que irá fazer o ambiente virtual um lugar democrático cheio de debates e com liberdade de expressão pleno.

Por fim, não podemos deixar essas questões de lado ao analisar os ambientes virtuais. É necessário e obrigatório ter em mente que esse ambiente foi concebido e é povoado por pessoas reais que compartilham nesse espaço seus valores, interesses e frustrações, não sendo um espaço neutro ou linear, como se tenta construir. Portanto, é válido, além de tudo, analisar qual influência esse espaço sofre diante de seus usuários e como estes fazem uso desse ambiente virtual para expressarem-se.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos constatar, perante as análises, que os coletivos de torcedores aqui analisados possuem um caráter político que problematiza a manutenção e reprodução de discursos ligados a preconceitos sociais como o machismo, racismo, LGBTfobia e de uma segregação social via medidas higienistas e econômicas. Como o futebol se mostra um reflexo social, a atuação desses grupos se dá sobretudo nos estádios, mas também nas redes sociais e nas ruas. Outro aspecto encontrado foi a tentativa de politização de espaços socialmente construídos como neutros, ou seja, espaços que onde não se debate política de forma geral (TAPIA, 2008).

Promovem, dessa maneira, um aumento da discussão sobre os grupos oprimidos, tornando-se espaços de sociabilidade e acolhimento e criando novas maneiras de torcer, agregando, ainda, outros elementos ao sentimento identitário pelo clube. Assim, é possível afirmar que esses novos movimentos de torcedores vão muito além dos espaços internos do futebol.

[...] tendem a fazer do futebol uma arena privilegiada de lutas políticas e sociais mais amplas, ainda que questões ligadas ao clube e ao futebol também façam parte de sua agenda. Essa diferença de pauta parece motivar modos de atuação distintos. Enquanto o principal espaço de ação política das torcidas organizadas é o estádio, o de muitos coletivos, por seu turno, é a rua. (HOLLANDA; LOPES, 2017, p. 225-226)

Muitos, além da atuação em ambientes urbanos, possuem uma forte atuação nas redes sociais, onde levantam debates, fazem críticas e comentam sobre futebol e problemas que assolam a sociedade. Além disso, o uso das redes sociais permite a construção de uma rede de ações com outros grupos de torcedores, inclusive de times rivais. Muitas vezes, esse se torna o único espaço em podem atuar identificando-se com o movimento sem sofrerem algum tipo de represália. No entanto, ao usarem a ferramenta das redes sociais para expor seus pensamentos, dificilmente estão extrapolando uma bolha social que os circundam, o que se torna um problema, visto que mesmo construindo discursos contrários ao que encontram, esses discursos, muitas vezes, não atingem outros públicos.

Além dessas características, os coletivos se assemelham bastante com as novas formas de organização e ação coletiva contemporâneas. As formas organizacionais são baseadas, sobretudo, na horizontalidade. Esse método de organização é alternativo aos convencionais e se dá, segundo Mesquita (2008) devido à crise na representatividade político institucional da democracia liberal. Desacreditados da estrutura partidária que são centralizadas, burocráticas e hierarquizadas, essas novas formas de organização da sociedade civil fazem uso de uma alternativa em rede de busca sanar seus anseios sociais e políticos. Com isso, esses grupos

praticam, de forma minimizada no interior, uma democracia representativa onde todos possuem o mesmo poder de voz e ação.

Contudo, foi possível notar que alguns coletivos, mesmo possuindo uma estrutura organizacional baseada na horizontalidade, no sentido de todos terem voz nas decisões, se organizam em grupos de trabalhos/tarefas e até possuem uma estrutura em que elegem presidentes e vices, como é o caso do Coletivo Democracia Corinthiana. Além disso, há a divisão dos grupos de trabalhos tanto on-line quanto em ações sociais praticadas pelo grupo no Espaço Cultural Latino Americano (ECLA), por exemplo. Essa estrutura de grupos de trabalhos foi possível encontrar em outros dois coletivos, o Ocupa Palestra e Palmeiras Livre. Portanto, a partir desses dados, uma classificação mais rígida e generalizada do conceito coletivo fica em aberto devido às complexidades aqui encontradas (PEREZ, 2019).

Outra característica encontrada foi o apartidarismo e a não exclusividade em apenas uma pauta reivindicatória, mas em diversas, de modo simultâneo. Essa fluidez diante da pauta permite aos movimentos debaterem inúmeras questões sociais que envolvem raça, gênero, sexualidade, economia e política em diversos contextos da sociedade. São formados por pessoas que, diariamente, estão inseridas nesse contexto ou que possuem um conhecimento mais aprofundado sobre isso. Logo, apresentam uma estreita conexão com o debate acadêmico sobre clivagens sociais (PEREZ, 2017).

Os sujeitos que fazem parte desses movimentos são de diversas classes sociais e idades – revelando que a adesão dessa forma de atuação não se restringe apenas aos jovens. Além disso, são sujeitos que construíram sua consciência social a partir de diversas experiências vividas socialmente. Por fim, são sujeitos que participam e que se identificam com diversas causas político-sociais.

Concluindo, foi possível, ao longo desta pesquisa, ver a evolução na participação dos torcedores ao longo das mudanças que o futebol sofreu nesses últimos anos. Como espaço privilegiado que expõem diversas mazelas sociais, é possível enxergar esse esporte de outra maneira se acompanharmos a luta desses movimentos torcedores. Fazendo uso da rápida conexão que a internet proporciona atualmente às manifestações políticas e buscando ocupar espaços nas arquibancadas e ruas, os movimentos levantam diversas bandeiras sociais que mostram a complexidade e a diversidade que estão postas nesse microcosmo da sociedade que é o futebol.

REFERÊNCIAS

- ALABARCES, Pablo. *Historia mínima del fútbol en América Latina*. Cidade do México: El Colegio de México, 2018. (Versão E-book).
- ALCÂNTARA, Livia. Ciberativismo e movimentos sociais: mapeando discussões. *Revista Aurora*, São Paulo, v. 8, p. 73-97, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/aurora/article/view/22474>. Acesso em: 12/03/2019.
- ALONSO, Angela. A política das ruas. *Novos Estudos*, v. 37, n. 1, p. 49-58, 2017. Disponível em: http://novosestudos.uol.com.br/wp-content/uploads/2018/07/Angela-Alonso_A-pol%C3%ADtica-das-ruas.pdf. Acesso em: 16/03/2019.
- ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. *Lua Nova*, São Paulo, n.76, p. 49-86, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ln/n76/n76a03.pdf>. Acesso em: 16/03/2019.
- ALONSO, Angela. Repertório segundo Charles Tilly: história de um conceito. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 21-41, jan./jun. 2012
- AUGUSTO, Acácio; ROSA, Paulo Ornelas; RESENDE, Paulo Edgar da Rocha. Capturas e resistências nas democracias liberais: uma mirada sobre a participação dos jovens nos novíssimos movimentos sociais. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, SP, v. 2, n. 40, p. 21-37, jan./jun. 2016.
- AZEVEDO, Sara Dionizia Rodrigues. Formação discursiva e discurso em Michel Foucault. *Filogênese*, Marília, SP, v. 6, n. 2, 2013. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/saraazevedo.pdf>. Acesso em: 20/05/2020.
- BANDEIRA, Gustavo A; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia um jogo dentro do jogo. *Espaço Plural*, Cândido Rondon, PR, v. 14, n. 29, p. 246-270, 2013.
- BASSANI, J. Coletivos na cidade de São Paulo. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6eetuRKmPB>.
- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2011000200016&script=sci_arttext. Acesso em: 18/04/2019
- BOCCHI, Gabriel Moreira Monteiro. Do Estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians: etnografia de um processo de “atualização”. Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. São Paulo, 2016.
- BORELLI, Silvia Helena Simões; ABOBOREIRA, Ariane. Teorias/metodologias: trajetos de investigação com coletivos juvenis em São Paulo/Brasil. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, Manizales, v. 9, n. 1, p. 161-172, 2011.

BROMBERGER, Christian. *Le match du Football – Ethnologie d’une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*. Paris, Éditions de la Maison des sciences de l’homme, 1995a.

BUCHSTEIN, Hubertus. Bytes that Bite: The Internet and deliberative Democracy. *Constellations*, Londres, v. 4, n. 2, p. 248-263, oct. 1997.

BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CALDEIRA, Teresa P. do Rio. *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp. 2011.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. SILVA, Silvio Ricardo da. A experiência do torcer no (dito) “Futebol Moderno”. In: *O futebol nas ciências humanas no Brasil*. (Orgs.) Sérgio Settani Giglio e Marcelo Weishaupt Proni – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

CASTELLS, Manuel. *Rede de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CONSTANTINO, José Manuel. Dentro e fora do estádio: o espetáculo, a globalização e o seu significado social. *Revista USP*. São Paulo. Nº 99. P. 31-44. Setembro/Outubro/Novembro. 2013.

DA SILVA, Francisco Vieira; CARLOS, Livia Alves Monteiro. A irrupção de discursos antifeministas no Facebook: uma análise da página Mulheres contra o feminismo. *DISCURSIVIDADES*, Campina Grande, PR, v. 1, n. 1, p. 68-90, out. 2017.

DE CAMPOS, F., & DE TOLEDO, L. H. (2013). O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora. *Revista USP*, (99), 123-138. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i99p123-138>

DIAS, Luiz Antonio; DA SILVA FARINA, Michelle Cuciol. Preto no Branco: A democracia corintiana nas páginas do jornal Folha de São Paulo. *Recorde: Revista de História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2016.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

FERREIRA, Andreza Silene Silva; LEITE, Eldo Lima; SOUSA, Amanda Wanderley Leite de; ESTRAMIANA, José Luis Álvaro; TORRES, Ana Raquel Rosas. Repertórios interpretativos acerca do preconceito racial no futebol. *Estudos de Psicologia (Natal)*, Natal, v. 22, n. 3, p. 338-348, 2017.

FERREIRA, Fernando da Costa Ferreira. Estádios e Arenas como lentes privilegiadas para capturar as transformações do espaço urbano. In: *O futebol nas ciências humanas no Brasil*. (Orgs.) Sérgio Settani Giglio e Marcelo Weishaupt Proni – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

FLORENZANO, José Paulo. *A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro*. São Paul: Educ, FAPESP, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2011.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREITAS, Grayci Kelli Alexandre de; LEÃO, André Luiz Maranhão de Souza. A elaboração da face em comunidades virtuais de marca: em estudo de caso sobre a comunidade virtual de consumidores da Coca-Cola. *Cadernos Ebape.Br*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 181-201, 2012.

GAFFNEY, Christopher Thomas. “A experiência do estádio”. *Anais do IX Solar*. Rio de Janeiro, Uerj, nov. 2006.

_____. *Temples of the earthbound gods: Stadiums in the cultural landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires*. Austin, University of Texas Press, 2008.

GIULIANOTTI, R. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOHN, Maria da Glória. Movimento sociais na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, maio/ago. 2011.

GONÇALVES, Fernando. Poéticas políticas, políticas poéticas: comunicação e sociabilidade nos coletivos artísticos brasileiros. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, Brasília, v. 13, n. 1, p. 1-17, jan./abr. 2010.

GONH, Maria da Glória. Teoria(s) da ação social na análise dos movimentos sociais. 31º Encontro Anual da AMPOCS, p. 1-38, 2007.

GUEDES, Taís Morais. *As redes sociais – Facebook e Twitter – e suas influências nos movimentos sociais*. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

HINE, Christine. *Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday*. [S. l.]: Bloomsbury Academic, 2015

HOLLANDA, B. B. B. “Futebol moderno”: ideologia, sentidos e disputas na apropriação de uma categoria futebolística. *REB. REVISTA ESTUDOS BRASILEÑOS. SEGUNDO SEMESTRE 2018. VOLUMEN 5 – NÚMERO 10*.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Futebol, arte e política: a catarse e seus efeitos na representação do torcedor. *Organizações & Sociedade*, Salvador, v. 16, n. 48, p. 123-140, jan./mar, 2009.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; LOPES, Felipe Tavares Paes. Ódio eterno ao futebol moderno: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. *Tempo*, Niterói, RJ, v. 24, n. 2, p. 206-232, maio/ago. 2017.

HORI, Paula. Os Coletivos Urbanos da cidade de São Paulo: ações e reações. *XVII Enanpur - Encontro nacional da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em planejamento urbano e regional*, 2017. Disponível: http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%206/ST%206.11/ST%206.11-15.pdf. Acesso em: 19/05/2019.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

MAGALHÃES, Fabiano Rosa de. As manifestações no espaço público: a rua como lugar da expressão política. *Pensamento Plural*, Pelotas, RS, n. 12, p. 7 -35, jan./jun. 2013.

MAIA, Gretha Leite. A juventude e os coletivos: como se articulam as novas formas de expressão política. *Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM*, Santa Maria, RS, v. 8, n. 1, p. 58-73, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revistadireito/article/view/8630>. Acesso em: 20/05/2019.

MARTINS, Suely Aparecida. As contribuições teórico-metodológicas de E.P. Thompson: experiências e cultura. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, Florianópolis, v. 2, n. 4, p. 113-126, ago./dez. 2006.

MASCARENHAS, Gilmar. “Um jogo decisivo, mas que não termina: A disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol”. *Revista Cidades*, vol. 10, n. 17. Presidente Prudente, 2013, pp. 142-170.

MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e bandeiras: A conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro, Eduerj, 2014.

MEDEIROS, Rodrigo. Uma história do graffiti paulistano contado em quatro atos. In: LEITE, Antonio Eleison (org.). *Graffiti em SP: tendência contemporâneas*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013, p. 28-49.

MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais? *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, São Paulo, n. 17, p. 49-66, jun. 1989.

MESQUITA, Marcos Ribeiro. Cultura e política: a experiência dos coletivos de cultura no movimento estudantil. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, v. 81, p. 179-207, 2008.

MESQUITA, Marcos Ribeiro. Movimento estudantil brasileiro: práticas militantes na ótica dos novos movimentos sociais. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 66, p. 117-149, 2003.

MOSKO, José Carlos. FUTEBOL MODERNO E A BUSCA PELO CAPITAL: O EXEMPLO DO CLUBE ATLÉTICO PARANENSE. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Estadual de Ponta Grossa. 2006.

NORMANDO, Tarcisio Serpa. O futebol como objeto de investigação acadêmica. *EFDeportes Revista Digital*, Buenos Aires, v. 8, n. 8, mar. 2003.

NUMERATO, Dino. Who says “no to modern football?” italian supporters, reflexivity, and neo-liberalism. *Journal of Sport and Social Issues*, v. 39, n. 2, p. 120-138, 2014.

NUNES, Cristina. O conceito de movimento social em debate: dos anos 60 até à atualidade. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, n. 75, p. 131-147, 2014.

OLIVEIRA, Marília Jahnel de. *Coletivos na cidade de São Paulo: práticas organizativas, práticas de atuação e identidades coletivas*. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. História e internet: conexões possíveis. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 06, n. 12, p. 23-53, 2014.

OMENA, Erick. Não foi só por 20 centavos: a “copa das manifestações” e as transformações socioeconômicas. In: GAFFNEY, Christopher; SANTOS JÚNIOR, Orlando Alves; RIBEIRO, Luiz César de Queiroz (org.). *Brasil: os impactos da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas 2016*. Rio de Janeiro: Observatório das Metrópoles, 2015, p. 203-218.

PENTEADO, Cláudio Luis de Carmargo; JAHNEL DE OLIVEIRA, Marília. Autodenominação “Coletivo”: o que essa escolha pode nos informar. *XIX CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA*.

PEREZ, O. SOUZA, B. Velhos, novos ou novíssimos movimentos sociais? As pautas e práticas dos coletivos. 41º Encontro Anual da ANPOCS, GT 11, 2017.

PEREZ, Olívia C. Surgimento e atuação dos Coletivos que discutem clivagens sociais. *III Encontro Internacional Participação, Democracia e Políticas Públicas*, Vitoria, v. 31, 2017.

PEREZ, Olívia Cristina. Relações entre coletivos com as Jornadas de Junho. *OPNIÃO PÚBLICA*, Campinas, vol. 25, nº 3, set-dez., p. 577-596, 2019.

PINTO, Maurício Rodrigues. Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrário ao machismo e à homofobia no futebol. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

PORTELLI, A. (1997) O que faz a história oral diferente *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, v. 14, jan./jun. 1997

_____. História oral como gênero. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, v. 22, jun. 2001.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

RIBEIRO, Luiz Carlos. Futebol e política. In: O futebol nas ciências humanas no Brasil. (Orgs.) Sérgio Settani Giglio e Marcelo Weishaupt Proni – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

RIBEIRO, Luiz Carlos. História e historiografia do futebol brasileiro: da crise da tradição às novas epistemes. *Revista Digital*, Buenos Aires, v. 15, n. 149, oct. 2010.

ROSA, A. R. *(O) Braço forte, (a) mão amiga: um estudo sobre a dominação masculina e violência simbólica em uma organização militar*. Lavras, MG: UFLA, 2007.

SAMPAIO, Rafael Cardoso. Participação política e os potenciais democráticos da internet. *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 4, n. 1, jan./jun. 2010.

SANTOS, Ana Carolina Lima. Realidade e representação: o discurso visual no fotojornalismo. *Mediação*, Belo Horizonte, v. 9, n. 9, jul./dez. 2009.

SANTOS, Irlan Simões. Mercantilização do futebol e movimentos de resistência dos torcedores: histórico, abordagens e experiências brasileiras. *Esporte e Sociedade*. Niterói, RJ, v. 11, n. 27, mar. 2016.

SANTOS, Irlan Simões; HELAL, Ronaldo George. Do espectador ao militante: a torcida de futebol e a luta pelo direito ao estádio e ao clube. *Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia*, Sorocaba, SP, v. 4, n. 7, p. 53-69, jun. 2016.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. *Revista USP*, São Paulo, n. 22, p. 30-37, 1994.

SILVA, Fernanda Arantes. Coletivos juvenis e transição para vida adulta: Desafios vividos por jovens da cidade de São Paulo. 2018. Tese (Doutorado em Sociologia da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2018.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho: Uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOUSA, Tuanny Soeiro. *Causa mortis: homofobia: uma análise acerca dos crimes homofóbicos praticados no Brasil*. VI Jornada Internacional de Políticas Públicas. 2013.

TAPIA, Luis. Movimientos sociales, movimientos societales y los no lugares de la política. *Cuadernos del Pensamiento Crítico Latinoamericano*, v. 11, p. 53-68, 2009.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Espetáculo futebolístico e associativismo torcedor no Brasil: desafios e perspectivas das entidades representativas de torcidas organizadas no futebol brasileiro contemporâneo. *Esporte e Sociedade*, Niterói, RJ, n. 28, p. 1-26, 2016.

THOMPSON, Edward P. Tradición, revuelta y consciencia de clase: estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial. Barcelona: Crítica, 1979.

THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes Em Comum: Estudo Sobre Cultura Popular Tradicional*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1988.

TILLY, Charles. Movimentos sociais como política. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 3, p. 133-160, jan./jun. 2010.

TIRIBA, Lia, & VENDRAMINI, Célia Regina. Classe, cultura e experiência na obra de E. P. Thompson: contribuições para a pesquisa em educação. *Revista HISTEDBR On-Line*, Campinas, SP, v. 14, n. 55, p. 54-72, mar. 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

WHITAKER, Francisco. Rede – uma estrutura alternativa de organização. *Mutações Sociais*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, mar./abr./maio de 1993. Disponível em: <http://www.apoema.com.br/REDEU11.pdf>. Acesso em: 28/04/2020.